

ELE ERA
**O AMOR
DA MINHA
VIDA**

ATÉ EU O DESTRUIR...

CLARE EMPSON

ASA



Ficha Técnica

Título: O AMOR DA MINHA VIDA
Título original: HIM
Autor: Claire Empson
Edição: Carmen Serrano
Tradução: Luís Rodrigues dos Santos
Revisão: Simão Sampaio
Capa: Maria Manuel Lacerda
Imagem da capa: Don Farrall / Getty Images
Fotografia da autora: Melanie Woods
ISBN: 9789892342757

Edições ASA II, S.A.
uma editora do Grupo LeYa
R. Cidade de Córdova, n.º 2
2160-038 Alfragide – Portugal
Tel.: (+351) 214 272 200
Fax: (+351) 214 272 201

© 2018, Light Oaks Media
© 2018, Edições ASA II, S.A.
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
edicoes@asa.pt
www.asa.leva.com
www.leva.pt

Para o John, com amor

Mutismo seletivo: relutância ou recusa em falar, resultante de causas psicológicas como depressão ou trauma.

Agora

É a minha enfermeira preferida, aquela que escova o meu cabelo com suavidade, tendo o cuidado de nunca o emaranhar, e que limpa ao de leve a minha cara com uma toalha quente, em vez de esfregar violentamente como outras fazem. Eu podia reagir. Nunca o faço.

Ela fala constantemente comigo enquanto trabalha; levanta o meu lábio superior para poder escovar os meus dentes com pequenos e delicados movimentos circulares, leva um copo de água à minha boca e diz-me:

– Agora dá um gole grande, querida, e bochecha.

Chama-me «linda» ou «querida», nunca Catherine. Por vezes consigo concentrar-me nas palavras dela, por instantes, antes de o ímpeto dos sonhos me puxar de novo para ti.

– A tua família vem cá hoje – diz ela.

A minha menina vai acariciar-me o rosto com as suas mãos pequenas, macias, enquanto o meu rapazinho aguarda em silêncio, de pé junto à minha cadeira, observando com os seus olhos graves. O meu marido falará comigo, contando-me o seu dia com a nota de constrangimento que está sempre presente. Quem sou eu para julgá-lo? É embaraçoso falar com uma parede de tijolo, dia após dia.

– Olá, Catherine – dirá ele, sempre o meu nome agora.

Linda. Catherine. Meros rótulos sem significado. Eu sou quem eles quiserem que seja. Geralmente fico quieta enquanto as palavras giram sobre mim, grãos dourados de pó a dançar ao sol.

«Recuperação». Esta palavra é dita muitas vezes. Pelo Sam, que a pronuncia de um modo tenso, com uma agressividade latente, e pelo psiquiatra, cuja entoação é mais nebulosa, mais volúvel, descontraída. Quem está a contar? parece ele dizer. O Sam está, o Sam está a contar. Ele quer saber quanto tempo mais tem de esperar: uma semana, um mês, o resto da vida dele? Quanto tempo falta para a sua mulher voltar para ele?

Mas eu divago, divago. Sou outra vez uma rapariga, com dezanove anos, quase vinte. Sou amada, plenamente, com uma paixão que inundou os meus ossos e o meu sangue e o meu cérebro. Só há isto, este calor, esta luz, esta felicidade feroz, resplandecente. E é tão bom estar aqui, se ao menos conseguir segurar, congelar este momento.

– Nunca te vou deixar – digo, e tu abraças-me com mais força e nós adormecemos assim, aninhados um no outro, e eu não acordo a noite toda. Mas depois acordo mesmo e, de um momento para o outro, o eixo gira e tudo muda.

A enfermeira regressou. Tem um sotaque, mas ainda não consegui concentrar-me o suficiente para

perceber de onde é.

– Aqui estão eles, linda. Aqui está a tua família para te ver. Ela está perdida no seu mundo de sonhos hoje, não estás, minha querida? Falem com ela, sim? Ela ouve tudo.

A Daisy está ajoelhada junto à minha cadeira, com a cabeça no meu colo. Sinto o Sam a levantar-me as mãos, primeiro uma, depois a outra, e a pô-las em cima dos cachinhos escuros dela. Sinto a presença do Joe, em pé, como sempre, à direita da minha cadeira. O Joe já não fala comigo.

Nas primeiras visitas, dizia: «Olá, mãe», a saudação mais seca possível, nada mais, e naquelas duas palavras cortantes a única coisa que eu ouvia era a fúria silenciosa do meu filho. Não posso ajudá-lo, não posso ajudar ninguém.

O Sam está de pé junto à janela, uma mancha de roupa escura, o seu corpo alto e magro a tapar metade da luz, a esconder a vista da minha árvore. Gostava que ele se afastasse. Apenas uns passos fariam toda a diferença.

– Fala connosco, Catherine. Por favor. Mostra-nos que consegues.

Mais do que as palavras em si, ouço o desespero na voz do Sam, e sob ele, várias camadas abaixo, ouço a sua frustração. É o mais amável dos homens, o Sam, ele está aqui, afinal, dia após dia, sem qualquer promessa do meu regresso, sem data marcada para cruzarmos os pisos rangentes do hospital, sairmos para o melancólico alcatrão do parque de estacionamento e abandonarmos a minha árvore solitária. Mas também ouço as palavras que ele não diz, a acusação silenciosa de teimosia, de egoísmo.

– Então ela podia falar se quisesse? – pergunta ele ao Greg, o psiquiatra, com as suas sapatilhas *New Balance* e cabelo de risca ao lado.

– Não propriamente – diz-lhe o Greg. – Fisicamente, sim, é capaz, mas perdeu a capacidade de se expressar. Não é algo que possa ser invertido à vontade. Temos de olhar para todos os motivos pelos quais ela deixou de falar. O mais provável é que seja uma estratégia de evitação inconsciente. É a maneira dela de recusar absorver informação intolerável. A Catherine foi-se abaixo porque não foi capaz de lidar com o que aconteceu em Shute Park naquele dia. Não consegue digerir o trauma, portanto, em vez disso, reprime a memória. Não falar é a defesa dela.

O Greg deslumbra o Sam com alguma terminologia médica, descrevendo a perturbação dissociativa de que supostamente eu padeço; até menciona Freud.

– No século XIX, este tipo de comportamento era muito mais comum, sobretudo nas mulheres. Talvez tenha ouvido falar na histeria? – diz ele, num tom animado e coloquial, como se estivesse num jantar de amigos. Sinto, mais do que vejo, o ressentimento do Sam. – Muitas vezes, os doentes podem sofrer de torpor ou convulsões ou amnésia. No caso da Catherine, ela é incapaz de falar; para ela, é literalmente como se as suas cordas vocais tivessem sido congeladas. Nós chamamos-lhe mutismo seletivo.

Mais tarde, é o Greg que se agacha ao lado da minha cadeira, com um estalido nos joelhos, e me dá uma ideia, algo com que trabalhar, algo que me vai permitir passar mais tempo contigo.

– Acho que sei onde estás na tua cabeça – diz ele, e sinto a insistência dos seus olhos, embora eu esteja a olhar para o jardim, concentrada na minha árvore. – Estás presa ali, não estás? Mesmo no fim. E pergunto-me se não ajudaria voltar ao princípio, pôr tudo o que aconteceu numa espécie de ordem. Sei que é difícil, Catherine, mas precisas mesmo de organizar tudo na tua mente.

«Podias pensar nisso como uma história», diz-me ele numa voz suave, calmante, como a que eu usava sempre que as crianças tinham pesadelos. «Pensa em alguém a quem a possas contar», diz ele,

e esta parte é fácil.

É a nossa história, tua e minha, e portanto, claro, é a ti que a vou contar.

Quinze anos antes

Começamos com era uma vez; é assim que vamos fazê-lo, meu amor? Era uma vez uma rapariga que não sabia nada de amor, de luxúria ou da sensação especial de liberdade que tu lhe concedeste. Chegara à universidade com a sua mala *Samsonite* nova em folha e a sua roupa de cama *Cath Kidston* a condizer, uma filha única, mimada, adorada, que existira num triunvirato insuflado de hélio durante todos os seus dezoito anos. Começou a fazer amigos, um deles o seu futuro marido, segundo dizem. Foi tudo muito fácil: outra estudante de inglês que logo se metamorfoseou numa melhor amiga, um cargo no jornal estudantil, um trio de notas máximas que a dispensou dos exames. Seis semanas depois do início do seu segundo ano, precisamente quando as árvores começavam a exibir os seus dourados e carmesins e amarelos-banana, um rapaz irrompeu no seu seminário, de forma inesperada e arrasadora. Esse rapaz eras tu.

Estávamos cinco ou seis no seminário, nesse dia, num círculo de poltronas gastas e desemparelhadas, a ouvir o professor Hardman descrever o retrato de Milton de Satanás como um herói militar. Ele tinha uma voz monótona e soporífica, este professor, e a pele branco-azulada dos exumados, e falava com os olhos fechados, uma mão sobre o lado esquerdo do peito, como se desconfiasse de um ataque cardíaco iminente.

A porta abriu-se de rompante e tu entraste, usando a roupa amarrotada do dia anterior e com o cabelo em pé, embora nada pudesse esconder a tua beleza. Todos os alunos na sala sabiam o teu nome.

– Ah, Mr. Wilkes. É muita amabilidade sua ter-se juntado a nós. Talvez se queira sentar ao lado de Miss Elliot – o professor apontou para a cadeira vazia ao meu lado – e depois pode começar a ler para nós.

A tua voz era grave e bela e tu lias com a autoconfiança sobrenatural que parece ser própria do teu tipo. O professor Hardman fechou os olhos de novo enquanto ouvia a tua descrição fluente de Satanás, e passaram uns bons cinco minutos antes de ele levantar a mão e dizer:

– Muito bem lido, obrigado. Mas o que é que estas primeiras páginas nos dizem sobre Satanás?

Eu consegui sentir o resto do grupo a desejar coletivamente que tu gaguejasses ou tropeçasses ou te saíesses com o mesmo género de inanidades vagas que eles diriam sob pressão, mas em vez disso tu disseste que achavas o retrato de Milton de Satanás como herói pouco convincente. Destacaste as suas descrições imperfeitas do Diabo nos Livros IV e V, o que mostrava que, ao contrário de nós, tinhas lido o poema inteiro e formado a tua própria opinião sobre ele. No momento de silêncio que se seguiu, percebi que toda a sala te odiava, pela tua aparência, a tua confiança, a tua suposta riqueza e, agora, por esta demonstração de inteligência feroz e livre. Mas mesmo nessa altura, logo no início, eu senti o primeiro arroubo de admiração.

Depois, saímos em fila do seminário, atravessámos o pátio e chegámos à rua, onde tivemos a

satisfação de ver uma polícia de trânsito passar uma multa ao *Austin-Healey* azul-claro que todos sabíamos ser teu.

– Oh, merda – disseste, e depois agarraste no meu braço. – Esperas aqui um segundo enquanto eu lido com isto, por favor? Há uma coisa que te queria perguntar.

Os teus olhos, a primeira vez que olhei bem para eles, eram da cor do jade, claros e penetrantes ao mesmo tempo.

Não ouvi o que disseste, mas observei, espantada, a polícia de trânsito a ouvir a tua defesa, com um lento sorriso a espalhar-se pelo seu rosto. Enquanto caminhavas até mim, ela rasgou a multa de estacionamento a meio.

– Da próxima vez não serei tão simpática – gritou, e tu acenaste com a mão em agradecimento, embora os teus olhos nunca abandonassem o meu rosto.

– Consegues sempre o que queres? – disse eu.

– Tonto. Por falar nisso, vou levar-te a almoçar fora. Agora mesmo. O sítio é segredo, prepara-te para ficar maravilhada.

– Desculpa, mas não posso.

Comecei a afastar-me, mas tu voltaste a agarrar-me no braço.

– O que se passa? Porque estás a ser tão... – esforçaste-te para procurar a palavra, e depois encontraste-a – distante? – Ficaste tão surpreendido que não pude deixar de sorrir. Duvidava que fosse comum as raparigas recusarem os teus convites para almoçar.

– Pessoas para ver, sítios para ir, trabalho para fazer. O costume.

– Oh, anda lá, com certeza que arranjas uma hora ou duas para almoçar, não?

– A questão é que eu comecei a andar com alguém recentemente.

Senti-me tola ao dizê-lo e as minhas faces coraram. Mas tu só te riste.

– Bem, não sei o que tinhas em mente, mas eu só estava a pensar em almoçar. Peixe, talvez um copo de vinho. Qual é o mal disso?

Fiquei ali imóvel, querendo ir, mas sabendo que não devia. A pensar no Sam, mas a querer estar contigo, a forma do meu futuro, sem que eu na altura o soubesse.

– Hoje não – disse eu, como se estivesse a recusar espanadores a um vendedor ao domicílio.

Tu tinhas percebido o meu conflito interno, percebi-o no teu sorriso final, antes de regressares ao carro azul-claro.

– Amanhã tentamos outra vez, então – disseste.

Quatro meses antes: Catherine

O nosso primeiro verão no campo tem sido seco e quente, todas as manhãs o céu infinitamente azul, a terra tão sequiosa que quase a ouvimos arquejar. O Sam diz-me que escolhemos a altura perfeita para escapar, com as longas férias de verão livres para explorar as colinas, praias e bosques secos e crepitantes do nosso novo *habitat*.

– Temo-nos um ao outro e aos miúdos e agora temos esta bela ruína de casa. Que mais poderias querer? – diz ele sempre que eu me preocupo com o súbito e dramático corte do nosso rendimento habitual. – O meu novo emprego começa em setembro, e até lá temos sempre o teu dinheiro como segurança.

O meu dinheiro, compensação por perder a minha mãe para o cancro da mama há catorze anos e o meu pai para uma mulher nova em Nova Iorque. Ele está a viver a *dolce vita* tal como nós, só que o sonho dele envolve *sushi* e arte sofisticada e uma mulher que usa roupa interior de seda a condizer.

Saímos de Londres à pressa, seis semanas desde o Sam entregar a carta de despedimento no seu emprego estável, bem pago, numa escola básica, até as carrinhas de mudanças pararem a estrepitar em frente à velha casa de campo, estilo Hansel e Gretel, no Somerset.

– É bonita, isso tenho de admitir – disse da primeira vez que vi a casa, com a glicínia a trepar decorativamente pelo portão ferrugento e uma explosão de rosas, vermelhas, cor-de-rosa e brancas, no jardim da frente.

Pensei que parecia uma casa desenhada por uma criança, com as suas coberturas dissonantes, uma de colmo, duas de telhas, todas de alturas diferentes, as janelas de tamanhos diversos, portas de estábulo a descascar e espessa camada de hera. Fizemos uma oferta logo ali, e quando o relatório do avaliador revelou humidade por toda a parte e mau isolamento, comprámo-la de qualquer maneira.

– Vamos a Frome comprar tinta – diz-me o Sam, beijando-me e conduzindo as crianças ao mesmo tempo. – Vamos buscar um bolo àquela loja de que tu gostas.

Eu sei o que ele está a fazer, claro. Está a dar-me espaço, liberdade para amuar e chorar o facto de já não vivermos em Londres, a minha cidade natal há trinta e quatro anos, o sítio onde a minha mãe viveu e morreu, este último ponto o mais crucial na minha mente.

Mal a porta se fecha atrás deles, eis o que faço. Subo ao nosso quarto, abro a porta do roupeiro e mesmo do fundo, escondida atrás de uma selva de botas por usar, pego numa caixa cheia de cartas, fotografias e recortes, o meu *dossier* secreto sobre ti. Hoje as minhas mãos fecham-se em redor de uma folha A4 pautada, coberta com a tua letra característica a caneta azul. Conheço esta carta tão bem que podia fechar os olhos e recitar-ta agora mesmo. Sei onde estão as vírgulas e os parênteses e onde falta um ponto final. Sei onde cruzas duas vezes os teus tês e onde não o fazes; podia fazer uma falsificação perfeita se quisesse.

Não vais voltar para mim, pois não? Costumava dizer a mim mesmo que ias, mas à medida que as semanas passam, o tempo que estivemos juntos começa a parecer um sonho. És real, sequer? Procuro-te nas ruas, em todos os *pubs* em que entro, na biblioteca, naquele cafezinho português engraçado onde comemos pastéis de nata e a velhota te chamou Audrey Hepburn (ela tinha razão, são os teus olhos). Não te encontro em lado nenhum mas de certo modo a tua presença nunca me deixa. O toque do teu cabelo a roçar a minha cara, o peso da tua mão a pressionar a minha. Acordo à noite e ainda ouço a tua respiração suave ao meu lado. Partiste e no entanto estás sempre aqui.

A primeira carta – há cinco – é aquela de que mais gosto. Posso lê-la e imaginar que ainda somos aquela rapariga e aquele rapaz, sentados num café vazio em Bristol numa terça-feira pálida e tranquila, um pouco como esta. Não havia mais ninguém ali exceto uma mulher sentada na mesa mesmo ao nosso lado, curvada sobre a sua chávena de chá. Tu ofereceste-lhe um dos teus pastéis de nata.

– Quer um? – disseste. – Comprámos demasiados.

Não era verdade, só tínhamos comprado dois, mas nenhum de nós lhes tocara; estávamos demasiado ocupados a dar as mãos e a sorrir um ao outro.

– É muito amável – disse ela, e quando se voltou para nos encarar vimos que era muito velha, a sua pele uma concertina de mil rugas.

– Ela é a Audrey Hepburn, não é, a sua menina? – perguntou ela, e nós rimos.

Tu disseste:

– Sim, é – não sabendo se ela estava confusa ou se queria mesmo dizer aquilo, aquela mulher muito velha.

Posso ler esta primeira carta e posso ser tu e eu outra vez e não tenho de explicar. Não tenho de dizer desculpa, desculpa, desculpa, aquele eco infundável que reverbera pelos meus sonhos. Em vez disso, fico aqui sentada com a tua carta nas minhas mãos, e durante algum tempo, posso fingir. Tu e eu no café ou na praia, o nosso início cor-de-rosa, sem pensar no fim.

O bater da porta de casa marca o fim do meu mundo de sonhos, a caixa de sapatos escondida à pressa no fundo do roupeiro. Ouço o batimento rítmico das sapatilhas da Daisy a correr pelo corredor, o seu grito do fundo das escadas:

– Mãe! Voltámos! – como se pudesse haver alguma dúvida.

Encontro-me com eles na cozinha, recém-pintada pelo Sam e por mim, onde o sol do meio da tarde resalta em pequenas lâminas afiadas da brancura nova em folha, estilo casa modelo: paredes, teto, chão, frigorífico, fogão. A Daisy tira um bolo de uma caixa de cartão castanha e põe-no num grande prato florido que em tempos pertenceu aos meus pais e o Joe vai buscar canecas ao armário e o Sam enche a chaleira e olha para mim e diz:

– Estás bem? – e eu aceno porque de um modo geral estou bem, de facto.

– Praia, amanhã – diz ele. – Há um pequeno barco de madeira à venda em Lulworth Cove. Achei que podíamos ir vê-lo.

Enquanto deito o chá em canecas e o Sam corta o bolo e põe uma fatia em cada prato, ele fala sobre os sítios aonde poderemos ir no barco se o comprarmos, e de que cor o poderíamos pintar. É um especialista em reinvenção, o meu marido.

Quando o telefone toca e é a Liv do outro lado da linha, o Sam vai ao frigorífico e serve-me um

copo de vinho branco.

– Atende na sala de estar – diz ele, ainda empenhado na missão de aplacar. – Nós vamos ao ribeiro. Demora o tempo que quiseres.

Ele espera que estas sessões improvisadas de telefone/bar compensem o facto de já não viver a cinco minutos da minha melhor amiga, a rapariga que conheci no nosso primeiro dia na universidade e com quem falei praticamente todos os dias desde então. A Liv pergunta-me o que estou a fazer, a mesma pergunta, dia após dia, como se esperasse que, por milagre, as nossas vidas no campo se tenham de alguma forma metamorfoseado em algo mais interessante.

– Acabámos de lanchar chá e bolo – digo-lhe. – E o Sam levou os miúdos ao ribeiro.

– Parece o paraíso – diz ela, mas eu percebo a nota de tédio na sua voz e imagino os táxis que passam ruidosamente por baixo das janelas dela, os autocarros vermelhos a travar a fundo na esquina da rua para despejar pessoas regressadas do trabalho e das compras e pais cansados com crianças pequenas. Sinto falta disso, é o que penso, enquanto tento ouvir Londres vibrar pela linha telefónica.

– Posso ficar aí no fim de semana a seguir a este? Acabo de receber um convite para ir a casa do Lucian. Sabes aquela grande festa de verão que ele dá sempre?

À menção do teu nome, tudo abranda, como acontece sempre, o ar arrefece e perco momentaneamente toda a noção de fala, palavras, significado. E talvez seja aqui que começa de novo, a nossa história, após um interlúdio de quinze anos, com o teu nome, alarmante, inesperado, a galgar a distância entre nós.

– Catherine?

– Sim, ótimo, podes ficar cá sempre que quiseres, sabes isso.

– Não te importas? Que eu o veja?

Sempre que a Liv te vê, pergunta se me importo, à espera, acho, de que eu lhe diga o que ela já sabe. Sim, importo-me, Liv. Importo-me com cada partícula de ar que resta nos meus pulmões. Importo-me que o vejas e não me importo. Importo-me que tenhas continuado a tua amizade com ele ao longo de todos estes anos, embora desconfies que isso me destrói. Quando não digo nada, ela dá-me pequenos pedaços de informação: «Ele vai fazer uma exposição em Bruton», diz ela, ou «Acaba de comprar um apartamento em Oxford Gardens.» O resto leio nos jornais, que ainda adoram escrever sobre ti e o teu pequeno círculo impenetrável de amigos. Surge muitas vezes alguma coisa nas colunas sociais do *Daily Telegraph* ou do *Evening Standard*, uma fotografia tua a fumar à porta de uma discoteca ou a agarrar um copo de champanhe e a cintura de uma loira bem cuidada, a olhar para a câmara com aquele misto de desafio e desdém que não desvaneceu ao longo dos anos. Tu nunca sorris, e as loiras também não.

Podia falar à Liv na minha tarde passada no andar de cima com as tuas cartas, a pensar como sempre no nosso fim, a desejar poder invertê-lo ou colori-lo ou retroceder ou avançar no tempo, a desejar ter a capacidade de reinvenção do Sam, a desejar, sempre a desejar, poder ter alterado o desfecho.

Sei que vou passar a noite da tua festa com a cabeça cheia de veneno, drogando-me para adormecer, provavelmente, e depois esperando até de manhã pelos pedaços de informação cuidadosamente saneados que a Liv decidir revelar.

– Ele foi amoroso – dirá ela. – Perguntou por ti – e a minha pulsação abrandará logo.

Não lhe perguntarei o que disse porque já sei a resposta. Ela dir-te-á que estou bem, que os meus filhos estão a crescer, talvez que me mudei para o West Country, para uma aldeia a cerca de trinta

quilómetros da tua. Partilhamos um condado, pelo menos.

Ela terá o cuidado de não me falar sobre o Jack, que me apavora, ou a Rachel, que desperta o tipo de inveja intensa que eu desprezo nos outros. Gostava que todos fossem tão cautelosos e sensíveis como a Liv, mas não são. Atiram o nome do Jack para a conversa – a crueza de sangue espalhado na neve – alheios ao colapso que acontece dentro de mim. Até o Sam o faz, por vezes.

– Olha, está aqui aquele idiota da universidade – diz ele, erguendo o jornal e mostrando-me o teu amigo atraente, com os seus dentes impecáveis.

– Catherine?

Pela cadência incerta, mais calma, da voz dela, sei o que vai dizer.

– Sabes que podes falar comigo, não sabes?

A Liv nunca abandonou a ideia de que tu e eu devíamos ter ficado juntos, provavelmente porque eu nunca tive coragem para lhe revelar os motivos por que nos separámos. Até na manhã do meu casamento ela tentou convencer-me a mudar de ideias.

– É demasiado tarde para isso – disse-lhe eu, e pedi para ficar sozinha alguns momentos.

Tentei evocar uma imagem do Sam com a barba acabada de fazer, com um ar atraente, de fraque. Mas só te conseguia ver a ti. Onde estavas? perguntei-me. Tinhas herdado Shute Park, o teu casarão, por essa altura, e eu imaginei-te sentado junto ao lago, com uma garrafa de *whisky* na mão, a pensar no nosso início, a recordar aquele almoço, aquele dia frio de inverno na praia. Autocomplacência? Diria que sim. Provavelmente ainda estavas a dormir, enlaçado numa das loiras perfeitas. Mas pelo menos eu tinha os meus sonhos.

Quatro meses antes: Lucian

Descubro que a minha mãe morreu enquanto mais uma sexta-feira de excessos estrondeia em meu redor. Nenhum momento é fácil para receber este tipo de notícia, mas ouvi-la à uma da manhã, completamente bêbado de tequilha, é especialmente inconveniente. Estou entorpecido de champanhe, vodca e água tônica e, por fim, três bons *shots* de tequilha, e talvez seja por isso que não consigo reagir à notícia que a minha irmã me dá.

– Lucian?

– Sim?

– É a Emma.

Emma. Só ouvir o nome dela parece uma nuvem negra a despejar o seu conteúdo de uma grande altitude.

– A mamã morreu esta tarde. Um ataque cardíaco inesperado; foi imediato.

O uso infantil da palavra «mamã» por uma mulher de quarenta anos. Este e outros pensamentos inadequados martelam o meu cérebro e tiram-me a fala até a pausa do outro lado da linha se tornar impossível de ignorar.

– Meu Deus – é a única coisa que me ocorre.

– O funeral será em Londres. Vens?

Através da névoa de tequilha percebo que não posso dizer que não.

– Sim, claro que vou.

– Lucian?

– Sim?

– Sei que não temos estado em contacto nos últimos anos, mas queria dizer...

Um silêncio que se aprofunda. Percebo que a minha irmã está a chorar.

– Serás sempre família.

A Emma desliga e eu fico imóvel, com o telefone encostado ao ouvido, a ouvir o sinal contínuo. A morte da minha mãe, a conciliação da minha irmã, é quase demasiado para assimilar.

Organizei a festa desta noite para dar as boas-vindas ao rebanho à nova mulher do Harry. Ou pelo menos era essa a intenção. A verdade é que poucos conseguiram penetrar o círculo fechado de amigos que considero família. (Com uma família como a minha, temos de procurar alternativas.) Há o Jack, que conheço desde sempre, do colégio interno, aos oito anos, passando pela *public school* ¹, a universidade e o turbulento festival de amor e drogas em que vivemos até aos trinta. Conhecemos o Harry aos treze e acabámos por levá-lo para a Universidade de Bristol connosco, onde a Rachel e a Alexa se juntaram a nós.

Quando regresso à biblioteca, os meus amigos estão sentados muito direitos nos velhos sofás *chesterfield*. Sinto o calor dos seus olhos ao anunciar a minha notícia por entre lábios comprimidos,

inexpressivos.

– A minha mãe morreu hoje à tarde. De ataque cardíaco, ao que parece.

O Jack e a Rachel correm na minha direção e dou por mim a ser abraçado de ambos os lados, o espesso cabelo loiro com perfume a tangerina da Rachel a varrer a minha cara como a cauda de um cavalo. Isto é demasiado. Dou um passo atrás.

– Pessoal, por favor. Vocês sabem que nós não nos dávamos bem. Estou só um bocado desconcertado, mais nada.

Voltamos a sentar-nos nos sofás e todos começam a agir como uma caricatura de si próprios. A Rachel pega na garrafa de tequilha meio cheia, agita-a na minha direção e começa a encher de novo os copos de *shot* vazios. A Alexa dirige-se à aparelhagem e momentos mais tarde os acordes majestosos, fúnebres, dos Sigur Rós insinuam-se por toda a divisão. Ela tem um sexto sentido para escolher sempre a música certa; penso muitas vezes que se enganou na profissão. É escritora, com algum sucesso, mas provavelmente devíamos tê-la promovido como DJ em Ibiza. O Harry deita abaixo o *shot* de tequilha dele à homem das cavernas, sem sal nem limão, e a Ling, a sua diminuta mulher, que nenhum de nós conhece, senta-se mesmo na beira do sofá com um ar destrozado, que é no fundo a expressão que manteve a noite toda, independentemente da morte da minha mãe.

– Ding-dong, a bruxa morreu – diz o Jack, erguendo o seu copo de *shot* para o meu e fitando-me com os seus olhos azuis intensos semicerrados.

A minha mãe, a bruxa. Bela e gélida atormentadora de homens, até à morte, literalmente, no caso do meu pai. Não foi má para mim nos meus primeiros anos, mas na altura eu só tinha olhos para o meu pai, seguindo-o pela quinta, a reparar vedações, a cortar árvores, a aprender a matar coelhos com a caçadeira dele. Aquela espingarda conquistou o meu coração.

– Então. Vamos ao funeral?

– Não vai ser bonito. A última vez que vi a minha mãe e as minhas irmãs foi no funeral do meu tio, há dez anos.

– Que foi tudo menos bonito.

A única vez que vi o Jack chocado foi quando a minha mãe cuspiu o seu veneno no meio de uma sala de enlutados meio bêbados porque o meu tio me nomeou o seu único herdeiro. Acho que a expressão «filho da puta» pode ter sido usada, e mais do que uma vez. Não é de todo o que seria de esperar, a minha família.

Olho para o outro lado da sala, para a Ling, minúscula e infantil com a sua roupa colorida, e percebo que nos esquecemos do verdadeiro objetivo da noite. Dou por mim a observá-la, agora, e noto a frequência com que olha para o Harry, em busca de conforto, ou por incredulidade, quem sabe? Imagino-a a beliscar-se quando está sozinha, esta ex-empregada de bar da Tailândia, casada agora com um dos homens mais ricos de Inglaterra.

Passa das quatro quando a festa finalmente acaba; o Harry leva de carro, bêbado, a noiva recente, de volta à sua austera casa cinzenta, a Alexa desaparece no andar de cima para dormir no seu quarto favorito, o Jack na sua nova bicicleta dobrável, uma estratégia da parte da Celia quando o marido começou a passar demasiadas noites em minha casa.

Isso deixa-nos a mim e à Rachel junto às brasas moribundas do fogo. A lareira é tão grande que nos podemos sentar dentro dela, e é isso que fazemos agora. Por cima há uma trave enorme que veio de um velho navio mercante; os ganchos e pregos enferrujados comprovam-no. Há um prego que sobressai tanto da trave que lhe chamamos o dedo do diabo, e a Alexa enrolou luzinhas roxas à volta

dele. Estão sempre a acender e a apagar, a acender e a apagar, o que era irritante de início, mas agora estou habituado. A biblioteca ficaria estranha sem elas.

– Uma para o caminho? – diz a Rachel, o que conosco é muitas vezes um eufemismo para outra coisa.

Está bonita com o seu vestido verde-esmeralda, o cabelo brilhante e a cara bem maquilhada, e não seria a primeira vez que acabávamos juntos, longe disso. Mas esta noite o meu coração está melancólico.

– Rach – digo eu, abanando a cabeça –, preciso de estar sozinho hoje à noite. O Quarto Azul está preparado para ti, como sempre.

– Eu percebo – diz ela com um sorrisinho triste que quase me faz mudar de ideias. Temos o nosso próprio conjunto de regras, os meus amigos e eu, nada convencional, mas gostamos de cuidar uns dos outros.

Eu levo um copo cheio de *brandy* para a cama, sabendo que ainda não vou dormir. São quase cinco agora e a meia-luz da manhã espreita de trás das espessas cortinas de veludo. A minha cama foi aberta pela Mary, a minha empregada, que também pôs uma jarra de água nova e um copo limpo na mesa, e ver isto consola-me, estes pequenos gestos doces, maternais, de preocupação. Se tivesse tido uma mãe que fosse mais como a Mary e menos como a minha, quem sabe como as coisas poderiam ter corrido?

Sento-me ao fundo da cama a olhar para o quarto que outrora foi do meu tio e mudou muito pouco desde esses tempos. A mobília é pesada e antiga e francamente masculina, embora o meu tio, deve dizer-se, se inclinasse mais para o efeminado. Irmão mais velho do meu pai, foi abertamente *gay* desde os dezoito anos, assumido e com orgulho, o que era bastante invulgar nos anos setenta. Falou-se em deserdá-lo, creio, mas não aconteceu, e na posse dele a casa tornou-se um sinónimo de deboche, o local de festas que podiam durar uma semana. Sem dúvida que tornou a minha vida mais fácil com os habitantes locais: fala-se no que acontece em Shute Park e ninguém reage.

Eu uso o vasto, e vastamente antiquado, roupeiro de mogno – acho que o termo correto é *armoire* – que pertencia ao meu tio, agora cheio com uma profusão – ordenada por cor – das minhas camisas, brancas e pretas à frente, azuis, verdes, rosas e amarelas atrás. Ocupei as estantes dele com os meus livros e dois dos meus quadros estão pendurados na parede. Há um da vista da colina que fica no limite da minha terra; pintei-a centenas de vezes, mas esta versão, um monocromo em vários tons de azul (estava a tentar, e em grande parte a falhar, emular o Picasso), ainda é aquela de que gosto mais. O outro é um retrato do meu pai, copiado de uma fotografia quando eu tinha dezanove anos. Morrera há quase dez anos, por essa altura, mas eu ainda sentia falta dele; tentei reinventar a paisagem dos meus sonhos para que ele estivesse ali com a sua camisola de caxemira esburacada e o seu lenço de seda azul às pintas, a pousar uma caixa de ovos acabados de pôr na mesa e a dizer: «Vamos fazer omeletes, miúdo.»

Dois pais, duas emoções singulares, amor e ódio; a minha educação foi solidamente a preto e branco.

É mesmo manhã agora e o sono continua distante. Podia enfiar-me na cama e ler o volume de contos do Raymond Carver que a Alexa me deu nos anos; podia pegar no meu caderno e desenhar algo, qualquer coisa, para deixar de pensar na minha mãe. O pensamento que me domina é a impossibilidade do perdão, que nenhum de nós possa pedir desculpa. Zangámo-nos espetacularmente quando eu tinha dezasseis anos e raramente falámos desde então. A última gota foi o facto de o meu

tio deserdar a minha mãe e as minhas irmãs – não apenas a casa grande, que ela cobiçara desde o primeiro dia do seu casamento, mas também tudo o que vinha com ela, até à última moeda. Eu teria sido mais generoso se não a detestasse tanto, se não a culpasse exclusivamente pela morte do meu pai, uma reação infantil a que me agarrei por motivos que apenas agora começo a entender. Pensar em tudo isto é admitir o peso do arrependimento, essa grande nuvem cinzenta que paira a meros centímetros de distância desde o telefonema tardio da minha irmã.

Acabo por fazer a única coisa que pode mitigar os demónios e devolver-me à luz: dirijo-me ao roupeiro, abro a gaveta de cima e tiro um velho desenho a lápis da rapariga que outrora amei. Demorei muito tempo a conseguir olhar para este retrato, desenhado à pressa mas que de certo modo capta perfeitamente a mistura de inocência e erotismo que marcou os nossos tão, tão breves meses juntos. A relação acabou em farrapos, um final frio e cruel que rasgou o meu coração a meio e foi pior do que qualquer coisa que tivesse sofrido às mãos da minha mãe. Nunca percebi como alguém tão doce e amável e sincero como ela – e sei até hoje que tinha razão nesse aspeto – me pôde abandonar com tanto descuido. Passei meses a examinar todas as coisas que podia ter feito mal – seria eu demasiado rico, demasiado arrogante, apenas demasiado obtuso? Mas nada disto fazia sentido, não depois da forma como nos tínhamos insinuado na pele, no coração e na alma um do outro. Por isso, conformei-me com a única explicação que havia: ela gostava mais do outro tipo.

Hoje em dia consigo olhar para o retrato dela quase objetivamente. Consegui reproduzir bem os olhos dela. Acho que é por isso que gosto tanto do desenho. Aqueles incríveis olhos escuros, de mulher fatal, uma beleza clássica, transcendente, do tipo que nos faz parar para olhar. Pergunto-me onde estará agora, se está a dormir enroscada junto ao marido, com os pés encostados aos dele, a sua respiração suave e leve. Terá cortado o cabelo, parece mais velha, há rugas naquele rosto belo? Procurei-a *online* de vez em quando, mas nunca encontro nada, nem uma conta no Facebook ou no Instagram, nem uma presença em festas pós-universidade. Ainda vejo a amiga dela, a Liv, e sei que ela entende a minha ânsia de informações sobre a Catherine. Ela passa-as de bom grado, em geral sobre os filhos dela, uma menina e um rapaz. Nunca menciona o marido, o homem por quem ela me trocou, embora o seu nome paire tacitamente entre nós.

Retiro-me para a cama, apoiando o desenho sobre o Raymond Carver, cativo no olhar solene da Catherine até por fim as minhas pálpebras começarem a fechar-se.

¹ Embora se traduza, à letra, por «escola pública», este termo designa, em Inglaterra, colégios privados elitistas frequentados por alunos entre os treze e os dezoito anos. (*N. do T.*)

Quinze anos antes

Começaste a deixar bilhetes no cubículo da biblioteca onde eu trabalhava. Eu saía para procurar um livro e quando voltava encontrava um papel dobrado na minha secretária, adornado com os teus sarrabiscos pontiagudos a caneta azul. *Almoço?*

Perguntei-me como descobrires exatamente onde eu estava, o meu sítio favorito na biblioteca, longe das *socialites* do segundo andar e do trânsito contínuo junto aos quartos de banho. Interroguei-me se estarias escondido noutro cubículo próximo, a ver-me abrir o teu bilhete com os braços cruzados e aquele sorriso enviesado. Como é que esperavas que eu te encontrasse, mesmo que estivesse a ponderar almoçar contigo – o que, dizia eu a mim mesma, não estava de todo. Havia o Sam a ter em conta, afinal, e eu conhecia o teu tipo, o grupo decadente e dado a excessos com quem te davas; sabia que devia manter-me afastada. Mas ainda assim cada bilhete novo fazia o meu coração bater um pouco mais rápido. *É hoje o dia?* dizia um. *Gostas de ostras?* perguntava outro.

Sem admiti-lo a mim mesma, estava a demorar mais tempo a vestir-me, agora, a pôr de lado uma camisola a favor de outra, a fazer o esforço de me maquilhar e escovar bem o cabelo.

O seminário seguinte sobre Milton passou, mas a cadeira ao lado da minha continuava vazia; a hora, a voz fraca do professor, a descodificação do Livro IV, tudo era interminável. Eu estava desolada ao regressar à biblioteca, desolada. Controla-te, disse a mim mesma, tu tens um namorado. Bem, quase, um quase namorado. O Sam e eu estávamos a avançar devagar, amigos primeiro mas sempre com aquela sugestão de algo mais, sorrisos dedicados apenas a mim, os seus olhos escuros a observarem-me quando ele achava que eu não estava a ver. Por fim, no início do nosso segundo ano, um passeio ao luar pelo porto, onde déramos timidamente as mãos, e depois, há algumas noites, o nosso primeiro beijo. Só pensava nele durante o meu primeiro ano de universidade, aquele cientista alheado, alto, louco por futebol, até tu apareceres no meu seminário de Inglês Medieval e virares o meu mundo ao contrário.

Houve uma ponta de magia na forma como o bilhete seguinte surgiu, enquanto eu estava a trabalhar, a estudar o meu texto do Milton, de cabeça curvada sobre os livros. Devia estar muito concentrada, porque não vi nem ouvi nada; gradualmente, apercebi-me de outro papel estranho no canto da minha secretária. Este era diferente. Abri-o e encontrei um desenho a lápis tão pormenorizado e atmosférico que soltei um arquejo no silêncio formal da biblioteca. Um restaurante, com paredes de madeira, como um chalé de esquí, e mesas cobertas com toalhas aos quadrados. Frascos de compota com flores tão bem desenhadas que percebi que eram gerberas, podia imaginar a intensidade das suas pétalas, cereja ou cor de tangerina, pensei. Uma das mesas tinha uma garrafa de vinho e dois copos cheios quase até cima, e ao lado tinhas escrito: *Nossos?* E só aquele simples pronome fez o meu sangue fluir de modo ilícito. No fundo do desenho, uma instrução: *Estou à porta da biblioteca à uma.* A tua letra a azul era-me familiar agora; reconheci as voltas no cimo e no fundo dos teus eles, o

ípsilon floreado, a estética, percebi, da caligrafia de um artista. Este teu desenho dera-me uma percepção inesperada; impelira-me para um estado de menor resistência.

Havia um grande relógio branco na parede e eu olhei para ele. Uma menos dez. O mundo enchia-se de possibilidades enquanto eu via o ponteiro dos minutos marcar a passagem do tempo, baixando os olhos para o desenho intrincado – cartazes nas paredes, via eu agora, garfos em miniatura com os quatro dentes no devido lugar – e fixando-os de novo na contagem decrescente para o meu futuro.

À uma em ponto, peguei nos livros e deixei a minha secretária.

Agora

O Sam e o Greg estão a falar de mim outra vez, aqui em pé, mesmo em frente à minha cadeira, como se ambos tivessem começado a acreditar que aqueles que não falam também não ouvem.

– Conseguimos identificar o momento exato da dissociação – diz o Greg. – A pergunta é: até que ponto é que ela se lembra do que aconteceu?

O Sam diz:

– Acha sinceramente que ela não sabe?

Não gosto do tom da voz dele; estas suas palavras serpenteiam no fundo do meu estômago, alojando-se como uma bolsa de ar na minha garganta.

– Enquanto ela não falar connosco ou encontrar outra forma de comunicar, é impossível termos a certeza daquilo que recorda ou não recorda. Isto é tudo suposição de momento, mas em casos como estes, e são raros, o paciente muitas vezes apaga o momento exato do trauma porque é incapaz de assimilá-lo.

– Passaram quase três meses, Greg.

A voz do Sam é sentida, ansiosa, percebo a sua frustração com o médico. Porque é que não consegue resolver isto? É o que ele está a pensar. Porque é que não sabe exatamente o que ela tem? Porque é que não consegue tratá-la?

– Fez o seu diagnóstico, disse-nos que ela sofre de uma perturbação dissociativa. Porque é que não vemos melhorias? Porque é que ela não quer melhorar? É como se ela não se importasse.

– Já ouviu falar em *la belle indifférence*? Freud, outra vez, foi ele que criou o termo. Usou-o para descrever pessoas que aparentemente não se importavam com os seus sintomas. Mas na realidade esta indiferença é apenas mais uma ferramenta para evitar um sentimento ou uma memória insuportável. O retraimento da Catherine, por assim dizer, é apenas o meio dela de esquecer o que aconteceu em Shute Park. E garantir que fica esquecido.

– Então e agora, Greg? O que acontece agora?

A voz do Sam é calma, mas a sua raiva serena está pintada a *spray* no meu cérebro.

– Ela vai melhorar? Vai curá-la?

– Eu sei que é frustrante, mas neste momento não sabemos qual será o resultado. O mais importante é que não perca a esperança, Sam. E tem de lhe dar mais tempo. É a única coisa que pode fazer.

Depois de o Greg partir, ouço o Sam a sentar-se na cadeira ao lado da minha e sei, sem olhar, que ele está a chorar. Não se dá ao trabalho de falar comigo, de início: nada da sua habitual conversa meditativa, persistente e forçada, um esforço enorme para um homem que era conhecido pela sua brevidade. Quase me esqueço de que ele está aqui, tal é o tempo que ele demora a recomeçar a falar.

Quando volto a prestar atenção, percebo que está a falar sobre um dia na praia no verão passado. Lulworth Cove, diz ele. A do penhasco, a da porta famosa. Durdle Door. Arco jurássico. Maravilha

geológica. Há algo na sua voz quando diz isto e demoro algum tempo a perceber o que é. Lembro-me do que aconteceu naquele dia, pergunta ele, da última vez que fomos lá? Ele não se refere à subida obrigatória para ter a melhor vista da velha porta rochosa que se eleva da água, que assume um turquesa caribenho quando vista de cima. Não se refere ao pequeno barco de madeira que acabámos por comprar, uma coisa pequena e velha que conquistou os nossos corações. Ele quer saber se me lembro do que veio a seguir, e eu lembro-me, sim. O dia em que tudo mudou, o momento preciso, afinal, em que eu pude começar a regressar lentamente a ti.

Quatro meses antes: Catherine

Lulworth Cove, um dia de finais e inícios, embora eu ainda não o saiba quando chegamos à famosa praia em forma de concha, com a sua água límpida, azul-brochura, a chegar em arcos à margem. O Sam caminha em passos largos à frente, contornando baldes e pálidos membros ingleses, carregado com mochila, cesto, manta e toalhas. Nós seguimos atrás dele, o Joe com os seus auriculares enfiados, ainda aquém dos treze anos mas já em todos os aspetos um *teenager* ; a Daisy a transportar livros e baldes e o *Igor* sujo, cheio de borboto, para o qual aos nove anos já é na realidade demasiado crescida. Mal nos sentamos numa manta, no canto mais longínquo e solitário da praia, os miúdos correm a toda a velocidade para a água, mergulhando sob a sua superfície e lançando jatos brancos de água para o ar.

– Vai lá – digo eu ao Sam, que está ansiosamente sentado ao meu lado, a ver-me pôr protetor solar na cara –, vai nadar.

O Sam detesta apanhar sol, ficar quieto é uma tortura lenta para ele. Do que gosta é de nadar o mais longe que puder, esforçando-se cada vez mais com o seu *crawl* laborioso até sentir o sangue a pulsar-lhe nos pulmões. Gosta de nadar até à plataforma de mergulho com o Joe e saltar uma e outra vez para as profundezas frias e turvas do Canal. Ou andar pelas rochas até encontrar a poça perfeita com a Daisy, para depois ficarem ali deitados de barriga para baixo à espera de caranguejos.

Os meus olhos estão fechados e eu estou a divagar entre memórias, memórias boas, perfeitas, quando uma mão gélida pousa sem aviso na minha barriga. Solto um grito torturado, de filme de terror. É o Sam, rindo enquanto se agacha ao meu lado e sacode gotas de água do mar do seu espesso cabelo preto. Por vezes, penso que somos mais como irmãos do que qualquer outra coisa, apenas uma extensão mais velha do Joe e da Daisy. Somos e não somos, decido, quando o Sam se põe por um instante sobre mim, prendendo-me debaixo do seu corpo frio e duro, enfiando perigosamente uma mão entre as minhas coxas.

– Praia familiar – digo eu, empurrando-o. – A Daisy vem aí.

Almoçamos ao sol, enroladinhos de queijo com batatas fritas e garrafas pequenas de *Orangina*, e depois o Sam obriga-nos a fazer uma caminhada, mesmo até ao cimo do penhasco, onde teremos uma vista perfeita de Durdle Door. É uma subida fácil, o desgaste das rochas formou uma escadaria ao longo dos anos, e no cimo há uma camada de relva cujo verde foi queimado pelo nosso longo verão de sol. Sentamo-nos junto a um conjunto de rochas a olhar para o mar azul-violeta e o Sam tira duas garrafas de cerveja dos bolsos, uma surpresa, removendo-lhes as caricas à *cowboy*, contra as rochas.

A cerveja está fria e estou prestes a dar um gole quando ele diz:

– Espera. Um brinde primeiro. À tua mãe. – Ele ergue a garrafa para o céu, à espera de que eu faça o mesmo.

– À mãe – digo eu, procurando em mim a dor que está sempre presente.

Passaram catorze anos desde que ela morreu, ou catorze anos desde que viveu. Seja qual for a perspectiva, é um enorme vazio de saudade e de luto, uma ausência, um silêncio que soa mais alto na minha cabeça do que qualquer outra coisa. Preocupa-me que os meus filhos estejam a crescer sem saber nada sobre a avó que nunca conheceram. Não sabem, porque eu não tenho coragem para lhes contar, que as suas flores preferidas eram as peónias e que quando era a época delas ela oferecia-as a si própria todas as semanas. Peónias e Rodin e perfume *Eau de Rochas*. Mozart e *spaghetti vongole* e camisas brancas feitas à medida da *Paul Smith* (encontrámos catorze quase iguais no roupeiro dela depois de morrer). É fácil enumerar as paixões dela, impossível relatar a perda, os momentos que passei com ela, milhares e milhares de instantes empilhados e comprimidos numa pequena almofada lisa de tristeza.

Os meus filhos, habituados a este tipo de coisa, aos brindes parentais espontâneos do pai deles, nada dizem; limitam-se a fitar os remoinhos de espuma clara a quebrar na costa.

Depois, vamos ver o barco, uma beldade antiquada pintada de branco por fora e de azul-celeste por dentro. Chama-se *Pandora*, o que conquista logo o coração da Daisy.

– O melhor é procurar um ancoradouro num lago perto de si – diz o velhote que o está a vender. – Assim usa-o sempre.

O *Pandora* é demasiado caro para o nosso bolso, mas o Sam regateia com bonomia e o velho abate cinquenta libras, e na viagem para casa, pouco mais de uma hora no trânsito estival, não falamos em mais nada. Por fim, a Daisy adormece e o Joe põe os auriculares e o Sam procura uma estação de rádio, parando quando encontra um programa sobre apicultura. Põe a cabeça de lado, como faz quando está concentrado, e quando eu começo a falar, ele manda-me calar.

– Meu Deus, tu estás mesmo a gostar disto, não estás? – digo, e ele ri-se e agarra a minha mão e não a larga durante o resto da viagem; mesmo quando muda de velocidade, leva-me consigo, para cima, para o lado, e para baixo. Por isso, olho pela janela para as cores e curvas da paisagem do Dorset, ainda nova o suficiente para prender o meu interesse, acomodando-me à nossa vida campestre, regular, e penso que afinal não é assim tão má.

Quando chegamos a casa são quase sete horas e os miúdos estão cansados e ficam zangados quando os obrigo a ir lá a cima tomar um duche antes do jantar.

– Vou pôr massa a cozer – diz o Sam, desaparecendo na cozinha, e quando a campainha toca, vou ver quem é sem qualquer ideia ou preconceito na minha cabeça.

Deparo com a Julia Wright, uma professora amiga do Sam, no alpendre da nossa casinha pitoresca e delapidada, e por um momento fico tão surpreendida que não me lembro de a convidar a entrar. Ela veio a nossa casa em Londres uma vez; trouxe *Smarties* para os miúdos.

– *Smarties* – disse o Joe, enojado, na altura –, como se fôssemos bebés.

– Julia – digo eu –, que surpresa agradável – embora o meu coração esmoreça quando ela me segue pelo corredor, adornado com a nossa feliz e presunçosa galeria de fotografias de família: o Sam, alto e arrebatadoramente jovem, de fraque, a rir para a sua noiva; o Joe e a Daisy nas suas cadeirinhas a condizer, abandonados a meio de um festival; depois na escola com *sweatshirts* azul-cobalto, o Joe com um sorriso forçado, de assassino em série, a Daisy com o cabelo bem preso nuns totós pouco habituais. Que deprimente, a nossa tranquila quarta-feira à noite vai ser estragada pela interação com uma estranha. Imagino as garrafas de vinho que teremos de beber, o jantar adulto que teremos de preparar, a ausência de televisão e jornais e do aconchego de ir para a cama cedo.

– Íamos só fazer massa para os miúdos – digo eu, levando-a para a luminosa cozinha branca, e

depois vejo a cara do Sam quando ele se vira do fogão e encara a Julia, e o meu coração salta e cai com um estrondo no chão. O que posso dizer-vos sobre aqueles primeiros momentos ardentes em que ele ostenta a sua vergonha, enquanto o nosso mundo começa a sua lenta e agonizante derrocada?

– Sam? – digo eu, hesitante por um segundo ou dois, mas não mais do que isso. Percebo o horror na escuridão dos seus olhos e na inclinação miserável da sua boca. Não são necessárias palavras; a culpa dele brota de cada poro. Num instante, entendi tudo.

A Julia diz:

– Olá, Sam – mas nenhum de nós reage.

O Sam fita-me com os seus olhos escuros, os olhos das crianças, e parece tão, tão triste e eu descubro que estou a tremer incontrolavelmente. É isto, o fim ou o princípio, não sei bem qual, mas faria qualquer coisa para atrasar o relógio e pará-lo cinco minutos antes.

Sussurro:

– Como foste capaz? – e o Sam responde, numa espécie de gemido:

– Desculpa, desculpa – e a Julia, que por esta altura está a começar a perceber a sombria troca de informação que decorreu entre marido e mulher, dá um passo na direção do Sam e, num tom de familiaridade que me dá vontade de rugir como um animal enjaulado, diz:

– Tentei telefonar-te tantas vezes, mas tu nunca retribuis as chamadas. Como foste capaz de me tratar assim?

– O que é que queres? – Berro, alheia às crianças no andar de cima, que provavelmente me conseguem ouvir através do soalho fino da casa. Eu *sou* o animal selvagem agora.

Mas a Julia ignora-me e fala com o Sam.

– Não percebes porque estou aqui, Sam? – A voz dela é insuportável, suave, cúmplice. – Não percebes porque é que não podia esquecer, porque é que não podia deixar que acabasse?

Mas o Sam ainda me está a observar, com uma expressão de absoluta tristeza estampada na cara, estampada na minha alma, os momentos finais do nosso antes, e o início do depois.

Quatro meses antes: Lucian

A Rachel está na cozinha a comer *kedgeree* e a olhar para o telefone dela.

– Bom dia, querido. Bem, na verdade já é de tarde. Acabo de receber uma mensagem do Max. Quer encontrar-se comigo! Estou tão feliz.

Ah, sim. Max. O miúdo. Ajudámos a educá-lo durante uns anos, os meus amigos e eu, ainda que à nossa maneira desordenada e pouco convencional, e depois a Rachel perdeu a custódia quando ele tinha sete anos. Isto abalou-a, claro, embora ela nunca o admita, mas eu vejo as minúsculas marcas de arrependimento em torno dos olhos dela e temo que um dia transformem o seu rosto numa verdadeira máscara de desespero. Ela deixou o marido, Hugo, gestor de fundos boémio convertido em maratonista abstinente, quando o bebé tinha apenas dois anos. As drogas aproximaram-nos e separaram-nos alguns anos mais tarde. O Hugo é um puritano regenerado: batidos de couve *kale*, *hot yoga*, tudo; a Rachel uma candidata a um centro de desintoxicação. Eu paguei-lhe o internamento uma vez, três mil notas só para ela entrar pela porta, não que o dinheiro importe. Ela saiu por iniciativa própria três dias mais tarde, aparecendo no Soho House no aniversário de alguém e reagindo às nossas expressões chocadas com a extravagância típica: «Chamo-me Rachel e *não* sou uma toxicodependente.»

Olho para ela agora.

– Rach, eu sabia que ele ia acabar por ceder – digo.

Ponho o braço à volta dela e ela apoia a cabeça no meu ombro e é assim que a Alexa nos encontra quando entra na cozinha com o cabelo desgrenhado e grandes olheiras, estilo panda.

– O que se passa? Porquê o festival de amor?

– O Max enviou-me uma mensagem hoje de manhã. Quer encontrar-se comigo.

– Fantástico! Claro que te quer ver. És mãe dele.

Ela senta-se no banco alto ao lado da Rachel, dá-lhe um beijo na bochecha e começa a encher um prato com *kedgeree*.

O telefone toca.

– Deve ser o Jack – diz a Alexa com o toque de esperança que está sempre presente. Ela e o Jack foram um casal durante todo o período da universidade, a menos que se tenha em conta as zangas amargas, o namoriscar constante dele, a vingança impetuosa dela, as separações e reconciliações, que se tornaram quase banais para aqueles de nós que as presenciaram. Há três anos, num intervalo da Alexa, o Jack conheceu a Celia e o melodrama acabou. No entanto, tenho dúvidas; vejo a forma como a Alexa olha para o Jack, por vezes, e temo que ela ainda o ame.

Mas não é o Jack ao telefone, é o Harry a convidar-nos para ir a casa dele beber Bloody Marys.

– Achei que vinham a calhar – disse ele. – O Filip está a preparar uma data deles agora mesmo.

O Filip é o mordomo polaco do Harry, que cuida da propriedade com a mulher e os seus dois

filhos adultos. Os Bloody Marys dele são espantosos.

O Harry hesita, um silêncio ponderado enquanto escolhe as palavras.

– Estás bem?

O Harry conhece, melhor do que ninguém, a minha capacidade para desabar. Estamos ligados, nas nossas duas décadas de amizade, não apenas pelos bons momentos, mas também pelos maus, e no meu caso, um momento espetacularmente mau.

– Estou ótimo – digo automaticamente, embora me pergunte ao pousar o telefone se isto será verdade. A minha mãe morreu, quase vinte e cinco anos depois do meu pai, tornando-me oficialmente aquilo que sempre me senti: um órfão. De certo modo, «ótimo» não é bem a palavra certa.

Eastcott Grange, a casa do Harry, fica apenas a oito quilómetros da minha, na mesma estrada. É uma casa grande e cinzenta, uma mansão do início do período vitoriano, reconstruída depois de um incêndio destruir a original e transmitida ao longo das gerações embrulhada em *tweed*. Está completamente desenquadrada no Somerset, uma terra embebida em sidra de druidas, maçãs e queijo, com colinas verdes ondulantes e casas em tons de bege. Por vezes, penso que a austeridade deprimente da casa do Harry, estilo prisão-chique na melhor das hipóteses, é parcialmente responsável pela incompetência dele com as mulheres. Repressão, arquitetónica e não só, foi a norma na sua infância e adolescência.

O Filip abre a porta e do outro lado do átrio – chãos de mármore, estatuetas românicas, toda a ostentação expectável – vem o som do Harry a tocar piano de cauda. Adoro ouvi-lo tocar; o *ragtime* alegre é a especialidade dele e enche-me sempre de um otimismo inesperado. O som do piano, a presença reconfortante dos meus amigos – nestes momentos, sinto uma espécie de contentamento.

Encontramos o Harry e a Ling na sala de estar, a partilhar o banco do piano. Ela ri para ele enquanto ele toca o «Pinetop's Boogie Woogie», uma alusão à sua educação clássica, ainda que com um cigarro pendurado na boca, os olhos semicerrados para evitar o fumo e a madeixa de cabelo que lhe cai sobre o rosto. Pouco resta do rapaz que conheci outrora.

– Não pares, não pares! – grita a Alexa, e eu sei que ela sente o mesmo que eu, uma espécie de excitação por apanhar o Harry e a sua nova mulher absortos num momento de alegria doméstica. Há algo no Harry, o clássico amigo de coração nobre e ombros largos, que sempre me fez desejar a felicidade dele acima da minha.

– Bebidas – diz ele, levantando-se do piano e dirigindo-se ao armário das bebidas, onde dois jarros de um líquido vermelho-acastanhado estão prontos.

Ele distribui copos altos de Bloody Mary e dá uma *Coca-Cola* à Ling. Hoje está com uns *jeans* cor de laranja e uma *T-shirt* verde-viva, e, em pé ao lado da Alexa, que é uns bons quinze centímetros mais alta, vestida com os calções mais curtos possível – mais bolsos do que calções – com o cabelo num carrapito selvagem e os traços do rímel da noite anterior debaixo dos olhos, o contraste parece mais marcado do que nunca. Mesmo assim, noto a confiança tranquila com que nos cumprimenta, abraços rápidos em vez de beijos.

– É bom voltar a ver-vos – diz no seu inglês formal.

Dou por mim a observar a Ling enquanto levamos as nossas bebidas para os sofás. Vejo como se senta ao lado do Harry, com os pés descalços enfiados debaixo das coxas dele. Observo quando ele agarra um dos seus pés minúsculos por um segundo – as unhas pintadas de rosa-choque – e noto o leve riso que trocam entre si.

– Alguma novidade sobre o funeral? – pergunta o Harry. – Ou é demasiado cedo?

– Por acaso, está tudo tratado. Sabes como é a minha irmã, eficiência é com ela. Igreja de St. Luke na próxima sexta, e depois vamos para Flood Street.

– Vamos todos, obviamente – diz a Rachel. – É mais seguro se formos em grupo. Não pode ser assim tão mau, pois não?

– Nem imaginas. Embora a minha mãe adorasse festas, por isso, quem sabe?

O Harry olha para nós e sorri, uma referência apenas para mim. Ainda me lembro do espanto dele perante o Screwdriver matinal da minha mãe. A vida doméstica dele era tremendamente convencional; parca em amor, como a minha, mas disciplinada, correta. A primeira vez que ficou em nossa casa – não podia ter mais de treze ou catorze anos – pegou no sumo de laranja dela por engano e cuspiu o gole de vodka mal diluída para o chão da cozinha.

– O que estás a achar da vida em Eastcott? – pergunto à Ling.

– Claro que é muito diferente de tudo o que conheci até agora, mas... – ela interrompe-se para rir – na verdade, adoro-a.

A Rachel e a Alexa, como eu, estão fascinadas com a Ling, hoje. Ontem à noite, com todo o álcool e o drama da morte inesperada da minha mãe, o advento da mulher nova do Harry foi quase ignorado. Eles casaram-se em Banguécoque com um par de estranhos como testemunhas; estamos todos a sentir-nos um pouco excluídos por isso.

– Onde cresceste, Ling? – pergunta a Rachel.

– Numa aldeia no norte da Tailândia, a cerca de uma hora de Chiang Mai. Demoramos um dia inteiro a chegar a Banguécoque.

– Que é onde vivias quando tu e o Harry se conheceram?

– Sim, eu estava a trabalhar num bar.

Algo na palavra bar se crava desconfortavelmente na atmosfera.

– Eras empregada de mesa? – pergunta a Alexa, e serei eu o único a apanhar o vislumbre de um sorriso entre o Harry e a Ling?

– Algo do género – diz o Harry.

O telefone dele apita com uma mensagem imaculadamente oportuna.

– É a Ania – diz ele –, a perguntar se queremos almoço.

– Sem dúvida – diz a Alexa – com muitos hidratos, por favor. Preciso de comer para curar esta ressaca.

A Ling desenrosca-se do sofá e levanta-se.

– Posso ir falar com ela para ver o que há – diz. – Talvez massa fosse bom?

Sei que estamos todos a observar a Ling a sair da sala e maravilhados com a mesma coisa: a sua confiança calma, sem pressas, enquanto parte para dar instruções à empregada depois de apenas uma semana a viver aqui.

O Harry diz:

– Sim, ela entretinha os clientes. Não, não era uma prostituta. Eu poupo-vos o incómodo de perguntarem.

– Ninguém estava a pensar isso, querido – diz a Alexa numa voz chocada.

– Bem, tu talvez não, mas todos os outros. Devias ter visto os olhares que nos lançaram em Colton House no outro dia. Não que isso importe. A questão é que eu queria que ela voltasse para Inglaterra comigo e ela queria vir. Tão simples quanto isso.

– E nós estamos tão felizes por ti – diz a Alexa, inclinando-se para beijar a face do Harry.

A Alexa afasta-se para pôr música a tocar e a Rachel inicia uma conversa tensa com o seu ex ao telefone.

– Podes vir à piscina por um segundo? – pergunta-me o Harry. – Estou a pensar em instalar uma nova e quero pedir-te um conselho.

Claro que chegamos à piscina, que parece bastante básica e antiquada agora que olho para ela, com os seus ladrilhos turquesa claros e degraus brancos de plástico, e o Harry lhe vira logo as costas.

– Sabes que podias fazer algo fantástico aqui – digo eu.

O Harry saca dos seus cigarros e oferece-me um.

– Que se lixe a piscina – diz ele. – É sobre ti que quero falar. Quero ter a certeza de que estás bem.

Trata-se de uma referência à morte prematura do meu pai; ele não precisa de dizer o que está a pensar. Ele morreu quando eu tinha dez anos, três anos antes de o Harry e eu nos conhecermos. O Harry sabe, no entanto, como fechei a mágoa dentro de mim: apenas beliscava um pouco os pulsos quando a dor era demasiada – automutilação, chamar-lhe-iam agora. Ele também sabe o que pode acontecer quando a minha dor é libertada. Houve uma vez, um momento de que preferimos nunca falar, em que a minha vida se desgovernou. Digamos apenas que perdi o rumo.

Pouso uma mão no ombro dele.

– Isto não me vai afetar da mesma maneira. Prometo-te.

– Está bem – diz ele, e ficamos em pé ao lado da sua piscina arcaica a acabar os nossos cigarros em silêncio.

Como acontece muitas vezes na nossa amizade, são as coisas que não dizemos que soam mais alto. O Harry, temo, teria feito qualquer coisa para eu ter o fim que queria. Ela pode estar muito distante no passado, quinze anos ou mais, mas em momentos como este, a Catherine nunca me pareceu mais presente.

Quinze anos antes

Não estavas a contar que eu viesse, vi isso na expressão de surpresa, escondida à pressa, enquanto estavas encostado ao teu carro azul.

Abriste-me a porta e eu ri-me do teu cavalheirismo antiquado.

A viagem até este teu destino misterioso demorou mais de uma hora. Lembro-me de olhar pela janela, a ouvir o ruído de fundo dos Rolling Stones, a tua banda favorita de sempre se tivesses de escolher, disseste, enquanto as vastas planícies das Quantock Hills davam lugar às sebes altas e veredas estreitas do sul do Devon.

– Vais raptar-me?

Tu fizeste aquele sorriso peculiar, virado para baixo, cada canto da tua boca puxado para sul, o rosto de um palhaço invertido.

– Ainda não decidi. Vamos ver como corre o almoço.

Caímos no silêncio. Eu estava a pensar no Sam, a pensar em como ele ia odiar ver-me sentada ao teu lado no carro desportivo. Tudo o que tu representavas o Sam desprezava, uma equação simples de opostos fundamentais. A política vermelho-sangue do Sam fora transmitida de pai para filho como uma injeção genética; uma das poucas coisas em que sempre estiveram de acordo era o seu absoluto desdém por qualquer pessoa privilegiada.

Finalmente paraste o carro num parque de estacionamento de gravilha com vista para o mar. Ainda consigo imaginar a minha primeira visão do Beach House, uma velha cabana degradada com tinta azul a descascar situada mesmo acima de South Milton Sands. Mas depois tu abriste a porta do restaurante e foi como se tivéssemos entrado no teu desenho; nada antes ou desde então poderia captar o romantismo daquele momento. Era idêntico: as paredes de madeira de um chalé de esquí ponteadas com pósteres de filmes, as toalhas de mesa aos quadrados vermelhos e brancos, os frascos de compota cheios de flores. Lá fora, o dia estava frio e cinzento, mas dentro da cabana estava perfeito, um fogo ardia na lareira e havia velas em todas as mesas. Nenhum lugar no mundo poderia ser mais adequado para um almoço prolongado, e secreto.

Não havia mais ninguém lá para além de uma mãe e uma filha que estavam de partida quando chegámos. Ocorre-me agora que talvez o restaurante estivesse a fechar, mas tu conhecias o dono e ele levou o teu grandioso «Vamos experimentar tudo» à letra, trazendo ostras, caranguejo, peixe miúdo e solha grelhada, uma sequência tranquila de pratos que durou horas e continua a ser a melhor refeição de peixe e marisco que comi até hoje. Havia uma garrafa de vinho branco frio e tu encheste os nossos copos quase até cima, tal como o desenho. *Nossos?*

Eu estivera a observar-te secretamente durante toda a viagem, pequenos olhares de soslaio que apanhavam os teus dedos longos e esguios no volante, o punho gasto da tua camisola azul-marinha. Agora estavas diante de mim, iluminado por velas, e não havia nada a fazer senão olhar. O que é que

o teu rosto tinha, perguntei-me, que te tornava mais bonito para mim do que qualquer pessoa que tivesse visto?

Tu viste-me a olhar e sorriste.

– Pensava que não vinhas. O que te fez mudar de ideias?

– O desenho.

– Gostaste dele?

– Adorei-o. Fez-me lembrar um dos meus livros favoritos em criança. Sabes aqueles desenhos antiquados a tinta que te fazem sentir que podias desaparecer dentro deles? Era exatamente assim.

Tu acenaste com a cabeça, satisfeito. Disseste-me que desenhar e pintar eram as únicas coisas que importavam para ti.

– Porque é que estás na universidade, então, a estudar inglês?

Tu riste.

– Não sei. Talvez uma última tentativa de agradar à minha mãe. Não que esteja a resultar.

Contaste-me que o teu pai tinha morrido quando eras criança, e a tua voz ao dizê-lo era ligeira, treinada. Mas eu percebi, mesmo na altura, como a morte dele te mudara.

– Conta-me a história da tua vida, então – disseste.

Vasculhei as minhas experiências durante algum tempo e não me surgia nada senão contentamento. Quando imaginava a minha vida doméstica, era sempre domingo, *Desert Island Discs* na rádio, jornais espalhados pela mesa, o cheiro a frango a assar no ar. Conversas que normalmente se centravam em mim, toda a atenção dos meus pais, o calor e a insularidade proporcionados por sermos uma equipa de três. Eu era a sua filha-prodígio, nascida após nove anos de tentativas, depois de inúmeros médicos terem desistido, e eles amavam-me com o zelo daqueles cujo sonho vem mais tarde.

– Não sei se a minha vida já começou de verdade – disse, e a tua boca curvou-se para cima pela primeira vez.

– Talvez comece aqui mesmo.

Quatro meses antes: Catherine

Nós só falamos depois de as crianças adormecerem, cansadas depois de um jantar de massa (o Sam cozinhou depois da saída tempestuosa da Julia; não sei como conseguiu), do ar marítimo e talvez do excesso de emoção contida que polui a atmosfera. A minha voz, dura como metal, rasga o silêncio.

– Tu tiveste um caso?

– Não. Meu Deus, não. Foi só uma vez. Foi estúpido. Estava bêbado. Odeio-me.

– Quando é que aconteceu?

– Festa do pessoal, final do terceiro período.

– Só uma vez. Uma noite juntos – eu cuspo as palavras – e ela apaixonou-se loucamente por ti? Tretas. Não acredito em ti.

– Desculpa. Estou tão...

Estendo a mão para o interromper.

– Onde? Onde aconteceu?

– Na sala do pessoal.

– Onde? No sofá? No chão?

Estou ansiosa por pormenores, não sei porquê. O Sam vira-me as costas, com os ombros curvados de desespero.

– Responde-me, Sam, preciso de saber.

– Contra a parede – diz ele finalmente, numa voz tão baixa que mal o ouço, e depois aquela imagem, o meu marido, a amante dele, a mulher que esteve na minha casa há menos de uma hora, enche o meu cérebro e eu caio de joelhos, com as mãos a tapar-me a cara.

– Isso é tão mau, Sam. Tu queria-la...

O Sam ajoelha-se diante de mim, pega em cada um dos meus pulsos e obriga-me a olhar para ele.

– Tu és a única pessoa que eu sempre quis – diz ele, mas eu solto-me bruscamente.

Passam minutos; parece uma hora. Eu estou no chão, enroscada, a chorar lágrimas quentes para o nosso tapete novo em folha, comprado apenas três semanas antes num *showroom* em Frome. E depois estou escondida no nosso quarto de banho, atrás de uma porta trancada, com o Sam do outro lado, a sua voz baixa para não acordar os miúdos, mas feroz, desesperada.

– Por favor, sai. Por favor, deixa-me explicar.

Oh, a entediante previsibilidade disto tudo, o miserável *cliché* das nossas vidas. Um casamento fracassado aos trinta e quatro anos, uma infidelidade, uma *stalker* obsessiva e vingativa como amante, além do mais. O pior de tudo é o nojo que sinto, não do Sam ou da Julia, mas de mim. Pois bem no fundo sempre soube que isto iria acontecer, e quando acontecesse, eu sabia que seria minha culpa.

Estou a pensar numa noite da nossa lua de mel (duas semanas numa vivenda em Antibes, um presente do meu pai) em que o Sam bebeu demasiado *brandy* depois do jantar. Estávamos num daqueles restaurantes com toalhas de mesa brancas e demasiados empregados, onde dois homens de fraque vigiavam todos os nossos movimentos. De súbito, o Sam começou a chorar, o Sam que nunca derramara uma lágrima nos quatro anos que eu o conhecera, nem sequer quando a minha mãe morreu.

– Meu Deus, o que se passa? – perguntei-lhe.

– Não sei se sou eu quem tu realmente amas – disse ele, numa voz pastosa e embebida em *brandy*. Nenhuma menção do teu nome: nunca há. Ele disse-me que encontrara uma fotografia dele e de mim, tirada durante o nosso último ano de universidade. Estávamos sentados a uma mesa, uma festa de aniversário de alguém, e toda a gente estava a rir ou a sorrir exceto eu.

– Parecias tão triste – disse ele. – E no entanto só estávamos juntos há uns meses, nessa altura. Se era mesmo a mim que tu querias, porque estavas tão triste?

– A minha mãe estava a morrer, Sam – disse eu, desnecessariamente. Ele, mais do que a maioria das pessoas, devia compreender as implicações.

– Claro que eu sei isso. Mas a expressão da tua cara, não acho que tivesse a ver com ela. São os teus olhos. Parecem atormentados naquela fotografia. Ainda parecem, às vezes.

A minha memória daquela fotografia é nebulosa, mas imagino a forma como os meus olhos poderiam arder, não com mágoa, mas sim com vergonha e arrependimento. Depois de eu te deixar, um destroço de culpa e ódio próprio, o Sam aceitou-me de volta e dedicou-se a reconstruir-me pouco a pouco. Eu não teria sobrevivido sem ele. Precisava da sua bondade para me sustentar, precisava de me alimentar do seu bom conceito de mim, e acima de tudo, precisava dele para me manter segura. Foi extremamente egoísta, mas ele permitiu que eu o fizesse, permitiu que eu construísse um casulo à nossa volta, escondendo-nos no quarto dele, perdidos para o mundo exterior. Vivemos assim, absurdamente insulares, durante um ano inteiro, e depois da universidade casámo-nos logo e começámos a nossa vida perfeita, simples e artificial. Mas por baixo daquilo tudo, no centro de tudo, estavas sempre tu.

Percebo agora, ao endurecer-me para a conversa que tem de acontecer do outro lado desta porta de quarto de banho, que o Sam lida com o teu espectro há tantos anos como eu.

Encontro-o sentado ao fundo da cama, com a cabeça nas mãos. Ergue o olhar para mim.

– Estou tão arrependido.

– Eu sei que estás. – Sento-me ao lado dele. – Meu Deus, Sam, ela está apaixonada por ti. Foi por ela que quiseste sair de Londres, não foi?

– Achei que podíamos começar de novo e eu podia fingir que nunca tinha acontecido. Mas isso não bastava para a Julia; ela recusou-se a aceitar que tinha acabado. Claro que ignorei os telefonemas dela. Só queria que ela desaparecesse.

– Foi mesmo só uma vez?

– Sim. Sou um idiota.

– Não percebo. Porquê ela?

– Estava bastante bêbado. E zangado contigo. Foi durante uma das fases em que não falávamos, quando tu parecias passar o tempo todo a amuar no quarto. Sabes que eu odiava isso; sentia-me tão isolado de ti. Sei que é por causa da tua mãe, mas tu às vezes simplesmente desapareces, não lidas com as coisas. Não te estou aculpar, eu odeio-me pelo que fiz, mas sentia-me sozinho e a Julia estava ali à mão. Fez-me sentir bem comigo mesmo. Queria-me, queria-me mesmo, e era uma

sensação tão diferente, como tu eras quando te conheci, mesmo no início, antes... – Ele hesita e o teu nome paira no ar, mas ele consegue continuar. – Mas depois ela ficou obcecada. Começou a seguir-me na escola, aos fins de semana. Eu estava no Sainsbury's contigo uma vez a escolher vinho e vi-a parada a poucos metros de nós, a observar. Por isso é que tínhamos de nos mudar. Eu já não aguentava mais.

– Tu és a única pessoa em quem sempre confiei. Sabes isso, sabes como preciso de ti.

A minha voz está a falhar, e o Sam estende uma mão para mim, mas eu ignoro-a. Ficamos cerca de um minuto em silêncio. Estou a pensar que ia sempre dar nisto. Estou a pensar que a tensão de estar à tua altura foi o que matou o nosso casamento, matou o Sam, em todo o caso. Estou a pensar que o Sam, o pobre e infiel Sam, não tem culpa, na realidade.

– Passámos por tanta coisa, tu e eu. Dois filhos. A tua mãe... – Ele cala-se, não precisa de dizer mais. Ela morreu quando eu ainda estava em choque com a farsa de te perder. Cancro da mama repentino, dez meses desde o diagnóstico até um funeral com trezentas pessoas na nossa igreja local, em Blackheath. O Sam casou comigo pouco depois, um casamento minúsculo na mesma maldita igreja, um gesto de tão infinita bondade que eu não posso acreditar que chegámos a este ponto.

– Olha – diz ele. – Nós vamos para a Cornualha amanhã; os meus pais ficam com os miúdos e nós podemos falar.

– Não posso ir para a Cornualha agora. Como é que podes pensar nisso, sequer? Não posso ficar em casa dos teus pais, não com isto entre nós.

– Mas eles vão ficar tão desiludidos se não formos. Os miúdos também.

– Meu Deus, Sam, não sei o que havemos de fazer. Não sabia que isto ia acontecer. Mas talvez precisemos de um tempo afastados para pensar.

– O que estás a dizer? Foi um erro, não volta a acontecer. Nós não precisamos de fazer nada exceto tentar esquecer que aconteceu.

Desta vez sou eu que estendo a mão, e o Sam agarra-a e aqui estamos nós, carne contra carne, como estivemos tantas vezes antes, só que agora a sensação é diferente.

– Nós somos tão bons a enterrar a cabeça na areia. Mas agora isto aconteceu e temos de fazer perguntas a nós próprios, como: Somos mesmo felizes juntos, no fundo? Tu dormiste com outra pessoa, Sam. E fizeste-o porque estavas insatisfeito comigo.

– Meu Deus, porque é que aquela bruxa tinha de aparecer aqui? Porque é que ela está a tentar arruinar as nossas vidas?

– Porque está apaixonada por ti. É assim tão difícil de acreditar?

– Tu amaste-me em tempos.

– Ainda amo.

Mas sempre mais a ti. Ele sabe-o e eu sei-o e agora isso parece mais importante do que qualquer outra coisa, incluindo esta aventura com a Julia que irrompeu pelas nossas vidas com a força de um vendaval.

Quatro meses antes: Lucian

E stamos reunidos em Colton House a assinalar outro dia de limbo antes do funeral da minha mãe. Uma palavra sobre este antro de iniquidade, mais conhecido como um clube privado que era tão fixe, urbano e enfaticamente não-campestre que provocou um furor mediático quando abriu há dez anos e atrai, desde então, um fluxo constante de músicos, personalidades mediáticas e aristocratas cocainómanos. Ou se ama ou se odeia Colton. Para entrar, temos de preencher uma candidatura elitista de dez páginas que tem a fama de enfurecer qualquer um. Se conhecemos as pessoas certas e usamos a roupa certa, se temos dinheiro suficiente na nossa conta bancária, e por falar em dinheiro, qual é o seu banco, nós esperamos mesmo que seja o Hoare's.

– Que simpático, um clube só para imbecis – disse a Rachel uma vez, embora não se tivesse queixado quando o seu próprio ingresso foi rapidamente sancionado pelo comité de aprovação. O Jack faz parte da comissão, escusado será dizer. Onde quer que vamos, as pessoas desejam-no. Tem o seu exército pessoal de fãs: não é só a Alexa, com o seu desgosto amoroso mal disfarçado, ou a Celia, que ainda ostenta a sua paixão como um rubor adolescente, ou eu, o Harry e a Rachel, que nos sentimos sempre no nosso melhor quando o Jack está por perto. É o chefe de sala em Colton, o pessoal do bar, o carteiro que partilhamos («Ele faz-nos sentir que temos três metros de altura, não faz?»). Mas é a nossa amizade, minha e dele, a mais antiga.

Conhecemo-nos no meu primeiro dia no colégio, um daqueles sítios grandiosos e prestigiados, outrora frequentado por membros da família real (o único critério de seleção da minha mãe), e para a ocasião os meus pais e eu chegámos no carro do meu avô, uma fera arrogante, grande e preta, não propriamente com uma bandeira de embaixador mas quase. A minha mãe estava vestida para um *cocktail*, sapatos de salto muito alto escarlates, lembro-me, com uma espécie de vestido com cauda, e fizera-nos chegar mais de uma hora atrasados. Mesmo na altura, com oito anos, percebi o que a chegada representava para ela, como ansiava por atenção e ao mesmo tempo a evitava facilmente. Saída do carro como uma princesa de visita, todos os olhos nela – todos, mesmo: todas as mães (especialmente as mães), todos os pais (especialmente os pais), o diretor a descer as escadas de pedra cinzentas com a sua beca à Poupas, os professores, os rapazes. Eu sabia e não me importava que o meu primeiro dia no colégio interno fosse um acontecimento teatral; o que me preocupava era como iria despedir-me do meu pai sem perder a compostura. Na viagem, a minha mãe dera-me conselhos.

– Nada de lágrimas nem abraços. Só apertos de mão, se te queres adaptar. Queres ser como os outros meninos, não queres?

Quando chegou o momento, claro, eu estendera a mão e o meu pai disse:

– Que se lixe isso – pegou em mim, com a cara encostada ao seu casaco de lã áspero e disse para que todos ouvissem:

– Se alguém te fizer alguma coisa desagradável, telefonas para casa e eu venho buscar-te.

Ele era assim, o meu pai, não queria saber o que os outros pensavam.

Um rapaz do meu tamanho, com o cabelo loiro muito claro, e um sorriso muito doce, veio ter connosco quando nos despedíamos.

– Eu cuido dele – disse aos meus pais. – Já estou aqui há um período, sei como funciona.

Este rapaz, claro, era o Jack, e a partir desse dia tornámo-nos quase permutáveis. Usávamos a mesma roupa (ou melhor, ele pedia a minha emprestada, por vezes vestindo uma camisa ou um par de calças que eu usara no dia anterior). Jogávamos os mesmos jogos – gamão, *black jack*, vinte-e-um. Eu aprendi a atirar, ele aprendeu a atirar. Pescávamos, nadávamos, éramos pares no ténis. Quando crescemos, escolhemos a mesma universidade e partilhámos casa durante os três anos, cada dia e noite, cada fim de semana passados juntos, a beber o mesmo vinho, a ouvir a mesma música, a partilhar comida, roupa, a minha conta bancária. Eu era ele ou ele era eu? Não parecia ter muita importância.

Quando ele chega agora, de mão dada com o seu menino loiro, que está a dar os primeiros passos cambaleantes, vemos as pessoas a olhar. E vemos a Celia, que os segue de perto, a reparar nelas. Não há nada de presunçoso na Celia, eu acho que ela considera cada olhar deslumbrado uma potencial ameaça. Ela tolera o efeito do seu marido impressionante, mas nunca parece totalmente satisfeita com isso.

O problema é que o Jack é uma brasa – descrição da Rachel –, tem piada e veste-se como uma estrela de *rock*, hoje de óculos de sol dentro de casa, *T-shirt* branca acabada de sair da embalagem e um casaco de couro da *Christian Dior*.

– Aquilo de que precisamos – diz ele ao empregado que se aproximou rapidamente – é de algo que nos deixe maravilhados. O que recomenda? Estou a pensar num Margaux ou num Montrachet. Tinto ou branco, meninas?

Ele vira-se para a Celia e beija-lhe a face.

– Tu conduzes para lá, querida, não conduzes?

Ela ri.

– Para casa do Lucian, mais tarde, e deixo-te com a tua bicicleta, queres tu dizer?

O Jack encolhe os ombros.

– Circunstâncias atenuantes. A morte da mãe e tudo mais.

A verdade é que nunca sei se esta nova domesticidade agrada ao Jack. Ele faz disso grande alarde, mudando as fraldas em público, com o saco do bebé descontraidamente pendurado sobre o seu fato *Helmut Lang*. Mas consegue passar quase tanto tempo em minha casa como na sua.

Há um dinâmica interessante em Colton hoje. A Ling e o Harry estão muito oportunamente a partilhar o que julgo chamar-se um *love seat* ², um daqueles sofás com metade do tamanho, a Rachel e eu estamos sentados juntos de um lado da mesa, o Jack está entre a Alexa e a Celia do outro lado, uma representação pictórica das idiossincrasias e transgressões que pulsam sob a existência do nosso círculo fechado. Olho para a Ling e interrogo-me quanto compreenderá, quanto é que o Harry lhe contou. Saberá ela, por exemplo, de mim e da Rachel e do nosso caso intermitente, que começou na universidade e ainda se reacende pelo menos uma vez por ano em três dias de sexo frenético antes de um de nós o suspender? Ou que a Alexa provavelmente ainda está apaixonada pelo Jack e quando a Celia não está por perto, pela forma como brincam e se comportam e riem, poder-se-ia pensar que o casamento lhes pertencia.

Hoje, no entanto, o Jack está em modo deus doméstico. Brinca durante bastante tempo ao «cucu» com o Freddie, que está sentado no joelho dele: óculos de sol para cima, óculos de sol para baixo, cada reaparição perfeitamente cronometrada a despertar um riso de adoração do bebé. Ele muda as suas expressões faciais – surpreendido, exausto, maluco – e o bebé ri ainda mais alto. Ele é bom como pai e sente-se os olhares pousados nele: não só a Celia, a Alexa e a Rachel, como metade das mulheres da sala olham para este artista loiro.

– Dá cá, eu seguro nele – diz a Celia, por fim. – Sei que estás morto por ir fumar um cigarro com o Lucian.

A Rachel, o Harry e a Alexa acabaram de voltar da zona de fumadores, por isso o Jack e eu saímos sozinhos. Mal chegamos lá fora, abraçamo-nos. Começou como uma piada, este abraço exagerado com palmadas nas costas, mas colou, de certo modo. Amor fraternal, poder-se-ia chamar.

– Estás nervoso com o funeral? – pergunta o Jack.

– Sim e não.

Enquanto acendemos os cigarros, pondero contar ao Jack como realmente me sinto. Que a morte da minha mãe despertou em mim um uivo primitivo, munchiano, de arrependimento. Por nunca poder pedir desculpa, nunca fazer as pazes, nunca saber como é estar de boas relações com ela (zangámo-nos poucos anos depois de o meu pai morrer e falámos pouco desde então).

Mas não posso dizer-lhe estas coisas porque ele sempre a odiou por não me amar o suficiente. Foi ao Jack que recorri quando saí de casa aos dezasseis anos, sem saber bem para onde ir. Foram ele e os pais que me convidaram a ficar durante o resto das férias escolares (dividi o meu tempo entre a casa deles e a do meu tio), arranjando outra meia no dia de Natal, mais um ovo na Páscoa, mesmo que eu estivesse a ficar demasiado crescido para estas coisas. A família do Jack vivia numa velha casa de quinta arruinada e o pai dele estava sempre a mudar de emprego, sonhos novos a afogar os velhos. Eles tinham desistido de tudo para mandá-lo para Eton e depois ficaram sem dinheiro. Não sei se ele lhes agradece por isso, crescer entre os superprivilegiados sem ter ele próprio dinheiro nenhum está na raiz de toda a sua insegurança, diria eu. Uma vez disse-me, com os olhos azuis a brilhar: «Tenho de ser rico», e eu cometi o erro de rir da sua sinceridade e da nota de fervor na sua voz.

– Para ti está tudo bem – dissera ele, na única vez em que me atirou o dinheiro à cara. Mas o que ele não percebeu era que eu teria trocado tudo por uns pais como os dele. A sua consistência, a sua bondade – aquilo espantava-me. Nunca houve um dia em que o Jack e eu não fôssemos acordados para comer sanduíches de *bacon* e fazer uma esgotante caminhada por uma colina íngreme acima; à noite, jogava-se cartas à volta da mesa da cozinha com uma espécie de religiosidade. E a comida, meu Deus, eu nunca dei muita importância a comer, mas a mãe do Jack sabia mesmo cozinhar. Costumava preparar borrego com crosta de pinhão no velho forno *Aga* deles, a porta partida apoiada por uma cadeira; batatas que sabiam como se tivessem sido assadas em caramelo.

– Preocupado com as bruxas? – pergunta o Jack, esmagando o cigarro debaixo do pé. Desde que saí de casa que ele sempre se referiu à minha mãe e irmãs como as Três Bruxas. Estávamos a estudar o *Macbeth* no secundário na altura.

– As bruxas, os amigos, os tios, as tias. Há muito tempo que não os vejo.

Uma rapariga que conhecemos aparece cá fora, com um maço de *Silk Cut* na mão.

– Olá – diz ela, com um sorriso extra para o Jack. – O teu bebé está a fazer um berreiro, já agora!

– Obrigado por isso – diz o Jack. A rapariga ri e ele olha-a nos olhos por um momento a mais. Não

sorri, só olha. Se pudesse, avançava; ela é exatamente o género dele.

Voltamos a entrar no bar com o som do Freddie a gritar – quem diria que uma criancinha era capaz de fazer tanto barulho? – enquanto a Celia o abana levemente sobre o ombro, com um ar desesperado.

– Ele está cansado – diz ela. – Tenho de o levar para casa. Tu podes ficar.

Há algo na sua voz, uma monotonia, um toque de frustração, mas o Jack ignora-o.

– Bem, se tens a certeza – diz ele, mal olhando para a mulher enquanto pega na garrafa de vinho. É a Alexa que lhe toca no pulso e, quando ele ergue os olhos para ela, diz com os lábios: «Devias ir», apontando com a cabeça para a Celia. Eu observo a cara do meu amigo durante a sua rápida passagem de emoção, desapontamento transformado em resignação.

– Sabes que mais, querida? Porque é que eu não vou contigo? – diz ele. – Faço alguma coisa para o almoço se quiseres.

A transformação é instantânea. A Celia já sorri abertamente quando passa o Freddie ao Jack, que começa logo uma espécie de movimento rítmico com os óculos de sol, para cima e para baixo, para cima e para baixo. Segundos depois, o bebé está a rir mas com alguns soluços de indignação pelo meio, como se estivesse furioso por se ver tão facilmente entretido.

– Uau, aquilo foi intenso – diz a Rachel depois de o Jack e a Celia partirem num turbilhão de cadeirinhas de bebé e sacos muda-fraldas.

– Ele é bastante bom naquilo, no entanto, não é? – diz a Alexa. – É um pai fantástico. – A voz dela soa completamente uniforme ao dizê-lo, mas eu sei que todos nós, a Rachel, o Harry e eu, percebemos o seu arrependimento. Ela ainda o ama; eu percebo porquê.

– Pedimos comida? – pergunto, e a Alexa diz que não, que vai voltar para Londres.

– Dei a mim própria um prazo completamente desnecessário, vou passar a noite toda a escrever como se tivesse um trabalho escolar para entregar.

A Alexa vai no seu terceiro romance histórico. Escreve histórias de amor passadas em Inglaterra no século XVIII, uma espécie de Jane Austen com tomates. Se me tivessem pedido na universidade para escolher uma carreira para a Alexa, isto teria sido a última coisa que teria escolhido, mas ela tem jeito; os livros estão a vender bem.

O grupo dispersa-se. O Harry e a Ling vão de carro a Bath para investigar um supermercado tailandês que acabou de abrir.

– Motivos puramente egoístas – diz o Harry, pousando um cotovelo no ombro da Ling, cerca de trinta centímetros abaixo dele. – Eu quero comer a comida dela.

Portanto, no fim, apenas eu e Rachel regressamos a Shute Park para a contagem decrescente para o funeral. Sentamo-nos na cozinha durante algum tempo, a conversar com a Mary e a comer as omeletas que ela faz para nós. Estou contente por a Rachel ter ficado; ajuda-me a escapar aos demónios.

– Tens a certeza de que não faz mal tirares tanto tempo de férias?

Ela acena com a mão num gesto de desdém.

– Claro que não faz mal. O que é este meu emprego, de qualquer maneira?

Da forma mais vaga possível, a Rachel trabalha em RP. O principal empregador dela é uma galeria de arte itinerante para a qual ela dispara convites para a imprensa e usa os seus belos vestidos em inaugurações em sítios como Weston-super-Mare. Ela brinca com isso.

– Eu viajo muito em trabalho – é capaz de dizer a alguém que conhecemos numa festa. – Loughborough na semana passada. Amanhã Melton Mowbray.

– Vamos beber uma garrafa de vinho mesmo boa. Tu trataas da música.

Na garrafeira, penso no Jack, por instantes, e em como ele gostaria de estar aqui. Adora a garrafeira do meu tio, que está fanaticamente bem organizada e abastecida com uma coleção de vinhos absurdamente extensa. Para pessoas que dão importância a estas coisas (não posso dizer que seja uma delas), parece que é uma das melhores garrafeiras do país.

Escolho um Meursault, o favorito da Rachel, um *premier cru* de 2007, e regresso à biblioteca, completamente desprevenido para a escolha musical dela. «Wild Horses». Não apenas o álbum – Sticky Fingers – mas a canção. Nunca consigo ouvi-la sem pensar na Catherine, sem vê-la, tão jovem e tão bela, a dançar com os olhos fechados e os braços erguidos acima da cabeça. A última vez que estivemos juntos.

A mudança em mim é instantânea, e claro que a Rachel a vê.

– Oh, Lucian – diz ela, e quando me sento ao lado dela no sofá vejo que os seus olhos azul-ganga estão cheios de lágrimas. – Nunca conseguiste esquecê-la, pois não?

[2](#) À letra, «assento de amor». (*N. do T.*)

Quinze anos antes

Depois do almoço sentámo-nos junto à lareira a acabar o vinho e eu falei-te no meu sonho de ser jornalista. Era mais do que um sonho, na realidade; eu estava a trabalhar para ele desde os doze anos, a escrever para a revista da escola e para o boletim da paróquia local, e aquilo de que mais me orgulhava, uma série de artigos que tinham sido aceites pelo *The Independent* sobre a vida de uma adolescente londrina. Eu entrara para o jornal universitário na minha primeira semana, e esperava secretamente já estar a editá-lo no meu último ano. Depois um estágio no *The Times* ou no *The Guardian*, uma temporada na sala de redação, e a seguir passaria a correspondente de arte, tudo parte do percurso para o meu derradeiro objetivo de estar a editar um dos suplementos de fim de semana quando chegasse aos trinta.

– Tens tudo planeado. Nenhum dos meus amigos sabe o que vai fazer. Nós nem sequer falamos nisso.

Pensei para comigo que talvez fosse porque os teus amigos eram do género que não precisava de pensar nisso, do género para quem o dinheiro nasce mesmo das árvores.

Tu estavas relutante em falar na tua pintura, de início. Eu perguntei se querias ser artista profissional e tu acenaste com a mão, num gesto de indiferença.

– Nunca serei suficientemente bom.

Foi a primeira vez que vi uma fenda naquela tua armadura lisa de colégio privado, um vislumbre de insegurança.

– És, sim. Mais do que suficientemente bom, a avaliar por aquele desenho.

– Sou melhor quando invisto o tempo necessário, e com isto quero dizer todo o dia e toda a noite. Pintar não é uma coisa que possamos encaixar na vida. Temos de fazê-lo continuamente se queremos mesmo chegar a algum lado.

– Que tipo de coisas pintas?

– Varia. Paisagens, sobretudo, mas ultimamente comecei a fazer retratos.

Foi então que me falaste num retrato que fizeras do teu pai, a partir de uma fotografia antiga.

– Foi como ressuscitá-lo um pouco – disseste. – Os olhos dele, o sorriso. De repente conseguia lembrar-me exatamente. E não apenas pela fotografia.

Notei como a tua voz mudava sempre que falavas nele, baixando, suavizando-se. Pensei em perguntar-te como ele tinha morrido, mas não tive coragem, não naquela altura.

– Gostava de te desenhar. Deixas-me?

Abanei a cabeça.

– Talvez um dia.

– Porque não agora?

Encolhi os ombros. Ainda estava a tentar resistir-te naquele momento, o meu braço de ferro

privado. O início de uma ânsia que nunca cessaria. Tu esboçaste o teu sorriso mínimo.

– Não estás a tornar isto muito fácil para mim, pois não?

Quatro meses antes: Catherine

Dizer adeus às crianças quase me quebrou. Não queria que percebessem a tensão entre nós, por isso tinha improvisado a desculpa de que a Liv precisava que eu passasse uns dias com ela.

– Ela está a sentir-se um pouco em baixo. Vou até Londres para cuidar dela – disse eu enquanto as crianças olhavam para mim com um ar incrédulo.

– Não vais passar as férias connosco?

Como odiei ver as lágrimas rápidas da Daisy.

– A Liv precisa de mim, querida – disse eu, apertando o seu corpinho duro contra o meu. – E tu vais ficar bem com o pai e os avós, sabes que vais. São só alguns dias.

Não me sinto bem a mentir aos nossos filhos, mas a verdade é muito pior. O vosso pai traiu-me; aquela mulher que veio a nossa casa ontem, aquela que vos deu *Smarties*, aquela que usa gola alta e batom escuro, era amante dele.

Quando o Sam me deixou na estação – uma viagem sem palavras, sem dar as mãos sobre a alavanca das velocidades – implorou-me que mudasse de ideias. Esperámos que o comboio chegasse à plataforma, o saco de viagem aos meus pés, a olhar um para o outro enquanto eu ponderava a possibilidade de ir para a Cornualha, fingindo perante os pais dele que estava tudo bem. Mas a Julia estava ali, ali mesmo, o meu marido a encostá-la à parede, os dois entrelaçados no seu abraço desleal. Ele diz-me que não teve importância nenhuma; eu penso o contrário. Não podemos reparar o que aconteceu e também não podemos enterrá-lo. Como não haveremos de examinar o facto de o Sam estar tão infeliz que decidiu dormir com outra pessoa? Ou que sou eu que o deprimos, eu com a minha obsessão interminável por ti? Se ele e eu queremos que a nossa relação funcione, eu tenho de encontrar uma maneira de te esquecer. Acabaram-se os recortes de jornal. Acabaram-se as cartas. O fim dos meus sonhos.

A Liv encontra-se comigo à saída do comboio em Clapham Junction e leva o meu saco até um café ali perto enquanto conversamos. Ela exprime todas as emoções certas, incredulidade e espanto perante esta reviravolta inesperada, a infidelidade chocante do Sam, a chegada da Julia à nossa porta, mas são os silêncios dela que mais dizem. Com a Liv, tu estás sempre presente.

– Acho que ele ainda gosta de ti – disse-me ela depois de vocês estarem juntos num casamento, há não muito tempo.

– Duvido – disse eu, terminando a conversa antes que ela pudesse começar.

Mas consigo ver os pensamentos a passarem pela cabeça da Liv enquanto estamos sentadas neste café em tons de azul e branco com o nosso Lapsang Souchong e o bolo de cenoura que nenhuma de nós come. Mais cedo ou mais tarde, ela não vai conseguir abster-se de mencionar o teu nome. Por isso eu não lhe digo que neste preciso momento aquilo que mais me agradaria era estar deitada na praia numa tarde soalheira de agosto, a ver o Sam e o Joe a saltarem da plataforma para o mar, ou

ajoelhada na areia a fazer um dos quadros de algas e conchas que a Daisy adora – uma sereia com olhos verdes, feitos de uma garrafa partida, um nariz cinzento achatado e uma fila perfeita de pedrinhas brancas em lugar de dentes. Gostava de estar sentada na minha cozinha a ver o Sam virar panquecas, o seu espetáculo de domingo de manhã, enquanto eu vou bebendo do nosso bule castanho lascado e a Daisy se senta ao meu lado a desenhar ou a ler ou a brincar com a sua caravana cigana cheia de coelhinhos cinzentos. Eu escolhi o Sam porque ele me fazia sentir segura, aquele rapaz alto e forte, louco por futebol, com a sua moralidade inquebrável. Como pode ter corrido tão mal?

– Era apenas uma questão de tempo até isto acontecer – diz a Liv, por fim. – Tu própria o disseste muitas vezes.

– Eu sei, mas isso não torna as coisas mais fáceis.

Andamos à volta uma da outra, como as amigas próximas fazem, à espera do momento certo para saltar. A Liv quer mergulhar no meu passado, vejo-o, sinto-o; eu quero correr o mais rápido possível na direção contrária.

Conheci a Liv no meu primeiro dia na universidade, a vaguear pela feira do caloiro numa camisa de noite vitoriana e botas grandes e pesadas, com uma flor de papel no cabelo. Começámos a falar quando estávamos na fila para o clube de debate.

– Não têm de participar em debates – a secretária do clube tinha um talento inato para vender – e servimos sempre *cocktails*.

Ambas pagámos as cinco libras de inscrição e nenhuma de nós foi a um único debate em três anos, mas a conversa que tivemos naquela fila durou quase metade da minha vida.

O ambiente muda quando a Liv pega na sua bolsa e a põe na mesa entre nós. Tira um pedaço de papel rasgado, um recorte de jornal ao que parece, e empurra-o sobre a mesa na minha direção.

– Viste isto?

Sei apenas pela expressão da cara dela – expectante? Nervosa? – que tem algo a ver contigo.

– O que é? – digo, examinando a coluna de nascimentos, casamentos e óbitos do *The Times*. Por um momento, não sei o que estou a procurar; é apenas uma amálgama de celebrações, noivados, casamentos e novos nascimentos com nomes como Otto Atticus e Hebe Summer, nunca nada normal, nunca Sarah ou Elisabeth ou James. E depois de súbito um apelido, em maiúsculas, salta-me à vista como se estivesse iluminado por chamas.

WILKES: Serena Elizabeth, morreu tranquilamente em casa no dia 1 de agosto, aos sessenta anos. Muito amada mãe de Emma, Joanna e Lucian.

– A mãe do Lucian – digo depois de uma pausa. – Ele não se dava com ela, lembro-me.

– Não se viam há anos. Mas ele vai estar no funeral, acho. É na sexta-feira.

– Não, Liv. – Não preciso que me diga o que está a pensar.

– Porque não? Eu vou e tu podias vir comigo. Acho que está na altura.

De coração acelerado e boca seca, olho de novo para o anúncio. Uma cerimónia aberta ao público, a realizar na igreja de St. Luke, em Chelsea, às 15h00, na sexta-feira, dia 7 de agosto. Afasto o recorte de jornal como se estivesse infetado. Há tantas razões por que não posso ir a este funeral, especialmente o facto de nunca ter conhecido a tua mãe. Não te vejo há quinze anos, não sei se alguma vez me perdoaste pela forma como te deixei, de modo súbito, brusco, sem qualquer explicação. E depois há os teus amigos, que me odiavam por te ter magoado.

– O Jack e o Harry vão estar lá.

– Sim, mas eu também. Podemos enfrentá-los juntas. Não vai ser tão mau como pensas.

– Porque é que tu vais, de qualquer maneira? Não conheces o Lucian assim tão bem; não é um pouco esquisito apareceres? Nunca conheceste a mãe dele.

O terror tornou-me cruel. Terror, medo, ódio a mim mesma, chamem-lhe o que quiserem. O que mais queria agora é que a Liv promettesse que ia deixar de te ver, deixar de me lembrar constantemente esta dor, esta perda, esta ausência de ti. Eu sei que a minha reação às últimas vinte e quatro horas de caos emocional foi contida e estranha. Quando muito, ao lidar com as sequelas da traição inesperada do Sam, eu senti-me meio morta por dentro. Mas não agora. Agora a mágoa é instantânea e avassaladora; é como ser acordada com um abanão violento.

– Por amor de Deus, Liv. Por favor não me peças para pensar no Lucian. Ou no Jack. Ou no Harry. Já chega o resto.

A minha voz é demasiado alta neste sítio cheio de crianças pequenas e carrinhos e mães com madeixas acabadas de fazer. As minhas lágrimas, que caem sem aviso, são uma vergonha.

– Catherine.

A Liv estende uma mão sobre a mesa, mas é demasiado tarde. Agora que comecei a chorar, não serei capaz de parar. Chorar por ti, chorar por mim, pelo Sam e pelos miúdos. Chorar pela encruzilhada, lúgubre e maldita, que insiste em surgir uma e outra vez, atormentando-me com a minha escolha.

Quatro meses antes: Lucian

Em tempos de crise, recorro muitas vezes ao Jack. Ele espera comigo à porta da igreja até vermos o carro fúnebre chegar, e logo atrás o carro que transporta as minhas irmãs e os seus monstruosos maridos. Foram sempre eles que mais me odiaram, os maridos, algo relacionado com o facto de trabalharem como escravos nos seus empregos no centro financeiro de Londres de segunda a sexta enquanto eu – palavras do meu cunhado, não minhas – «passo o dia a pastar no meu pequeno império do Somerset».

– Primogenitura – poderia eu ter argumentado. – É o que se tem com famílias como a nossa.

Mas parecia mais simples isolar-me.

O Jack consegue imediatamente atenuar este primeiro encontro. Atrás das costas delas chama-lhes bruxas, mas a verdade é que sempre pareceu preferir a minha família à dele, disfuncional ou não. Quando invoca o seu charme, como faz agora, puxando as minhas irmãs para um abraço há muito perdido, as mulheres mais velhas em particular parecem derreter. Quando elas chegam a mim, ambas estão a sorrir. A Joanna, mais baixa, mais anafada e sempre um pouco mais simpática, saúda-me de braços abertos.

– Bons olhos te vejam – diz ela.

Há até uma leve camaradagem entre nós os três enquanto vemos os carregadores ocupar os seus lugares atrás do caixão, erguendo-o para os ombros num único movimento experiente. Pais mortos têm este efeito. O choque instintivo de um caixão tem este efeito. Momentaneamente, estamos unidos perante esta nova verdade, a mulher que nos deu à luz presa dentro de uma caixa de madeira reluzente.

Enquanto avançamos em procissão pela nave, procuro os meus amigos nos bancos e encontro-os sentados juntos perto do fundo da igreja. Ali está o Jack com o seu elegante fato preto, a Celia ao lado dele num sóbrio tom azul-marinho. A Alexa troca um olhar comigo quando passamos. Está com uns brincos enormes e brilhantes e eu adoro-a por isso, o elemento *disco* do funeral. Nós, os três irmãos, sentamo-nos no banco da frente, com o caixão da minha mãe inquietantemente perto, logo à nossa esquerda. Por muito que tente concentrar-me nas palavras do vigário, sou puxado para o comboio fantasma de memórias que desejo acima de tudo evitar.

A tristeza foi toda minha depois de o meu pai morrer. Vagueava, desolado, por uma casa que parecia incompreensivelmente festiva. A minha mãe e irmãs, sempre exclusivas, estavam agora sempre juntas, a rir e a cochichar na cozinha, enquanto o conteúdo do cinzeiro crescia e as garrafas de vinho vazias atrás do caixote do lixo se tornavam um exército de vidro. A comida era geralmente uma irrelevância: as minhas irmãs adolescentes estavam sempre de dieta e a minha mãe raramente comia, não que eu visse, de qualquer maneira. Quando o meu pai era vivo, ia ao frigorífico e atirava ovos, queijo, fiambre e tomates para a mesa.

– O que fazemos, miúdo?

Era omeletas, na maior parte das vezes, ou tostas, mas ele levou consigo o relatório de refeições leves para a campa e depois de morrer eu vivi à base de torradas. Estava desconcertado com a minha perda, a dor atroz e sem sentido. A solidão parasítica. Foi então que comecei a beliscar-me, cada vez mais, e com cada vez mais força, escondido no meu quarto azul-claro até uma rede de pisaduras se ter espalhado pelo interior dos meus braços. Não era um pedido de ajuda – longe disso; sempre quisera evitar a atenção da minha mãe. Era mais um vício em dor física, a deliciosa sensação de me magoar até os meus olhos arderem e todos os outros pensamentos se reduzirem a nada. Ainda me lembro da sensação.

Descobri a verdade sobre como o meu pai morreu horas antes de ter de regressar à escola. A minha mãe estava com a sua amiga Marianne, a meio de outro almoço longo. Ouvi-as falar, rir, fazer tinir os copos, ao aproximar-me da cozinha: *Salut!* – o brinde que a Marianne fazia sempre, quer estivessem a chá ou vodka.

Estava prestes a entrar quando ouvi o meu nome.

– Querida – disse a Marianne enquanto eu pairava junto à porta da cozinha. – Acho que o Lucian inspira alguma preocupação. Está tão magro e parece, bem, extremamente infeliz.

– Claro que está infeliz. Acaba de perder o pai.

Ouvi o clique metálico quando a minha mãe abriu o seu *Zippo*. Imaginei a boca dela, pintada com batom, a inalar o fumo, de olhos fechados.

– É horrível para todos vocês, eu sei. Mas o Henry e o Lucian eram tão próximos. Interroguei-me se não poderia ajudá-lo falar com alguém. Tu sabes, um profissional.

– E o que é que um psiquiatra lhe vai dizer? – A raiva na voz da minha mãe insinuou-se por baixo da porta. – «Com que então o teu pai suicidou-se? Como é que isso te faz sentir?»

A súbita compreensão foi como se alguém estivesse a segurar-me a cabeça sob uma torrente de água gelada. Não um ataque cardíaco como eu pensara, mas sim uma escolha. Ele escolheu deixar-me. Sentado aqui entre as minhas irmãs, duas décadas mais tarde, ocorre-me que elas teriam sabido exatamente como o meu pai morreu e que talvez não contar ao seu irmão de dez anos fosse um ato de bondade. Percebo que a minha mãe, que agora jaz a metros de distância, tão perdida para mim como ele estava, deve ter sofrido com a sua morte, deve ter sentido o seu papel nela, e estava talvez, de alguma forma, envergonhada.

O velório tem o tom surrealista de um pesadelo, uma festa regada a champanhe para quatrocentas pessoas na casa de tijolo castanho estreita e alta, de quatro pisos, da minha mãe. A última vez que estive aqui foi aos dezasseis anos e fico aturdido com a sua familiaridade, a saturação de *Acqua di Parma* e veneno borrifados como sangue nos tecidos que a decoram.

Os pretensos amigos da minha mãe, um tapete rolante de sexagenários que se recusam a envelhecer, fazem fila para me cumprimentar.

– A ovelha negra regressa – exultam, um atrás do outro, e demoro algum tempo a chegar aos meus amigos, enfiados num círculo encolhido no canto mais distante da sala de estar.

– Como vai isso? – pergunta o Jack, abraçando-me pela segunda vez hoje. – Já alguém te chamou cabrão?

– Tudo bem? – pergunta o Harry, agarrando ambos os meus ombros e olhando-me nos olhos por um momento a mais. Está com um fato de veludo preto e os seus sapatos de pele de cobra feitos à mão; a sua fatiota de chulo, chamávamos-lhe sempre, embora isso pareça menos adequado agora.

A Ling, num vestido solto preto e sapatos de salto alto, está quase irreconhecível.

– Estás linda – digo, baixando-me para abraçá-la.

– Sinto muito pela tua mãe, Lucian – diz ela na sua voz baixa e formal.

Estou prestes a fazer a minha piada habitual – que estou melhor sem ela – quando me inunda uma onda de arrependimento, aqui na casa da minha falecida mãe, um sítio onde em tempos também eu vivi. Surge-me a memória, como sempre, da última vez que estive nesta sala de estar, pintada de amarelo-limão, na altura.

A minha mãe, bêbada, a titubear sobre saltos altos, uma raiva feroz naquele rosto ilustre:

– Como te atreves a culpar-me pela morte dele? Como te atreves?

E eu, com a certeza de um adolescente de dezasseis anos:

– Porque tu o traíste. Enganaste-o.

Ela nunca me perdoou; eu nunca tentei perceber.

– Eu também, Ling – digo, em vez disso. – Eu também sinto muito.

O Harry apanha uma empregada que está a passar e pega em duas garrafas de champanhe.

– Está aqui um filho de luto – diz ele, apontando para mim em jeito de explicação.

Volta a encher os nossos copos e há momentos de alívio agora, minutos inteiros que quase podiam passar por qualquer outro dia. As tensões habituais estão presentes – a Alexa com um ar demasiado bonito, demasiado sedutor, num vestido que, agora que tirou o casaco, se percebe não ter costas. A Celia, outra rapariga bonita, mas com uma tendência para se vestir como a mãe, esforça-se muito para se integrar no nosso grupo, e é sempre o ato de se esforçar que a destaca.

Está a perguntar à Alexa pelo livro dela, o que nós, os demais, percebemos ser a última coisa de que a Alexa quer falar.

– Está a correr razoavelmente bem – diz ela, tentando, e conseguindo em parte, afastar a hostilidade da voz. Nunca conheci um escritor que quisesse discutir o processo de escrita numa festa.

– Mas como é um dia normal para ti? – insiste a Celia. – Quanto escreves? Tens um número de palavras mínimo ou algo assim?

– Querida. – O Jack põe o braço à volta do ombro da Celia. Beija-lhe a face. – A Alexa está a passar-se. Tu estás a lembrar-lhe prazos que ela preferia esquecer.

É um mestre na destilação, o Jack.

– Desculpa, Alexa – diz a Celia, e depois passa para a Ling.

Eu acho que o problema da Celia é em parte uma incompetência na conversa de circunstância e sobretudo o seu desconcerto entre os nossos amigos.

– Tens muito contacto com a tua família? – pergunta ela à Ling.

A Rachel e a Alexa começaram outra conversa, mas abandonam-na para ouvir a resposta da Ling. Todos nós, acho, estamos fascinados pelo contraste entre o mundo da Ling e o nosso.

– Eu escrevo-lhes – diz ela – e o meu irmão responde às cartas.

– Não lhes telefonas? – pergunta a Celia. – Ou podias usar o Skype.

A Ling ri.

– A primeira coisa que o Harry fez foi comprar-me um portátil para eu poder falar por Skype com eles. Eu disse-lhe que seriam precisos mais cem anos para o *Wi-Fi* chegar à nossa comunidade. A minha família vive numa aldeia rural com pouca modernização. Não há telefones, a eletricidade quase não existe, cozinha-se sobre o fogo, lava-se a roupa no rio. – Ela encolhe os ombros. – Não posso esperar que percebam. É muito diferente.

– Parece quase Amish – diz a Rachel. – Desculpa, é mau dizer isto?

– Claro que não. Tens razão. Se visitassem a minha família, ficariam espantados. Pensariam que era como voltar atrás no tempo, talvez cem anos. É uma parte muito pobre da Tailândia e uma vida simples, mas foi um sítio encantador para crescer. Tranquilo, vagaroso.

Eu olho para o Harry e vejo a forma como observa a Ling, e dá-me alguma vontade de rir. Não há qualquer tentativa de esconder o orgulho dele; é bem evidente. O mais engraçado na Ling é que quanto mais a conhecemos, mas velha parece. Mais madura do que qualquer um de nós, isso é certo.

Avisto a minha irmã Emma do outro lado da sala, a atenciosa filha mais velha, rodeada por um grupo devoto de amigos da minha mãe. A Joanna está a falar com o vigário enquanto o marido espera obedientemente a seu lado, um daqueles tipos lastimáveis que casam com a mãe e passam os trinta anos seguintes à espera de permissão para se peidarem. Os meus olhos passam de grupo para grupo e o meu coração sobressalta-se, dolorosamente, quando reconheço a melhor amiga da Catherine. Porque é que ninguém me disse que estava aqui? Mantive-me em contacto com a Liv ao longo dos anos, mas nunca o suficiente para expulsar a desconfortável memória de nós os dois num *pub* em Bristol pouco depois de a Catherine e eu terminarmos. Eu estava bêbado, taciturno, possivelmente a chorar; ela devia estar desesperada para escapar.

– Porque é que ela me deixou? – perguntei-lhe. – Porque é que ela o ama mais do que a mim?

Nunca esqueci a resposta dela.

– Não acredito que ame – disse ela, finalmente. – Não acredito que alguma vez venha a amar alguém como te amou a ti.

Quando a Liv me apanha a olhar, acena com a mão e vem até ao nosso lado da sala, onde é imediatamente engolida pelos meus amigos. Abraços e beijos e exclamações de pesar da parte de todos: «Passou demasiado tempo!»

– Que vestido incrível, Liv – diz o Jack, e com razão. A Liv traz um vestido turquesa com uma saia rodada, e um casaco de malha minúsculo sobre os ombros. Com o seu luminoso cabelo oxigenado e brincos em forma de relâmpago, parece uma rainha de baile de finalistas futurista, uma Sandra Dee roqueira. Gostava de fotografá-la e inverter aquelas cores num retrato mais tarde, o vestido azul-elétrico, o cabelo dela de um ruivo intenso, à Egon Schiele.

O Harry apresenta a Liv à Ling. – Esta é a minha mulher – diz ele, e embora eu note surpresa perante a diferença de idades, ela é efusiva nas suas felicitações.

– Deixa-me ver esse anel – diz ela, e a Ling estende o dedo, com o seu diamante do tamanho de um ovo de codorniz.

– Comprado em Banguécoque. Nós achamos que deve ser falso – diz o Harry, enchendo ao mesmo tempo o copo da Liv.

A conversa passa para a minha festa de verão, que dou todos os anos sem saber bem porquê. Tornou-se um acontecimento um pouco ridículo, cada festa centrada num novo tema de conversa: ovelhas multicolores no horizonte num ano – que parvoíce foi –, um grupo de trapezistas pendurados bem alto acima da pista de dança e desta vez uma frota de barcos a remos pintados de cores garridas, no lago. Eu envio sempre um convite à Liv, mas ela raramente vem, e fiquei surpreendido quando me enviou um *e-mail* na semana passada a aceitar.

– Tens de ficar – digo-lhe agora.

– Na verdade, combinei ficar em casa de uma amiga que se mudou recentemente para o Somerset. Ela está em Londres comigo de momento.

Os olhos dela estão a comunicar alguma coisa, não sei bem o quê, mas de súbito tenho uma ideia do subtexto e o meu coração aperta-se um pouco só de pensar nisso.

– Queres vir lá fora fumar um cigarro? – digo, segurando-lhe o cotovelo e levando-a através da multidão. Saímos pela cozinha, que a minha mãe claramente remodelou desde os meus tempos: é toda em ardósia cinzento-escura e madeira de castanheiro, mais estilo baixa de Nova Iorque do que velhota rica de Chelsea. Uma vez lá fora, juntamo-nos debaixo da cerejeira onde eu me escondia e amuava e fumava cigarros ilícitos nos velhos tempos.

– Espero que não aches que é estranho eu estar aqui – diz a Liv. – Não conhecia a tua mãe... – Ela interrompe-se, encolhendo os ombros como se pedisse desculpa.

– Foi bom teres vindo. Fico agradecido. Quanto mais caras amigáveis, melhor.

A Liv e eu ficamos debaixo da árvore a olhar um para o outro enquanto eu acendo um cigarro e sopro o primeiro jato de fumo. Vou perguntar-lhe pela Catherine. Eu sei-o, ela sabe-o, e a pergunta paira entre nós, com as letras a formarem-se no éter.

– Como é que ela está? – digo finalmente, e a Liv acena com a cabeça, uma vez, duas vezes, antes de responder.

– Desculpa fazer-te isto, Lucian, especialmente no funeral da tua mãe. Mas é por isso que estou aqui.

Agora

Eles gostam de medir as minhas melhorias aqui, centímetro a centímetro, ou será milímetro a milímetro? Como falar está fora de questão e eles acabaram todos por aceitar isso, há uma nova campanha para me fazer reagir de outras formas. Os olhos são bons, um aceno de cabeça é incrível. Ainda não consegui fazer um aceno. O Greg diz, de um modo que me parece ameaçador, que vou para casa em breve.

– Vai ajudar tanto se tu puderes comunicar com os teus filhos de alguma forma. Não queres isso, Catherine?

Mensagem subjacente: mãe egoísta, merdosa, e este tipo supostamente é psiquiatra.

Eis o que eles não percebem. Não falar é muito mais difícil do que falar. O esforço necessário para nunca responder é imenso; absorve toda a minha energia, que é exatamente o que eu quero. Eu sei o que eles estão a pensar: voluntariosa, teimosa, obstinada (embora o formulem em termos diferentes: traumatizada, magoada, muda). E de certa forma têm razão. Eu não falo porque quero ficar contigo e isso é mais importante para mim do que qualquer outra coisa. Quero regressar ao ponto onde fiquei, outro início, a promessa de um novo começo, carne contra carne, a tua mão na minha.

Hoje o Sam e a Liv vêm juntos, e embora lhes tenha sido dito, constantemente, que eu percebo todas as palavras que dizem, parecem ter-se esquecido.

Gostava que me deixassem sozinha. Gostava que eles partissem para poder voltar a pensar em ti, mas a conversa deles insinua-se no meu mundo de sonhos, sal sobre neve.

– Acho mesmo que és incrível. A forma como ficaste ao lado dela.

– Claro. Ela é minha mulher.

Sempre este tom de fúria com o Sam, agora. E quando a Liv não diz nada, toda esta raiva, meses e meses dela – a frustração do Sam por eu não falar, a sua devastação com a perda da mulher, a mãe dos seus filhos – parece simplesmente irromper dele.

– Por amor de Deus, não tenhas pena de mim, Liv. Pelo menos poupa-me a isso. Sei o que estás a pensar. Porque é que ele se dá ao trabalho de vir quando ela está apaixonada por outro? Foste tu que voltaste a juntá-los depois deste tempo todo, não foste? Não achas que devias assumir alguma responsabilidade por isso? Tentar fazer de Deus. E olha no que isso deu.

O Sam sai de rompante da sala, fazendo a cadeira das visitas chiar sobre o linóleo, e a Liv sucumbe, com a cabeça tombada sobre os joelhos, a chorar e chorar. E não responder à Liv, a minha querida e estimada amiga, não estender o braço para pôr uma mão sobre o seu ombro, não encontrar as palavras para dizer: «A culpa não é tua» será o meu desafio mais difícil até agora.

Quinze anos antes

Depois da reunião editorial mensal, íamos sempre beber um copo ao Criterion, um pub velho e decadente, popular entre os estudantes, que ostentavam estas coisas com orgulho – o caril mais picante, o pub mais sórdido, o café mais barato da cidade. O editor era um tipo magro e alto, estilo Jarvis Cocker, sem os óculos nem o carisma. Parecia viver num estado permanente de raiva fervilhante, furioso com injustiças grandes e pequenas, até o sistema de multas da biblioteca. Em privado, a Liv e eu chamávamos-lhe Jeff Zangado. Eu não gostava muito destas saídas, mas bebia sempre pelo menos um copo, em parte por delicadeza, mas também para não perder de vista o meu objetivo, um cargo de editora antes de o meu segundo ano acabar.

Estava a meio da minha bebida, a planear a minha partida, quando a porta se abriu e tu entraste com os teus amigos. Eu sabia o nome de todos: Jack, Harry, Rachel, Alexa. O meu coração deu uma cambalhota e eu baixei rapidamente os olhos para a minha bebida. Andava a evitar-te desde o nosso almoço à beira mar sem saber realmente porquê, trabalhava no meu quarto em vez de na biblioteca, e até faltava ao seminário semanal sobre Milton. Seria incapaz de explicar a necessidade de te evitar, só sabia que a ideia de te encontrar inesperadamente me excitava, como acontecia agora, com um ímpeto avassalador de adrenalina.

– O que raio está aquela gente a fazer aqui? – perguntou o Jeff Zangado.

– Eles vão-se embora quando perceberem que não vendem champanhe nem *Chablis* – disse a Melanie, uma aluna do segundo ano de história de quem eu começava a gostar.

Mas tu não te foste embora. Sentaste-te no outro canto da sala, as raparigas aparatosas uma visão incongruente com o seu cabelo cheio de madeixas e os seus cachecóis de caxemira e relógios de ouro cintilantes.

Eu estreitei o meu campo de visão, movendo a cabeça apenas da minha bebida para a minha mesa de amigos fervorosos, por isso não te vi chegar junto de nós.

– Tenho andado à tua procura.

Tentei parecer descontraída.

– Tenho estudado no meu quarto. Distraio-me menos do que na biblioteca.

– E o seminário?

– Adormeci.

Tu reviraste os olhos, irritado.

– Não me parece. Não és do género de adormecer.

Tu baixaste-te, cotovelos na mesa, a cara perto da minha, a voz alta e nítida. Nem sequer nos tínhamos tocado nesta altura, mas a tua proximidade estava a fazer coisas perigosas ao meu estômago, ao meu peito, à minha virilha.

– Eu não quero fazer joguinhos contigo – disseste, com uma franqueza chocante perante os

jornalistas universitários, que estavam a observar abertamente esta conversa.

– Nem eu.

Tu olhaste para mim por um momento, e depois voltaste a levantar-te.

– Vamos a uma festa mais tarde. Vens?

Abanei a cabeça. A perspectiva de uma noite com os teus amigos era intolerável.

– Não me parece.

– Não, não vens à festa? Ou não, não queres passar a noite comigo?

– A festa – consegui dizer. Frases completas e uma respiração normal estavam fora do meu alcance naquele momento.

Desta vez, um sorriso raro e pleno que chegou aos teus olhos.

– Nesse caso – disseste –, tenho em casa uma garrafa de vinho muito bom com o teu nome.

Quatro meses antes: Catherine

Vou encontrar-me com a Liv no Serpentine Café em Hyde Park, sempre um dos nossos sítios favoritos nos velhos tempos. Encontrávamo-nos lá ao domingo de manhã, contando histórias da noite anterior diante de *cappuccinos* fracos, enquanto os fanáticos da saúde passavam a correr com a sua *Lycra* néon. Agora é ela a rapariga de *Lycra*, insistindo numa visita ao ginásio antes de se encontrar comigo. Faz exercício com uma espécie de fervor religioso hoje em dia, meias-maratonas ao fim de semana, idas à piscina às seis da manhã.

Este sempre foi o meu parque favorito. Adoro-o pelas espreguiçadeiras às riscas verdes e brancas, pelas mães de Kensington, com o seu cabelo impecável, a abotoar os casacos das suas criancinhas, e os jovens de patins em linha que andam à volta do lago, serpenteando insolentemente entre os peões, demasiado confiantes e demasiado rápidos, de qualquer maneira, para se preocuparem com as réplicas. Adoro-o pelas árvores – carvalhos, castanheiros e plátanos, sicómoros e tílias, toda uma paleta de verdes e amarelos, com súbitas explosões de cereja e rosa-maçã na primavera. Quando era nova, os meus pais costumavam trazer-me aqui, com o meu próprio casaco azul-marinho abotoado. Caminhávamos de mãos dadas, os três, até ao lago, onde alimentávamos os patos com côdeas de pão que o meu pai guardara durante a semana.

Os meus filhos também adoravam vir aqui, alternando entre a piscina para crianças e a caixa de areia no cimo da piscina pública e o pequeno parque infantil junto ao quartel. Encostando-se à rede de arame, fascinados, enquanto um grupo de soldados da guarda passava a galopar a caminho do Palácio de Buckingham, um acontecimento quotidiano se estivéssemos lá à hora certa. O Joe e a Daisy estão em todo o lado enquanto atravesso o parque, hoje, e sinto vontade de falar com eles, mas estão na Cornualha agora, a surfar ou a apanhar caranguejos ou a pescar cavalas ou talvez abancados numa duna com um dos piqueniques gigantes da avó deles.

– Telefona aos miúdos sempre que quiseses – disse-me o Sam ontem à noite, como se de repente eu é que estivesse em falta. – Mas tens razão, precisamos de espaço para pensar. É melhor não falarmos durante algum tempo.

Quando penso na alternativa – o Sam enfiado num apartamento merdoso, com dois quartos, em Frome, os miúdos a partir para ficar com ele em fins de semana alternados – a única coisa que me apetece fazer é voltar a correr para ele e fechar todas as portas em nosso redor. Eu escolhi o Sam – ou melhor, escolhi voltar para o Sam, depois de ti – e aprendi a amá-lo com uma intensidade que não podia ser contestada. Escondi-me dentro do nosso casamento durante quase treze anos. E embora continue a procurar-te *online* e nos jornais (tão má como a Julia, à minha maneira, com o meu assédio encoberto), faço-o para me convencer de que és feliz, ou talvez uma aproximação menos banal dessa palavra, e que agi bem ao deixar-te e não te obrigar a escolher entre mim e o teu amigo mais antigo. A decisão que tomei foi resoluto e intransigente, tal como os dois mundos que tu e o Sam

habitam: um raiado de perigo, parece-me, o outro tão branco e inocente como um copo de leite.

Ao aproximar-me do café, não vejo a Liv em lado nenhum. Há um casal com um bebé numa cadeira alta, a mãe a estender pedaços arrancados de *croissant*, que o bebé agarra e deixa cair ao chão. Duas raparigas falam arrebatadamente enquanto os seus cafés arrefecem, intactos, diante delas, e mesmo à entrada três ciclistas bebem de garrafas de *Evian*. Estou prestes a sentar-me a uma mesa quando reparo, no perímetro da minha visão, num homem alto encostado à vedação de madeira que circunda o lago. Todo o meu corpo vacila com o afluxo de sangue instantâneo e febril do reconhecimento. O meu instinto é fugir, mas é demasiado tarde, demasiado tarde. Tu viras-te, vês-me e acenas com a mão, um aceno descontraído e neutro que me faz lembrar o nosso início. Estou paralisada aqui a olhar para ti, em carne e osso, não apenas as fotografias bidimensionais que se tornaram o teu substituto ao longo dos anos.

O choque deve estar estampado no meu rosto, porque assim que estás perto o suficiente, dizes:

– A Liv não te disse, pois não?

– Ela sabe que eu não teria vindo.

E estas são as minhas primeiras palavras para ti em quinze anos. Observo-te a inclinar a cabeça. Um ar de resignação cruza o teu rosto.

– Não queria que soasse assim.

– É mesmo assim tão mau voltar a ver-me?

– O contrário de mau.

Tu sorris, então, o mesmo sorriso afetado de sempre, com os cantos da boca para baixo.

– Que tal um café, pelo menos?

Eu quero, quero mesmo, mas tenho tanto medo das perguntas que possas fazer. Estendo ambas as mãos e nós vemos como tremem.

– Não sei se consigo segurar uma chávena.

– Anda, eu levo-ta.

Sigo-te até ao interior do café, onde fazemos fila lado a lado para pedir os nossos cafés. Tu estás com uma camisa de ganga, *jeans* pretos e um par de *Converse* que já foram brancas. De costas para mim, posso olhar para as tuas mãos, dedos bronzeados, esguios, com as unhas curtas. E o teu cabelo, que ainda se encaracola sobre o colarinho da camisa. Quanto tempo temos? Quero olhar bem para ti, procurar mudanças no teu rosto: barba de um dia, mais espessa do que seria de esperar, rugas novas em torno dos teus olhos. Os nossos pensamentos devem estar sincronizados, pois tu viras-te para mim e dizes:

– Estás exatamente igual.

– Não me sinto igual, isso é certo.

– Dois filhos – dizes, não percebendo a insinuação. – Tão adulta.

– A Liv contou-te o que aconteceu?

– Sim. Sinto muito.

Tu equilibraste os nossos cafés num tabuleiro preto de plástico e leva-los lá para fora, para a mesa mais próxima do lago. Há um momento de silêncio, estamos ambos à procura das palavras certas. Eu vejo-te levantar a tua chávena e pousá-la de novo sem beber.

– Estás destroçada, não estás? Desculpa, talvez este encontro seja um erro.

– Não sei se estou. Destroçada, quero eu dizer. Acho que no fundo há um sentimento de alívio por pelo menos termos começado a falar.

Penso mas não digo que as coisas nunca estiveram muito certas entre nós. Como podiam estar? Como podia alguém ser a pessoa certa depois de ti?

Tu inclinas-te um pouco mais para mim, apenas uns centímetros, mas o suficiente para me arrepiar. O teu rosto, um pouco mais velho, é verdade, ainda é estupidamente atraente, embora isso nunca tivesse sido o mais importante para mim. Inconcebivelmente, quero estender a minha mão para a tua.

– Não acredito que és tu – dizes, como se lesses o meu pensamento. – Tinha perdido a esperança de voltar a ver-te.

O meu coração bate descompassado. É difícil respirar.

– Eu também.

Penso em quão mais fácil tem sido manter-me informada sobre ti, folheando os jornais ou navegando a Internet em busca de fotografias novas e quase sempre as encontrando. Comigo não há Facebook, nem Twitter, nem Instagram. Eu queria desaparecer e foi isso que fiz.

Empurras a tua chávena para um lado, como se quisesses falar a sério, e agora estou encolhida por dentro, pressentindo a pergunta, contando os segundos até a fazeres. Eu sei que vem aí. Vejo-a. Vejo-a.

– Estou a esforçar-me muito para não te perguntar isto, mas não adianta. Tenho de saber. Podes contar-me o que aconteceu? Porque fugiste?

A vaga de frio é imediata, a sensação de que não há escapatória. Memórias que não quero invadem o meu cérebro.

Levanto-me abruptamente e a minha cadeira vira-se, caindo com estrépito no chão.

– Catherine?

Tu também te levantas.

– Não consigo fazer isto.

Pegas na minha mão e nós ficamos ali de cada lado da mesa, ligados por este aperto de mão estranho, prolongado.

– Porque não? – dizes tu, apertando-me mais a mão. – Que importância pode ter depois deste tempo todo? Eu sei que algo deve ter acontecido. Algo que eu não percebo.

– Não posso falar sobre isso.

Tu largas a minha mão e sinto-a fria e sem vida, sem a tua.

– Queres que me vá embora? – perguntas.

Sinto um assomo de pânico, uma pressão no peito.

Que partas agora, depois de todo este tempo de separação, é a última coisa que posso suportar.

– Podemos só andar por algum tempo?

Deixamos os nossos cafés e começamos a caminhar lentamente, em silêncio, à volta do lago. As coisas que eu quero são impossíveis. Gostava de encontrar uma árvore, encostar-me a ela e deixar-me envolver pelos teus braços, não para te beijar, apenas para te sentir junto a mim, o calor da tua pele, a tua barba no meu rosto, a tua respiração sobre as minhas faces, e depois gostava de congelar o momento por toda uma eternidade. Impossível não me lembrar da primeira vez que nos beijámos, no teu quarto de estudante há tantos anos. Tínhamos caído na tua cama e tu beijaste cada parte da minha cara: olhos, nariz, pescoço e finalmente a minha boca.

– Há dias que tinha vontade de fazer isto – disseste.

– Tinhas? Mas porquê?

– O que achas? Porque és linda e não consigo parar de pensar em ti.

– Eu não sou linda – disse e lembro-me de que te riste.

Quando me via ao espelho, reparava sempre na palidez da minha pele contra a escuridão do meu cabelo. Achava que tinha um ar deslavado, insípido, fantasmagórico. Tu levaste-me ao espelho de corpo inteiro no canto do quarto.

– Não vês como és bonita?

Puseste-te atrás de mim, levantaste o meu cabelo e beijaste-me a nuca, e a sensação da tua boca na minha pele foi quase insuportável. Passaste lentamente os dedos pelas minhas feições, o comprimento do meu nariz, a largura dos meus lábios. Os nossos olhares encontraram-se no espelho enquanto desapertavas o botão de cima da minha camisa, depois outro e outro, até esta se abrir e revelar o meu *soutien* azul-claro. Não falámos, nem uma palavra, apenas o sangue a pulsar nos meus ouvidos enquanto removias cada peça da minha roupa, mal me tocando, sequer, até eu ficar ali completamente nua. Lembro-me exatamente do choque agudo de erotismo ao encostar a minha pele nua a ti, ainda completamente vestido, as tuas mãos a subirem para tocar os meus seios, a tua boca quente no meu pescoço. A minha primeira experiência de uma aventura sexual bastou para me cativar.

O desejo cega-me, deixa-me sem fôlego. O Sam surge-me no pensamento, o Sam e depois a Julia, e sei que isto será a minha desculpa.

Estamos a meio da nossa volta ao lago agora, em frente ao café, e ao aproximarmo-nos da água, um velhote levanta-se e deixa o seu banco vago. Pego na tua mão e puxo-te para ele, e apenas aquele breve toque de pele contra pele é uma corrente elétrica a trespassar-me. Sentamo-nos e olhamos um para o outro. É agora. A minha oportunidade de reparar quinze anos de arrependimento.

– Pensei em ti todos os dias desde que parti – digo.

Quatro meses antes: Lucian

Estou de ressaca (o funeral de um progenitor tem esse efeito), deprimido (idem), e pela expressão na cara da Catherine – horrorizada, não há outra descrição possível – parece que tudo isto foi uma enorme cilada. Porque é que me estou a sujeitar a isto quando é evidente que os sentimentos dela para comigo não mudaram, nem um pouco, nos últimos quinze anos? Porque sou um idiota, é por isso.

A Catherine está esmagadoramente bela e com um ar um pouco triste, tal como me recordo dela. Olhei para o desenho dela tantas vezes, aquele esboço que fiz mais familiar para mim do que qualquer outra coisa que alguma vez desenhei, e agora aqui está ela, diante de mim em carne e osso. Bela. Triste. Assustada. Está com cara de quem quer fugir.

– É mesmo assim tão mau voltar a ver-me? – pergunto e ela sorri de repente e diz:

– O contrário de mau – e podem chamar-me parvo, mas eu só quero que este momento dure um pouco mais.

– Café? – pergunto, e ela segue-me até ao insípido espaço branco do Serpentine Café, e agora a única coisa que realmente quero é olhar para ela. Ao longo dos anos, esqueci-me de quão escuro o cabelo dela é, aquele castanho-escuro intenso, a cor da terra depois da chuva; e os seus olhos são, percebo agora, maiores e um pouco mais redondos do que os fiz no desenho, mas no fundo a feição verdadeiramente deslumbrante do seu rosto encantador. Vejo-a a observar-me furtivamente e isso faz-me sorrir, pensar em nós os dois aqui fascinados pelos fantasmas do nosso passado. Como poderia ser de outra forma? Penso numa noite em que estamos deitados juntos na minha cama a ouvir os Rolling Stones, Black and Blue, um dos meus discos favoritos. Quando a «Fool to Cry» começou, fui até à janela e acendi um cigarro, soprando pequenas nuvens de fumo para o ar húmido da noite. A canção lembrava-me sempre o meu pai e o seu fim desesperado, e embora eu não dissesse nada, a Catherine soube que estava a pensar nele.

– Ainda sentes falta dele, não sentes? – perguntou.

A astúcia da pergunta e a suavidade da sua voz abalaram-me, e um perigoso mar de tristeza cresceu no meu peito. Não me virei para olhar para ela quando lhe contei como ele morrera, um ferimento de caçadeira na cabeça, não um ataque cardíaco como eu pensara na altura. Finalmente, proferi as palavras que tivera demasiada vergonha de dizer.

– Sinto-me de certo modo responsável por não ter sido capaz de tornar a vida dele digna de viver.

– Tinhas dez anos. Não tiveste culpa, não podes pensar isso. Não teve nada a ver contigo.

– Nós éramos uma equipa, o meu pai e eu, ele e eu contra o mundo, ou pelo menos contra a minha mãe e as minhas irmãs e o seu pequeno clube de três elementos. Mas ele deixou-me de qualquer maneira.

A Catherine não disse nada, não naquele momento; limitou-se a caminhar até à janela, abraçando-me por trás, com o rosto aninhado no espaço entre as minhas omoplatas, à espera de que eu me

voltasse. Mas mais tarde, quando estávamos prestes a adormecer, lembro-me da voz dela na escuridão.

– Nunca te vou deixar – disse.

Mas algumas semanas mais tarde foi exatamente isso que fez.

A pergunta que está eternamente tatuada sob a minha pele emerge de mim antes de conseguir travá-la.

– Podes contar-me o que aconteceu? Contar-me porque partiste?

É óbvio que vou fazer esta pergunta, que mesmo depois deste tempo todo ainda preciso de saber o que se passou. A forma como ela me deixou, apenas uma mensagem rabiscada no meu caderno de desenho, sem explicação – *Mudei de ideias. Não posso fazer isto. Não posso continuar a ver-te* – a sua recusa completa em alguma vez voltar a ver-me ou falar comigo, enlouqueceu-me, acho. E vivo na sombra dessa loucura desde então. Mas esta Catherine, aquela que diz ser diferente, esta mãe de um rapaz quase adolescente, levanta-se tão violentamente que a cadeira dela tomba e eu vejo um horror real surgir-lhe no rosto.

– Não posso falar sobre isso – diz ela, e eu penso, meu Deus, ela vai mesmo abandonar-me outra vez. Está a esconder alguma coisa, percebo-o imediatamente, e interrogo-me porque demorei todos estes anos a perceber. Mas o quê? O que poderia ser tão mau a ponto de ela não ser capaz de me contar na altura; o que fez com que nunca mais quisesse ver-me? Atormentei-me com esta pergunta ao longo dos anos, e agora, ao olhar para o seu rosto ansioso, ao ouvir a sua voz torturada, percebo que nunca me contou a verdade. Mas não posso pressioná-la mais; se o fizer, ela vai fugir e isso é a última coisa que eu quero.

Caminhamos até ao outro lado do Serpentine sem dizer uma palavra, enquanto patinadores deslizam entre nós e corredores passam e crianças se agacham junto à água para largar os seus pedaços de pão. Sentamo-nos num banco vazio e ela olha para mim e diz: «Não houve um dia em que eu não pensasse em ti», eu percebo quão difícil é para ela dizer estas palavras, a sua versão de um pedido de desculpa. Compreendo que o que ela está realmente a dizer é por favor, podemos começar de novo? Por isso vou ficar aqui mais algum tempo, a absorver o encanto dela, esta rapariga que outrora me destroçou o coração.

A conversa torna-se mais fácil. Pergunto pelas crianças e ela mostra-me fotografias no telemóvel. A menina, a Daisy, uma versão em miniatura da mãe, fora o cabelo revolto, encaracolado, está pendurada de cabeça para baixo do ramo de uma árvore, com um sorriso desdentado invertido.

– Ela parece divertida e corajosa – digo.

– É corajosa. De um modo preocupante, por vezes. Gosta de arriscar. O contrário de mim.

Sim, isso é verdade, penso eu. Tu escondeste-te numa vida menor. Não estavas preparada para te aventuras comigo. A fotografia do rapaz, o Joe, e do pai deixa-me estarrecido. Estão a jogar cartas e a beber de canecas às riscas azuis e brancas a condizer. Eu lembro-me do Sam, o marido, ao olhar para esta versão mais velha na fotografia. Eu escondia-me nas sombras às vezes e observava os dois a caminhar pela cidade, o braço dele à volta dos ombros dela, o longo cabelo escuro dela a balouçar contra as suas costas. Costumava perguntar a mim mesmo o que é que ele teria que a fazia amá-lo mais.

– Parece simpático – digo, e sei que ela percebe que me refiro ao Sam, e não ao rapaz, quando ela diz:

– Ele é simpático.

– Como é que correu tão mal?

A Catherine não responde, de início, mas quando começa a falar parece incapaz de parar, palavras e expressões e frases quebradas que se atropelam e me espantam com o seu conteúdo.

– A culpa é minha, na realidade, toda ela.

Quando começo a protestar, ela manda-me calar com uma mão impaciente.

– A questão é que eu não devia ter casado com ele e ambos o sabíamos. Porque mesmo que ele se esforçasse muito por me convencer, por nos convencer aos dois, de que tínhamos sido feitos um para o outro, de certo modo nunca estivemos à altura daquilo que tu e eu tínhamos. E isso matou o Sam, tentar provar que era ele quem eu amava e saber, na verdade, que não era. Quer dizer, eu amava-o, ainda amo, tivemos dois filhos juntos, estamos casados há quase treze anos, mas não era igual e nunca poderia ser. E pensei tanto em ti, todos os dias, quase todos os momentos, parecia, às vezes. Era uma tortura, na realidade, pensar e questionar e recordar sem nenhuma esperança de alguma vez voltar a ver-te. Eu costumava obrigar-me a nunca mencionar o teu nome, mas por vezes o Sam via alguma coisa sobre ti nos jornais e mostrava-me e eu tinha de me esforçar tanto para agir normalmente, como se aquilo não tivesse importância, como se tu não tivesses importância, quando no fundo ambos sabíamos que tinhas. Por isso é que ele acabou por se envolver com a Julia, tenho a certeza, e não posso julgá-lo. Eu impeli-o a fazê-lo.

Ela está a chorar agora, mas eu não me atrevo a interromper ou pegar-lhe na mão ou fazer seja o que for para travá-la, pois cada palavra que diz é uma revelação. Não acredito. Não pode ser verdade. A forma como me deixou foi tão cruel, tão final, como se me odiasse, como se eu tivesse cometido um erro. E aqui está ela a dizer-me que a verdade é exatamente o contrário, que pensou em mim, ansiou por mim, suspirou por mim tal como eu sempre suspirei por ela. Isto muda tudo.

– Casei com o Sam – diz a Catherine – porque ele me amava. E porque me ajudou muito quando a minha mãe morreu. A única coisa que queria na altura era esconder-me e enterrar-me onde ninguém me pudesse encontrar. Esforcei-me tanto por te esquecer, mas claro que não consegui. Lembras-te de como nos amávamos, nos compreendíamos, de como costumávamos comunicar sem falar? Telepatia, dizíamos. Como se estivéssemos a viver dentro um do outro. Como poderia eu esquecer-me disso?

Estou a acenar-lhe com a cabeça porque são estas as coisas que tornaram a nossa separação tão impossível de aceitar. Num momento eu era compreendido por esta rapariga, por esta mulher que está agora sentada ao meu lado, como nunca fora compreendido antes; e no outro ela desaparecera. O meu desespero foi esmagador.

– Pensei que me tinhas esquecido – digo, e ela revira os olhos.

– Esquecer-te? Quase não houve um dia em que eu não te procurasse. É como uma maldição. Em cada cidade ou aldeia ou loja ou restaurante a que chego, penso: «Será que ele está aqui?» Sempre que estou na Internet, dou por mim a procurar fotografias tuas. E tu estás sempre lá; mesmo que quisesse, não podia fugir de ti.

– Não percebo. Se me amavas tanto, porque partiste?

Acho que ela está prestes a contar-me a verdade; nos seus segundos de hesitação, vejo-a ponderar: o que aconteceria se lhe contasse o verdadeiro motivo passado este tempo todo? Estou a olhar para o seu rosto encantador e vejo algo semelhante a medo luzir naqueles olhos escuros.

– O que foi, Catherine? Aconteceu alguma coisa? – A minha voz é baixa.

Mas a Catherine suspira e abana a cabeça.

– Será suficiente dizer-te que cometi um erro terrível e que me arrependo dele desde então? Todos

os dias.

Nem sei ao certo quem procura quem, mas ela está nos meus braços, o cabelo dela a roçar a minha cara, as nossas bocas em união. Estamos a beijar-nos, e depressa se torna intenso, e eu sei que ela está a chorar porque sinto a humidade das suas lágrimas na minha face. Ela afasta-se.

– Isto é uma loucura. Nada de bom pode vir disto. Mas eu preciso de ti...

Ela está nos meus braços de novo, e desta vez os beijos são impróprios para um lugar público. Precisamos de parar, temos de parar...

– Podemos ir embora?– diz a Catherine.

Caminhamos, presos um ao outro, para fora do parque, uma caminhada longa, passando por corredores e crianças em idade escolar e casais de idosos, todos quase invisíveis para mim, em direção a Queen's Gate, onde eu mando parar um táxi quase de imediato e nós nos sentamos lá dentro, sem falar, sem nos tocarmos, enquanto a Londres elegante, de estuque branco, passa vertiginosa, até chegarmos à minha rua, ao meu apartamento. Passamos pela porta para uma brancura avassaladora, e no súbito silêncio grave juntamo-nos, finalmente livres para nos abraçarmos, pele sobre pele, boca contra boca, corpos que ardem como lava.

Quinze anos antes

A tua casa estava vazia; os teus amigos estavam todos na festa. Estávamos a sós, voluptuosamente a sós, e eu soube, enquanto a minha pulsação disparava, o que ia acontecer a seguir.

– É esta a garrafa de que estava a falar – disseste, mostrando-me o rótulo. Puligny-Montrachet, palavras com um som lírico que eu nunca ouvira. Serviste dois copos e perguntaste:

– Levamo-los para o meu quarto? Caso os outros voltem?

Não parecia uma cena de sedução, estar sentada a teu lado na cama de casal, nem sequer quando me tiraste o copo da mão e o pousaste no chão. Quando me despiste, peça a peça, ambos a olhar para o espelho, o meu corpo começou a tremer mesmo antes de me tocares. Levaste-me para a cama e deitaste-me, a tua boca a mover-se com uma lentidão perigosa pelo meu corpo; tiraste a tua roupa, ainda a beijar-me, e depois só havia a sensação de te ter finalmente nu nos meus braços. Havia algo que eu precisava de dizer, mas era demasiado tarde, demasiado tarde, e embora não quisesse, fiquei tensa e gritei quando me penetraste. Paraste de imediato.

– Meu Deus, Catherine, porque é que não me disseste?

Ficámos ali, completamente imóveis, a olhar um para o outro, apenas. Estávamos ambos sem palavras.

– Não pares – sussurrei por fim, e comecei a mover-me contra ti muito devagar, e em breve a dor transformou-se em algo mais suportável, melhor do que isso, e tu mantinhas os olhos em mim com uma expressão que ainda recordo exatamente, um ar de absoluta seriedade que me fez arder. Comecei a mover-me mais depressa, puxando-te para dentro de mim, agarrando nas tuas ancas e incitando-te a continuar, continuar até esta sensação nova, deliciosa, de libertação e refreio, chegar a algum tipo de conclusão.

– Devias ter dito alguma coisa – disseste-me a seguir, enquanto eu jazia nos teus braços, à espera que o meu coração abrandasse.

– Queria dizer. Ia fazê-lo, mas depois, não sei, nós entusiasmámo-nos.

– Bem podes dizê-lo. Mas porquê agora? Porquê eu? E o Sam?

Podia ter dito o mesmo que tu me disseras. Que te achava bonito, irresistivelmente bonito, que a única coisa que queria naquele momento era unir o meu corpo ao teu e começar de novo. Mas na altura tinha o cuidado de nunca reforçar o teu ego, já de si demasiado forte, consciente de todas aquelas raparigas à espera de cair como moscas, nunca querendo ser uma delas. Querendo sempre ser diferente. Em vez disso, falei-te numa tarde com a minha mãe uns dias antes de eu entrar na universidade.

– Marquei uma consulta no médico – contou-me ela enquanto estávamos sentadas ao sol de setembro do nosso pequeno jardim em Londres. – Achei que talvez fosse boa ideia arranjar um contracetivo antes de chegares a Bristol. Não queres começar a tomar a pílula, por exemplo?

Olhámos uma para a outra e rimos. Eu podia falar de tudo com a minha mãe, sexo ou a falta dele ou, mais concretamente, a minha absoluta falta de interesse nele.

– Não tenho namorado. Por que raio haveria de fazer isso?

Ela encolheu os ombros.

– Supostamente é boa parentalidade hoje em dia pôr a nossa filha a tomar a pílula. Planeamento a longo prazo, gestão de catástrofes, algo do género?

Não lhe disse o que agora te estava a dizer. Que começava a duvidar que alguma vez houvesse uma pessoa de quem gostasse o suficiente para tomar um comprimido diário por ela; que sempre pensara que alguém entraria na minha vida, um dia, e simplesmente saberia, por fim, que era a pessoa certa.

– Acho que estava à tua espera.

Quatro meses antes: Catherine

Há anos, quinze, para ser precisa, deitámo-nos numa cama exatamente assim, corpos entrelaçados, corações a palpitar. Não conseguias ultrapassar o facto de seres o meu primeiro amante; ficaste chocado e, acho, secretamente satisfeito.

– Porque é que não dormiste com o Sam? – perguntaste.

O Sam e eu estávamos a avançar com calma, amigos primeiro, um ano inteiro a beber café e a conversar pela noite dentro e dar passeios ao luar pela cidade. Depois, finalmente, pela primeira vez, uns dias antes, tínhamo-nos beijado. Era a relação mais lenta do mundo, e até àquela manhã em que tu irrompestes no meu seminário de inglês medieval com o teu cabelo em pé, servira-me perfeitamente.

– Estávamos a conhecer-nos calmamente. E depois tu apareceste e tudo explodiu.

– Importas-te?

Se me importo? Estava em êxtase, eufórica, obcecada, possuída. Só queria unir o meu corpo ao teu, começar de novo, sentir o calor dos teus dedos e boca e língua a percorrer a minha pele. E agora o relógio anda para a frente e estou na tua cama de novo, apanhada numa reformulação bizarra do passado.

– E agora? – perguntas tu, as tuas primeiras palavras depois de um longo silêncio.

É uma pergunta para a qual não tenho resposta. Quero que o meu agora, este agora, seja infinito, se estenda diante de mim; quero ser tu e eu, pensamentos sombrios a pairar fora do alcance, numa rede de segurança acima das nossas cabeças. Há tanto em que tento não pensar, sobretudo a minha traição calculada ao Sam, permitindo a mim mesma usar o pretexto da sua infidelidade para ter a única coisa que sempre quis, mesmo que seja apenas por umas horas. Sei como isto magoaria o Sam, bem mais do que a Julia alguma vez me poderia magoar, e no entanto, desde que me tocaste pela primeira vez – antes disso, desde a primeira vez que te vi junto ao lago –, desejei que todos os anos de fantasia privada se tornassem realidade. Tu e eu nos braços um do outro, pele contra pele, mais uma vez.

– Só isto – digo, e tu percebes logo.

– Isto é perfeito.

A tua boca junto ao meu cabelo, o calor da tua mão pousada na minha coxa, o teu cheiro citrino, a sabão, ainda o mesmo todos estes anos mais tarde.

– Há um problema, no entanto. Eu vou para casa hoje. Para o Somerset. Mas tu podias vir comigo. Não podias?

A rede de segurança rebenta, como eu sabia que aconteceria. Soergo-me, embrulhando-me no edredão.

– Não. Não podia.

A minha voz é mais dura do que queria que fosse, a minha resposta franca, imediata. Consegues vê-

lo, sente-lo, consegues ver o que tanto me apavora? Tu observas-me, com a cabeça ligeiramente inclinada para um lado, e a expressão no teu rosto é a mesma de antes: resignação misturada com desapontamento. Não me admira depois da forma como acabámos de nos devorar um ao outro; aquilo não foi sexo, aquilo foi ânsia, quinze duros anos de ânsia, armazenada e depois libertada da forma mais eletrizante. E agora isto, de volta a onde começámos em Hyde Park há algumas horas.

– Há os miúdos – digo, tentando explicar. – Não posso simplesmente desaparecer.

– Mas eles não estão na Cornualha com o Sam? Porque precisariam de saber, sequer? Não estou a falar de uma eternidade, apenas um dia. Algumas horas, até. Não gostavas de vir? Não gostavas de ver Shute outra vez? Quase não mudou. Podias ver a Mary, ela ainda está lá a cuidar de mim. Lembras-te da Mary?

Claro que me lembro dela, claro que me lembro da tua bela casa. Nunca antes nem depois fiquei num sítio assim. Oh, a torrente de memórias cruéis: tu, eu, o Jack e a Alexa naquele fim de semana perfeito.

O Sam e as crianças estão em Mevagissey, uma aldeia portuária turística que o Joe e a Daisy adoram. Calçadas minúsculas e íngremes, lojas a vender linhas para apanhar caranguejos e caixas de caramelos e centenas de pequenos bibelôs de porcelana, o que eles acham irresistível. E claro que é verdade que com eles os três fora, não há motivo para não poder passar algum tempo contigo no Somerset. Exceto o verdadeiro motivo, e estou a esforçar-me ao máximo para mantê-lo no devido lugar, bem fechado dentro de mim, compartimentado uma e outra vez ao longo dos anos até viver latente num labirinto de caixas, uma pequena bala reluzente de vergonha. Mas ele emerge aqui mesmo no teu belo quarto londrino, na tua cama estilo hotel com a sua torre de almofadas. A luz de início de tarde infiltra-se pelas janelas – um mundo normal lá fora, pessoas às compras e a vender jornais e a beber café – e eu já não estou a pensar em nós, mas sim no Jack.

Soubera quem ele era quase desde a minha primeira semana na universidade; toda a gente sabia. O Jack fora dotado com o tipo de beleza superior que o fazia destacar-se, sem dúvida o tipo mais atraente da universidade. Pelo menos metade das raparigas estavam apaixonadas por ele. Vestia-se melhor do que todos os outros (ou antes, exatamente como tu, uma cópia a papel químico em muitos aspetos), o cabelo dele era mais loiro, os olhos dele de um azul mais penetrante, ele tinha aquele estilo apurado, tipicamente americano. E foi tão amável comigo quando tu e eu nos juntámos – ao passo que a Rachel era distante e ciumenta por vezes, ele fazia sempre questão de me incluir, de me fazer sentir bem-vinda. Quantas vezes é que ele interrompeu uma conversa para ter a certeza de que eu percebia?

– Esperem – dizia ele, interrompendo a Rachel ou a Alexa. – A Catherine não sabe do que estamos a falar. Recuem um pouco.

Outras vezes fazia questão de me dar o lugar mais próximo da lareira, a quantidade certa de gelo na minha bebida, a primeira porção de uma refeição de *takeaway* partilhada. Era abertamente encantador, mas não de uma forma repugnante, e de qualquer maneira, havia sempre o rasgo afiado do seu humor para equilibrar as coisas. Sentíamo-nos sortudos por sermos amigos dele, como se tivéssemos sido escolhidos.

E no entanto a ideia de vê-lo agora, quinze anos mais tarde, enche-me de um pavor que não posso explicar.

– Olha – dizes, irritado, embora tentes não mostrá-lo –, era só uma ideia, esquece que falei nisso.

Atiras o teu lado do edredão para trás e levantas-te. Corpo belo, magro e bronzeado e tonificado; a

definição dos teus músculos faz-me lembrar uma estátua grega clássica, como as que eu mostrei ao Joe e à Daisy, para gáudio dos dois, no Museu Britânico.

– Onde vais?

– Fazer café. Fica aqui, eu trago-o para a cama.

Parece estranhamente íntimo ver-te vestir a roupa que tiraste, roupa interior, depois *jeans*, depois camisa, como se não tivesse conquistado esse direito, por isso viro-me de lado e olho para os livros que tens na mesa de cabeceira. *The Long Firm*, de Jake Arnott. Lembro-me de o Sam o ler uma vez quando estávamos de férias em França. Em cima do Arnott está um livro azul-vivo chamado *The Art of Mindfulness*. Que surpresa.

– Tu meditas?

Tu viras-te e vês-me a examinar os teus livros.

– Ah – um sorriso torcido –, esse não é meu.

Enquanto a porta se fecha atrás de ti, pergunto-me a quem pertencerá o livro de *mindfulness*, se à Rachel ou a outra pessoa, e o súbito e agudo repelão do ciúme deixa-me tonta. Corro o risco de ser apanhada pelo passado. Rachel, Alexa, Harry e Jack, o teu círculo constante de amigos: a perspetiva de os ver é impossível. Não pode acontecer. Não deve acontecer. Se for para o Somerset contigo – e como anseio ser capaz de fazer isso, mesmo que por escassas horas –, mais cedo ou mais tarde vais descobrir exatamente que tipo de pessoa sou.

Quatro meses antes: Lucian

Eu sou um homem típico em certos aspetos. Sexo escaldante, como acabámos de fazer, a Catherine sentada sobre mim mas de costas voltadas, de modo que, mais do que ver, ouvia os seus gritos distorcidos; mais do que saber, sentia que ela estava perto, tão perto; e que quando ela finalmente sucumbisse (berrando o meu nome de uma forma tão intensamente sexual, que só penso em como preciso de ouvi-lo outra vez), depois de todos estes anos em que ambos, provavelmente, fantasiámos com este momento, as paredes ruiriam e o teto desabaria e sentiríamos que todas as nossas vidas haviam sido um prelúdio para este momento. Depois, no entanto, literalmente minutos depois, sinto-me de novo confuso e um pouco paranoico. Peço à Catherine para vir para o Somerset comigo, apenas por um dia ou mesmo umas horas, e ela reage como se a tivesse esbofeteado. Este seu belo rosto, um rosto que desenhei e venerei e desejei por vezes, é também mais expressivo do que qualquer outro que tenha visto. E neste momento, o que percebo é horror, manifesto, cru, exagerado. Tenho pena do que aconteceu entre ela e o Sam, claro que sim, embora fosse bastante fácil não me importar muito. Ela trocou-me por ele há muito tempo, magoou-me de uma forma tão dramática, tão eficaz, que demorei muito tempo a recuperar.

Temos uma ligação tão forte, ela e eu, fisicamente, sim, a ponto de ser quase impossível olhar para a Catherine sem que a roupa dela se incendeie, mas também exatamente como antes, nós conversamos sem falar, sabemos as mesmas coisas, sentimos as mesmas coisas, somos de uma forma insondável a mesma pessoa. Já percebo porque foi tão difícil estarmos separados da última vez. Nós vemo-nos um ao outro, é isso. Vemo-nos um ao outro de uma forma que mais ninguém vê.

Convenço a Catherine a almoçar comigo antes de seguirmos os nossos caminhos separados, e quando chegamos ao restaurante, o Sushi Say, um dos meus favoritos, ela diz: – Vamos começar de novo. Vamos fingir que acabámos de nos conhecer.

Quero tanto como ela esquecer o inferno da nossa rutura e a grande pergunta do porquê, porquê, porquê, e o facto de que provavelmente devíamos ter estado sempre juntos e nunca estaremos. Claro que quero saber o que é que a afastou, mas também fico aliviado com a sugestão dela de uma trégua. Sim, vamos voltar ao início. Sim, vamos fingir, seremos como qualquer outro casal neste restaurante minúsculo, a comer algum do melhor *sushi* que se pode encontrar em Londres. E enquanto comemos, vou ficar a conhecer a vida dela, algumas das lacunas de todos aqueles anos que perdemos, e talvez assim seja capaz de a perdoar pela forma como me deixou, e desta vez, quando nos despedirmos, ambos teremos o ponto final de que sempre precisámos.

Ela fala baixo, por isso tenho de me esforçar um pouco para ouvir sobre o estrépito do restaurante, e de vez em quando noto uma ligeira inflexão que quase esquecera.

– O meu pai é escocês – diz ela. – Não que se note hoje em dia, apenas uma ou outra palavra; quando muito parece mais americano.

O pai da Catherine vive em Nova Iorque com uma mulher com quem casou um ano depois da mãe dela morrer. Percebo que ela ainda não o perdoou.

– Como é a tua madrasta? – pergunto, e os olhos dela brilham com indignação.

– A Carol? Só é minha madrasta de nome. Eu sou uma adulta com a minha própria família. Ela simplesmente é casada com o meu pai, por acaso.

Pois.

– Deve ter sido muito difícil para ti quando a tua mãe morreu – digo, e ela acena com a cabeça, um aceno minúsculo, seco, e começa a falar numa voz rígida e clara. Se eu não soubesse que estava a conter as lágrimas, pensaria que estava furiosa.

– Aconteceu tão depressa. Sempre que dizia adeus, pensava, é o fim, será que vou vê-la outra vez?, e depois, apenas uns meses depois do diagnóstico dela, foi mesmo o fim.

– Desculpa não ter estado presente para te apoiar – digo, e a Catherine responde:

– Não digas isso. Por favor.

A mãe da Catherine adoeceu quase logo a seguir à nossa separação, uma coincidência sinistra que a manteve escondida durante o resto do seu tempo em Bristol. E ninguém compreenderia melhor do que eu o que era uma perda prematura.

Os seus belos olhos estão cheios de lágrimas.

– Eu sei que me terias ajudado, que querias fazê-lo.

– O Sam estava lá para te apoiar. Era melhor nisso do que eu teria sido.

A Catherine suspira.

– O Sam dedicou a vida dele a tentar que eu faça o luto, mas eu ainda não sei se consegui. Tenho medo da dor, o problema é esse.

– Todos temos.

Houve um período na minha vida em que eu tinha tanto medo dela que não sabia se conseguiria continuar.

– E a *tua* mãe? Foi inesperado, não foi? Um ataque cardíaco, disse a Liv. Incomoda-te que faça estas perguntas?

Olho para a rapariga que sempre amei e que provavelmente nunca mais verei e decido aventurar a verdade.

– Eu não me dava com ela, como provavelmente te lembras. Agora está morta e tenho medo que a culpa me domine. – Bato no peito. – Está aqui, por baixo de tudo. Devia ter feito as pazes com ela e não fiz. Devia ter partilhado a minha herança com ela e não partilhei. Devia tê-la perdoado pela traição dela, talvez devesse ter percebido os motivos por que foi infiel, mas não o fiz.

– Tens razão, normalmente há um motivo – diz a Catherine, com a astúcia que recordo de antigamente. Parece triste ao dizê-lo, como se sentisse compaixão pela minha mãe. E talvez tenha razão.

– Só soube dos casos da minha mãe alguns anos depois de o meu pai morrer, mas sabia que ela o deixava infeliz. Só estava à espera de um motivo para a culpar. O meu tio contou-me que ela tivera uma série de amantes, mas que houve um na altura da morte do meu pai por quem ela parecia ter-se apaixonado. Não sei se isto é verdade; fosse quem fosse, eles não ficaram juntos. Mas aquilo deu-me todos os argumentos de que precisava. Odiava-a pela forma como o enganara. Na minha mente adolescente, traição tornou-se sinónimo de suicídio, tão simples quanto isso.

A Catherine suspira, um suspiro longo, trémulo. Parece um pouco abatida, o que não é de admirar.

Também eu me sinto bastante abatido.

– Ela alguma vez o amou?

– Deve ter amado no início, mas eram completamente diferentes. A minha mãe vivia para o *glamour*, roupa, festas, a adulação dos outros. Acho que os gostos do meu pai eram demasiado simples; ela casou-se com a pessoa errada, basicamente. A maior desilusão dela foi não acabar em Shute Park. Se o meu pai fosse vivo, ela tê-la-ia herdado em vez de mim, e esse era o seu sonho, passear-se pela casa grande, dar festas grandiosas. Ela pensou que estava a casar-se com o Grande Gatsby, só que não foi bem assim. Nunca me perdoou por viver lá em vez dela e não me visitava. Nem uma única vez nos últimos treze anos. Eu podia ter feito um esforço maior para a ver; a verdade é que não fiz esforço nenhum. Agora dou por mim a desejar termos feito as pazes.

– Lamento muito – diz a Catherine, mostrando mais uma vez que percebe. Não vale a pena tentar aligeirar a situação, como a Rachel ou a Alexa poderiam ter feito. A única coisa que se pode fazer é encontrar uma forma de eu aceitar o meu arrependimento.

Pergunto à Catherine pela vida dela, não apenas os grandes acontecimentos, mas o quotidiano normal, e enquanto ela fala, relatando idas e vindas à escola para deixar e apanhar os miúdos e visitas ao supermercado, lavar e passar a ferro e limpar e fazer bolos para as festas das crianças, fico impressionado com o contraste entre esta Catherine, mãe de dois filhos com trinta e quatro anos, e a rapariga que eu conhecia.

– Pensava que ias ser jornalista – digo, e uma sombra atravessa-lhe o rosto, mas ela continua a falar.

– Fui mãe muito nova. Não havia espaço para mais nada.

Fico calado porque sei intuitivamente que a Catherine está a pensar nisto, se aquilo que disse é verdade.

– Talvez não tivesse coragem suficiente. É preciso muita confiança para trabalhar nos média. Não é só entrevistar pessoas e conseguir que falem sobre coisas de que não querem falar. Também temos de defender as nossas ideias, dando a entender que somos melhores do que todos os outros. É uma profissão bastante agressiva, percebi. Não sei se estaria talhada para ela.

– Eras bastante confiante quando te conheci. Sabias exatamente o que querias, não te lembras?

Deixo a pergunta implícita suspensa no ar. «O que é que te mudou?»

A Catherine sorri, mas sem qualquer calor.

– Acho que é o que se chama ter dezanove anos – diz ela.

Claro que o que acontece durante todo este almoço é que estou a olhar, para além de ouvir, e vejo a curva do pescoço longo e macio e o relevo das clavículas dela e a forma como o colar, um cê de prata num fio comprido, pende mesmo sobre o coração dela, e penso que se pousasse ali os meus lábios e os movesse para fora, primeiro para a esquerda, depois para a direita, poderia desenhar uma linha direta para os seus mamilos rosa-claros e eles endureceriam rapidamente sob a minha língua.

De regresso ao apartamento, voltamos a fazer amor, mais lento desta vez. Dispo-a, afastando as mãos dela quando tenta alcançar a minha roupa, até estar ali completamente nua, e depois empurro suavemente as costas dela contra a parede e fico a olhá-la enquanto a parede fria se infiltra na sua pele. Busco a luxúria do momento, apenas a visão e depois o toque, e portanto estendo os dedos e desenho círculos leves, vagarosos, no seu pescoço e ombros e clavícula. E ela treme, mas sei pela memória da última vez que esperará. Mãos primeiro, é o que estou a pensar, e depois a minha boca, e depois a minha língua. Ouvi-la-ei gritar o meu nome de novo. E é nisso que centro a minha atenção.

No entanto, desta segunda vez, a perfeição que é a Catherine e eu nus, juntos, a quase violência do nosso amor, a paixão dela mais veemente ainda do que a minha, tornará a nossa separação difícil. Não falamos na viagem de carro até à casa da Liv, mas tenho a certeza de que os pensamentos dela são iguais aos meus. Todo este anseio finalmente realizado; como é possível ficarmos por aqui? Espero que a Catherine fale, que diga algo, qualquer coisa que possa dar sentido ao que aconteceu entre nós hoje, mas claro que ela não o faz. O silêncio é o manto de segurança da Catherine e ela envolve-se nele.

A Catherine conduz-me para dentro da casa da Liv, uma casa em banda vitoriana em Clapham, que é completamente branca por dentro mas com clarões de cor garrida: um trio de jarras amarelo-limão, um sofá rosa-choque, ladrilhos de um laranja *acid-house*. Encontramos a Liv à mesa da cozinha com a sua roupa do ginásio, portátil aberto diante de si.

– Bem – diz ela, levantando-se a sorrir quando entramos na cozinha. – Isto parece interessante.

A Catherine e a Liv abraçam-se e por trás do abraço a Liv capta o meu olhar com um ponto de interrogação. Assim-assim, respondo com um aceno de esguelha, quase impercetível, mas vejo-a a interpretá-lo.

– Perguntei à Catherine se quer vir para o Somerset comigo. Só um dia ou mesmo umas horas, mas ela não tem vontade.

– Chá? – diz a Liv, libertando a Catherine.

As roupas do ginásio dela são um pouco como a casa – um colete da *Adidas* amarelo-vivo, *leggings* roxas com uma profusão de flores, sapatilhas verde-lima e roxas. Sinto uma onda de afeto pela Liv. Há algo tão inabalavelmente otimista nela, e o efeito que ela tem na Catherine é imediato. Ela ri enquanto tira canecas de um armário e enche um jarro com leite do frigorífico. Fala à Liv no restaurante japonês onde almoçámos, mas omite, como é óbvio, os pormenores mais subtis do nosso dia (sexo antes, sexo depois, todo ele espantoso, o tipo de sexo durante o qual não nos importaríamos de morrer). A Liv sabe, no entanto, vejo-a a observar-nos enquanto bebemos o nosso chá, a observar, a pensar, e agora, e agora? Eu estou a pensar o mesmo.

– Falaste com o Sam? – pergunta ela.

– Não desde hoje de manhã. Na verdade, ele pediu-me para não telefonar. Durante alguns dias pelo menos, ele acha que precisamos de uma pausa completa para decidir o que vamos fazer.

– É verdade.

– Eles estão na Cornualha, de qualquer maneira. Os miúdos estão felizes.

– Isso é bom. Não quer dizer que não sintam a tua falta.

Observo a interação entre estas duas velhas amigas que falam em subtexto, e faz-me lembrar a Rachel e a Alexa. Talvez todas as raparigas sejam assim na amizade; talvez o Jack, o Harry e eu também o sejamos, sob a atitude e o sarcasmo e a recusa em levar alguma coisa a sério; talvez seja esta a verdadeira espinha dorsal da amizade, as conversas bidimensionais, dizer uma coisa, significar outra, uma linguagem privada apenas para os iniciados.

A Liv diz:

– Não vejo que mal faria ires para casa do Lucian durante algum tempo. Ficariam sozinhos, não? Ou estariam lá os teus amigos todos?

Noto o olhar que elas trocam. Então é a ideia dos meus amigos que a incomoda.

– O Jack e o Harry vivem perto, de facto. As meninas estão em Londres; vêm aos fins de semana. Mas não precisarias de ver ninguém enquanto estamos lá, se é isso que te preocupa.

– Sim, preocupa-me – diz ela, e depois tenta emendar-se. – Não sei bem o que está a acontecer entre mim e o Sam. Seria constrangedor tentar explicar.

– Olha, a última coisa que vou fazer é obrigar-te a vir comigo. Mas pelo menos deixa-me dizer-te como seria. Teríamos a casa inteira só para nós, apenas a Mary lá durante o dia e alguns jardineiros que eu literalmente nunca vejo. Podíamos fazer o que quiséssemos. Podíamos nadar, podíamos ir para o lago, como antigamente. Lembras-te?

– Lembro-me de que foi maravilhoso – diz ela. – Um dos fins de semana mais felizes da minha vida.

– Vai, Catherine! – diz a Liv, e estica-se para a frente, pegando-lhe nas mãos. – Oportunidades como esta quase nunca aparecem. Ninguém precisa de saber que estás lá.

A Catherine diz:

– E os miúdos? O que lhes digo? Não posso mentir.

– Não precisas de lhes dizer nada. Eles não te vão perguntar onde estás, porque haveriam de o fazer?

– É muito pior do que qualquer coisa que o Sam tenha feito – diz a Catherine, e a Liv simplesmente acena.

– Eu sei.

A Catherine vira-se para mim.

– Podes mesmo prometer-me que não vamos encontrar por acaso os teus amigos? Não seria capaz de lidar com isso neste momento.

– Está combinado. Nada de amigos. Só nós os dois, prometo.

– Está bem – diz ela –, eu vou. Só por algum tempo. – Leva uma mão ao peito e eu imagino o coração dela ali por baixo, a palpitar e palpitar.

Quinze anos antes

Tinhas jeito para surpresas. Eram a tua especialidade. Primeiro aqueles bilhetes que surgiram do nada na minha secretária, depois aquele almoço junto à praia, no nosso chalé de esqui privado, para duas pessoas. Só estávamos juntos há algumas semanas quando me acordaste cedo, à medida que o dia nascia nas finas e longas janelas vitorianas do teu quarto. Beijaste o meu rosto repetidamente, rolando para o outro lado da cama quando me afastei de ti.

– Surpresa.

Abri os olhos e vi-te sorrir, um dos teus sorrisos plenos, tão raros.

– Vamos fazer uma viagem – disseste.

A cidade mal tinha acordado enquanto a percorríamos de carro, nem um estudante à vista, apenas pessoas a caminho do trabalho, um vendedor de jornais a ser sacudido pelo vento na sua bicicleta, um furgão de distribuição de leite mais à frente. O tipo de hora que só esperaríamos ver se passássemos a noite acordados.

– Vamos a casa do teu tio, não vamos? – disse enquanto a cidade dava lugar às densas terras de cultivo do norte do Somerset, todas aquelas sebes altas e desolados campos invernais.

Tu limitaste-te a abanar a cabeça.

– Não.

Não terá passado muito tempo antes de vermos o primeiro sinal para o aeroporto de Bristol, e eu virei-me para ti, o meu rosto um ponto de interrogação. A sério?

– Achei que podíamos ir almoçar ao meu restaurante favorito. Que por acaso é em Paris.

A orquestração por trás desta surpresa deixou-me espantada. Tu tinhas telefonado à minha mãe, procurando o número dela no meu telemóvel, e pedido que te enviasse o meu passaporte.

– Falaste com a minha mãe?

– Ela foi muito simpática. Muito favorável à nossa viagem educativa.

«Na verdade», disseste-me, enquanto bebericávamos os nossos cafés de copos de plástico no avião, «há outra coisa que te queria mostrar. Além do restaurante.»

No Charles de Gaulle, apanhámos um táxi para o Musée d'Orsay. Os meus pais tinham-me levado a Paris quando fiz dezasseis anos e passáramos horas naquela galeria, o meu coração adolescente atraído pelo sentimentalismo fácil das bailarinas de Degas. Mas tu passaste sem hesitar pela lista tradicional de Degas, Monet e Gauguin, levando-me para o primeiro piso, onde ignorámos os traços rodopiantes de Munch, até parares em frente à imagem de uma mulher debruçada num camarote orlado a ouro no teatro, com um ramo de flores a seu lado. Achei que era um quadro impressionista clássico; se me tivesses perguntado, o meu palpite seria Renoir. Mas a artista era a Eva Gonzales, alguém de quem nunca ouvira falar, e o quadro datava de 1874.

– Era invulgar uma mulher ser artista naquela altura – disse, perguntando-me porque olhavas para

mim com tanta atenção. expectante.

– Não vês, pois não? A mulher és tu. Os olhos dela, as sobrancelhas, o nariz, até o queixo. Quando te vi pela primeira vez naquele seminário, fizeste-me lembrar alguém, e depois percebi que era ela.

Obrigaste-me a posar ao lado da pintura enquanto tiravas uma fotografia clandestina, lançando um olhar ao guarda do museu e voltando a mim.

A Eva Gonzales foi ensinada pelo Manet, disseste; o ramo na imagem era quase igual ao que é oferecido a Olympia no seu retrato da famosa cortesã.

– Como é que sabes isto tudo?

– Demasiado tempo a vaguear por galerias quando devia andar atrás de raparigas como tu. Saí de casa da minha mãe quando tinha dezasseis anos. Divergências insanáveis – disseste com aquela voz despreocupada que sabia agora que usavas para esconder a dor. – Passei umas férias de verão inteiras em Paris, horas e horas aqui e no Louvre, a olhar para pinturas, a tentar perceber o que as tornava tão boas. E não tão boas. Foi nesse verão que comecei a pintar.

Almoçámos numa *brasserie* perto da Place des Vosges, uma miscelânea parisiense de espelhos gigantescos e candelabros *art déco*, empregados de fraque a correr de um lado para o outro sobre o chão de ladrilhos pretos e brancos. Comemos *steak frites* e bebemos vinho tinto de um pequeno jarro de vidro.

Talvez fosse apenas o vinho, ou talvez fosse o modo como comias com a mão esquerda para poderes continuar a segurar a minha mão com a direita, mas tive uma sensação estonteante de que aquele momento, tu e eu ali naquele belo restaurante, ficaria perfeitamente conservado e eu lembrar-me-ia dele exatamente, daquela impressão, daquele sentimento, para sempre.

Arranjei coragem para te perguntar pela tua mãe, que tu descrevias sempre em termos mordazes.

– É uma bêbada – disseste. – E como muitos bêbados, pode transformar-se. Diz coisas más.

Fizeste uma pausa, e vi-te ser puxado de volta para uma recordação, o súbito franzir do sobrolho.

– Ela disse que o meu pai era um covarde por morrer como morreu. E eu passei-me. Disse-lhe que tinha morrido por culpa dela. Que ela o impelira com as suas infidelidades sucessivas. Todos os casos amorosos que ela teve e não se deu ao trabalho de esconder.

– Deve ter sido difícil para ela ouvir isso.

– Não tão difícil como era para mim viver sem o meu pai.

A tua voz elevou-se, momentaneamente. Pediste desculpa e soltaste um longo e trémulo suspiro.

– Ainda me incomoda pensar nisso. Mas os factos não mudam. Eu nunca a perdorei por tê-lo traído e ela nunca me perdoará por a culpar pelo suicídio dele.

– Desculpa – disse eu, a única palavra que me ocorreu, e tu sorriste e apertaste-me a mão.

– Já não importa.

Ouvimos música ao atravessarmos a Place des Vosges e encontrámos um velhote a tocar o seu violino, com uma pequena multidão em redor. Havia um café ali mesmo na esquina da praça, um daqueles sítios castanho-escuros onde tu passavas horas apenas a observar, disseste-me.

– Os Franceses sabem viver. Aqueles pequenos prazeres diários – disseste. – Homens de negócios a deitar abaixo um expresso exatamente num minuto. Mulheres muito bem vestidas a chegar às seis da tarde para um copo de vinho solitário. Os Ingleses fazem do trabalho excessivo e do autossacrifício uma virtude. Eu não suporto isso.

O Marais era o teu bairro; viveras a apenas algumas ruas da praça durante um verão inteiro. Mostraste-me as portas de madeira ornamentadas que conduziavam ao apartamento do século XVII que

alugaras. Falaste-me nas escadas gastas, tão letais que quase partiste o pescoço uma noite ao cair por elas abaixo.

Estava prestes a dizer que tiveras sorte por teres vivido em Paris sozinho aos dezasseis anos, mas depois notei o tom de solidão e não disse nada.

Foi tua a iniciativa de entrar na igreja jesuíta de Saint-Paul-Saint-Louis, onde havia um Delacroix que querias ver. Mas fui eu quem teve a ideia de acender uma vela.

– Vamos acender uma pelo teu pai – disse ao chegarmos à nave, com a sua estátua de Nossa Senhora e o pequeno suporte de ferro onde ardia pelo menos uma dúzia de velas.

Tu pareceste espantado, e depois abatido. Compreendi então que nunca te tinham ensinado a fazer o luto, nunca te fora dada permissão. Queria agarrar em ti e dizer:

– Não é demasiado tarde agora – mas não consegui encontrar as palavras.

Puseste algumas moedas na caixa de esmolas e escolheste uma vela branca e fina, olhando para mim com um ar interrogativo enquanto a acendias e punhas no suporte, como se estivesses a cumprir um bizarro ritual pagão.

Sentámo-nos num banco a olhar para as velas durante algum tempo e eu interroguei-me sobre o que estarias a pensar. Pensei nos milhares de outras velas que ardiam por toda a cidade, milhões e biliões a tremeluzir ao mesmo tempo à volta do mundo, uma espécie de energia coletiva a manter viva a memória de todas aquelas almas desaparecidas. Disse-te isto enquanto esperávamos à porta da igreja por um táxi para nos levar de volta ao aeroporto. A morte era desconhecida para mim na altura e a minha visão dela era puramente romântica. Quão ingénua era.

– Tu és a única pessoa que alguma vez me compreendeu – disseste, passado um momento. A tua voz soava fina e ainda, achei, um pouco devastada.

Além do meu pai, podias ter dito. Mas não precisavas de o fazer.

Agora

Eu não teria noção da passagem do tempo aqui dentro se o Sam não o mencionasse quase sempre que me vem visitar.

– Passaram quatro meses, Greg – diz ele, contendo por pouco o «foda-se», embora eu pressinta a falha e acrescente a palavra eu própria. Quatro meses, foda-se.

– Quanto mais devagar avançarmos, mais depressa lá chegamos – diz o Greg, ou outra banalidade do género, deitando petróleo na fogueira da indignação do Sam.

O Sam quer resultados. Quer-me fechada em sessões de terapia para o trauma vinte e quatro horas por dia e sete dias por semana. Não é que queira que eu sofra – pelo contrário; apenas quer a mulher dele de volta. Quer a vida antiga em que ele tinha uma companheira e os filhos tinham uma mãe. Está em busca disso.

O Sam também se tornou um especialista em perturbação dissociativa e, como sabemos, o conhecimento superficial pode ser perigoso. Foi-lhe dito que há três momentos provados na minha dissociação: o dia em que te deixei (a primeira vez), a noite em que a minha mãe morreu e a minha visita final a Shute Park, onde me separei da minha realidade tão drasticamente que não falo nem me relaciono com ninguém desde então.

Explicaram-me esta reação dramática inúmeras vezes e o Sam tem os pormenores na ponta da língua, um diagnóstico prático que debita a quem queira ouvir (à Alexa, mais recentemente; reconheci o tilintar das joias dela mesmo antes de se sentar ao meu lado na cadeira das visitas, chorando e depois pedindo desculpa por chorar pelo que me pareceu uma eternidade, antes de partir de novo a tilintar).

O Sam gosta de comparar a minha dissociação à reação de imobilidade perante uma ameaça nos animais; foi assim que o explicou às crianças, também. Em tempos de trauma extremo, a dissociação ajuda a proteger a mente, diz ele; oferece uma saída quando parece que não há saída. O problema é quando a dissociação se torna permanente, como aconteceu comigo, de modo que parece que não tenho memória dos acontecimentos e pouca ou nenhuma ligação com as pessoas que supostamente conheço melhor. Junte-se a isto a mudez e temos um problema complexo, diabólico, que desconcerta o meu psiquiatra e enfurece o meu marido.

Nas nossas sessões de terapia de trauma – uma pessoa a falar (o Greg), uma pessoa a ouvir ou a não ouvir (eu) – houve uma grande ênfase em criar o meu lugar seguro. Como não falo, eles escolheram o meu lugar seguro por mim e é a nossa casa de campo, a pequena e bonita casa estilo Hansel e Gretel com paredes cobertas de hera e o longo e desordenado jardim com um riacho ao fundo. O Greg torna-se bastante lírico ao descrever a casa, embora imagine que só tenha visto fotografias; fala sobre o brilho de vairões no riacho e a forma como a luz matinal se infiltra na cozinha, criando clareiras de calor na mesa de carvalho. Pede-me para imaginar estar sentada àquela

mesa a ver a Daisy fazer um dos seus desenhos em grande escala com uma caneta de feltro, a olhar pela janela para ver o Sam a trabalhar no jardim. É verdade que estes foram em tempos pontos estimados de familiaridade e conforto para mim, para quem eu era antes. Mas na minha cabeça eu tenho um lugar seguro diferente. Na minha cabeça estou sempre contigo.

Quatro meses antes: Catherine

Esquecera-me de como Shute Park surge de repente depois de uma curva no caminho de acesso. Dobramos uma esquina e ali está diante de nós, um magnífico edifício cor de baunilha, um palácio em miniatura com os seus torreões de ambos os lados. É absurdamente grandiosa e a casa mais encantadora que já vi.

– É tão bonita – digo, e tu olhas para mim, sorrindo.

– Tal como te lembravas dela? – e aceno com a cabeça, demasiado absorvida no momento para falar, pois os fantasmas da nossa relação estão por todo o lado, agora. Quinze anos antes, a vir de Bristol no velho *Golf* do Jack, ele e a Alexa à frente, tu e eu atrás, os quatro a beber uma garrafa de champanhe. O meu coração a bater descompassado enquanto subíamos os degraus da porta principal, tu a apertares a minha mão antes de entrarmos.

– Não te preocupes com o meu tio. Ele vai adorar-te. E aceita tudo, não julga ninguém.

Logo atrás da casa vejo o relvado onde nos estendemos num tapete com a limonada da Mary e os jornais do fim de semana. A cintilar ao longe está o lago onde nadámos, os quatro a flutuar de barriga para cima, a arquetípica fotografia do «antes», uma polaroide de tempos mais felizes.

A casa é agradavelmente simétrica, daquela maneira jorgiana, sólida, três filas de janelas a atravessá-la em perfeita gradação, pequenas em cima, depois médias, e depois mais altas em baixo. Mesmo no centro da fachada está um telhado triangular; faz-me lembrar as casas de bonecas que a Daisy e eu adorávamos no Museu da Infância, aquelas com um painel que se destaca, revelando um ornamentado interior Luís XIV com divisões minúsculas cheias de mobília dourada de linhas delgadas e longas.

Fico pasmada de novo com o esplendor da tua vida.

Ocorre-me que se tivéssemos ficado juntos todos estes anos, esta casa também poderia ser minha. Teríamos criado uma família, por esta altura, uma pequena fila de Lucians e Catherines a correr por toda esta sumptuosidade. Estás a pensar o mesmo? interrogo-me, quando te apanho à espera da minha reação.

No átrio, que cheira exatamente como casas deste género deveriam cheirar – ar fresco, madeira envelhecida, uma humidade inerente legada ao longo dos tempos –, examinamos as pinturas da família. Há o teu avô, de bigode num fato de três peças em *tweed*, preparado para sair e massacrar um bando de faisões; a tua avó com o cabelo encaracolado por rolos, batom escuro e uma gargantilha de grossas pérolas creme. Tu paras no retrato do teu pai, pintado cerca de um ano antes de ele morrer, dizes-me. Lembro-me bem deste quadro; lembro-me de procurar nele vestígios do rapaz que amava e reparar nos olhos, do mesmo verde expressivo, e no cabelo de um castanho médio com a sua tendência para encaracolar nas pontas. O que me impressiona, no entanto, é como nos quinze anos desde a última vez que nos vimos, tu te tornaste idêntico a esta pintura. Tu és o teu pai. Pergunto-me

se também o vês.

– Ele é tão atraente – digo-te. – Uma mistura de Jeff Buckley e Mick Jagger. A mesma boca. E o cabelo.

– Ele teria ficado contente com isso.

Não te digo que tens a mesma beleza, mas mais ainda, ainda mais bonito para mim. Estou a reaprender a arte da contenção verbal. Sempre, contigo, num mundo de mulheres que estavam prontas para cair a teus pés, eu queria ser aquela que se refreava. Passámos para uma pintura do teu tio que nunca vi, muito Liberace numa volumosa camisa de seda, copo de martíni suspenso numa mão que cintila com anéis, quando a Mary aparece do nada, com os sapatos a matraquear no chão de *parquet*.

– Estás aqui – diz ela ao Lucian, e depois percebe quem eu sou.

– Catherine! Meu Deus, que surpresa.

– Mary, é tão bom voltar a vê-la.

Estendo a mão, mas ela puxa-me para um abraço inesperado e dou por mim a lutar contra um súbito ímpeto de emoção.

Enquanto nos dirigimos para a cozinha, a Mary pergunta-te pelo funeral.

– Correu bem? – A voz dela é baixa e preocupada.

– Melhor do que pensava. Pelo menos as bruxas malvadas pareceram felizes por me ver, desta vez.

A Mary sorri, e eu lembro-me de que ela sabe todos os teus segredos, as tribulações de crescer com uma mãe adúltera, irmãs ausentes e um pai suicida. Tu disseste-me uma vez que gostavas mais da Mary do que da tua própria mãe. Falaste-me nos bolos que ela te dava para levares para a escola, das embalagens de comida que chegavam sem aviso ao longo do período. Os postais de uma frase só para teres alguma coisa na tua caixa de correio.

Seguimos a Mary até à cozinha, que foi remodelada desde a última vez que aqui estive e parece que saiu de uma revista de decoração de interiores, com paredes de tijolo exposto, bancas de aço e aqueles candeeiros suspensos que estão na moda. Agora a única coisa que quero é o espaço e a liberdade para olhar. Gostava de abrandar o filme, deslizando o meu dedo contra a bobina para poder absorver cada fotograma, cada compartimento, cada peça de mobília, fotografias, pinturas, o sofá de couro baixo ao fundo da divisão. Janelas a toda a extensão da parede, voltadas para o relvado. Uma longa mesa de carvalho com uma curva dos jornais de hoje numa ponta. Acima de tudo, gostava de ter a invisibilidade para te observar encostado ao lava-louça, a falar com a Mary enquanto ela enche a chaleira e começa a preparar um tabuleiro com chávenas e pires.

Vejo-a a dar-te um maço de correio e tu a voltares a atirá-lo para a mesinha de madeira – «Obrigado, Mary, acho que vejo isso mais tarde» – sem sequer um olhar superficial. Então isto és tu, mesmo tu, depois de todos os anos a tentar imaginar a tua vida, a examinar aquelas imagens bidimensionais e artigos insípidos e ocos na imprensa e a reconstruir todas as lacunas. Imaginava almoços longos junto à piscina. Churrascos no relvado. Passeios de barco no lago. Mas falhava sempre quando começava a imaginar os amigos, a Rachel, tua amante intermitente, o Harry e a Alexa, que em tempos foram também meus amigos, e o Jack, o ponto final nos meus sonhos.

O chá é bom. Sentar-me no sofá de mãos dadas contigo é bom. Estar de volta a esta casa maravilhosa é bom. Mas quando a Mary pergunta descontraidamente:

– Fica para a festa, Catherine? – uma pergunta bastante inocente, o meu medo de confrontos inunda-me, uma onda tóxica que me deixa sem fôlego.

Eu sei da tua festa, claro, como qualquer pessoa com uma fixação pelas colunas sociais dos jornais

e revistas saberia. Não fui sempre assim, quase obsessivamente interessada nas idiossincrasias dos ricos e famosos, mas era a única maneira de descobrir o que andavas a fazer. Queria saber o que fazias e com quem o estavas a fazer, e acima de tudo ansiava pelo dia em que pudesse descobrir que o Jack saíra da tua vida. Mas não, geralmente ele estava lá, mesmo ao teu lado, com os seus óculos de sol, o seu sorriso *Colgate*, ainda firmemente agarrado à sua posição de melhor amigo e irmão honorário. Há alguns anos o Sam apanhou-me a ler um artigo de duas páginas sobre a tua festa de verão anual no *Daily Mail*. Raparigas bonitas com vestidos de cintura descida, homens com colarinhos quebrados e fraque, as obrigatórias taças de champanhe. O tema devia ser os anos vinte; o cabeçalho dizia: «O não muito Grande Gatsby do Somerset» (os média sempre vos retrataram, a ti e aos teus amigos, como preguiçosos inúteis e hedonistas). O Sam, lembro-me, inclinou-se sobre o meu ombro e disse:

– Venha a revolução...

Agora mantenho a voz leve e uniforme ao dizer à Mary:

– Não posso ficar muito tempo, infelizmente.

Mas vejo-te a observar-me e parece-me que comesas a perceber.

Quatro meses antes: Lucian

Se é surreal para a Catherine regressar à casa onde outrora vivemos o auge desta paixão partilhada, desconcertante, também o é para mim tê-la aqui. O que pensariam os meus amigos se a vissem aqui agora? As raparigas não se importariam, acho, ou pelo menos a Alexa. Com a Rachel é sempre um pouco complicado, em particular quando estão envolvidas outras mulheres, especialmente se a mulher for a Catherine. Não sei se o Harry compreenderia, o Harry que assistiu ao meu colapso – não estou a exagerar – cerca de uma semana depois de ela partir. E o Jack? Bem, o Jack é diferente. Ele é mais como um irmão do que um amigo em muitos aspetos e gosta de estar em primeiro lugar.

Quando a Catherine e eu estávamos juntos, há todos aqueles anos, por vezes perguntava-me se ele teria ciúmes. Ela era extraordinariamente bonita, embora não parecesse percebê-lo, o tipo de cara que pede uma tela de cinema: olhos escuros, enormes, um nariz perfeito, longo mas fino, elegante, e depois os lábios, claro, que eram carnudos o suficiente para fazer o sangue da maioria dos homens correr mais rápido. Eu achei que talvez o Jack tivesse ciúmes da intensidade com que me apaixonara, pois a Catherine e eu, depois do nosso começo hesitante, nunca estávamos separados. E também me perguntei se ele próprio não estaria um pouco apaixonado por ela. Não o teria censurado. Ali estávamos, nós os dois, a preguiçar na nossa casa em Clifton, e de repente a Audrey Hepburn muda-se para lá e apodera-se de mim. Portanto, provavelmente é bom eu ter prometido à Catherine que estaremos sozinhos aqui, que vou manter os meus amigos ao largo. Estou a ignorar inúmeras mensagens de texto e de voz, um *e-mail* tipicamente grosseiro do Jack, com o assunto: ONDE ESTÁS, PORRA???

Entretanto, divirto-me com a forma como a Catherine reage a ver a casa de novo.

– É encantadora – diz. – Achei que talvez a tivesse idealizado na minha memória. Mas não. É ainda mais bonita do que me lembrava.

A maioria das pessoas que vêm a Shute Park ou estão demasiado habituadas a ela, ou são elas próprias demasiado privilegiadas para expressar muito entusiasmo pela sua magnificência. Mesmo depois deste tempo todo a viver aqui sozinho, no entanto, a casa ainda me espanta. Lembro-me de vir aqui quando era muito novo e parar diante dela com o meu pai e o meu tio, a contar as janelas brancas que atravessavam a largura da fachada (dezoito em cada fila, e o mesmo atrás).

– Pode ser tua um dia – disse o meu tio. – Mas será do teu pai primeiro.

– E quando tiveres filhos? – perguntei, e o meu pai e o meu tio riram.

– Isso parece cada vez mais improvável – disse o meu pai.

Ele era muito avançado para a época, o meu tio, exibindo sem pudor os seus amantes jovens e de traje extravagante (houve uma altura em que pareciam todos o Adam Ant) pela nossa aldeia pequena e conservadora e dando *raves* saturadas de *ecstasy* que podiam durar dias. Shute Park, no seu domínio, estava sempre nos jornais. Ele era odiado e abominado pelo *Daily Mail*, outro motivo de

orgulho, e pela minha mãe, que decidiu (na altura em que ele me nomeou seu único herdeiro) que ele era a personificação do mal. Ele morreu, de SIDA, inevitavelmente, quando eu tinha vinte e um anos, e ainda sinto falta dele.

Quando o meu tio era vivo, eu vinha de Bristol com os meus amigos na maioria dos fins de semana, dando origem a loucas sessões de doze horas a beber, ao abrigo da sua política de garrafeira aberta, a começar por champanhe e o mais claro dos rosés franceses e a acabar algum tempo depois do amanhecer com *brandy and soda*, a bebida preferida dele, deitados nos sofás da biblioteca a ouvir os Rolling Stones. O meu gosto musical cristalizou-se nesses tempos; desde então que percorro a sua extensa coleção dos grandes nomes – Dylan, Cohen, Springsteen. Era uma ave rara em muitos aspetos, mas era irmão do meu pai e o meu único apoiante, e passados dez anos, continuo meio à espera de que ele reapareça; que a morte dele, e o meu legado, fosse apenas mais uma das suas piadas retorcidas.

Enquanto nos deslocamos pela casa, agora perfumada com o aroma de um frango a assar, parece que a Catherine está à procura de provas de como vivo. Ignora a sala de estar, um sítio desagradável de cortinas drapeadas e mobília castanha e demasiado cor-de-rosa, mal a vê, e ri-se do incongruente Francis Bacon na parede. Mas a biblioteca, com os seus velhos sofás *chesterfield*, o aparador carregado de bebidas e as caixas cheias de vinil, ela não deixa escapar.

– Lembro-me desta sala – diz, e tenho a certeza de que, tal como eu, está a imaginar uma longa noite de copos com o meu tio, ele e a Alexa a revezarem-se como DJ, a Catherine, o Jack e eu deitados no chão, a jogar *Jenga* sem grande entusiasmo.

A Catherine adora as luzes intermitentes – novas desde os tempos dela – que a Alexa pendurou em volta do prego sobre a lareira e fica espantada com o tamanho da coleção de tequilha no aparador. Garrafas e garrafas, e não propriamente o *Jose Cuervo* corrente que os estudantes bebem. Aprendi a beber tequilha como deve ser quando estava no México, pintando de dia e bebendo as mais puras bebidas brancas de noite. Cem por cento agave é o que se quer, uma bebida cara mas que muitas vezes vem em garrafas requintadas. A Catherine escolhe a minha favorita, que tem a forma de uma caveira; trouxe-a no avião, embrulhada num cachecol de caxemira.

– Estou a ver que és viciado em tequilha. – A voz dela está diferente e eu não sei porquê.

– É uma extravagância – digo, começando a falar-lhe nela. – Para beber muito devagar, à temperatura ambiente... – mas ela interrompe-me.

– Eu nunca bebo tequilha.

Ela também não parece muito impressionada com a garrafeira do meu tio, embora possua milhares de garrafas, de várias castas e *vintage*, todas perfeitamente organizadas em gavetas de carvalho removíveis. É composta maioritariamente por vinhos da Borgonha e Bordéus, embora no fim da vida ele andasse mais virado para os do Novo Mundo.

– Como é que podes beber isto tudo? – pergunta a Catherine.

Encolho os ombros.

– Não posso.

– Então o que farás com ela?

– Não sei. Não pensei muito nisso.

Ela abre os braços para abranger a garrafeira.

– Todo este dinheiro. Parece... inesgotável. – Ela abana a cabeça; eu pressinto a reprovação.

– Os meus bisavós ganharam uma fortuna na bolsa de valores e investiram-na toda com muito

cuidado. Eu sei que tenho sorte. Estás a fazer-me sentir que devia pedir desculpa.

Ela sorri.

– Desculpa.

– Estás a fazer-me lembrar aquela jornalista universitária cheia de garra.

– Demasiados anos a absorver a indignação do Sam. A riqueza conquistada por conta própria não tem problema, obviamente; ele tem um ódio patológico à herdada. Ignora-me, por favor.

Nós abraçamo-nos entre o Rully 2007 e o Saint-Bris 2008.

– Tens preferência? – pergunto, e ela abana a cabeça.

– Escolhe tu. Eu não bebo muito.

Seleciono um Gevrey-Chambertin de 2001 por motivos sentimentais que guardo para mim (o ano em que nos conhecemos).

A Mary preparou-nos uma mesa na pequena sala de estar chinesa e não se poupou a esforços. Velas a arder por todo o lado – deve haver pelo menos vinte sobre a cornija, nos nichos e de ambos os lados da lareira –, champanhe a arrefecer num balde de gelo e a mesa carregada de vidro e prata. Francamente, penso, ela exagerou um pouco – parece uma cena de sedução *soft-porn*, ou será impressão minha? –, mas a Catherine exclama: «Oh, Mary, isto está tão bonito», e a Mary parece encantada. A minha empregada está de novo cativada, e a Catherine está aqui há menos de uma hora.

A Mary trouxe o frango assado, o meu prato favorito, sem dúvida; temos um copo de champanhe frio e o Chambertin a aquecer junto ao fogo. Diante de mim, por ironia do destino, está a mulher que amei como uma doença durante a maior parte da minha vida de adulto. Custa acreditar que está aqui.

Costumávamos dizer que trocávamos pensamentos, que se cruzavam algures em pleno ar, e isso não mudou, pois a Catherine inclina-se para a frente e diz:

– Estou sempre a pensar que devia estar desfeita por causa do que aconteceu entre mim e o Sam. Devia estar a sentir-me culpada. E em vez disso sinto-me... não sei, simplesmente arrebatada. Estar contigo outra vez. Estar de novo aqui, mesmo que por pouco tempo. É muito mau da minha parte?

Acho que ambos sabemos que o marido dela diria que sim, é muito mau, mas eu não sou o Sam e também não estou prestes a afugentar aquele sorriso da cara dela. Quando a Catherine sorri, é deslumbrante, gostava de sacar o meu telemóvel e fotografá-lo, depois trabalhar num retrato mais tarde. A Catherine a sorrir. Não acontece muitas vezes.

Faz-me lembrar o desenho que fiz dela, aquele em que está vestida com uma das minhas camisas, a boca curvada num sorriso cúmplice. Seria um dos últimos dias que passaríamos juntos, afinal, um período de tal intensidade eufórica que eu acreditava mesmo que viria a conhecê-la melhor do que qualquer outra pessoa. Falávamos quase sem parar durante as nossas horas de vigília, o tempo todo, sempre que não estávamos a fazer amor. É incrível pensar que fui o primeiro amante da Catherine, pois no espaço de alguns meses o sexo tornara-se arrojado e experimental; pensar nisso agora – as coisas que fizemos, as coisas que ela fez – seria implodir. Estávamos a meio da tarde quando peguei no meu caderno e decidi desenhá-la, tal como estava, nua no meio da nossa cama desfeita.

– Não assim, seguramente? – dissera, subitamente púdica.

– Como é possível que te importes depois de tudo o que estivemos a fazer?

– Imagina se caísse nas mãos erradas – disse ela, agarrando na minha camisa branca, e foi assim que a desenhei, ajoelhada na minha cama, com a camisa a cair-lhe quase até aos joelhos. Gostava de a ver com ela; gostava do sentimento de posse, que ela vestisse as minhas coisas. Pouco mudou, esta mulher que está sentada do outro lado da mesa, iluminada pelas velas da Mary, esta Catherine de

carne e osso.

– Ainda tenho aquele desenho teu – digo-lhe, e logo o sorriso desvanece.

– Eu lembro-me – diz ela. – Nós... acabámos pouco tempo depois.

Acabar, é isso que lhe chamas? Deserção e abandono estão mais próximos da verdade.

– Estou muito diferente?

Abano a cabeça.

– Exatamente igual – digo, mas percebo, enquanto ela pergunta isto, que a verdadeira diferença entre o passado e o presente está nos seus olhos. Eu capturei a nossa euforia naquele desenho; acho que é por isso que gosto tanto dele. A mulher diante de mim, com os mesmos olhos escuros enormes, expressivos, não consegue mascarar a sua tristeza.

Há uma sensação esta noite de que estamos a preencher as lacunas, uma década e meia de lacunas. Trocamos histórias, versões cuidadosamente revistas. Ela tenta manter o Sam fora da conversa, eu consigo evitar mencionar os meus amigos, ambos a tentar responder à pergunta implícita, a única pergunta: como é que a tua vida resultou sem mim nela?

Ela quer saber tudo sobre a casa, como é viver sozinho aqui. A verdade é que quase nunca estou sozinho. O Jack vem cá quase todos os dias jogar ténis, nadar ou atirar, o Harry vive a poucos minutos de distância e as meninas aparecem ao fim de semana e sempre que não estão a trabalhar (o que é a maior parte do tempo, no caso da Rachel). Mas não lhe vou dizer isso.

– Sou bom a viver sozinho.

Pergunto-me ao dizer isto se será verdade. Posso passar horas, dias inteiros, noites inteiras, no meu estúdio, e quando estou a pintar consigo esquecer tudo o resto. Mas há noites, quando o Jack é obrigado a ficar em casa com a Celia, quando o Harry está em Banguécoque ou com a Ling, agora, e as meninas estão em Londres, em que uma apatia se apodera de mim. Bebo demasiado, fumo muito, ouço música, passo o tempo mas é exatamente isso que sinto, que estou a preencher as horas.

– Sempre soubeste que ias herdar esta casa?

– Desde cerca dos seis anos, mas achava que o meu pai ia herdá-la primeiro. Nunca imaginei que morresse tão novo.

A Catherine procura a minha mão sobre a mesa.

– Uma vez disseste-me que te sentias responsável pela morte dele. Lembras-te?

Aceno com a cabeça enquanto a memória dessa noite arde entre nós, a noite em que ela prometeu que nunca partiria.

– Ainda tens essa opinião?

– Não, acho que não. Tinha dez anos, como podia ter sido minha culpa? Só queria não ter demorado este tempo todo a perceber que provavelmente também não foi culpa da minha mãe. Sempre fui tão intransigente em relação à infidelidade. Para mim é o crime mais baixo. Senteste-te atraído por outra pessoa? Então separas-te e segues em frente. Passei a vida toda a odiar a minha mãe por trair o meu pai. Mas cheguei à conclusão de que devia haver dois lados. Talvez não fosse fácil viver com ele. Talvez fosse por isso que ela recorria a outras pessoas para se sentir bem. Não se pode deitar as culpas aos outros. No fundo, foi culpa dele e de mais ninguém.

A Catherine está a observar-me com uma expressão de indizível tristeza e presumo que está a pensar na criança de dez anos que eu fui, vítima de suicídio paternal. Ou talvez esteja a pensar na sua própria mãe, morta aos quarenta e seis anos, mais uma semelhança bizarra entre nós. Quero dizer alguma coisa para afastar a melancolia, mas antes de poder falar, ela diz:

– É exatamente isso que eu penso. Temos sempre de assumir a responsabilidade quando as coisas acontecem, as boas e as más.

E embora eu saiba que está provavelmente a pensar no Sam e no caso dele e na possibilidade de eles se separarem, há algo na sua voz e nos seus olhos, pesarosos e de algum modo inquietantes, que me abala e me faz lembrar o passado. Estamos sempre a regressar aqui, por muito que tentemos evitá-lo. Este segredo dela, seja qual for, neste preciso momento, parece tão próximo que quase podia tocar nele.

Quinze anos antes

Tu e o Jack fizeram um jantar, um jantar supostamente adulto, embora não tenha de todo acabado assim. Tinham juntado duas mesas e cobriram-nas com toalhas de linho branco; havia flores e velas e pequenos embrulhos em celofane de trufas belgas. O teu tio enviou uma caixa de vinho caro. A Alexa chegou e espalhou estrelinhas douradas pela mesa. Trazia um vestido rosa-claro, uma peça minúscula, e a pele dela, mesmo no pico do inverno, era macia e dourada.

Deste-te a tanto trabalho. Ostras da peixaria, um guisado de vaca que pagaras a alguém para fazer, tartes de chocolate encomendadas a um preço louco da Fortnum and Mason. Foi tua ideia organizar o jantar e eu percebi o motivo por que o fazias. Estávamos juntos há alguns meses por essa altura e esta era a tua forma de dizer aos teus amigos mais íntimos que eu viera para ficar.

O Jack, que me via diariamente, esforçou-se por ser simpático comigo. Talvez tivesse ciúmes – afinal, até eu aparecer, ele era sem dúvida o teu favorito; vocês eram, disseste-me muitas vezes, mais próximos do que irmãos. Mas mostrava-se superior a essa mesquinhez. Quando tu e ele iam ao *pub*, fazia questão de me convidar, e quando tu e os teus amigos foram a casa do teu tio um fim de semana – eu recusara-me a ir, tinha um trabalho para fazer, secretamente contente por passar algum tempo sozinha – ele esforçara-se por fazer com que eu mudasse de ideias. A Alexa, que, como eu, passava a maioria das noites em tua casa, também se tornara uma boa amiga. Mas havia resistência à nossa relação, sobretudo da Rachel e das suas amigas. A Charlotte Lomax, em particular, outra loira bem cuidada, adorava exprimir o seu desagrado.

– Toda a gente sabe que ela está apaixonada pelo Lucian – dizia a Liv sempre que o rancor da Charlotte me abalava.

Não fiquei surpreendida por a Rachel e a Charlotte estarem a disputar a tua atenção nessa noite. Tu trazias um dos fatos antigos do teu pai com uma *T-shirt* preta e sapatilhas, a primeira vez que te vira com algo formal, e estavas quase escandalosamente atraente. O Jack também, claro, o incontestável bonitão da universidade. Vestia um fato antigo idêntico (o gosto dele, sempre achei, era uma réplica exata do teu) com uma camisa branca e uma gravata preta fina e estava no auge do seu charme, trazendo-nos, à Alexa e a mim, copos de champanhe para bebermos enquanto mudávamos de roupa, demorando-se na borda da banheira a falar connosco enquanto lutávamos por espaço em frente ao espelho.

Tu e o Jack eram bons em festas, mesmo na altura. Éramos doze, inebriados com *cocktails* de champanhe e o mero luxo da ocasião; era a antítese absoluta de qualquer festa universitária a que tivesse ido, sem Valpolicella a preço reduzido, sem massa gratinada, sem ninguém desmaiado no quarto de banho.

Eu esperava que ficássemos sentados ao lado um do outro. Secretamente, tivera uma pequena fantasia em que tu enfiavas a mão debaixo da toalha e a subias pelas minhas coxas nuas – se te

tivesse dito isto, terias logo mudado a disposição dos lugares. Mas em vez disso, estava sentada entre o Jack e o Harry, enquanto tu tinhas a Rachel e a Charlotte, as tuas ferozes admiradoras, constantemente a lutar entre si. Não deixavam espaço para mais ninguém, monopolizando a tua atenção durante o guisado e a tarte de chocolate, e mesmo quando os pratos foram levantados (por estudantes pagos, não convidados, do mesmo ano; só tu e o Jack teriam tamanha audácia), vocês ficaram os três num grupo fechado.

A maior parte das pessoas estava a fumar e a beber copos de Vin Santo, que o teu tio enviara juntamente com o vinho. O Harry, que eu achava mais difícil de conhecer («Não é nada contra ti, pessoalmente», dizias-me sempre que eu mencionava isto. «Ele nunca foi capaz de falar com raparigas»), estava a abrir-se comigo sobre a sua vida doméstica. Parecia algo saído de um conto de fadas dos Grimm. Uma casa enorme que era tão fria no inverno que ele tinha de levar meias e duas camisolas para a cama. Uma ama que servira três gerações da família.

– Tem noventa e tal anos agora. Costumava ter de lhe apertar os atacadores porque estava demasiado perra para se dobrar. Acho que ela dormiu durante a maior parte da minha infância.

Um pai que ia de caleche à cidade quando perdeu a carta por conduzir bêbado. Uma mãe que costumava ler o *Racing Post* de uma ponta à outra várias vezes, com um roupão sobre a roupa para se manter quente.

Eu disse ao Harry que me fazia lembrar o livro *Cold Comfort Farm*, todas aquelas personagens excêntricas a viver juntas numa casa velha e húmida.

– Não é tão interessante, receio. São incrivelmente chatos, os meus pais. Só se interessam por tetrazes e salmões. E os animais de estimação deles. Adoram os seus cães e cavalos. É basicamente isso. Não há mais interesses. Não há mais temas de conversa. Os jantares são tão aborrecidos e longos. Os únicos momentos bons são quando o Lucian ou o Jack vão visitar-me.

Comecei a perceber nessa noite o que te ligava tanto aos teus amigos – tanto tu como o Harry tinham pais que vos tinham desiludido, a vossa adolescência fora parca em amor. Depois de te afastares da tua mãe e das tuas irmãs, viveste entre a casa dos pais do Jack e a do teu tio durante as férias escolares. Vocês os três, percebia agora, tinham formado a vossa própria família, permitindo apenas recentemente que a Alexa e a Rachel entrassem na clique. Não admira que te esforçasses tanto para eu ser aceite.

Alguém trouxera uma garrafa de tequilha consigo e esta estava a percorrer todo o comprimento da mesa acompanhada de pedaços de limão e um pratinho de prata com sal. Quando a garrafa chegou ao Jack, ele serviu um *shot* e deu-mo.

– Não, obrigada.

O Jack abanou lentamente a cabeça de um lado para o outro. Ao sorrir, a única coisa que vi foi os seus dentes perfeitos, brancos e alinhados. Dentes de estrela de cinema que tinham custado uma fortuna; disseste-me que ele estourara uma herança inteira a arranjá-los. Senti um pequeno nó no estômago quando me encarou com o seu ar mais irresistível.

– Não? – Ele inclinou a cabeça para um lado. – Mas acho que queres dizer sim?

– Experimentei uma vez, sabe a decapante.

O Jack cruzou os braços. Outro sorriso largo, reluzente.

– Estou à espera.

Era um desafio e nós fitámo-nos, os seus olhos claros nos meus. Lembro-me de pensar que o Jack usava a sua aparência perfeita como algumas raparigas usam a sua beleza para obterem o que

querem. Pobre Alexa, foi o que pensei enquanto bebia o *shot* de tequilha com um esgar. Ele estava a seduzir-me abertamente, indiferente ao facto de a namorada dele e o meu namorado estarem sentados à mesma mesa.

A festa começou a aquecer. A Alexa pôs música e a maioria de nós começou a dançar. Eu estava um pouco bêbada por esta altura, e quando tu surgiste atrás de mim, envolvendo a minha cintura com os braços e beijando-me o pescoço, achei que nunca me sentira tão feliz. Voltei-me e sussurrei ao teu ouvido, as palavras que estavam sempre na minha cabeça mas que ainda não tivera coragem de te dizer.

– Eu. Amo. Te.

Olhaste para mim com tanto prazer, todo o teu rosto transformado por um sentimento de surpresa e satisfação.

– Eu também – disseste, num sussurro. – Catherine Elliot, eu também.

Agora

Trouxeram roupa a sério para eu vestir, o que significa que alguém sem ser o Sam ou as crianças me deve vir visitar. Normalmente é um fato de treino, cintura elástica, calças puxadas para cima, chinelos enfiados, um visual que eu teria odiado noutra vida. Mas não aqui. Aqui tudo vale. Hoje é uma blusa, uma blusa que reconheço, com riscas brancas e cinzentas e minúsculos pontos pretos; o padrão, rigorosamente geométrico, dança diante dos meus olhos.

– Deixa-me ajudar-te com esses botões, querida – diz a Alison, que infringe muitas vezes as regras, escovando-me o cabelo ou hidratando-me a pele quando eu deveria estar a fazer estas coisas sozinha, agora. – Vamos alegrar-te um pouco, hoje – diz ela, abrindo o fecho-éclair de uma bolsa de cosméticos vermelha, em couro, que me pertencia. Suponho que ainda pertence, mas não sinto ligação nenhuma a este objeto, a bolsa de uma rapariga morta.

A Alison aplica creme hidratante na minha cara em quatro sítios – testa, ambas as faces e queixo – e espalha-o em círculos largos, de norte para sul. A minha mãe costumava fazer isto.

– Que tal um pouco desta base? Ficava-te bem.

Mais espremedelas, mais creme, mais toques suaves. Um pincel macio pinta riscas nos meus malares. Não as maçãs, que são mais abaixo, não como nos dizem nas revistas.

– Última coisa, linda. Batom de brilho. Pronto. Bonita como uma flor, não estás?

O silvo de um fecho-éclair a ser fechado, solas de borracha sobre linóleo a afastarem-se de mim, depois silêncio por algum tempo. Viro a minha cara maquilhada para a janela e examino a árvore, a minha robusta amiga, agora em florescência primaveril. Estou a pensar em ti, claro, e naquele tempo que tivemos, tão precioso, tão curto, um pequeno e inesperado ímpeto de história rescrita. Estimámo-lo? Sei que tentei manter-me acordada à noite só para ouvir a tua respiração ou para me encostar à tua pele quente. Tentei manter os meus pensamentos restritos e concentrados, em ti, no agora, não me preocupando com o nosso futuro, não me afligindo com o nosso passado. Não me saí muito bem nisso, pois não?

Os sapatos da Alison vêm a chiar na minha direção, e logo atrás deles, algo mais sonoro, mais pesado. Socas com solas de madeira. Sei quem as terá calçadas.

– Aqui está ela, minha querida, aqui está a tua amiga para te ver.

E então uma voz que sempre adorei.

– Fui eu que lhe dei essa blusa, Alison! Obrigada por lha vestir.

– Sei como a incomoda quando ela está com o fato de treino. Ela preocupava-se com a aparência, não era? Havemos de chegar lá, querida. Pouco a pouco.

Depois de a Alison partir, sinto a Liv a sentar-se na cadeira ao meu lado. Pega na minha mão direita e segura-a nas suas; aperta os meus dedos contra os seus anéis. Magoa um pouco.

– Olá – diz ela, passado um momento. – Trouxe umas coisas para te mostrar. Coisas que podes

tocar. E cheirar. Coisas de que talvez te lembres.

Isto não é uma tática nova, mas é uma tática que a Liv nunca experimentou. Já tive na mão o *Igor* da Daisy e a camisola do Manchester United do Joe, e um velho cachecol de caxemira da minha mãe que costumava estar sempre debaixo da minha almofada. E nada expressei de cada vez porque nada é o que anseio. O problema é que o meu nada está a esgotar-se. Estão sempre a dizer-me isto.

– Mais cedo ou mais tarde, Catherine, vamos dar-te alta e vais voltar para casa. E nós não vamos estar lá para te ajudar.

Estou ciente deste prazo – está iminente – tal como estou ciente da necessidade de começar a comunicar com a minha família. Se conseguisse falar, dizia-lhes. Dizia-lhes que os amo, que lá no fundo, algures, sei que sou uma mãe e suponho que ainda sou uma esposa e estou a regressar lentamente a isso. Mas não posso falar; não há palavras, apenas os meus sonhos e a interrupção dos outros.

A Liv vira a minha mão e borrifava algo para o meu braço, frio e húmido. Não gosto da sensação. Ela leva o meu pulso ao meu nariz, intenso, floral, silvestre. Quero desviar a cara mas suporto-o, olhos em frente, narinas dilatadas contra o ataque.

– Deves lembrar-te deste cheiro, Catherine. É Chanel N.º 5. Usava-o na universidade e tu estavas sempre a roubá-lo e isso deixava-me doida. Acabei por te comprar um frasco como prenda de anos. Usaste-o todos os dias até acabar. Aquele frasco durou anos.

Ficamos ali sentadas, eu banhada em perfume, sem dizer nada, até o silêncio se romper.

– Não queres falar comigo, Catherine? Por favor. Não fazes isso por mim, por nós?

Não falar com a Liv, a pessoa a quem provavelmente disse mais palavras na minha vida, é o mais difícil. O Sam deixa a raiva dele no quarto sempre que me visita, mas com a Liv, de todas as vezes, eu sinto a mágoa dela.

O tempo passa, não sei quanto, e então a Liv põe algo entre as minhas mãos, uma folha de papel, maior e mais espessa do que uma folha A4 normal.

– É um desenho teu. Sei que consegues vê-lo, Catherine. E peço desculpa se te magoa. Mas quero que olhes.

Não preciso de olhar para saber o que é; percebo pelo peso e pela espessura e pelas espirais de escuridão, cinzento-carvão. Gostava de ficar sozinha agora. Estou pronta para desaparecer, afundando-me no calor por trás das minhas pálpebras, sugada para o redemoinho dos sonhos. O que vejo? Um quarto claro, iluminado, que é feito de vidro em três lados. Uma bancada cheia de pinceis e tintas e lápis. E tu. Vejo-te a ti, sobrolho franzido, aquele olhar frio e duro enquanto me examinas, a tua mão elegante, bronzeada, a riscar o papel, o vaivém rápido enquanto sombreias o meu cabelo. E sou feliz aqui, na luz, onde nunca são precisas palavras. Se conseguisse falar, pedia à Liv duas coisas. Posso guardar o desenho, posso segurá-lo aqui junto ao meu coração? E será que ela se pode ir embora, por favor, já, antes que a luz desapareça e tu partas de novo.

Quatro meses antes: Catherine

Ainda estarei a sonhar? Sinto que devo estar, despertando ao raiar do dia, o meu corpo nu bem junto ao teu, o homem por quem passei a maior parte da minha vida adulta a chorar e lamentar. Estou deitada na penumbra, a registar as formas desconhecidas da mobília antiquada do quarto. O *armoire* – não um roupeiro, ao que parece, nada tão pedestre aqui – com a parte de cima trabalhada, que se encaracola em ambas as pontas como um bigode encerado. As prateleiras, que correm ao longo de uma parede e estão apinhadas com uma mistura improvável, metade tua, metade do teu tio: livros de arte, uma coleção completa de Dickens que parece nunca ter sido tocada, vários Stephen King – «Leio-os quando não consigo dormir», disseste-me – várias odes pictóricas à forma masculina incluindo um Robert Mapplethorpe devastadoramente explícito.

Adoro este conhecimento novo, atualizado, de ti: a tua casa, os teus hábitos, a tua vida quotidiana. Adoro abrir o *armoire* e ver as filas organizadas de camisas passadas a ferro (tantas brancas que me faz lembrar, com uma pontada, a minha mãe). Gosto de ver a tua escova de dentes (elétrica) na caneca cromada e o teu champô no duche (lima e manjerição; então é daí que vem o cheiro cítrico). Passei tantos anos a desejar informação sobre ti, e a recolher apenas os mais pequenos e insatisfatórios fragmentos dos jornais, que estar aqui em tua casa parece uma sobrecarga sensorial. Ouço o fluxo constante da tua respiração e sinto um pequeno ímpeto de contentamento. Ainda bem que estou acordada, quem me dera não ter de dormir, sequer, poder habitar cada momento do dia e da noite e armazená-lo, mas para quê? Para quando estiver de regresso à casa de campo com a minha caixinha triste de cartas e memórias? Como será isso alguma vez possível, novamente?

Tu esticas o braço e pousas uma mão quente na minha coxa.

– Estás acordada.

Era sempre assim da primeira vez que estivemos juntos, nós os dois em tal sintonia um com o outro que até partilhávamos os nossos ritmos de sono. Lembro-me de acordar contigo a beijar-me e de fazermos amor lentamente daquela forma mágica, quase hipnótica, de modo que depois nunca tinha bem a certeza se estivera a sonhar ou se tinha mesmo acontecido. Tu reboas e abraças-me e sinto os teus lábios a roçar a minha nuca. Desces lentamente a palma de uma mão do meu pescoço ao meu peito e à minha barriga, onde repousa, levemente, alguns centímetros acima da minha virilha. Sempre contigo a chama imediata da luxúria. Tu mudas de posição, pondo-te mesmo em cima de mim, apoiado sobre um cotovelo, traçando o contorno do meu rosto com o indicador, tocando o meu queixo, o meu nariz, os meus olhos.

– É muito cedo – sussurro.

– Não desperdicemos mais tempo a dormir – respondes, também num sussurro. Beijas-me, a tua língua batendo ao de leve na minha, e a tua mão está agora entre as minhas pernas e sinto a tua dureza contra o cimo das minhas coxas. Mãos, dedos, língua; sei o que se segue e não há nada a fazer senão

derreter e arder.

Uma hora mais tarde estamos na tua colina, a partilhar café de um termos em aço inoxidável. Está um pouco frio e eu estou enroscada numa velha camisola azul tua, que estiquei sobre os joelhos para me manter quente. Apanhámos os últimos momentos do nascer do sol, um céu ardente, laranja profundo, com a grande massa cinzenta da Catedral de Wells e a Glastonbury Tor perfilando-se contra ele. Daqui de cima vê-se como o condado está repleto de curvas, um cenário de colinas – as Mendips, as Quantocks e Blackdown: tu aponta-las uma a uma. Faz-me pensar numa mulher de Rubens nua, gigantesca, deitada de lado, e quando te digo isto, ris.

– Agora só vejo mamas e ancas e uma barriga grande.

Dizes-me que vens aqui a cima quase todos os dias para tirar fotografias com o telemóvel.

– Seria de esperar que me cansasse da vista, mas isso nunca acontece. O ambiente muda completamente dependendo da luz e do tempo; eu acho que é por isso que a pinto tantas vezes. E só fazendo muitas versões da mesma coisa é que consigo chegar à sua essência. Umas vezes funciona, outras não. Mas venho cá muitas vezes, de qualquer maneira, quer esteja ou não a pensar em pintar. Quando estou aqui, sei que nunca poderia deixar o Somerset.

– Mas por certo não poderias deixar Shute Park, mesmo que quisesses? Não poderias vendê-la, pois não?

– A propriedade deve ficar na família, transmitida de pai para filho. Mas parece que nem o meu tio nem eu fomos muito bons a procriar. Motivos diferentes, obviamente.

– Porque é que não casaste? – A pergunta sai antes de eu a conseguir conter.

– Não faço ideia. Nunca me apeteceu, suponho. Porque é que casaste com o Sam?

O meu estômago afunda-se ao ouvir o nome dele.

– Porque me fazia sentir segura, acho.

– E eu não?

Caí numa armadilha que eu própria montei. Não, não estava segura contigo, mas não pelos motivos que poderias imaginar. Não consigo olhar para ti agora; sinto náuseas e vergonha e um frio gélido de súbito, um frio invernal. Precisei do Sam pela sua moralidade bem definida, o seu bom conceito de mim. Mas como posso dizer-te estas coisas sem revelar o verdadeiro motivo por que te deixei?

Obrigo-me a respirar lenta e tranquilamente, inspira-expira, inspira-expira.

– Catherine?

Estou transtornada, tu notas.

– Não foi isso. Não foi que tu não me fizesses sentir segura.

– Então o que foi?

A escuridão está já ali no perímetro da minha visão. Se me concentrar, se me mantiver calma, posso afastá-la.

– Senti que não te merecia.

De novo as palavras parecem jorrar de mim quase antes de ter a certeza de que quero proferi-las. Tu vês a verdade nisto, eu sei que vês, porque te levantas e pões os teus braços em meu redor e eu encosto a cabeça ao teu peito, inalando o teu cheiro cítrico.

– Sua tonta – dizes, enquanto vemos as cores do céu desvanecer de laranja para um rosa muito claro. – Como poderias pensar isso?

Passamos o resto da manhã no teu estúdio, um velho alpendre de gado em pedra rodeado de três lados por uma caixa em vidro e aço feita à medida. Lá dentro, a luz é tão intensa que é quase

excessiva, e as paredes e o chão foram pintados de um branco deslumbrante. Está completamente despido, este estúdio, reduzido ao essencial e nada mais – uma bancada de trabalho coberta de tubos de tinta e cadernos de desenho, um recipiente cheio de lápis, um lavatório com um jarro de pincéis de molho, o interior ainda salpicado com manchas de ferrugem e azul-cobalto. Há telas amontoadas por todo o lado: em pilhas no chão, encostadas às paredes às cinco ou seis, e num canto uma torre inteira de telas em branco que se inclinam ameaçadoramente como uma instalação.

Embora tenha lido recensões da tua última exposição e tenha encontrado muitos dos teus quadros na Internet, só agora percebi a seriedade com que encaras o teu trabalho. Isto não é um *hobby*, mas sim uma carreira. Suponho que sou culpada de acreditar na propaganda dos média: o menino rico hedonista que procura o prazer a todo o custo. Passei tantos anos a recriar uma imagem tua na minha cabeça que perdi a noção de quem realmente és.

A arte é boa, acho. Para além das paisagens – quatro delas a mesma vista da colina, a catedral realçada num cinzento um pouco deprimente sobre um céu igual ao desta manhã, congelado ao passar de rosa para laranja – há várias gravuras em madeira, as silhuetas negras perfiladas sobre fundos intensamente coloridos de verde-lima e rosa-choque. A minha preferida mostra uma rapariga sem rosto com o cabelo curto, com franja, encostada a um touro, os cornos delineados a laranja como se ardessem com a bola de sol atrás dele.

– Quem é esta? – pergunto, e tu explicas que a imagem te surgiu quase exatamente assim, quando estavas a ver a ópera *The Minotaur* em Covent Garden.

– Isto não me acontece muitas vezes, mas meti-me logo no carro e vim até ao Somerset e trabalhei no estúdio a noite toda.

Não tenho escolha em relação a desenhares-me outra vez; comesças simplesmente a afiar os lápis e a prender papel num cavalete e dizes-me para me sentar e relaxar como eu quiser.

– Não vais tirar a camisola? – perguntas, e tenho a certeza de que estamos os dois a pensar nas semelhanças entre o passado e o presente, eu com a tua camisa branca e ajoelhada na tua cama, pouco tempo antes da noite em que parti de vez. Agora estou sentada no chão, de pernas cruzadas e olhos erguidos para ti, e estou contente por ter escolhido esta posição, pois dá-me a oportunidade de te estudar com atenção. Ficas quase logo perdido, fitando-me com aquela expressão severa nos olhos. Então isto és tu, penso, enquanto moves o lápis sobre a página, olhos semicerrados, a tua mão a mover-se em vibrações minúsculas, tensas, enquanto sombreias algo – o meu cabelo? Os meus olhos? O azul-marinho da minha camisola? Há tantas perguntas que gostava de fazer, mas sei que não devo quebrar a tua concentração e também quero guardar para mim este momento de observação. Quando voltar para casa, para a minha vida real, vou tentar recordar exatamente isto – a sensação de ser estudada, de novo, finalmente, pelo rapaz que viveu dentro de mim nos últimos quinze anos.

Quatro meses antes: Lucian

O desenho está quase acabado. Estou só a sombrear as pontas do cabelo dela, a tentar acertar a forma como se encrespa em vez de se encaracolar, uma leve curva que termina a cortina macia e lisa de quase-negridão. Pergunto-me se vou transformar o desenho noutra coisa, um óleo provavelmente; estou a pensar que o negro ia ficar bem como um violeta ou um azul, mas aí qual seria a cor certa para a pele dela? Estou tão absorto em pensamentos que de início não reparo que a Catherine está aborrecida e desconfortável. Ela estende as pernas para a frente e vai-se apoiando ora numa anca, ora na outra. Suspira.

– Levanta-te e dá uma volta se quiseses. Estou quase a acabar.

Ela anda pelo estúdio, parando para olhar para umas telas, ignorando outras, sem proferir uma única palavra. Raramente convido alguém para o meu estúdio e não gosto que as pessoas vejam nada a menos que o façam bem. A adulação anódina, detesto isso.

– Maravilhoso, querido – diz a Alexa sempre que vem cá, e é simpático da parte dela, claro que é, mas também não significa nada. Prefiro que alguém diga: «Gosto da forma como fizeste as nuvens, mas não percebo aquela árvore, parece demasiado castanha, demasiado densa.» Porque para mim também é assim. Talvez desse demasiada ênfase à árvore, talvez em vez de insinuar ou sugerir, eu a martelasse na tela. Pintar, para mim, é como uma longa aula ininterrupta, embora não tenha a certeza de que esteja sempre a aprender alguma coisa ou de que alguma vez fique completamente satisfeito com uma obra, sequer. Há algum tempo percebi que a única coisa que precisava de fazer era aparecer no estúdio todos os dias e acabaria por chegar a algum lado; havia momentos em que resultava, em que me sentia em paz. E esses momentos de absoluta absorção, uma autossatisfação que não encontro de outra forma, bem, são o único motivo para o fazer.

Estou prestes a chamar a Catherine para ver o desenho quando ela repara numa série de telas no canto. A que está virada para nós é um nu, estilo Bacon, um pouco grotesco, um homem, frontal, intencionalmente anatómico e inclemente.

– É bastante intenso – diz, as suas primeiras palavras depois de um longo silêncio.

Eu falo-lhe no modelo da minha aula de desenho de modelo vivo, um velhote que parece olhar sempre para mim quando está a reajustar os testículos.

– Talvez seja amor – diz ela, afastando descontraidamente a tela para um lado. E ali, escondida por trás do Sr. Testículos, está uma pintura a óleo da Rachel, o cabelo loiro desgrehado, manchas de uma noite debaixo dos olhos, um cigarro com um rasto de fumo que se estende para lá da tela. *Brasa Fumegante*, chamámo-lhe a brincar, na altura. Portanto agora a Rachel entrou na ordem do dia. Por alguns segundos, o ar para e eu espero que a Catherine diga alguma coisa, mas não o faz.

– Importas-te?

– Como posso importar-me?

Ela ainda não se voltou para me olhar, e eu deteto um leve tremor na sua voz. Ela importa-se.

– Catherine.

Ponho-me no canto do estúdio onde ela está em segundos.

– Olha para mim.

Ela sorri, timidamente, mas eu noto o brilho de lágrimas.

– Patologicamente ciumenta – diz. – Desculpa.

– Diz a mulher que é casada e tem dois filhos. Olha. Se houvesse uma maneira de estarmos juntos, de fazer a experiência pelo menos, então era isso que eu queria. Não preciso de questioná-lo, mesmo depois de todo este tempo de separação. Queria tentar. Mas tu tens dois filhos, nós conhecemos os obstáculos. E se voltares para o Sam, a minha vida prosseguirá como sempre. E isso envolve a Rachel, como amiga em primeiro lugar. A sério, não há nada de que ter ciúmes.

– Ela sabe de nós?

– Tenho estado a evitar os meus amigos. Como querias. Estão fartos de me telefonar e enviar mensagens.

– Acho que devias dizer à Rachel, pelo menos.

– E direi.

Voltamos a olhar para a pintura.

A Catherine diz:

– Está bonita, mas um pouco triste, que é como penso sempre nela, de certo modo, não sei porquê.

– Mais do que um pouco triste. Tem o coração partido, mas recusa-se a admiti-lo. Continua a ir às festas e a tomar as drogas e a lutar com as ressacas e a fingir que está tudo bem; mais do que bem, está tudo ótimo. Mas claro que todos sabemos que não está.

Falo à Catherine no Max, filho da Rachel, que tem onze anos agora. Falo-lhe no dia em que ela perdeu a guarda, sentada a soluçar no chão do meu apartamento em Londres, rios de lágrimas que deixaram manchas de humidade no meu tapete marroquino. Falo-lhe nos cinco minutos de desintoxicação da Rachel, a sua chegada chocante ao Soho House, copo de martíni na mão, quando tínhamos acabado de discutir a cura dela.

Ao longo de tudo isto a Catherine ouve, e quando acabo, diz:

– Ela há de lá chegar, e quando isso acontecer, conseguirá resolver as coisas com o filho, fazê-lo perceber. Só conseguimos parar quando estamos preparados para isso.

– Acho que ele está a começar a ceder – digo-lhe. – Ela vai vê-lo um dia desta semana. Tenho quase a certeza de que é amanhã.

E ocorre-me que a Catherine é o contrário da mulher do Jack, a Celia, que não consegue deixar de exprimir um juízo silencioso sempre que se fala no Max. Vê-se nos olhos dela, na boca, nos ombros. Ela é capaz de transpirar reprobção da nuca. Não é que seja cruel; está, isso sim, tão obcecada com o seu próprio filho e com a maternidade em geral que a «disfunção» da Rachel – ela chamou-lhe mesmo isso uma vez – horroriza-a.

Estamos perante a Rachel nua – é engraçado, na realidade, quão pessoal e impróprio este retrato parece quando começamos a analisá-lo: os mamilos suaves, castanho-claros, as sombras beges, profundas, que marcam a curva inferior dos seios, a tira bem delineada de pelo – vendo, e não vendo ao mesmo tempo, pois a Catherine está em transe, fomos os dois apanhados numa escadaria de memória.

Acho que só estávamos juntos há cerca de uma semana, enfiados no meu quarto a maior parte desse

tempo, na casa de Clifton que eu partilhava com o Jack. Ele trouxe-nos comida de *take away* uma vez, lembro-me, e tirando isso acho que nos alimentávamos de chá e torradas e garrafas de vinho muito caro que o meu tio me dera.

A pancada viva e impaciente da Rachel na porta sobressaltou-nos, pós ou pré-coito, estado em que nos encontrávamos sempre naqueles tempos, e eu atirei à Catherine uma das minhas *T-shirts* e embrulhei uma toalha à volta da minha cintura. A Rachel entrou e ficou à porta a olhar para o quarto – a cama amarrotada, o emaranhado da roupa da Catherine e da minha no chão, uma confusão de canecas na minha secretária – e o rosto bonito dela estava tenso de desaprovação. Dormíramos juntos depois de uma festa regada a álcool na primeira semana do período letivo – um tumulto pouco memorável no chão do quarto de banho, se bem me lembro – e nunca desde então, mas eu sabia que ela estava apaixonada por mim. Ou pensava que estava, pelo menos.

– Olá, Rach – disse eu. – Conheces a Catherine, não conheces?

Não foi a apresentação mais elegante, não o melhor cenário, nós os dois seminus na cama, a Rachel, mesmo na altura, demasiado bem vestida para uma estudante, com as suas joias de ouro e roupa cara.

A Catherine disse «Olá», mas a Rachel não reagiu, nem mesmo com um olhar superficial.

– Quando é que te vamos ver? – A voz dela era lamurienta. – Vens sair connosco hoje à noite? Há uma festa.

– Duvido – disse eu. – A não ser que a Catherine queira ir.

Olhei para a Catherine, mas ela encolhera-se no canto, como se pudesse tornar-se invisível sob o olhar desinteressado da Rachel.

– Vou tomar um café rápido com o Jack antes de ir para a biblioteca – disse a Rachel. – Vens?

Tentei convencer a Catherine a ir comigo enquanto vestia à pressa uma *T-shirt* e um par de *jeans*.

– A Rachel tem só alguns ciúmes de ti, mais nada. Vai adorar-te quando te conhecer melhor. Todos eles te vão adorar.

Mas a Catherine abanou a cabeça.

– Vai tu – disse ela. – Eu estou bem aqui.

Na cozinha, a Rachel e o Jack estavam junto ao lava-louça claramente a falar de mim, e eu entrei num ambiente hostil de frases inacabadas.

– Às vezes consegues ser tão antipática, Rach. Fizeste a Catherine sentir-se mesmo mal ali dentro.

– Não acho que ela seja a rapariga certa para ti. Desculpa, mas tenho de te dizer.

Olhei para o Jack, que me irritara ao não dizer nada.

– Presumo que tu discordes?

– Claro que gosto da Catherine. Sabes que gosto. Ela tornou-se uma boa amiga. Acho que o que a Rachel está a tentar dizer é que nós já não te vemos. É como se só te interessasses por ela.

Eles os dois, ali especados, muito reprovadores e virtuosos. A raiva tornou-me insensível; não queria saber da Rachel e da mágoa do seu amor não correspondido, ou do facto de o Jack me ter apoiado na minha adolescência difícil e agora eu estar a descartá-lo como uma criança ciumenta.

– Suponho que nenhum de vocês sabe como é quando só queremos que nos deixem sozinhos com alguém. Não podes simplesmente ser educada com ela, Rach? É pedir muito?

Até então, formáramos um grupo bastante unido de cinco pessoas: o Jack, o Harry e eu, que éramos amigos desde a escola, e as meninas, a Rachel e a Alexa, uma nova aquisição, todos nós viciados em diversão, excluindo quase tudo o resto. Tínhamos dinheiro e tempo e juventude, suponho, e um desejo

inconsciente de desperdiçá-los completamente. A Rachel insistira desde o princípio numa amizade exclusiva; conseguia-a com a sua reserva *noli me tangere* e farpas precisas e com o simples facto de ser basicamente mais divertida do que qualquer pessoa que tivesse conhecido. Se nos queria só para si, podia ter-nos, era essa a minha perspectiva. E depois conheci a Catherine.

Tenho vergonha agora da forma como me afastei deles, especialmente da Rachel, cujos olhos estavam vívidos de lágrimas. Mas encontrara o amor, depois de uma década de intensa solidão. Amor erótico. Não soubera que podia consumir assim, de tal modo que a única coisa em que pensava, os únicos pensamentos que tinha, era o que tínhamos acabado de fazer um ao outro e o que poderíamos gostar de experimentar a seguir. Que ela fosse virgem quando me conheceu e no entanto tivesse igualado, por vezes até excedido, a intensidade da minha paixão fizera-me perder o controlo. Eu estava viciado nela, fascinado, obcecado, e não havia mais nada nem ninguém que tivesse importância para mim.

– Ela não gostava de mim, pois não? – pergunta a Catherine, quinze anos mais tarde, enquanto estamos aqui diante da Rachel bela e nua, aos trinta e tal anos, e eu sei que, como de costume, os nossos pensamentos correm lado a lado.

– Era mais uma questão de gostar demasiado de mim.

– E agora? Ainda gosta demasiado de ti?

Gosta e não gosta, é o que penso. Por vezes sei que a obsessão da Rachel por mim – pronto, admiti-o – é na verdade apenas outro nível da sua dependência de drogas. Ela acha que me ama, mas a verdade é que é a ideia de mim e talvez a minha indisponibilidade que ela ama, da mesma forma que anseia por hedonismo e por infringir regras. As drogas são uma experiência oca, em última análise, e sempre que acorda, ou antes, não dorme, e passa pela crueza dilacerante da aurora, ela sabe isso. Amar-me é um escape, uma fachada, uma cortina atrás da qual se esconder, e é exatamente igual com a sua dependência de cocaína. Uma vida descontrolada, dependente de drogas, é mais fácil de enfrentar do que os problemas severos que lhe subjazem: talvez não se sinta capaz de ser mãe, talvez não goste de si própria o suficiente para se achar digna do amor de outra pessoa. Mas basta de psicologia de treta. Como a Catherine diz, a Rachel ainda não caiu o suficiente.

– Ela acha que ainda me ama, mas podes crer que não se baseia em nada real. – Nós fitamo-nos por um longo momento, e depois eu viro o retrato da Rachel para a parede e beijamo-nos.

Quinze anos antes

Tornámo-nos uma espécie de quarteto, tu, eu, o Jack e a Alexa. Na maioria das noites ela e eu íamos a vossa casa, e pedíamos comida de takeaway ou de vez em quando cozinhávamos e muitas vezes íamos a uma festa. Eu bebia na altura, e, provavelmente, ainda bem que assim era porque as vossas vidas estavam inundadas em bebida – *Chablis* e clarete e champanhe e marcas caras de vodka russa que eu nunca vira. Depois da primeira quinzena passada quase exclusivamente na cama, levantava-me sempre no dia seguinte e ia à biblioteca ou aos meus seminários semanais enquanto vocês dormiam. Eu era uma marrona, um hábito que não conseguia ou não queria quebrar, enquanto tu tinhas aquela inteligência espontânea, irritante, que te permitia ler um texto no último minuto sem fazer nenhuma pesquisa e conceber um comentário original e incisivo que deixava sempre o nosso orientador espantado.

Numa sexta-feira eu estava a trabalhar afincadamente na biblioteca quando um papel pousou sobre os meus livros. Olhei para cima e vi-te debruçado sobre o meu cubículo, a sorrir.

– Olá – disseste numa voz demasiado alta para a biblioteca.

– Olá – sussurrei eu em resposta.

Outro desenho, a tinta de novo, mas desta vez uma casa grandiosa com colunas e torreões e três filas de janelas altas e estreitas. O meu coração começou a bater acelerado. Percebi logo que era a casa do teu tio, Shute Park, um lugar que estivera secretamente ansiosa para conhecer. Sobre o desenho, escreveras: *Vamos passear?*

– A sério? – disse eu. – Quando?

– Agora. O Jack conduz, há mais espaço no carro dele.

O carro do Jack era mais próprio de um estudante do que o teu, um velho *Golf* verde-garrafa que cheirava a tabaco e cerveja derramada. A Alexa estava sentada à frente ao lado do Jack, e quando entrámos para o banco de trás, sacou a rolha de uma garrafa de champanhe.

– Aqui está ela! – disse o Jack. – Vamos dar início ao fim de semana.

Ele carregou no botão de ejetar do leitor de CD, tirou um disco e atirou-o lá para trás. O CD vermelho e amarelo do *Screamadelica* ocupou o seu lugar.

– Nós queremos apanhar uma moca!³ – gritou ele, pondo o pé no acelerador e passando por um grupo de estudantes de ar aplicado que se dirigiam à biblioteca.

– É sexta-feira, otários! – berrou o Jack da janela.

A viagem pareceu demorar apenas alguns minutos, embora talvez o champanhe estivesse a deturpar a minha noção do tempo. Num momento estávamos nos arredores de Bristol e no outro estávamos a passar entre duas colunas de pedra e o meu estômago começava a agitar-se de ansiedade.

O caminho de acesso era longo e ladeado de árvores, o que eu já esperava, de certo modo, mas a casa – dobrámos uma curva e ali estava, subitamente, como uma miragem – era ainda mais incrível

do que o teu desenho.

Soltei um arquejo, e a Alexa riu-se.

– Mágico, não é? – disse ela.

O que estava eu a fazer numa relação com alguém que vivia numa casa assim?

– Um dia, meu filho, tudo isto será teu – disse o Jack, tornando a sua voz fina, velha e trémula.

Era como se tivesse adivinhado o que eu estava a pensar. Sentia-me uma impostora perante toda aquela grandiosidade, e ele sabia-o.

Ele travou o carro ruidosamente em frente à casa, tocando a buzina uma vez para anunciar a nossa chegada. Na altura, o Jack intimidava-me; a confiança dele parecia-me inalcançável e avassaladora.

A porta principal foi aberta por uma mulher pequena, de cabelo escuro, que tu me apresentaste como sendo a Mary.

– Olá – disse ela. – O teu tio está na biblioteca, à tua espera.

No corredor, tanto tu como o Jack aspiraram o ar.

– Mary! – disse o Jack. – Não me digas. Fizeste a tarte, não fizeste, sua mulher incrível – e ela riu-se.

– Sim, claro que vão comer tarte de frango.

Reconheci a música antes de chegarmos à biblioteca: Bob Dylan, *Blood on the Tracks*; estavas sempre a ouvi-lo. Não havia livros na biblioteca, apenas uma lareira enorme numa ponta com sofás de couro diante dela, e um aparador cheio de garrafas de cristal com álcool: líquidos âmbar, dourados e castanhos, garrafas de *gin* e vodka alinhadas ao lado delas. O teu tio estava estendido num sofá com um copo equilibrado sobre a barriga, mas levantou-se mal nos viu. Era alto e magro e surpreendentemente bem-parecido; não sei porque não esperara isso. Usava uma camisa azul às cornucópias com *jeans* e sapatos de veludo bordados.

– Os patifes chegaram. Ainda bem. Já não era sem tempo.

Ele abraçou-te a ti primeiro, depois a Alexa, depois o Jack e por fim estendeu-me a mão.

– Então tu é que és a Catherine. Começava a perguntar-me se não serias a amiga imaginária dele.

Apontou para um balde de gelo na mesa entre os sofás.

– Vamos beber champanhe em tua honra – disse ele, sorrindo para mim, e nesse instante relaxei.

Aqui podia ser quem quisesse.

Tudo foi perfeito naquele fim de semana. O teu tio tratava-nos de igual para igual, o primeiro adulto que conhecera que fazia isso. Durante o jantar, na cozinha – o Jack tinha razão, a tarte era incrível – falámos sobre música, festas e arte. O teu tio era um colecionador; levou-me para a sala de estar, uma sala antiquada com um papel de parede floral e mobília muito reluzente, e ali na parede à nossa frente estava um homem nu esparramado sobre uma mesa de *snooker*, preparado para dar a sua tacada. Nudez gritante à parte, era um feito de geometria, este quadro.

– Francis Bacon – disse eu.

– A fealdade é algo de que gosto num quadro – disse ele. – Tu também?

Ficámos acordados até tarde na biblioteca nessa noite, a explorar a coleção de discos do teu tio, e comecei a perceber a tua obsessão por *blues* e *rock and roll*; veio dele primeiro. Devemos ter ouvido pelo menos três álbuns dos Rolling Stones ao longo da noite – *Exile on Main St.*, *Black and Blue*, *Sticky Fingers*. Mas houve algumas baladas do Elvis, também, e a fase inicial do Leonard Cohen, e muitas vezes a Alexa fazia uma transição para algo inesperado. Lembro-me de ela escolher «*Piece of my Heart*», de Janis Joplin, que o teu tio adorava. Desde então que não consigo ouvir essa

música sem pensar nele.

– Uma mulher de gosto – disse ele à Alexa. – Bem me parecia.

Fiquei impressionada com a tua proximidade com o teu tio. Muitas vezes dei por mim a esforçar-me para ouvir conversas entre vocês os dois, filtrando a música ou a tagarelice incessante da Alexa para apanhar o que diziam. Ouvi-o falar-te no amante dele, como tinham acabado e agora estavam outra vez juntos. Parecia estar a pedir-te conselhos.

– És mais feliz quando ele está por perto – disseste. – Ele faz-te bem.

– O mesmo se aplica a ti – disse o teu tio. – Tem boa energia, a tua miúda.

Tu riste e olhaste para mim e eu senti um leve arrebatamento por ser a causa da tua nova felicidade.

Lembro-me de pensar, ainda bem, tens alguém que te ama, alguém para além de mim e dos teus amigos. Parecia importante.

O dia seguinte estava quente e nós estendemo-nos em mantas no jardim a ler os jornais de sábado e a beber limonada caseira que a Mary nos trouxe. O Jack fora de carro à aldeia comprar o *Mirror* e estava a ler em voz alta as notícias mais ridículas.

– Ouçam isto – dizia ele, e nós levantávamos todos a cabeça dos nossos jornais e ouvíamo-lo. Foi nesse fim de semana que comecei a perceber como ele ansiava pela tua atenção. Tudo o que fazia era concebido para o teu entretenimento. Senti alguma pena dele; parecia esgotante.

Foi ideia do Jack ir nadar.

– Não na piscina – disse ele. – Vamos ao lago.

– Boa sorte – disse o teu tio. – Está gelado e cheio de ervas. Vão aguentar cerca de cinco minutos, acho.

Levámos mantas e toalhas e a Mary preparou um piquenique: *scotch eggs* caseiros, lembro-me, com gemas laranja-vivas, e sanduíches de pasta de frango. O teu tio deu-nos mais champanhe.

– A única coisa a beber num piquenique – disse sem ironia.

O lago, no limite da terra do teu tio, era como entrar num lugar selvagem e secreto, um oásis completamente tapado por choupos. Havia um pequeno cais de madeira, com um barco a remos amarrado.

– Olhem. Podíamos passear no barco – disse eu, mas o Jack abanou a cabeça.

– Boa tentativa, Catherine – disse ele. – Mas nós vamos nadar.

Nenhum de nós tinha fatos de banho, e depois do almoço, estimulados pelo champanhe, o Jack e a Alexa despiram-se facilmente, nem um momento de vergonha enquanto corriam nus para a água, a Alexa a guinchar com o frio.

– Eu não posso despir-me completamente – dissera-te eu, num tom urgente, quando te começaste a despir.

Tu inclinaste-te e beijaste-me.

– Está bem – disseste. – Não tires a roupa interior.

Mesmo assim, tive vergonha de entrar no lago só de *soutien* e cuecas; tu, por consideração a mim, desconfiei, também mantiveras os *boxers* vestidos.

– Puritanos! – gritou o Jack. – Despachem-se. Está fria como o caraças.

A Alexa bateu com os pés, levantando grandes arcos brancos de água para nos borrifar.

A água estava fria, aquele frio profundo, arrepiante, mas passado um minuto ou dois a nadar intensamente, tínhamos aquecido o suficiente para flutuar de barriga para cima, os quatro em fila. Lembro-me de olhar para o céu azul sem nuvens e pensar que tinha, finalmente, sido aceite pelos teus

amigos. Os anos que nos restavam na universidade estendiam-se no horizonte, uma visão cintilante do paraíso, livre de obstáculos. Se ao menos soubesse o que aí vinha.

[3](#) No original, «*We wanna get loaded*», parte da letra da música «Loaded», do álbum *Screamadelica*, lançado pela banda escocesa Primal Scream em 1991. *(N. do T.)*

Agora

Tudo gira à volta da dissociação, hoje em dia. Os porquês e os ondes e os comos, como se eu fosse um balão flutuante que simplesmente partiu o fio. O Greg parece acreditar que pode recompor-me levando-me para o passado, para os momentos em que caí na alienação. Não é uma tarefa fácil quando se está a lidar com uma muda.

Ele fala. Eu ouço ou não ouço. Mas as palavras dele estão nos meus ossos, uma artrite que arde lentamente; cortam com a clareza de um bisturi.

Está a falar sobre a minha mãe; tem uma fotografia dela que o Sam lhe deve ter dado e pede-me para vê-la. Um olhar rápido basta; esta fotografia vive ao lado da nossa cama, em casa. Ela está bronzeada e a rir, com a cabeça atirada para trás; o Sam costumava dizer que era parecida comigo.

– Acho que tens medo da dor – diz o Greg. – Muita gente tem. Tu achas que se te barricares dentro dessa concha, dentro dessa parede de silêncio, não vais sentir a dor. O problema é que também não vais sentir mais nada.

«Quando perdemos alguém que amamos – continua ele –, a ausência dessa pessoa está em todo o lado. Cada divisão em que entramos, cada casa que visitamos, cada loja, cada rua, cada parque, está marcado pelo facto de ela não estar ali. Mas isso não nos impede de a procurar.

Ele baixa a voz.

– Acho que ainda estás à procura, Catherine, não estás?

Estupidamente lenta de compreensão, no dia em que a minha mãe morreu, percebi o significado de ausência. Não mais. Nunca. Nem falar, nem contar, nem ouvir, nem tocar. A minha solidão era infinita.

Ela morreu a meio da noite, e por um qualquer instinto acordei e saí para o corredor, e vi o meu pai a encostar as almofadas e o edredão dela à parede. E então percebi. A sua roupa de cama já não era precisa.

Fui vê-la, não respirava, perfeitamente imóvel. Não tive a possibilidade de dizer adeus. De dizer, não vás. Fica um pouco mais. Mais uma hora, mais uma noite.

E depois também eu desapareci, o fio partido do Greg, talvez. Havia uma rapariga que flutuava algures a observar o drama desta pessoa nos braços do seu pai. «Catherine, Catherine, Catherine.» Ele dizia o nome dela, mas por um momento ela não conseguiu ouvi-lo. Por um momento, ela não viu, ouviu, escutou nem sentiu. Por um momento não houve nada.

Quatro meses antes: Catherine

Estamos mesmo a sair do estúdio quando o meu telemóvel toca e o número do Sam aparece, lançando-me numa espiral de pânico. Deixo o telemóvel ir para o *voice mail* e depois saio sozinha para o roseiral e sento-me num banco à espera que a mensagem entre, sorrindo de alívio ao ouvi-la.

– Mamã! Sou eu. Sentimos a tua falta. Liga-nos!

A Daisy no telemóvel do Sam. Com isto posso lidar. Adoro a forma como os miúdos soam muito mais novos do que realmente são sempre que os ouvimos ao telefone. Quando retribuo a chamada, ela atende num tom ofegante e entusiasmado, como se tivesse cerca de cinco anos.

– Onde estás, mamã?

A pergunta que eu temia.

– Sentada num lindo jardim de rosas na casa de uma amiga.

– Qual amiga? É a Liv?

– Não, alguém que ainda não conheceste. A Liv também está aqui, claro.

O meu coração bate um pouco mais rápido enquanto crio esta versão da verdade e passo logo a outra coisa.

– Fala-me no teu dia. O que fizeste?

Estiveram a apanhar caranguejos em Mevagissey, sentados no muro do porto a balançar fios cravejados com cubos de *bacon*. Pastéis da Cornualha, a seguir, e gelados de uma loja que tinha trinta e dois sabores. Sinto falta deles, de súbito, com uma dor aguda e feroz. A sua pele macia e bronzeada, as suas vozes agudas, os seus pés pretos de verão. O riso da Daisy, surpreendentemente profundo, a gargalhada regada a *gin* de uma peixeira, dizíamos sempre. A obsessão do Jack por factos absurdos e aleatórios e vídeos de cães que falam.

– Sinto a tua falta – digo.

– Então vem visitar-nos, tonta.

– Mas vocês voltam para casa em breve. Só mais um dia ou dois.

A conversa terminou, aparentemente, pois a Daisy passa o telemóvel ao Sam e eu não tenho preparação, nenhuma mesmo, apenas a voz dele do outro lado da linha com o seu leve sotaque do norte.

– Olá.

Ele soa distante, de outra vida, quase. Este homem que eu deveria amar. Há tanto a dizer que durante algum tempo, talvez um minuto inteiro, não dizemos nada. Fico aqui sentada no banco de pedra, com o coração a bater acelerado.

– Como vamos resolver as coisas? – pergunta o Sam, por fim.

– Falamos. Quando chegarmos a casa, falamos.

– Deves ter estado a pensar nisso.

Uma onda de culpa rebenta sobre mim. Claro que estive a pensar no Sam, mas não tanto como deveria. Durante as últimas vinte e quatro horas estive completamente dominada pelo meu amor, luxúria, obsessão – os três sentimentos, provavelmente – por ti.

– A verdade é que estou a tentar não pensar muito nisso. Mas independentemente do que fizermos, e seja como for que o façamos, vamos garantir que os miúdos ficam bem e que nós ficamos bem, tu e eu. Na medida do possível.

– Achas que me consegues perdoar?

– Oh, Sam, eu já o fiz. Sei porque fizeste aquilo. Eu compreendo. Já não tem a ver com isso, não tem a ver com a Julia, quero eu dizer.

– Nunca teve, não verdadeiramente.

– Não.

O teu nome de novo, ali entre nós, um eco silencioso incessante, pouco antes de terminarmos a chamada.

– Queres falar sobre isso? – perguntas tu quando venho procurar-te um pouco mais tarde, mas eu abano a cabeça.

De que valeria? Nenhum de nós quer encarar a realidade quando o nosso tempo juntos é tão breve. Nenhum de nós quer falar sobre o facto de eu ser casada e ter dois filhos, e de que a ideia de os deixar ou obrigá-los a viver sem o Sam é inconcebível. A verdade, aquela que tentamos ao máximo evitar, é que eu casei com o homem errado. Mas houve um motivo para isso.

À tarde tu levas-me a Colton House para um almoço tardio. Estou bastante interessada em ver este famoso santuário de decadência depois de anos a ler sobre ele: o frenesim mediático nos jornais quando abriu; o ultraje daqueles que não passam no severo processo de seleção, o regozijo maldoso daqueles que são aceites. Não estou de todo surpreendida por seres membro, o rebelde favorito dos tabloides há não muito tempo, o menino rico e malcomportado sobre o qual toda a gente adorava escrever.

– Então – pergunto – Colton House é mesmo tão horrível e pretensiosa como as pessoas dizem?

Tu fazes o teu sorriso habitual.

– Sim. Vais adorá-la.

Três ou quatro vezes por semana tu vens aqui, dizes, para uma sessão com um *personal trainer*, para usar o ginásio ou a piscina interior e depois pequeno-almoço com os jornais. Por vezes, é um almoço prolongado com os teus amigos ou jantar na sala privada para festejar o aniversário de alguém.

– Na maioria dos dias o Jack ou o Harry telefonam e dizem, pequeno-almoço? Almoço? Bloody Mary? E mesmo que não o façam, há sempre alguém que conheço se quiser companhia.

A mudança de temperatura é imediata. Sente-la quando viro a cabeça e olho pela janela para o verde que passa veloz, a paisagem ondulante do teu paraíso? Será sempre assim, aqueles nomes bastam para me sufocar. O Jack, especialmente o Jack; sempre que ouço o nome dele sou transportada de novo para um sítio onde não quero ir. Em vez disso, tento concentrar-me na paisagem, as sebes já a florescer com vermelho e roxo, compelidas pelo calor prolongado do verão a uma nova época. Vislumbro bagas de roseira brava, abrunhos, amoras silvestres, e consigo pensar, mais calmamente agora, na minha filha, que adora ir apanhar amoras, enchendo o seu *tupperware* com as bagas mais negras e maduras, que eu depois transformava num *crumble* (ou muitas vezes

deitava ao lixo uns dias mais tarde). Em cada um dos meus filhos, especialmente quando eram pequenos, havia uma espécie de otimismo comovente em apanhar fruta, puxando atrás de si trotinetas ou triciclos enquanto avançávamos pelas sebes; eram momentos de pura inocência para mim, recuperada, revivida, absolutamente absorvida.

O teu telemóvel apita com uma sequência de mensagens recebidas, uma atrás da outra, e por fim tira-lo do bolso das calças e deixa-lo cair no meu colo.

– Desligas-mo, por favor?

– Alguém quer muito falar contigo – digo, e ao clicar no botãozinho no lado do telemóvel, vejo a mensagem no ecrã.

A CATHERINE?!! Deves estar a brincar! R

– Mensagem simpática da Rachel – digo, e a minha garganta parece fechar-se só de mencionar o nome dela. Ao longo dos anos, fui sabendo de ti e da Rachel; era impossível não ver as fotografias, vocês os dois a olhar para a câmara num qualquer cenário luxuoso, copo de champanhe na mão, tu alguns centímetros mais alto do que ela, ambos aborrecidos e sisudos, como se quisessem que a fotografia terminasse para poderem voltar ao vosso mundo privado e superior. Mas foi o nu que realmente me abalou, reforçando o facto da vossa união de uma forma para a qual simplesmente não estava preparada. A nudez dela, claro, o teu conhecimento do seu corpo, a forma como ela olha para ti com o mais ténue sorriso, uma piada de amante.

Tu, percebo agora, és o género de pintor que é capaz de retratar facilmente emoções e estados de espírito; isto separa-te de todos aqueles amadores que conseguem representar na perfeição um campo de milho pontilhado de papoilas com as suas pinceladas de estudante de arte e ainda nos deixam a pensar: e depois? Podemos estar a olhar para uma pintura a óleo da tua vista favorita, e muito para além dos pontos de referência, as colinas, a catedral, a Glastonbury Tor, sentimos que podemos tocar o clima; percebe-se a desolação à medida que a luz começa a desvanecer, mas também a tua melancolia quando a pintavas. Com a pintura da Rachel, não era tanto a nudez – mamas, pelos púbicos, sem restrições – mas sim a sensação visceral de sexo, sexo bom, sexo fantástico, provavelmente, que na verdade me arrasava. Sei muito bem quão bom esse sexo teria sido.

– Enviei uma mensagem à Rachel – dizes agora. – A notícia já é conhecida, estão todos em polvorosa. És capaz de imaginar, provavelmente.

– Mas eu nem sequer contei ao Sam.

– Está tudo bem, eu pedi-lhes para guardarem segredo. Eles não dizem nada.

Eles. Isto quer dizer que também contaste ao Jack? A última vez que o vi foi numa festa no meu último ano. A minha mãe morrera uns meses antes; a dor era tanta que não sabia o que fazer com ela. Fechei-a a sete chaves e tentei imitar a rapariga que fora outrora; acho que não fui muito bem-sucedida. Era raro sair, mas por uma vez, apenas algumas semanas antes dos exames, o Sam insistira.

– Anda lá, uma última farra antes dos exames finais.

O Jack apanhou-me sozinha, à espera de que o Sam voltasse do bar. Fiquei paralisada no foco do seu olhar. Beijos grandes, demasiado dramáticos, nas minhas faces, uma saudação arrebatada.

– Admira-me que vivamos na mesma cidade e eu nunca te veja – disse ele, como se encontrar-me fosse a melhor coisa que lhe acontecera.

Eu não disse nada enquanto o meu coração pulsava o drama da minha mente. Não durou mais do que trinta segundos. O Sam voltou com dois copos de vinho, pegou no meu cotovelo e levou-me embora sem sequer se dar ao trabalho de olhar para o Jack.

– Catherine?

A tua voz desperta-me da melancolia.

– Estás a preocupar-te com coisas que não vão acontecer. Nós não vamos ver o Jack, a Rachel ou o Harry. Eu prometi-te isso. E não nos resta muito tempo. Não achas que devíamos simplesmente aproveitá-lo?

– Desculpa.

Tu sorris como se não importasse, como se pudéssemos ignorar os meus demónios e fingir que somos as pessoas que fomos em tempos. E eu digo a mim mesma para me esforçar mais.

Colton House é tão impressionante como os jornais dão a entender. Chega-se por um longo caminho arborizado à casa, com o seu famoso exterior jorgiano de pedra cor de mel. É um edifício bonito, um sonho estilo Jane Austen, mas em comparação com a tua casa não é nada, isso é que é engraçado. A fasquia está tão alta que quase me sinto desiludida.

A caminho da casa principal passamos pela piscina – uma piscina infinita, longa e estreita, cheia de crianças aos guinchos e rodeada de mães bronzeadas e tonificadas a ler revistas e a conversar indolentemente com as amigas: mais um dia das férias de verão passado com gloriosa facilidade. Oh, é uma vida diferente, esta, nada de apanhar um autocarro para o complexo desportivo infestado de germes, nada de andar em filas de dez pelo Victoria and Albert Museum, nada de nos apertarmos no único quadrado de areia disponível a perder de vista. Mesmo assim, preferia ser «nós», acho, mas depois lembro-me – não há um «nós», não verdadeiramente, já não. Há os meus filhos, o meu rapaz e a minha rapariga, à pesca de cavalas ou a tomar banho nas poças ou qualquer das outras atividades impecavelmente escolhidas, salutares, que o pai deles organizou, e há um eu, a caminhar em direção a este infame quartel-general do elitismo, sinónimo de excesso, de tudo o que o Sam mais despreza, no braço do meu amante secreto. Odeio-me pela minha deslealdade, mas isso não a torna mais fácil.

Somos recebidos por um homem alto com o tipo de barba muito em voga, bem cuidada, que o Sam adora odiar.

– Matt, esta é a Catherine – dizes, apresentando-me, e nós seguimo-lo através do bar (janelas com vista para um parque salpicado de veados, dois músicos conhecidos a beber cerveja num bar circular) e saímos para o terraço, até uma mesa que foi posta para dois. Agora percebo o fascínio deste sítio.

A maioria das mesas cá fora está cheia de famílias em férias, adolescentes colados a *smartphones*, pais ligeiramente ébrios com o seu rosé quase vazio, um trio de homens a falar entre cervejas e portáteis postos de lado, um casal jovem, a partilhar ostras pré ou pós-coitais – reparas, como eu, pois eles são fantasmas de nós os dois nos velhos tempos. Há uma mãe bonita, de olhos escuros, e a sua amiga, a beberem lentamente uma garrafa de champanhe enquanto a sua filha pequena brinca com um *puzzle*, e uma mesa ruidosa de géneros e idades mistos, todos eles a fumar e a beber, unanimemente vestidos de preto. Parece o supremo esconderijo, sobriamente luxuoso na medida em que cada pormenor, desde as espreguiçadeiras trajadas de azul aos baldes de gelo em vidro fumado, foi claramente ponderado ao máximo, e discreto no sentido em que os funcionários aparecem apenas quando os queremos e desaparecem com a mesma prontidão. Mesmo a esta hora há um ar de maleficência, de transgressão, um hedonismo que foi cravado nas vigas. Tudo pode acontecer aqui, sente-se, qualquer coisa, e não teria importância porque ninguém diria uma palavra.

O Matt está de volta com uma garrafa de champanhe, que abre habilmente e serve em dois copos.

– *Fruits de mer?* – pergunta, desaparecendo de novo antes de conseguirmos responder. Quando me

vês a olhar para o champanhe, dizes-me que é Pol Roger *vintage* e que o Matt sabe que deve trazê-lo sem lho pedirem. Contas-me isto sem um vislumbre de ironia, e de súbito a disparidade entre nós parece vasta. Esta vida que tu levas, é o que estou a pensar. Esta vida fabulosamente complacente. Como será termos tudo o que queremos, o tempo todo? É suficiente?

Um dos motivos por que te segui ao longo dos anos, com o meu instinto agudo para um novo artigo ou crónica, as minhas febris buscas noturnas *online*, era querer saber se eras feliz. Fizera a minha escolha, ou antes, esta fora-me imposta, e não podia voltar atrás; por muito que apagasse ou colorisse, nada mudaria. Mas teria eu feito o melhor para ti? perguntava-me, à medida que os anos passavam e a poeira assentava e a ferida diminuía, ou pelo menos tornava-se menos óbvia. Tu e a Rachel eram felizes, da forma como eu e tu havíamos sido em tempos? perguntava-me ao estudar uma nova fotografia, fitando o cabelo dela, com um *brushing* profissional, o seu rosto belo e sério. Mas claro que as fotografias nunca podiam responder a isso, tal como o meu catálogo de vida familiar, as intermináveis fotografias de telemóvel, os vídeos e álbuns que eu fazia para o Sam cada Natal, também não contam a história toda.

Uma tranquilidade cai sobre a nossa tarde. Há um calor bom no sol, o champanhe está perfeitamente frio e o marisco é ainda melhor do que o nosso primeiro almoço naquela cabana azul raiada de sal. Enquanto comemos, falas-me no Harry e na Ling, a única rapariga que alguma vez o impressionou.

– Ela é muito nova, embora não o pareça. Tem a ver com o trabalho dela, provavelmente: entretinha os clientes num bar quando eles se conheceram. Seja isso o que for naquela parte do mundo.

– Achas que ela o ama?

– Eu diria que sim. Sem dúvida.

– Suponho que as pessoas poderiam pensar que ela se casou com ele por dinheiro.

– Provavelmente pensam até os verem juntos. Foi o que eu próprio pensei. Mas ainda que em teoria seja um par ilógico: ele é pelo menos trinta centímetros mais alto do que ela, para começar, depois há a diferença de idades, o enorme fosso entre as origens deles... Na verdade, parecem estar completamente apaixonados um pelo outro.

Falas-me no Harry entre os vinte e os trinta, «uma década sem amor e bastante solitária, diria, pensando bem, embora nenhum de nós o percebesse na altura. Não que as raparigas não estivessem interessadas nele e na sua grande casa e no seu título, porque estavam, mas algo, algures, o travava. Repressão, suponho. Há uns anos ele começou a fazer viagens sozinho à Tailândia. Eu odiei a ideia de ele estar lá sozinho, mas voltou daquela primeira viagem um homem diferente. Tinha encontrado uma namorada, disse-nos, e nós sabíamos que não devíamos fazer perguntas. E depois este inverno ele conheceu a Ling num bar e pronto. Enviou-nos uma mensagem inesperadamente e disse: ‘Casei-me hoje.’ Perguntei-lhe porque decidiu casar com ela e ele disse: ‘Simplesmente não conseguia encarar a ideia de vir para casa sem ela.’»

– Então é uma história de amor a sério – digo, e tu fazes o teu sorriso engraçado e sei que estás a pensar em nós, na nossa história de amor e no universo paralelo que outrora habitámos tão brevemente.

Estou a tentar manter-me afastada dessa encruzilhada, do caminho errado do qual nunca consegui regressar. Quando tu e eu estávamos juntos, sentia-me mais feliz e mais viva do que nunca. Tudo parecia possível e então, de súbito, nada. O meu mundo encolheu, literalmente, de um dia para o

outro.

Começo a falar-te nos meus filhos, tentando, acho, voltar a ancorar-me no meu mundo real.

– O Joe parece bastante sério quando o conhecemos pela primeira vez – digo-te. – Eu ainda estava transtornada quando ele nasceu, e a primeira infância dele foi tranquila; não nos relacionámos muito. Mas ele é engraçado, consegue fazer uma imitação perfeita minutos depois de conhecer alguém. Ele apanhava-te logo, voz, maneirismos, tudo. Ao passo que a Daisy é exatamente o contrário dele. É incrivelmente confiante e segura de si. Diz sempre o que pensa, quer queiras quer não.

Tu pegas na minha mão.

– Tu eras assim quando te conheci – dizes, mas a tua voz é amável; não exprime censura. Eu sei qual é a pergunta que queres fazer: o que aconteceu para te mudar? E também sei que não a vais fazer.

– Estás pronto para ir?

Enfias o teu polegar na palma da minha mão e agora sei exatamente o que tens em mente. Estás a pensar nesta manhã, a lembrar-te de que fui eu quem assumiu o controlo desta vez, provocando-te, fazendo-te esperar, até já não consegues aguentar. Quero fazê-lo outra vez, quero fazer-te sentir como eu me sinto, desesperada, eroticamente possuída, tanto que podia simplesmente arrancar a minha roupa toda e deitar-me aqui no meio do terraço, puxando-te para cima de mim. Pensar nisso está a fazer-me sorrir, e tu dizes: «O que foi?» enquanto vais ao bolso dos *jeans* buscar a carteira, embora o teu próprio sorriso me diga que provavelmente adivinhaste. Os nossos olhos estão unidos, os cantos da tua boca voltados para cima desta vez, quando uma sombra cai sobre a mesa e uma voz – alta, chamativa, sotaque de colégio privado remodelado em *estuary*⁴ – atravessa os últimos quinze anos e me mergulha na melancolia.

⁴ Sotaque associado ao sudeste de Inglaterra e em particular à classe operária. (*N. do T.*)

Quatro meses antes: Lucian

— Com que então estão aqui! — diz o Jack, aproximando-se da nossa mesa precisamente quando estamos prestes a partir. A Celia está logo atrás dele, sem o bebé por uma vez, e vestida para a noite, ao que parece, com brincos grandes e ousados e um *top* decotado.

— Catherine! Que bom voltar a ver-te, passou tanto tempo — diz o Jack, baixando-se para lhe dar dois beijos. Ela ergue os olhos para ele em muda confusão. Eu próprio me sinto um pouco confuso. Contente por vê-lo, culpado por ter de certo modo quebrado a minha promessa à Catherine.

— Esta é a Celia, a minha mulher — diz o Jack. — Podemos juntar-nos a vocês? — Ele já está à procura de mais cadeiras no terraço.

— Por acaso, estamos de partida, amigo — digo-lhes, detestando a frieza que mostro mas também ciente da expressão na cara da Catherine. Não propriamente horror, mas algo próximo. — A Catherine e eu não temos muito tempo juntos, por isso precisamos de passá-lo sozinhos. Não quero ser desagradável.

— Estás a brincar? As meninas estão a caminho, o Harry e a Ling vêm cá. Vamos todos encontrar-nos em tua casa. Passámos lá agora e a Mary disse que tu estavas aqui.

— Arranjámos uma *babysitter* — diz a Celia. — Tentámos avisar-te, mas o teu telemóvel estava desligado.

— Era para ser uma surpresa. Uma surpresa boa.

O Jack ri-se, mas a Catherine não. Está a olhar para a mesa; não disse uma palavra. Tomo a mão dela na minha, mas é como segurar um peixe morto. Não sei o que fazer. Vejo o Jack inclinar-se para a frente, intrometendo-se na linha de visão da Catherine, obrigando-a a olhar para ele.

— Catherine? — pergunta, com o seu sorriso calculado, infalível. — Certamente que não faz mal se nós formos lá por uma hora ou duas? As meninas querem muito ver-te. Todos queremos. Passou tanto tempo.

— Claro. Está bem.

A voz dela é monótona e fria, um pouco grosseira. Ela não retribui o sorriso.

— Que seja uma visita rápida — digo eu, e o Jack encara-me e revira os olhos.

— Como se isso fosse possível — diz ele.

O Jack e a Celia seguem-nos até casa no *Land Rover* deles, e embora a viagem demore quinze minutos, a Catherine quase não fala.

— A sério, não importa — diz ela, quando tento explicar que não sabia que os meus amigos iam aparecer. — É simpático que queiram ver-me. Mas não posso ficar muito tempo. Tenho de ir para casa.

— Dá-me só uma hora e eu livro-me deles — digo-lhe, e ela acena com a cabeça.

— Claro — diz ela, mas a cor da tarde desvaneceu. Nem sei bem o que aconteceu. É como se

houvesse uma barreira entre nós, uma folha muito fina de algo escuro e informe. Se pintasse a Catherine agora, pintava-a com uma vedação elétrica em seu redor, encurralada por um campo de forças criado por si.

A biblioteca está vazia, por isso dirigimo-nos à cozinha e ouvimos as vozes das meninas, uma parede de barulho e riso sonoro, gritante, excessivo. Eu adoro-as, de facto. Alegra-me ouvi-las, mesmo depois deste tempo todo.

– Pensa nisto como um reencontro – digo à Catherine pouco antes de abrirmos a porta. – E é mesmo isso, na realidade.

Ela esboça um sorriso fraco.

– E não a toca do lobo, que é o que sinto?

Entramos com um aumento tremendo do volume, sobretudo a Alexa a guinchar à Catherine.

– Catherine! Meu Deus. Não acredito!

Foram em tempos tão próximas, a Catherine e a Alexa. Sinto uma pequena pontada de mágoa perante a forma como tudo acabou; não apenas o nosso caso amoroso, mas também as amizades.

Ela prende a Catherine num abraço intenso, esmagador, e eu adoro-a por isso, mas deixa-nos, a mim e à Rachel, a olhar um para o outro de cada lado da ilha, e dez segundos mais tarde, em nada servindo de alívio, estamos a lidar com a chegada do Jack e da Celia. Estamos todos ligados pelo sexo, é o que dou por mim a pensar, de modo algo impróprio, e de súbito as velhas idiossincrasias e extravagâncias, o pano de fundo das nossas vidas confortáveis, egocêntricas, começam a parecer incómodas, deselegantes. Eu, a Rachel e a Catherine. O Jack, a Celia e a Alexa.

– *Cocktails?* – sugiro. – Biblioteca?

Eu faço Cosmopolitans. Vodka, sumo de mirtilo, um pouco de granadina, uma pitada de lima. Ingredientes, espero, com o poder da mudança. Na biblioteca, a Celia desvia a Catherine para um dos sofás enquanto o Jack, a Rachel, a Alexa e eu nos demoramos em redor do bar como um círculo de marginais. Tanto para dizer e nada que seja dizível: é muitas vezes assim conosco.

– Fá-los fortes, querido – diz a Rachel, o que basta.

– Não vais estar com o Max amanhã? – pergunto-lhe, recordando agora o tão esperado almoço.

– Sim. E tenho de estar no escritório. Foi uma loucura vir aqui, provavelmente, mas precisava de me distrair.

Aceitamos os três esta argumentação, embora todos saibamos que ela está aqui por causa da Catherine.

– Onde te vais encontrar com ele? – pergunta o Jack.

– Byron Burger. Escolha do Hugo; não suporto aquilo: todas aquelas mesas nojentas que eles só limpam com um pano. Mas o Max é maluco por hambúrgueres, agora. Aparentemente.

O Hugo, o ex da Rachel, é um bom tipo, basicamente, cujo consumo de drogas diminuiu depois de o Max nascer, enquanto o da Rachel pareceu aumentar. A Rachel não conseguiu aguentar a metamorfose do seu antigo companheiro de festas de aliado em juiz, mas aquilo que realmente a fez descarrilar foi a decisão do filho de se separar da mãe. Odeio a forma como a Rachel sofre. Esta ferida enterrada, a culpa e a vergonha gravadas na alma dela. Eu mudava a situação se conseguisse; tentei, mas talvez não tanto como poderia.

As bebidas estão prontas e o Harry chega no momento perfeito, com uma garrafa de tequilha *Don Julio* erguida bem alto acima da cabeça e a sua mulher minúscula agarrada ao braço dele. Só de os ver fico com vontade de rir: a incongruência, sim, mas também a maravilha desconcertante de o meu

amigo acanhado encontrar o amor muito depois de todos perdermos a esperança. A Ling, vestida de laranja da cabeça aos pés desta vez, aceita uma bebida, o que me surpreende.

– Pensava que não bebias.

– Ele está a corromper-me – diz ela com o seu sorriso de dentes de leite.

– Por outras palavras, ela percebeu que vai morrer de tédio neste fim de mundo a não ser que ganhe um vício como nós.

O Harry pega na sua bebida e puxa a Ling para os sofás, deixando-me a sós com a Rachel por um momento.

– Então – diz ela, uma palavra minúscula que aparentemente é um somatório de tudo o que aconteceu entre a Catherine e eu. – Suponho que isto é obra da Liv e que foi por isso que ela foi ao funeral?

– Como é que soubeste?

A Rachel encolhe os ombros.

– É óbvio, na realidade. Por que mais haveria ela de estar lá? Não é como se conhecesse a tua mãe. E o marido da Catherine? E os filhos dela?

– Ele teve um caso e estão a fazer uma pausa para perceber o que hão de fazer. Não sei o que vai acontecer.

– Só espero que não te magoes, mais nada.

– Eu também.

O mais ténue fragmento de um sorriso da Rachel e o meu coração acelera um pouco perante esta conclusão partilhada, esta troca de informação, a minha década e meia a amar a pessoa errada, ou talvez a certa, apenas não esta, não a Rachel. Vejo a Rachel beber um grande gole da sua bebida.

– Serei sempre tua amiga, Lucian – diz ela, embora me vire costas ao dizê-lo e eu saiba, sem os ver, que os seus olhos estão cheios de lágrimas não derramadas.

– Eu também – digo, mas a Rachel já está a dirigir-se ao outro lado da sala.

A Catherine parece bastante segura no seu lugar no sofá, ainda encurralada pela Celia e agora com a Ling do outro lado. Observo-a da outra ponta da sala e tento adivinhar o que está a pensar, como a proximidade dos meus amigos a afetarà depois de tantos anos. O cabelo comprido cai-lhe sobre o rosto e não lhe vejo facilmente a expressão, mas está sentada, como que empoleirada, na beira do sofá, a ouvir a Celia e, com menos frequência, a falar. Os meus amigos são assim tão maus? Não acho que sejam. Percebo que o meu longo e intermitente caso com a Rachel torna este primeiro encontro desconfortável; vi a frieza dela com o Jack ainda agora em Colton. E ele tão contente por a ver. Faz-me ponderar se ela sempre terá antipatizado com ele.

É muito comum as pessoas interpretarem mal o Jack. Ele é barulhento e presunçoso naquela maneira própria de colégio particular; dá a impressão de ter nascido rico, embora eu saiba que isso não é verdade. Lembro-me de os pais dele suplicarem para serem dispensados das propinas do último ano de escola, da ausência de férias (o Jack nunca tinha ido ao estrangeiro até eu o levar a Paris aos dezoito anos), do desespero deles por não serem capazes de encher o depósito de gasolina. O que a maior parte das pessoas não percebe em relação ao Jack é que ele é tremendamente inseguro. Há uma veia de insatisfação que o percorre, a noção de que, tenha ele o que tiver, nunca será suficiente. Por algum motivo que nem sequer consigo começar a perceber, ele gostava de ser eu, claramente. Chegou mesmo a dizê-lo uma vez, mesmo com a mãe bêbada, o pai morto e as irmãs desinteressadas. «Quem me dera ter a tua vida», disse uma noite quando ficámos acordados até tarde

a beber. «Serve-te do que quiseses», disse-lhe eu. «O que é meu é teu, irmão.»

Quanto aos outros, bem, o Harry é a simpatia em pessoa, com o seu charme antiquado e modos eduardianos (talvez a Ling consiga trazê-lo para o século XXI; nenhum de nós conseguiu). E a Alexa, a dinâmica e extravagante Alexa, só quer voltar a ser amiga da Catherine. Será assim tão difícil?

– Quem quer tequilha? – grita a Rachel para a sala em geral, e há uma pulsação de silêncio enquanto todos percebemos ao mesmo tempo que ela está a arrastar a voz.

– Cuidado, Rach – diz o Harry. – Lembra-te de que vais ver o Max amanhã. Talvez seja melhor guardar a tequilha para outra noite.

– Não sejas ridículo! Conheces mais alguém que seja capaz de se divertir um bocado e no dia seguinte se desenrasque perfeitamente?

– Sim, mas é o Max, e vais ter de te levantar cedo, e vais querer estar a sentir-te bem para a ocasião.

– Oh, que se foda – diz o Jack. – Por amor de Deus, vamos beber uma. Eu sei que bem preciso.

Ele dirige-se ao aparador para pegar numa garrafa, e de imediato a Celia olha para ele do sofá.

– Jack? Eu disse à *babysitter* que não íamos demorar mais do que algumas horas.

A sala silencia-se, como acontece muitas vezes quando a Celia chama a atenção para si. Acontece em parte, acho, porque ela tem tendência a avaliar mal o ambiente e o tom de uma noite. É capaz de perguntar à Rachel pelo Max quando é evidente para todos exceto ela que é a última coisa em que a Rachel quer pensar. Ela tenta envolver o Harry numa conversa sobre política quando ele só quer embebedar-se. Nós também sabemos, melhor do que a Celia, ao que parece, quais as prioridades do marido dela. Não poderia desejar um melhor amigo mais leal, mas como marido? Imagino que seja difícil. Sim, ele ainda tem uma aparência notável, aquele género de cabelo loiro e olhos azuis que parecem arrebatá-la a maioria das mulheres. Sim, é claro que ainda ama a Celia, mas então e as noites que passa aqui, a beber demasiada vodka enquanto a Celia espera na sua luxuosa casa de quinta por um marido que pode não regressar antes do romper do dia?

– Porque é que não vais indo – diz o Jack, acrescentando «querida» tardiamente. Ele olha para o sofá. – Ainda não tive oportunidade de pôr a conversa em dia com a Catherine.

A Catherine, que terá com certeza ouvido este diálogo, não vira a cabeça nem interrompe a sua conversa com a Ling.

A Celia cede. Sente-se uma vaga de alívio por toda a sala.

– Desde que estejamos em casa antes das onze – diz ela.

A tequilha é servida, oito *shots* alinhados como um medicamento numa travessa chinesa lacada. A noite está a aquecer.

Quatro meses antes: Catherine

Estou num aquário, é isso que sinto, submersa debaixo de um fluxo constante de água, quase incapaz de compreender o ataque unilateral da conversa incessante da Celia. Ela agarrou-se a mim com um certo desespero, a estranha na festa, a rapariga com quem ninguém quer falar, muito menos o marido dela. Se eu não estivesse preocupada com o meu passado – e a forma como foi atirado sem cerimónia para o meio do meu presente –, teria mais pena dela.

O Jack está ao teu lado, a falar enquanto tu preparas as nossas bebidas, a descrever-te um empreendimento cinematográfico em que está envolvido, cada palavra que profere carregada de autoconfiança.

– Eles adoraram o tratamento, agora é só uma questão de arranjar o financiamento. Mas não acho que isso possa ser um problema com um projeto deste género. Toda a gente vai querer participar.

Ocorre-me que talvez tu, com a tua riqueza ilimitada, sejas o seu alvo de financiamento. Será que te apercebes? E a quantidade de dinheiro que lhe terás dado no passado.

Quando o Jack passa para a lareira, tu ficas sozinho com a Rachel, as vossas cabeças curvadas uma para a outra, castanho contra loiro enquanto falam. Imagino as tuas mãos no corpo dela, imagino aquela boca bonita, pintada com batom, a roçar a tua pele. Ela é linda, daquela maneira cuidadosamente arranjada, com um verniz, um lustro a que eu nem sequer poderia aspirar. Tudo na Rachel parece reluzir: o cabelo, a pele, as joias, o *top*, uma *T-shirt* feita de lantejoulas acobreadas e cáquis, que ficaria desinteressante em qualquer outra pessoa. Ela está à vontade nesta vida. Observei-a a cumprimentar a Mary com um abraço, vi-a a tirar taças de um armário e enchê-las com azeitonas do frigorífico, pistácios da despensa, a casa e a sua forma de vida tão familiares como se fossem as suas.

A Alexa é igual. Vejo a forma como se agacha ao lado da coleção de vinil do teu tio, caixas e caixas deles, percorrendo álbuns até encontrar a escolha perfeita. O «Girls & Boys» dos Blur, afinal, uma bala direta do nosso passado partilhado na universidade. Quantas vezes dançámos pela cozinha da tua casa em Clifton, cantando cada palavra de cada música do álbum? Houve um momento em que a Alexa era quase tão próxima de mim como a Liv. Era contagiosamente otimista, fácil de amar. E estava apaixonada pelo Jack. A história de amor deles, como a nossa, foi intensa. Olhando para ela agora, noto a forma como observa o Jack na lareira e vejo que ainda está apaixonada por ele. A Alexa e eu, encurraladas no vórtice do nosso passado.

A Celia, quando me consigo concentrar por tempo suficiente, é uma revelação. Demasiado entusiasta e um pouco ingénua, parece exatamente o contrário do Jack. É difícil imaginá-los juntos. Sei que ela tem dinheiro, muito dinheiro, porque tu mo disseste, e estou mesmo a vê-lo a perscrutar as festas, com o foco apontado para as herdeiras ricas, o tempo a passar, a conta bancária dele a esgotar-se.

– Conhecemo-nos numa festa há dois anos – conta-me ela. – Reparei no Jack mal ele entrou pela porta. Toda a gente reparou. Repararam sempre. E quando ele veio direto a mim, eu mal pude acreditar. Falámos a noite toda e casámo-nos quatro meses mais tarde. Foi como um furacão, muito romântico. Os meus pais temiam que não nos conhecêssemos suficientemente bem, mas o Jack depressa os conquistou. Ele consegue ser incrivelmente encantador. Quando quer.

Há uma pausa minúscula, uma hesitação mínima; talvez tu não reparasses se não conhecesses o lado sombrio do Jack tão bem quanto eu. O furacão da Celia esgotou-se há algum tempo, calculo. Ela inclina-se para a frente, baixando a voz. É como se adivinhasse o que estou a pensar.

– Para ser sincera, o Jack já não parece muito interessado em mim e no Freddie; a única coisa que quer fazer é passar tempo com o Lucian e o Harry.

– Então as coisas não mudaram muito. Na universidade eram inseparáveis. Não precisavam de mais ninguém.

– Ele não queria um filho, fê-lo por mim. É muito bom com o Freddie, quando quer, mas é capaz de mudar de um momento para o outro.

Penso no Sam, pai aos vinte e dois anos, antes de estar preparado, provavelmente, mas sem dúvida que se mostrou à altura do desafio. O Sam prefere a paternidade a qualquer outra coisa, não de uma forma lamechas – simplesmente entende as crianças, gosta de estar com elas, é o escape dele, o seu prazer de eleição.

– Muitos homens são assim – digo, para fazer a Celia sentir-se melhor, embora não saiba se é verdade. Na geração anterior, talvez. Os pais que conheço são exatamente como as mães, levantam-se a meio da noite para dar paracetamol, mudam fraldas com a maior naturalidade. Porque não haveriam de ser?

– Há quanto tempo é que estás casada? – A pergunta da Celia, inesperada, desarmante, sobressalta-me.

– Eu? Oh. Meu Deus. Treze anos, catorze em abril.

– Devias ser tão nova.

– Sim. Tínhamos os dois vinte e um.

– E agora não estão juntos. Importas-te que te faça perguntas sobre isso?

Será que me importo? Pensar no Sam e nos miúdos enche-me de pânico. Estou tão longe deles, ou pelo menos é o que sinto no centro deste mundo deslumbrante, onde se bebe *cocktails* e se usa lantejoulas quase como um pré-requisito numa quinta-feira à noite qualquer. Neste preciso momento, sinto falta da minha vida antiga, a minha vida real, tranquila, ponderada, o contrário disto.

– O Sam e eu estamos a fazer uma pausa um do outro; estamos a tentar decidir o que fazer. Não sei como vamos lidar com isto.

Ela inclina-se para a frente de modo conspiratório, com a voz baixa.

– O Jack diz que o Lucian esteve apaixonado por ti todos estes anos. Que nunca te esqueceu.

– A sério? O Jack disse isso?

A Celia sorri inesperadamente.

– E claro que o Jack gosta de ser sempre o favorito do Lucian. Não aceita bem a concorrência.

– Eu lembro-me – digo, embora queira rechaçar este conhecimento, a memória que tem sempre de vir com ele.

– O Lucian e o Jack, eles simplesmente, bem, gostam mesmo um do outro. É aquela história de haver três pessoas num casamento; às vezes aguento, outras não.

O Harry chega agora brandindo uma garrafa de um líquido cor de ouro, com a nova mulher pendurada no braço. Sinto um baque no coração só de o voltar a ver. A vertigem arrebatadora da viagem no tempo, a pontada aguda do passado. O Harry de pé à porta do meu apartamento na universidade, a voz dele carregada de emoção.

– Peço-te, por favor, que fiques longe dele.

Tu podes ter-me perdoado pela forma como te abandonei com uma crueldade e frieza que chocou toda a gente na altura. Mas isso não se aplica aos teus amigos. Fui odiada, desprezada, denegrida em certos círculos da vida universitária durante o resto do meu tempo lá. A rapariga sem coração que te levava à beira do esgotamento, recusando-se a explicar porque partira, ou a alguma vez tornar a ver-te. Lembro-me dos rumores que me chegaram aos ouvidos naquelas semanas horríveis depois de nos separarmos. Diziam que te estavas a matar com o álcool, a beber o dia todo e a maior parte da noite, vodka ao acordar, garrafas vazias de *brandy* que enchiam a tua cama. A Liv encontrara-te sozinho e incoerente no *pub* uma noite; as únicas palavras que percebeu foram o meu nome e o interrogatório angustiado sobre o motivo por que eu partira. Até ela teve dificuldade em defender-me na altura.

– Tu partiste-lhe o coração – disse ela. – E depois fugiste para casa sem sequer tentar explicar. A única coisa que todos querem saber é porquê e eu não sei o que lhes dizer.

As pessoas falavam sobre a tua mãe distante, uma bêbada adúltera que culpavas pelo suicídio do teu pai. De repente, tu, que havias sido invejado e exaltado, eras motivo de pena e preocupação. E eu? Bem, eu era universalmente abominada por ter provocado a tua ruína.

De perto, a diferença de idade entre o Harry e a Ling é um pouco chocante, como tu disseste. A Ling é minúscula, uns bons trinta centímetros mais baixa do que o Harry, e usa aquelas cores garridas comuns nas pré-adolescentes. Ao olhar para o *top* laranja, sem costas, e os *jeans* dela, lembro-me da obsessão da Daisy por tons intensos, em particular uma *T-shirt* laranja-viva coberta de fatias de fruta: morangos, limões, pequenas meias-luas de melão. Adoro vê-la com aquela *T-shirt*. O Harry parece mais velho do que tu e o Jack. Está a começar a ficar com entradas e manteve aquele uniforme inalterável de camisa xadrez, *chinos* beges e *mocassins* de camurça castanhos. Mas quando sorri e diz: «Catherine, estou tão contente por tornar a ver-te», lembro-me de como gostava dele, de como queria que ele gostasse de mim. Na altura, perder a aprovação dele foi o golpe mais duro.

Ele pousa uma mão em cada um dos meus ombros e olha-me nos olhos.

– Passou demasiado tempo. Isto devia ter acontecido mais cedo.

Parece intenso, isto, uma espécie de pedido de desculpa, um aplainar do nosso passado acidentado.

– Sim, devia – digo, obrigando-me a retribuir o sorriso.

Ele não larga a mão da Ling enquanto me fala na vertiginosa história de amor deles.

– Casámos quatro semanas depois de nos conhecermos – diz ele. – Muita burocracia, mas nós tratámos disso.

– O Harry adora subornar as pessoas – diz a Ling, rindo-se para ele. – É muito bom nisso.

– Estava determinado a não voltar para casa sem ti, só isso.

Há minutos de alívio agora, se é que se lhe pode chamar isso, quando o Harry vai ter contigo e com o Jack junto à lareira, deixando-nos, a mim, à Celia e à Ling, as forasteiras, sozinhas nos sofás. Observo-os nos seus cantos separados – a Rachel e a Alexa a conferenciarem na sua linguagem expressiva, de cinema mudo, o Lucian, o Harry e o Jack a rir e a fumar junto à lareira – e parece-me que estão ligados como que por um fio invisível.

Há tanto que quero perguntar à rapariga pequena e reservada que está sentada ao meu lado, quieta e serena, aparentemente sem necessidade de preencher estes primeiros momentos de silêncio.

Quero saber como é estar casada com o Harry, um aristocrata de trinta e tal anos com a sua lendária casa de vinte e três quartos, depois de uma vida a trabalhar num bar em Banguécoque. Como é viver no Somerset, terra de campos e ovelhas e druidas, depois da sua existência num dos lugares mais frenéticos do mundo, uma cidade de poluição e pobreza e o sexo ilícito que lhe subjaz como um raio infravermelho de luxúria. Como foi deixar a família dela, quando acha que vai tornar a vê-los, virão aqui, já conheceram o Harry, sequer? Mas de certo modo todas estas perguntas parecem demasiado pessoais, um pouco como uma violação, e tenho dificuldade em encontrar a coisa apropriada para dizer. No fim é a Celia quem quebra o gelo.

– Onde é que crescestes, Ling? Vivias na cidade?

Hesitante de início, a Ling fala-nos na sua aldeia no Norte da Tailândia.

– Há um rio largo no limite da nossa aldeia e é o ponto de encontro para tudo. Quando éramos miúdos nadávamos lá todos os dias depois da escola enquanto as nossas mães se sentavam na margem a falar ou a lavar roupa. E à noite comíamos lá muitas vezes, também, cozinhando sobre fogueiras, e por vezes havia música, embora em geral os miúdos andassem a correr de um lado para o outro enquanto os adultos ficavam sentados a conversar. Eram capazes de falar durante horas, até as estrelas se apagarem, até ficarmos tão cansados que tínhamos de ser levados para a cama.

Ela falou-nos na casa da família, feita de madeira e construída sobre estacas, com o gado guardado em baixo e eles os nove, irmãos, pais e avós, a dormir lá dentro numa grande sala que era usada para cozinhar, comer e lavar.

– Todos na aldeia têm o mesmo tipo de casa. É uma comunidade agrícola e vivem assim há centenas de anos. Mas agora os meus pais têm um problema. O Harry foi muito generoso com eles quando casámos, deu-lhes muito dinheiro. Mas eles não sabem como gastá-lo.

– Não querem uma casa moderna? – pergunta a Celia. – Com um quarto de banho e uma cozinha e quartos de dormir?

– Nenhum dos aldeões tem casas assim, é um sítio muito pequeno. Há um templo, talvez trinta casas e mais nada. Toda a gente é muito próxima; os meus pais não quereriam mudar-se para longe dos seus amigos.

– Talvez pudessem viajar durante algum tempo? Ver o mundo?

O sorriso que a Ling dirige à Celia fá-la parecer a mais velha das duas; educada, tolerante, ela leva a pergunta da Celia à letra, embora eu fique com a sensação de que a Celia não sabe do que está a falar. Protegida por uma riqueza excessiva e talvez pela sua juventude, parece impossível que ela compreenda a história da Ling.

– Os meus pais levam uma vida simples – diz a Ling. – É o que lhes agrada. Não acredito que alguma vez me venham visitar aqui e também não seria fácil para nós ficar lá com eles.

Durante algum tempo, cerca de dez minutos, estou perdida no mundo da Ling e na história da sua infância. E quando muito, o choque é pior do que antes quando a voz do Jack irrompe, clara e forte, uma declaração de intenção.

– Ainda não tive oportunidade de falar com a Catherine.

Ainda. Nas palavras dele – uma jovialidade superficial – ouço um sorriso que se destina apenas a mim. Sei como seria fitar aqueles olhos azul-claros; sei exatamente o que encontraria neles.

Algo deve estar a transparecer no meu rosto, porque a Ling estende a mão e pousa-a no meu braço.

No seu dedo anelar está o maior e mais brilhante diamante.

– Catherine – diz ela –, importas-te de me mostrar a piscina do Lucian? O Harry vai instalar uma piscina nova e queria que eu a visse.

Lá fora, longe de todos, mesmo de ti, por um momento tenho vontade de chorar. E a Ling vê isso, acho.

Ela diz:

– Tu não gostas do Jack, pois não?

Olho para ela, surpreendida.

– É assim tão óbvio?

Ela encolhe os ombros.

– Quando ele se aproximou, vi como estavas tensa. Foi por isso que sugeri virmos cá para fora.

– Obrigada.

– Só estive com os amigos do Harry algumas vezes e tive sempre a sensação de que eles preferiam estar sozinhos.

– Quando o Lucian e eu estávamos juntos, foi preciso muito tempo para eles me aceitarem. E quando acabámos eu magoei-o muito e eles odiaram-me por isso. Até o Harry.

– Todos fizemos coisas de que nos envergonhamos – diz a Ling. – As pessoas nunca sabem a história toda.

Chegámos à tua bela piscina, agora, e pomo-nos diante dela a olhar para o liso lençol de água, que parece quase verde-esmeralda à luz crepuscular.

Percebo porque é que o Harry se recusou a sair da Tailândia sem a Ling. Há algo nela que é imediatamente relaxante, e enquanto estamos ali juntas, de pé, ao cair da noite, o medo que sentia há cinco minutos começa a dissipar-se.

Quatro meses antes: Lucian

Enquanto a Ling e a Catherine estão fora da sala, o Harry encurrula-me junto ao aparador, onde estou a preparar mais bebidas.

– Sabes o que vou dizer, não sabes? – O rosto dele é passivo, mas eu conheço-o tão bem.

– Sim. Vais avisar-me em relação a envolver-me com a Catherine.

– Algo do género.

Os meus amigos sabem quão drasticamente eu desmoronei quando a Catherine me abandonou – uma palavra forte, mas foi isso que senti na altura. Não desmoronei simplesmente. Tomei uma *overdose*. Não foi apenas a angústia da nossa separação; foi mais do que isso. Chamemos-lhe uma década de mágoa na infância, o suicídio do meu pai, a falta de interesse da minha mãe, uma solidão dominante que me acompanhara ao longo da escola e do primeiro ano da universidade, e isso, apesar do quase claustrofóbico círculo de amigos, ameaçava constantemente subjugar-me. Eu fechara estas coisas dentro de mim e depois apareceu a Catherine, e a única forma que encontro para o descrever é que pareceu que tinha viajado a minha vida inteira para a conhecer. Ela curou-me, foi o que pensei, na minha mente, tremendamente ingénua, de vinte anos; libertou-me da amargura do meu passado, daquele rapaz que brutalizava os pulsos no quarto, do adolescente de dezasseis anos enraivecido que saiu de casa sem saber ao certo para onde ir. Quando ela desapareceu, evaporando-se literalmente sem olhar para trás, a escuridão desabou sobre mim.

Tentei encontrá-la, claro, vigiando o apartamento dela até a sua melhor amiga, a Liv, ter pena de mim.

– Ela foi para casa – disse ela. – Devias procurá-la lá.

Os pais dela foram simpáticos, mas não me deixaram falar com a Catherine.

– Ela não quer falar contigo. E já não quer estar numa relação contigo – disse o pai, à minha terceira e última chamada. – Desculpa, mas é assim. Vou pedir-te que a deixes em paz agora.

Deixá-la em paz. Não sabia se seria capaz. Nunca mais falar com a rapariga que tinha finalmente dado sentido à minha vida? Nunca mais lhe tocar, nunca beijar a pele suave no interior das suas coxas, nunca lhe dar a mão enquanto adormecia? Nunca ir à cozinha para a surpreender com o pequeno-almoço quando acordasse? Nunca a desenhar, nunca a despir, nunca ver os olhos dela escurecer ou ouvi-la arquejar levemente enquanto entrava dentro dela?

O Harry salvou-me a vida. Vira-me à noite, extremamente bêbado, violentamente taciturno, e embora tivesse ido para casa deitar-se, ficara acordado na cama, preocupado. Por fim, tornou a vestir-se, caminhou até à nossa casa e encontrou-me inconsciente na cama, a trinta minutos da morte, aparentemente.

Não era na Catherine que estava a pensar quando saquei duas filas de comprimidos de temazepam (roubados da casa do meu tio para fins recreativos) e os moí. Era no meu pai, que escolhera a mesma

via para escapar. Naqueles momentos finais, percebi com uma clareza acutilante o que o incitara. Não era que ele quisesse morrer; simplesmente já não sabia como viver. Eu sentia o mesmo.

Quando acordei no hospital, fraco, doente, chocado com o que fizera, o Harry estava sentado numa cadeira de plástico perto da cama. Viu que eu estava acordado e começou a falar, e depois viu-se incapaz de o fazer.

– Harry – disse eu. – Lamento muito. – Tinha a garganta dorida e a minha voz não passava de um sussurro.

– Não – disse o Harry, por fim. – Eu é que lamento. Pelo sofrimento em que estás.

– Tu salvaste-me a vida, Harry. O que te fez voltar?

Ele passou uma mão pelo rosto. Parecia destroçado, uma noite inteira sem dormir.

– Eu simplesmente soube – disse ele. – Não me perguntes porquê, mas soube. Não conseguia dormir. Tinha um pressentimento de que tu estavas mesmo no limite.

– Sou um idiota.

– Eu vou ajudar-te a ultrapassar isto – disse o Harry. – Vamos fazer isto por etapas. Minuto a minuto, para começar.

Ocorreu-me um pensamento, algo que parecia tão horrível que tentei soerguer-me na minha cama de hospital.

– Podes prometer-me uma coisa?

O Harry pousou uma mão no meu peito, empurrando-me de novo para baixo.

– Tem calma. Sim, claro. Qualquer coisa.

– A Catherine nunca pode saber. Ninguém pode saber. Promete-me isso.

Ele prometeu. Mas também me fez ver que eu não podia escondê-lo do Jack.

– O Jack é como um irmão para ti – disse. – Ele tem de saber.

O Harry não saiu do meu lado durante as semanas seguintes. Mudou-se para nossa casa e ficou comigo dia e noite, como uma mãe a cuidar de um filho doente. Estava sempre a dizer-me que eu estava melhor mesmo antes de isso ser verdade. Mantinha um registo de cada hora que ultrapassáramos, depois cada dia.

– Duas semanas e meia desde que viste a Catherine – dizia na sua voz otimista, de enfermeiro. – Eu diria que é um recorde.

Tínhamos um acordo: mais ninguém exceto nós os três descobriria o que acontecera, nem sequer as meninas. O Jack, claro, transformou toda a sua preocupação comigo em rancor em relação à Catherine.

– Como é que ela foi capaz de te deixar? Como é que ela te pôde fazer isso?

Chamava-lhe nomes que eu não suportava ouvir, e no fim o Harry pediu-lhe para parar.

– Vamos só combinar nunca mais falar nela – disse ele.

E agora a Catherine está de volta, entre os meus amigos, pressentindo a sua cautela, a sua postura defensiva, sem saber verdadeiramente porquê. É um pouco injusto para ela, suponho.

– Aconteceu tudo há muito tempo – digo ao Harry. – Aconteça o que acontecer com a Catherine, eu nunca mais faço aquilo.

É a primeira vez que falamos «naquilo» em muito tempo.

– OK – diz o Harry. – Tenho a certeza de que consegues perceber porque me preocupo.

Na outra ponta da sala, o Jack, a Alexa e a Rachel estão a beber a tequilha do Harry aos *shots*, observados pela Celia, que está sentada, de costas curvadas, no sofá. Parece estar a morrer de tédio.

– Vamos salvar a Celia – digo eu.

A Rachel, em particular, está descontroladamente bêbada. Está encostada à trave acima da lareira, com os seios a apontar para cima, uma espécie de «postura do cão» invertida. Demasiado bêbada para se aguentar em pé, ao que parece.

– Rach – digo eu –, o que aconteceu? Estás podre de bêbada. Precisas de dormir. Tens uma viagem grande amanhã.

– Eu levo-te para cima, se quiseses – diz o Harry, dirigindo-se a ela, mas a Rachel endireita-se tremulamente.

– Só um tónico rápido, primeiro – diz ela, levando a mão ao bolso e sacando um embrulho em celofane de cocaína.

– Oh, não, Rach. – O Harry, a Alexa e eu caímos sobre ela, num frenesim de súplica, crítica e recriminação. E depois, acima do tumulto, a voz do Jack.

– Era mesmo disso que estávamos a precisar, diria eu.

A dinâmica da sala altera-se. Quase podíamos fazer uma contagem decrescente. Dez, nove, oito, sete, seis...

A Celia guincha, não há outra palavra para o descrever, e levanta-se de um salto do sofá.

– Não, Jack! Nem penses nisso. És tão egoísta. Estou aqui há espera há mais de uma hora, estamos atrasados para a *babysitter*. Nós temos de ir.

Não sei o que se passa com o Jack; é tão evidente que a Celia está a entrar em colapso.

– Nós? – pergunta ele com um meio sorriso que até eu acho enfurecedor. – Tu podias ir indo, não podias?

A Alexa tenta intervir.

– Jack – diz ela –, devias mesmo...

Mas a Celia grita «Não!» e levanta uma mão, uma mulher-polícia a parar o trânsito. Mais do que uma cena, é uma erupção vulcânica.

– Estou farta. Tu nunca pensas em mim e no Freddie. Só tu é que importas. Toda a gente pensa que és um pai fantástico, mas não sabem como és na verdade. Só és assim quando te apetece.

E mesmo assim o Jack não percebe.

– Então, querida – diz ele. – Não exageres. Posso ir para casa um pouco mais tarde, não posso? Normalmente não te importas.

– Por acaso, importo-me, sim – diz a Celia calmamente.

As palavras dela pairam no ar. Há uma frieza e uma determinação na sua voz que nós nunca ouvimos. O Jack tem o bom senso de correr para ela e abraçá-la.

– Meu Deus, desculpa – diz ele. – Tens razão. Tens toda a razão. Sou um imbecil inconsciente e egoísta. Porque é que tu me aturas? Devias mesmo trocar-me por outra pessoa.

Ele beija-lhe a face, uma, duas, três vezes, e arranca um sorriso relutante. Ele tem um dom para a sua própria repatriação; vimo-lo muitas vezes. O Jack e a Celia partem, de braços à volta um do outro, a crise evitada, enquanto nós nos concentramos em meter a Rachel na cama.

Não vejo a Catherine desde que desapareceu lá para fora com a Ling e estou transido de pavor quando finalmente chego ao meu próprio quarto. Será que ela vai estar lá? Ou será que a pressão de ver os meus amigos a fez fugir? Na escuridão, quase tropeço nas sapatilhas azuis dela, descartadas junto à porta, e sigo um rasto da sua roupa até à cama, eufórico de alívio.

– Ainda estás aqui – sussurro para o negrume, mas a Catherine está a dormir.

Estendo a mão e pouso-a na coxa dela, ao de leve, em busca de conforto, apenas; não vou acordá-la.

Gostava de lhe perguntar como foi estar de novo entre os meus amigos passado este tempo todo. Terá sentido a tensão, a forma como pairava na atmosfera, uma densidade que por vezes dificultava a respiração? Gostava de lhe falar no segredo sombrio que nos une, a mim, ao Harry e ao Jack, mas sei que não posso. Foi uma coisa muito estúpida que aconteceu há muito tempo. Um momento de loucura como o do meu pai antes de mim. Envergonha-me profundamente.

Agora

Alexa está aqui de novo, a falar ao Greg sobre mim, sobre ti, e o entrelaçar dramático dos nossos passados. Não estão bem fora do alcance do meu ouvido, e embora falem em voz baixa, ouço cada palavra. Tento não escutar, tento fixar-me no jardim, lá fora, os verdes e cinzentos e castanhos, o cenário permanente do meu mundo minúsculo. Mas o teu nome, de cada vez que o ouço, irrompe com a claridade do gelo.

– A Catherine era odiada na universidade. Deve ter sido muito duro para ela.

– Por romper com o Lucian? – diz o Greg. – As separações estão sempre a acontecer, seguramente.

– Não como esta. Ela não explicou porque o deixou e nunca mais o quis ver. Ele simplesmente deu em doido. E toda a gente deixou de falar com ela, todos os nossos amigos, e muitas outras pessoas, também.

Sim, lembro-me bem. Portas a fecharem-se diante de mim, uma a uma, outra diminuição do meu mundo. Na biblioteca, não conseguia suportar os olhares e os sussurros, por isso simplesmente deixei de lá ir. O café da associação de estudantes estava obviamente interdito, uma meca para ti e os teus amigos apesar do café horrível. Não podia arriscar *pubs* ou festas, não que o ambiente festivo de ambos condissesse com o meu desgosto permanente. Não havia alívio em lado nenhum e eu existia entre as paredes da nossa pequena casa em St. Paul's, vigiada pela Liv, primeiro, e mais tarde pelo Sam.

– A Catherine retraiu-se, simplesmente – ouço a Alexa dizer. – Nenhum de nós voltou a vê-la. Achei que talvez fosse relevante. Para a forma como ela está agora...

Ouço o Greg dizer alguma coisa sobre os acontecimentos anteriores à minha queda na mudez. Alguns deles reconheço, outros não. A palavra que sobressalta, no entanto, como uma injeção letal no coração, é «suicídio».

Quatro meses antes: Catherine

Esta manhã, protegida pelo conhecimento de que estamos de novo sozinhos, sinto alívio, quase otimismo. Escapei a este primeiro encontro com os teus amigos, aquele que passei tantos anos a evitar, sem quaisquer juízos evidentes (para além de alguns olhares desagradáveis da Rachel), nem revelações calamitosas para arruinar a noite.

Tu ainda dormes profundamente e eu vou lá a baixo sozinha ferver água para um chá. Earl Grey, em folhas, sem leite nem limão; conheço todos os teus hábitos quotidianos agora. Enquanto estou à espera da chaleira, vagueio até à biblioteca, pensando em trazer alguns dos copos e lavá-los. Paro em frente ao teu retrato no corredor, uma criança de oito ou nove anos. O teu cabelo está mais claro e penteado com risco ao meio, e tu estás de joelhos no chão, de pernas à mostra com uns calções de cintura alta, camisa metida para dentro, uma mão pousada na coleira de um labrador preto. É encantadoramente antiquado e hilariantemente destoante do rapaz que viria a conhecer uma década mais tarde, mas aquilo que me impressiona é a forma como o artista pintou os teus olhos. Poder-se-ia dizer que é a simplicidade viçosa de se ter nove anos, mas eu dir-te-ia que estes são olhos do «antes»; há uma naturalidade, uma serenidade que eu nunca vi. Faz-me lembrar que tu nunca falas no suicídio do teu pai exceto nos termos mais prosaicos e realistas – «ele rebentou com os miolos», dirias, ou «matou-se» – e que em alguns aspetos tu tens tantos segredos desagradáveis como eu.

Está escuro na biblioteca, as cortinas corridas, o ar carregado com o fumo de cigarro da noite anterior, uma confusão de copos em cada superfície. Uma voz assoma da escuridão, sobressaltando-me.

– Que horas são?

A Rachel enroscada num sofá, um cobertor puxado até ao queixo, um braço à mostra, revelando o *top* com lantejoulas da noite anterior. A voz dela é minúscula, trágica, uma voz de leito de morte.

– Meu Deus, Rachel. Dormiste aqui a noite toda?

– Não dormi. – E depois: – Odeio-me, obviamente.

Vejo que está prestes a chorar.

– O que vou fazer?

Sento-me no sofá em frente.

– A que horas tens de partir? Ainda é muito cedo.

– Não vou. Não posso.

– Mas tens de ir. O teu filho vai ficar muito desiludido se não fores.

Falei sem pensar e vejo a Rachel a desviar o olhar.

– Não estou a contar que percebas, Catherine – diz, num tom seco de amargura. – Mas é melhor para o Max não me ver assim. Isto é o que ele odeia. Foi por isto que ele se foi embora.

– Porque é que eu não te levo? Teria todo o gosto em fazê-lo se o Lucian me emprestar o carro

dele. Ou tenho a certeza de que podíamos arranjar um táxi, que te parece?

Ela abana a cabeça.

– Obrigada, mas não.

Ela estende ambas as mãos diante de si e em silêncio observamos os tremores catastróficos. Pergunto-me se terei as competências pessoais para lidar com esta admissão crua de dependência. Ontem à noite dei por mim a observar a Rachel sempre que podia. Em parte queria ver como se comportava junto de ti (com tristeza, pensei, e não ciúmes como esperara), mas também dei por mim a reparar na forma como bebia. Reabastecia o copo de *cocktail* da jarra constantemente, por vezes quando a bebida ainda estava a três-quartos. Começou a articular mal as palavras muito antes que qualquer outra pessoa, como se tivesse simplesmente dado continuidade à bebedeira do dia anterior.

– Café forte – digo agora, com a voz de encorajamento que uso quando os meus filhos não querem ir à escola (um pequeno-almoço grande, ovos e *bacon*, é disso que precisas, diria eu ao Joe; para a Daisy era chocolate quente, com natas se as tivéssemos). – Um duche longo. Muita água. Acho sinceramente que és capaz de fazer isto.

A Rachel geme e volta a deslizar para uma posição horizontal, e depois tu entras pela porta, vestido apenas com um par de *jeans*, descalço e de tronco nu. És belo para mim, sempre, e enches este quarto escuro e bafiento com uma luminosidade instantânea.

– Com que então estás aí – dizes. Depois: – Rach, está na hora de partires, não está?

A Rachel fecha os olhos e resmunga:

– Por favor, vão-se embora, os dois. – E tu olhas para mim com um ar interrogativo, por isso eu improviso um resumo rápido.

– A Rachel não chegou a deitar-se ontem à noite. Não se sente bem o suficiente para ver o Max.

– Meu Deus, Rach. Mas nós levámos-te à porta do teu quarto e desejámos-te boa noite. Voltaste para baixo? Porquê?

– É óbvio que sim. É óbvio que sou um trapo, um desastre, um caso perdido. Agora por favor podem deixar-me em paz?

Vejo-te ajoelhar diante do sofá e pegar numa das mãos da Rachel.

– Tens a certeza de que não podemos resolver isto? Ainda há tempo.

– Vamos levá-la lá. Se partirmos em breve, ela não chega atrasada.

– Sim, podemos fazer isso – dizes tu, sem convicção. – Rach?

Ela está enroscada no sofá, de costas para nós.

– Não.

– Queres que envie uma mensagem ao Hugo? E o teu chefe?

– Espera um minuto – digo eu, mas tu limitas-te a abanar a cabeça.

– Não serve de nada adiar; é muito melhor dizer-lhes. Confia em mim.

A Rachel vira a cara, demasiado destroçada para responder, enquanto tu partes em busca do telemóvel. Ao saíres da sala, dizes-lhe, no tom sedativo de um pai que consola:

– Vamos almoçar com o Harry e a Ling. Isso vai ajudar a distrair-te.

O que estás a fazer é tranquilizar a Rachel em relação à calamidade que está prestes a desenrolar-se, a ofensa completamente egoísta, e desnecessária, ao filho dela. Como podes errar assim? Como é que não percebes?

Sinto-me à beira das lágrimas ao atravessar a sala para abrir as cortinas e deixar entrar a luz. Abro uma das portas envidraçadas, saio para o jardim e inspiro a doçura de final de verão. Estou a pensar

no meu próprio filho, a imaginá-lo a acordar na casa dos avós, ao lado da irmã nas suas camas a condizer. Estou a pensar nas suas cabeças escuras e na maneira como dormem: a Daisy de barriga para cima com os braços abertos, o Joe encolhido debaixo das cobertas, completamente escondido, de tal modo que às vezes tinha de verificar se ele estava lá.

A Rachel é a tua melhor amiga, mas não posso deixar de sentir que a desiludiste. Pareces aceitar o alcoolismo dela sem pensar que tens a responsabilidade de a ajudar a mudar. Pareces derrotado por ele; desististe. Penso na minha amizade com a Liv, na forma como sempre dissemos as verdades mais duras uma à outra. Quando te deixei, ela ficou ao meu lado, sim, mas foi clara em relação ao que via como a minha rejeição impiedosa.

– Não se abandona simplesmente uma pessoa quando as coisas ficam difíceis, não sem uma explicação. Não se descarta simplesmente alguém quando já não a queremos.

Ela percebeu, no entanto, pela devastação que eu não pude esconder, que havia algo que não lhe estava a contar, e que ao deixar-te eu tinha na realidade destruído a minha própria vida.

Não te ouço sair para o jardim, e quando sinto os teus braços envolver-me, solto um pequeno grito de surpresa.

– Sei que estás chateada comigo – dizes, virando-me para te encarar. – Mas acredita em mim, já passámos por isto muitas vezes.

– Só acho que podíamos tê-la levado lá, de uma maneira ou de outra. Não aguento pensar na desilusão dele. Ou na dela.

– A Rachel tem uma dependência. – Ouço o quanto esta palavra te magoa. – Mas não está pronta para recuperar. Ainda não. Ela é uma mulher adulta, Catherine. Não podemos obrigá-la a fazer uma coisa que não quer. A única coisa que posso fazer é apoiar as escolhas dela.

A questão é que eu não tenho tanta certeza de que seja apoio. Eu acho que o termo técnico é facilitação. Vocês envolvem-na neste vosso mundo dourado, sem lei, e enaltecem as escolhas dela: amigos antes da família, liberdade e não responsabilidade, autocomplacência mas nunca autossacrifício.

Quinze anos antes

O Jack dera-me uma garrafa de tequilha pelo meu aniversário, a tua bebida e a dele, nunca a minha (uma prenda para si próprio, por outras palavras), e portanto eu ainda não a abrira. Tinha bebido um *shot* de Jose Cuervo uma vez e achara aquilo nojento, o tipo de coisa que os meus pais usavam para desentupir canos. E a tequilha que o Jack me obrigara a beber no teu jantar também não me impressionara. Eu era estritamente uma rapariga de vinho ou vodca na altura, nos tempos em que ainda gostava de beber.

– O que a tequilha tem de especial, Catherine – disse o Jack, enquanto estávamos os três sentados na tua cozinha a olhar para a garrafa por abrir –, é que temos de insistir. É como aprender a conduzir.

Ele quebrou o selo e voltou a pousá-la na mesa com um sorriso que era irresistível.

– Observa e aprende, querida – disse ele. – Observa e aprende.

Esta tequilha era de um dourado claro e estava a ser servida com quartos de lima, não limão, e o obrigatório pires de sal. O Jack foi o primeiro, deitando abaixo o seu copo de *shot* como se fosse água, depois tu, e por fim o copo foi-me passado.

– Está demasiado cheio – disse eu, empatando. – Vai dar-me náuseas.

A verdade era que eu detestava perder o controlo. Tinha limites rigorosos. Consequia beber o suficiente para me sentir alegre e depois parar, aguentando o resto da noite com a minha leve embriaguez. Não procurava a alienação como tantos dos meus colegas de universidade, e contigo, acima de tudo, queria sentir-me presente e desperta. Talvez, mesmo na altura, soubesse que não tínhamos muito mais tempo; pressentira de certa forma o nosso fim brutal. Mas aqui estava eu numa quarta-feira à noite normal, o dia preciso gravado a fogo na minha mente, com vocês os dois a sorrir de modo encorajador como se eu fosse uma criança de quatro anos.

– Está bem – disse eu. – Que se lixe.

Lambi o sal das costas da mão e entornei a bebida pela garganta abaixo, chupando rapidamente a lima que tu me deras.

– Não foi assim tão mau, ou foi? – disse o Jack, e por acaso ele tinha razão.

– É quase delicioso – disse eu, surpreendida.

– Isso é porque a tua *prenda de aniversário* – ênfase irónica das palavras – me custou uma fortuna. E é teu dever partilhá-la connosco.

Permiti ao Jack a sua pequena meia verdade. Sabia que tu terias pagado a tequilha, tal como pagavas tudo.

O meu *shot* seguinte, logo depois do primeiro, foi suave e sem esforço, e ao terceiro, também já não precisava do sal nem da lima.

Eis algumas coisas que eu não sabia sobre a embriaguez rápida. Riso tão físico e envolvente que me derreava, às vezes tornando-me incapaz de me aguentar em pé, literalmente, fazendo-me cair de

joelhos, com os braços à volta da minha caixa torácica. Riso que doía. Inibições? O que eram? Depois da minha quarta tequilha, estava a dançar sozinha, apaixonada pela música e provavelmente por mim mesma, com vocês os dois a observarem-me do sofá. Tu a sorrir. O Jack só a observar. A garrafa a esvaziar-se lentamente.

Quatro meses antes: Lucian

Venho a Eastcott Grange desde os treze anos, mas hoje fico impressionado com a sua grandiosidade, este palácio vitoriano de vinte e três quartos, um edifício retangular, com colunas, que foi construído para impressionar. Ainda me assombra que os arquitetos fossem capazes de usar o tradicional lias azul, do Somerset, janelas com pinázios e muitas outras características famosas e mesmo assim desencantar algo tão feio. É uma casa enorme, aberta ao público durante quatro meses do ano (normalmente quando o Harry está a passar o inverno na Tailândia), com oito mil hectares, uma zona de caça, jardins ornamentais, uma floresta e até um labirinto.

– A sério? – diz a Catherine quando estacionamos em frente à casa. – Como é que a Ling aguenta?

Ela sorri abertamente, animada pela incredulidade, e fico contente por vê-lo, contente por ela estar aqui comigo, simplesmente. Resta-nos um dia juntos, um dia e meio no máximo, e estou a tentar precaver-me o mais possível contra o vazio que por certo sentirei quando ela partir.

O próprio Harry abre a porta, o que é uma surpresa; normalmente é o Filip, o mordomo dele. A primeira coisa que faz é procurar a Rachel e puxá-la para um abraço (ela está na fase da culpa, monossilábica, calada, e com uma ressaca monumental; não disse uma palavra no caminho para cá).

– Deduzo que afinal não conseguiste ir a Londres. Lamento, Rach. – A voz dele é tão amável que temo que ela comece a chorar.

– Bloody Marys é aquilo de que precisamos – digo eu.

Atravessamos o salão, os sapatos de cunha da Alexa a estrepitar sobre o chão de mármore preto e branco, a Catherine a arquejar perante a pura loucura desta divisão: colunas dóricas, estátuas de nobres romanos com cinco metros de altura sobre os seus pedestais. Penso sempre que isto faz lembrar o Dubai: montes de dinheiro gasto a recriar uma pseudobasílica onde ninguém passa tempo nenhum. Porque haveríamos de o fazer? Eu posso ser suspeito, mas acho que os meus próprios antepassados acertaram com Shute House. Sim, é demasiado grande, certamente para alguém como eu, um homem sem dependentes, mas transmite calor e simpatia apesar do seu tamanho, e sinto sempre, quando volto lá, que é o meu refúgio. Fiquei em Eastcott muitas vezes, durante os tempos de escola e os nossos vinte e poucos anos, ao longo da rigidez inerente que advinha de os pais do Harry estarem em casa e as décadas mais debochadas dos nossos vinte e muitos e trintas. Mas em todo esse tempo, uns bons vinte anos agora, nunca me senti em casa aqui.

Dois jarros de Bloody Mary estão prontos e à nossa espera na sala de estar vermelha, outra divisão pomposa e pouco atraente, cheia de tapeçarias na parede e mobília delicada. O Harry dá um copo a cada um de nós e depois pergunta à Catherine se não quer ir com ele à cozinha ter com a Ling.

– Ela está muito contente por estares aqui. – diz ele. – Porque é que vocês não levam as vossas bebidas para a gaiola?

Este é o único sítio em Eastcott que eu adoro, uma estufa que foi acrescentada à casa nos anos

trinta e tem a forma exata de uma gaiola – ou talvez seja mais um bolo de casamento; uma sala oval, em todo o caso – com um telhado abobadado de vidro. Está virada para o relvado do cedro, que é precisamente aquilo a que soa: um cedro com quatrocentos anos, onde o Harry e eu costumávamos fumar cigarros de enrolar ilícitos nos velhos tempos, no meio de um lençol verde de suavidade em declive que cede brandamente até um valado vislumbrado a custo no horizonte.

Sentamo-nos os três em cadeiras Lloyd Loom em tons pastel, bebidas na mão, a olhar para este pedaço indecente da Inglaterra verde e ondulante. A Rachel está perfeita, o cabelo penteado com a ajuda do secador, e uma camisa branca acabada de passar, sendo o facto de estar de óculos de sol dentro de casa o único indício de que nem tudo é o que parece. Ela é uma mestre consumada na aparência impecável, o seu escudo contra a dor, a culpa e a crítica. Se pareço bem então estou bem, é o mantra atrás do qual ela se esconde.

A Alexa diz:

– É engraçado que seja a Catherine que o Harry levou para ver a Ling. Não um de nós. Devíamos ficar ofendidos?

– Acho que elas passaram bastante tempo a falar ontem à noite – digo eu.

Há uma pulsação de silêncio antes de a Rachel dizer:

– E achamos que ela vai mesmo deixar o marido? Ou vai evaporar-se por mais quinze anos?

Eu ofereço um encolher de ombros descontraído, mas claro que as meninas me conhecem demasiado bem para se deixarem enganar. O Harry e o Jack conseguiram esconder a minha vergonhosa busca de obliteração, mas a Alexa e a Rachel assistiram à minha desintegração, as semanas de perigosa embriaguez (o abuso de álcool é o denominador comum no meu círculo), o coração que se recusava a sarar.

– Não faço ideia, sinceramente – digo por fim, pois esta é a verdade.

– Ela esconde-se naquele casamento, na minha opinião – diz a Alexa. – É bastante óbvio que ela sempre te amou.

– A pergunta é: de que é que ela se está a esconder? – diz a Rachel.

– Às vezes acho que é o meu dinheiro que ela não suporta. E o nosso estilo de vida. Demasiado debochado. Demasiado degenerado. Demasiado louco.

– Que disparate – diz a Rachel. – Toda a gente gosta daquilo que o teu dinheiro pode comprar, mesmo que finjam que não.

– A Catherine não é assim – digo. – Ela não quer saber de dinheiro. Olha com quem casou.

A Rachel ri-se e a Alexa diz:

– Isso é um golpe baixo, querido – mas nenhuma delas me está a compreender. Eu costumava ter tantos ciúmes do homem com quem a Catherine casou. Costumava comparar-me com ele, sanidade contra decadência, paixão política contra letargia política, uma educação conquistada com esforço contra o berço de ouro. A minha autoestima, nunca muito alta, praticamente implodiu quando a Catherine voltou para o Sam.

A Alexa diz:

– Se soubesses porque é que ela te deixou da última vez, não andavas assim às voltas. É ridículo.

– Ela teve medo, foi isso que aconteceu. E depois a mãe adoeceu e ela virou-se para o Sam. O resto é história.

– Hum, desculpa – diz a Rachel –, mas isso não explica a forma como ela te deixou na altura, fugindo quando tu tinhas ido ver o teu tio, deixando-te aquele bilhete insignificante e depois

recusando-se a ver-te ou a explicar o que se passara. Deve ter havido uma causa para isso.

– Só que ela entrou em pânico e não conseguiu lidar com a intensidade daquilo tudo, embora a forma como partiu fosse tão fria e incaracterística que nunca fez sentido para mim. Tentei perguntar-lhe sobre isso, claro que tentei, mas ela fecha-se sempre.

A Alexa aproxima a sua cadeira da minha e pousa uma mão no meu braço, com as pulseiras de ouro a caírem-lhe para o pulso.

– Lucian. Querido. Como tua amiga, posso dizer-te uma coisa?

Aceno com a cabeça, embora saiba que não vou gostar do que vem a seguir.

– Acho que há algo estranho com o Jack e a Catherine. Reparaste em como eles não trocaram uma única palavra ontem à noite? O que é bastante esquisito se pensarmos em como nós os quatro já fomos próximos; estivemos praticamente a viver juntos durante algum tempo. E fez-me pensar em algo que o Jack me disse uma vez em Bristol, pouco depois de a Catherine te deixar. Ele disse que ela não é quem toda a gente pensa que é. Eu nunca o esqueci. O que achas que ele queria dizer?

– O Jack adora provocar-nos – digo, bebendo um gole furioso do meu Bloody Mary, de tal modo que a vodka e as especiarias ardem no fundo da minha garganta. – É o passatempo favorito dele. E tu, mais do que ninguém, devias saber isso.

Não vou admitir esta insinuação na minha cabeça, não vou admiti-la. Sinto lágrimas quentes e afiadas a formarem-se nos meus olhos.

– Ei, pessoal, então, não discutam – diz a Rachel, mas ela não está em condições de ajudar, com a sua ressaca feroz e a sua culpa infernal, por isso ficamos em silêncio, a olhar furiosamente para o relvado bem regado, e eu conto os minutos até a Catherine voltar.

Quatro meses antes: Catherine

A cozinha do Harry é uma cápsula do tempo dos anos cinquenta – armários amarelo-mostarda, frigideiras de ferro fundido suspensas de ganchos no teto, um *Aga* enferrujado que parece ter cerca de cem anos. A Ling está junto ao fogão, a mexer algo num *wok*, mas vira-se quando entro na divisão. Há calor e familiaridade no sorriso dela; é como se eu já fosse uma velha amiga.

– Catherine! – diz enquanto nos abraçamos. – Estou tão contente por teres vindo.

A cozinha cheira a gengibre, erva-príncipe e corajosas medidas de molho de peixe tailandês. Há taças de vidro cheias de camarões e pedaços de carne de vaca a marinar num líquido âmbar, a carne salpicada de verde e pequenas meias-luas de gengibre. Ao lado delas no balcão estão vinte ou mais frascos, garrafas e pacotes com rótulos vermelhos e amarelos e as características letras tailandesas. Ela pega num frasco e mostra-mo.

– Isto é pasta de cal vermelha; fiquei surpreendida por tê-la encontrado. O Filip levou-me ao supermercado tailandês em Bristol hoje de manhã. Estava tão feliz que comprei a loja toda. Quando cheguei aqui há algumas semanas, o Harry estava sempre a perguntar-me: «Tens saudades de casa? Sentes falta de Banguécoque?» E eu dizia-lhe: «De que haveria de sentir falta? Do meu emprego? Claro que não sinto falta disso.»

A Ling está descontraída, completamente à vontade; sou eu quem apressa a conversa.

– Mas sentes falta da comida?

– É mais o facto de, ao ver todas aquelas garrafas e frascos conhecidos, os caixotes de legumes tailandeses e os enormes molhos de ervas aromáticas, ter percebido que ainda podia comer as coisas que adorava em criança. E isso fez-me sentir feliz, não com saudades de casa. Tive saudades de casa quando fui trabalhar para Banguécoque, há alguns anos, mas habituei-me.

Estou sentada num banco a beber o meu Bloody Mary, a observar a Ling enquanto ela deita carne de vaca para o *wok* e se afasta dos salpicos quentes de gordura.

– Onde é que tu e o Harry se conheceram?

Parece mais fácil fazer a pergunta estando ela de costas.

– Sabes que eu estava a trabalhar num bar, não sabes? E provavelmente consegues imaginar como serão esses bares. Os clientes eram geralmente homens europeus; encontravam uma rapariga de que gostassem e pagavam-lhe bebidas a noite toda. Foi assim que aprendi a falar bem inglês, noite após noite, a ouvir aqueles homens falar sobre os seus casamentos, os seus filhos e os seus empregos. Na maioria das vezes só queriam companhia e alguém com quem falar enquanto se embebedavam; outras vezes queriam que fôssemos com eles. O Harry entrou uma noite e eu reparei logo nele. Era tão alto, para começar, tão respeitável e inglês, como se tivesse saído de um filme a preto e branco. Acho que até trazia uma coisa à volta do pescoço, não uma gravata, como é que lhe chamam?

– Um lenço de pescoço?

– Sim, isso. Azul às pintas brancas. – Ela ri-se. – Pagou-me uma bebida e começámos a falar, mas foi diferente dos outros porque fez perguntas sobre mim e a minha família. Parecia genuinamente interessado em saber como os meus pais viviam e como era a nossa aldeia. E quando partiu, não me pediu para ir para um quarto com ele, só perguntou se me podia ver todas as noites durante as duas semanas seguintes enquanto estava na cidade. E lembro-me de me sentir entusiasmada à espera de que ele viesse, e isso nunca tinha acontecido.

Há tanta informação para assimilar, a Ling, aos quinze ou dezasseis anos, a falar noite após noite com homens de negócios europeus velhos e infieis, a ir para um quarto com eles sempre que lhe pediam; uma confissão aberta, assumida, de prostituição, é o que penso, e estou a tentar digerir tudo e encontrar a coisa mais apropriada para dizer quando ela se vira para me encarar.

– O Harry não gosta de pensar no meu passado assim, sabes isso, não sabes? Ele não quer pensar em mim a dormir com todos aqueles outros homens. Para mim tornou-se um emprego, nada de mais, apenas a forma como a vida é, mas deixa-o deprimido pensar em mim a viver assim e por isso nunca falamos nisso.

– Ling – começo eu, e ela fica ali calmamente, à espera de que eu fale. O que estou a pensar é: como é que és tão resiliente, tão jovem, dura e franca? Como é que lidaste com estas dificuldades sem deixar que te destruíssem? O que digo na realidade é: – O Harry é um sortudo por te ter – e ela sorri e diz:

– A comida está pronta. Ajudas-me a levá-la?

– Mas foi amor à primeira vista? – Não consigo deixar a história do Harry e da Ling para trás.

A Ling ri e passa-me uma grande travessa branca com caril de vaca, salpicado com coentros.

– À segunda ou à terceira, talvez.

Acho a sala de jantar horrenda, com a sua miscelânea de pinturas emolduradas no teto (nus robustos, querubins com meadas de tecido cuidadosamente colocadas, aquele estilo açucarado a imitar a Renascença), candelabros dourados, uma longa mesa envernizada com um brilho intenso, como um espelho. A sala tem lambris de carvalho escuro na metade de baixo e papel de parede de damasco cor-de-rosa na metade de cima, onde vários retratos de rostos solenes também forram as paredes. A única coisa que falta é um cordão vermelho para manter a ralé do National Trust ao largo.

A Rachel e a Alexa recostam-se nas suas cadeiras douradas, completamente confortáveis neste ambiente floreado.

– Há um cinzeiro, querido? – pergunta a Rachel, acendendo um cigarro mal encontra um, e de certo modo parece impróprio, como fumar num museu. E depois de apenas um gole ou dois de vinho ela faz uma careta. – É Riesling, não é? Podemos beber rosé, Harry, isto é um pouco forte para a minha ressaca – e o Harry saca o telemóvel, envia uma mensagem e dois minutos mais tarde, o Filip está na sala trazendo várias garrafas de rosé numa bandeja de prata. Se formos ricos o suficiente, parece que Colton House vem até nós.

O almoço é maravilhoso, mais delicioso do que qualquer coisa que tenha comido num restaurante tailandês, e também põe a Ling mesmo no centro das atenções. Vejo-a a atrair lentamente o olhar da Alexa e da Rachel, vejo como ela o aceita, este súbito destaque, sem orgulho nem timidez, apenas a mesma confiança tranquila que notei antes. Ela explica à Rachel, porque a Rachel pergunta – provavelmente a primeira vez que pergunta alguma coisa à Ling –, como aprendeu a cozinhar na aldeia onde cresceu.

– Fomos ensinadas por todas as mães, tias e avós da aldeia. Mas havia uma mulher, a Apinya, que

era uma cozinheira muito hábil. Cultivava as suas próprias ervas aromáticas e especiarias e experimentava sempre coisas novas, como carne de vaca com chocolate amargo ou sopa de peixe e laranja, e mesmo nos dias em que só tínhamos arroz ela fazia algo interessante, como bolinhos fritos com molho de coentros. Sinto falta daquela comida, estou sempre a tentar lembrar-me dela.

– Parece um estilo de vida tão idílico – diz a Alexa. – Porque partiste?

Dou por mim a examinar o rosto do Harry nos segundos antes de a Ling responder, e vejo que está inexpressivo enquanto observa a mulher. Penso no que ela acabou de me dizer na cozinha, quase como se não tivesse importância, a maioria das vezes só queriam falar, outras vezes queriam que fôssemos com eles. E também no facto de querer proteger o Harry da verdade sobre a sua profissão. Inequívoca, mas também impassível e objetiva, ela falava sobre trabalhar no negócio do sexo como uma secretária poderia descrever a redação das atas de uma reunião.

– Toda a gente na minha aldeia é muito pobre – diz ela agora. – Temos o suficiente para comer quando as colheitas são boas, mas nunca há dinheiro para mais nada. Não há alternativa senão ir trabalhar para a cidade para podermos enviar dinheiro para a nossa família. Eu tive sorte, só fui para Banguécoque aos quinze anos. Algumas das meninas foram aos doze.

– Como era trabalhar no bar? – pergunta a Alexa. – Estavas sempre a lidar com turistas horríveis?

– Em geral não havia problemas. É só um trabalho, nada de mais. A maioria das raparigas da aldeia acaba a trabalhar nos bares de Pattaya. Recrutam-se umas às outras, por isso a minha prima já estava a trabalhar no meu bar e enviou uma mensagem para casa a dizer que havia um emprego para mim. É duro de início, mas o dinheiro que ganhamos é o que sustenta as nossas famílias.

Noto o sorriso que o Harry lhe dirige quando ela diz isto, e tenho a certeza de que estamos todos a pensar o mesmo. O final da Ling foi perfeito, um conto de fadas clássico, mesmo que o Harry não seja o substituto mais óbvio para o príncipe encantado.

A conversa passa para a tua festa, desta vez uma enumeração dos convidados; quase todos eles, parece, do nosso passado em comum. Apanho-te a observar-me quando o pânico começa a surgir e pergunto-me se estás a começar a perceber. Entendes porque quero sempre fugir em vez de enfrentar o passado, porque quero sempre esconder-me? Imaginas como é sentir-me universalmente odiada por uma coisa mas merecer esse ódio por outra muito diferente?

– A Charlotte Lomax vem – diz a Alexa, atirando o nome dela para a mesa. – Deves lembrar-te dela, Catherine. Costumava estar connosco na mesma altura que tu. É casada agora, com o Johnnie Wilson, aquele tipo de cabelo comprido do ano acima. Ele gostava dos Grateful Dead na altura, o cabelo, a fita na cabeça, o *look* completo.

Memórias que não quero, a encher-me o cérebro, um banho de ódio por mim própria que vai subindo lentamente. A Charlotte Lomax era provavelmente a pior, uma Sloane⁵ típica com o seu cabelo loiro pelos ombros, bandolete de veludo e o coração de ouro maciço que repousava entre as suas clavículas. Estava apaixonada por ti, dizia-se, e quando te deixei ela tentou preencher o vazio. Não funcionou; nada te poderia ajudar nessa altura. Corria o boato de que estavas a caminho de um esgotamento.

Podemos ter partilhado uma cidade, mas nunca mais demos de caras um com o outro. Eu via-te ao longe, por vezes, dez segundos a olhar enquanto o meu coração batia mais rápido, antes de virar bruscamente no sentido contrário. Estivemos juntos numa festa uma vez, durante alguns minutos, embora tu não percebesses. Eu achava que era uma festa de estudantes segura, tradicional, e nada o teu género de coisa – a seguir ao *pub*, cada um levava uma garrafa – no apartamento de alguém em

Bedminster, uma parte pouco popular da cidade na altura. Uma confusão de bicicletas na entrada, vinho tinto barato em copos de esferovite, o ambiente carregado de fumo. Estava com a Liv e nós abrimos caminho por entre a multidão em busca de mais vinho ou de caras que conhecêssemos, e de súbito eu estaquei, pois ali, lado a lado perto da porta da cozinha, estavam as vossas costas inconfundíveis, as tuas e as da Alexa. Ela virou-se precisamente naquele momento e lançou-me um estranho meio sorriso, quase como se estivesse à espera de me ver, antes de pegar na tua mão e te levar para dentro da sala, a minha deixa para partir.

Não tive tanta sorte com a Charlotte Lomax. Foi mesmo no fim do período letivo e eu quase escapara. As minhas malas estavam feitas e ia partir para casa nessa noite.

– Liguei o teu cobertor elétrico. – Ainda consigo ouvir a voz da minha mãe; consigo imaginá-la a mudar os meus lençóis e a ajeitar os meus ursos de peluche e desembrulhar uma vela perfumada, a sua única homenagem à mulher adulta que eu quase era. Eu já sabia do cancro na altura, mas estávamos os três em negação, a minha mãe, o meu pai e eu. Eu estava muito ansiosa por aquelas férias em casa. Planeava ser a sombra da minha mãe de manhã à noite. Por via das dúvidas.

Tinha ido à biblioteca pagar uma multa, e talvez porque estava tão concentrada na minha ida a casa, não vi a Charlotte dois lugares à minha frente na fila. Tinha chegado ao balcão, suportado a reprimenda da bibliotecária e arrancado um cheque do meu livro de cheques do Lloyds Bank quando uma voz me chamou:

– Catherine Elliot.

E ali estava a Charlotte, de brincos cintilantes, batom claro, uma camisola azul-viva que eu invejara ligeiramente, lembro-me.

– Não sei como podes ter a consciência tranquila.

A voz dela era alta, demasiado alta, e várias outras pessoas na fila voltaram-se para olhar. Conheciam-me? Ou a ela? Ou a ti? Será que toda a gente nesta maldita cidade sabia como eu era verdadeiramente, no fundo, por baixo da fachada sã que tentara ressuscitar com o Sam? Não consegui responder-lhe, não consegui perguntar-lhe o que queria dizer ou tentar defender-me ou fazer mais do que ficar ali, junto ao balcão, paralisada pela vergonha e pelo medo. O facto de te ter abandonado, o meu crime público, estava bem documentado, mas isto insinuava algo mais. Seria agora o momento em que a verdade era finalmente revelada? A única coisa que sabia, enquanto o meu coração batia forte no meu peito, era que a Charlotte Lomax parecia estar a adivinhar os meus pensamentos. Viver com a minha consciência era uma quase impossibilidade a enfrentar cada dia. Eu acordava num pesadelo e tentava, pouco a pouco, momento a momento, e em geral com a ajuda do Sam, encontrar um pouco de calor; apenas um vislumbre era o suficiente na altura. Pareceu-me, enquanto estava ali estupefacta na fila da biblioteca, que o Jack tinha falado com a Charlotte Lomax, que o meu segredo estava prestes a ser revelado. Pensei no teu desgosto quando finalmente soubesses a verdade, e odiei-me um pouco mais.

Estou tão perdida no passado que demoro um minuto a perceber o silêncio em redor da mesa, a notar que toda a gente está a olhar para mim, à espera da minha resposta.

– A Charlotte nunca gostou muito de mim – digo. – Não posso dizer que me agradasse muito voltar a vê-la.

– Mas vens à festa, não vens? – pergunta a Alexa.

– Provavelmente não.

Não agora, seguramente, que o nome da Charlotte foi mencionado. É perturbante, este súbito

escrutínio, esta descida de temperatura, como se um manto frio tivesse pousado na sala.

– Qual é o problema? – diz a Rachel, ainda de óculos de sol. – Porque não haverias de vir? Pensava que tinhas dito que os teus filhos ainda estavam na Cornualha.

Por onde começar? Não com a verdade, certamente. Não com o facto de que passei tanto tempo da minha vida a fugir do passado que não sei fazer mais nada; não sei como deixar de fugir e esconder-me e mentir. E vejo que tu sabes isto, enquanto estás ali sentado do outro lado da mesa, a observar-me. Não há um sorriso, nem sequer um vestígio de um sorriso, mas vejo algo nos teus olhos que nunca vi. Tu sabes. Estás a dizer-me que sabes. Talvez não o como ou o porquê, mas reconheces a minha vergonha, e por baixo dela o menosprezo que me alimenta e esgota em igual medida.

E és tu afinal quem responde à Rachel.

– A Catherine não tem motivo para ir à festa a menos que queira – dizes, numa voz brusca, pondo fim à conversa.

⁵ Jovem de classe alta com casa em Londres e no campo que usa roupa cara de estilo campestre. (*N. do T.*)

Agora

Sinto-me como se vivesse numa caixa de vidro. Posso gritar tão alto quanto quiser dentro desta caixa, mas nunca ninguém me vai ouvir. O meu lamento é ignorado, os meus berros são apenas uma voragem na qual me afogar. O chão está atapetado de palavras, paredes de letras que brotam do meu cérebro, um transbordar de tinta preta. Todas estas perguntas que não posso fazer, todas estas respostas que não darei.

– Lembras-te do que aconteceu?

Perguntam-me isto quase todos os dias, e embora por dentro esteja a arder, me magoe, me consuma, por fora permaneço inexpressiva. Não é apenas angústia; tenho uma reação física a esta pergunta, também. Quando a fazem, a minha garganta fecha-se e as minhas cordas vocais ficam paralisadas e o meu cérebro transforma-se em gelo.

O Sam volta hoje e é um alívio vê-lo. Tem os miúdos consigo, o Joe com uma camisola nova, cinzento-escura com mangas azuis, bastante diferente de qualquer coisa que ele escolheria para si. Pergunto-me quem lha terá comprado. A mãe do Sam, provavelmente.

O Sam parece mais magro do que na última vez, e bronzeado, embora a árvore lá fora me diga que só estamos no início da primavera.

– Comecei a correr – diz-me ele.

O Joe, que raramente fala, diz:

– Até assinou a *Runner's World*, mãe. E fica horas sentado a ler sobre meias de compressão.

Esboço um sorriso, pequeno, para mostrar ao Joe que compreendo. Sorrio e olho-o nos olhos por um momento, como o Greg me ensinou. O sorriso não escapa ao Sam, que nunca perde nada, e a felicidade na cara dele parece exagerada para uma coisa tão pequena.

– Estás a portar-te tão bem – diz ele. – Estás a melhorar tanto a cada dia que passa. O Greg disse-me que as sessões de terapia estão mesmo a começar a ajudar.

Disse? Estão? Será que ajuda mesmo, este incessante remexer do passado, a visita guiada diária ao âmago da minha dor?

Pressinto o lento crescendo destas sessões e sei, claro, onde vão dar. Sei que mais cedo ou mais tarde vamos espetar uma picareta na porta que esteve fechada – não apenas fechada, mas bruscamente trancada, com ferrolho e aloquete – nos últimos quinze anos. Compreendo as regras deste jogo. Morte primeiro, a mais fácil, vamos lidar com isso. E portanto o Greg fala da minha mãe como se a conhecesse, como se soubesse a forma como o cabelo dela – ainda castanho-escuro sem uma madeixa grisalha quando morreu – permanecia resolutamente colado ao seu couro cabeludo por muito que ela o escovasse com o secador, o penteasse para trás e o «bouffantasse», palavra criada por ela. «Desisto», dizia, atirando o secador para o outro lado do quarto. «Resigno-me ao capacete.»

O Greg não sabe que ela era bela, mas daquele modo descuidado, sendo a sua única cedência ao

glamour pegar num pouco de hidratante antes de sair de casa e espalhá-lo nas faces, no carro, a caminho do trabalho. Não precisava de maquiagem nem de um *bouffant*. E estava sempre a rir, ele não sabe isso. Não ouve o riso como eu ouço, uma gargalhada encorpada, de cabeça atirada para trás, que contrastava com o seu aspeto delicado. Pôs-me a pensar nela, no entanto, isso tenho de dizer a favor dele. E aprendi uma coisa nova. Não faz mal deixar entrar de novo um pouco da luz dela; não dói tanto como sempre presumira que doeria.

– Em breve voltas para casa, mamã – diz a Daisy, interrompendo os meus pensamentos e devolvendo-me à minha família. – E fazemos bolos e vamos à praia e andamos de barco e tudo vai ser como era. Vais ver.

Ela abraça-me, a minha menina bonita, que vê sempre o lado bom de tudo, apertando com força, o seu abraço de cobra, como se pudesse passar-me o seu otimismo por osmose.

Quinze anos antes

Tu puseste o Sticky Fingers a tocar, um álbum que ouvíamos quase sem parar nos nossos quatro meses juntos. Primeira música, «Brown Sugar», a que menos me agradava, mas aquela que normalmente despertava a tua imitação do Jagger – um pavonear de ancas serpenteantes e microfone na mão. Tu fazia-lo perfeitamente. De súbito, estávamos os três a dançar. O meu equilíbrio era mau; era mais ziguezaguear do que dançar, e encostava-me a ti mal a música mudava. E depois a «Wild Horses», uma música de que eu gostava tanto, transportada de cada vez pela beleza crua da voz do Mick Jagger e a mágoa das suas palavras, e estava a dançar sozinha agora, sem inibições, agitando os braços acima da cabeça, de olhos fechados. Esta música fora sempre dedicada a nós, dizíamos, pois nada mais podia simbolizar a força da nossa paixão. Éramos jovens e sentimentais e recém-apaixonados – nada nos separaria, pensávamos, nem mesmo cavalos selvagens.

Estava perdida na música e demorei algum tempo a perceber que estavas à minha frente, a tentar falar comigo.

– Catherine – disseste. – Catherine.

Abri os olhos. Parei de dançar.

– O que foi? – disse, sorrindo.

Mas a tua cara estava séria.

– Acabei de receber uma chamada do meu tio. Não ouviste o telefone?

Disseste-me que ele estava mal, que rompera com o namorado de novo e tu estavas preocupado com ele. Ou pelo menos é o que imagino que me disseste, porque a verdade é que não me lembro desta conversa.

E depois disseste que ias vê-lo, e desta parte eu lembro-me.

– Para garantir que ele não faz nenhuma estupidez.

Tivemos uma espécie de discussão, acho. Estava paranoica em relação a conduzires alcoolizado e cheia de medo de te perder quando tínhamos acabado de nos encontrar um ao outro. Por vezes, quando chegavas a casa mais tarde do que disseras que farias, retido no *pub*, mais uma sessão de copos com o Jack e o Harry, eu ficava deitada na tua cama a temer uma pancada na porta. Imaginava o acidente, o teu corpo estendido imóvel na berma da estrada, e ficava deitada na escuridão a limpar lágrimas silenciosas até tu chegares a casa e meteres-te na cama comigo e tornares tudo fantástico de novo.

Eu dizia-te isto, por vezes.

– Sua tonta – dizias sempre. – Porque hás de pensar que o pior vai acontecer?

Mas isso devia ser óbvio. O meu melhor era tão bom, tão estonteante, eufórica e absurdamente bom, que eu sabia que não poderia viver sem ele.

Quatro meses antes: Lucian

Há três elementos cruciais para uma boa festa, na minha perspetiva – as pessoas, a bebida e o cenário. Hoje à noite temos uma lista de convidados já comprovada de trezentas pessoas, um grupo empenhado que chega sempre com uma determinação feroz de aproveitar ao máximo a noite. Ninguém vai conduzir, toda a gente vai beber e a maioria vai trazer roupa nova em folha: raparigas num caleidoscópio completo de cores, um mar de vermelho, rosa, azul, verde, prateado e dourado; homens de fatos, pretos, azuis e brancos, em geral, embora haja sempre um exibicionista que gosta de surpreender com um rosa-choque. Ostentarão a sua melhor aparência e o seu pior comportamento; haverá separações inebriadas e casos amorosos ilícitos, ligações aleatórias que na realidade não deviam ter acontecido, e uma abordagem descontrainda, tipo Woodstock, ao consumo de drogas, qualquer coisa em qualquer parte. Boémios profissionais, habitués de Colton House e velhos amigos da universidade, alguns deles terão até atravessado continentes para chegar aqui (a Eliza e a Georgina Kitson, do Quénia, os Buxton, de Sydney, o Jonathon e a Lydia Maxwell, de Nova Iorque). No que toca ao cenário, tive sorte: oitenta hectares de lago, bosque e relvados verdes e ondulantes, uma piscina construída especialmente para brincadeiras de meia-noite, um roseiral em flor para os românticos.

Também tenho o cuidado de contratar uma personagem um pouco estranha chamada Andrew Martin para gerir as coisas. O seu título oficial é organizador de eventos, embora não o pareça; ex-militar e nunca visto sem camisa e gravata, dir-se-ia que é um gestor de fundos ou um corretor do Lloyd's, algo na City, de qualquer maneira. O que o Andrew tem de especial é que é mesmo dotado naquilo que faz, nenhum pedido é demasiado bizarro, nenhum pormenor é esquecido: é tão minucioso e obsessivo que nunca sobra nada para eu fazer.

Há seis meses, veio aqui a baixo com o seu portátil ultrafino, os seus cadernos *Smythson* e os seus três telemóveis de trabalho e disse: «Então qual é o nosso tema?» E de uma maneira ou de outra nós decidimos que este ano devia girar tudo à volta da água – uma discoteca junto à piscina, uma frota de pequenos barcos a remos para o lago. Para além de construir uma discoteca (uma equipa enorme de trabalhadores e uma tarde de trabalho do princípio ao fim), este ano o Andrew também vai importar uma discoteca em miniatura, que vai ser colocada junto ao lago. Tanto quanto sei é uma estrutura em forma de caixão para trinta pessoas com um DJ lá dentro e dois seguranças à porta. O Andrew está muito entusiasmado com aquilo. Eu não conheço ninguém que retire tanto prazer do trabalho como ele (embora se pudesse argumentar que eu não conheço muita gente que trabalhe de todo).

Quando me levanto e vou lá a baixo fazer café, a Operação Festa já está em curso. A Mary tem uma equipa de limpeza com ela hoje, aspiradores a trabalhar em todos os cantos da casa, o ar pungente com cera e lixívia. A florista chegou de Bristol, duas raparigas com ar de *hippies* (até têm flores no cabelo) estão a fazer um arranjo do tamanho de uma pessoa com lilases e rosas azul-escuras no átrio

e uma frutaria local está a descarregar caixotes de romãs, limões, laranjas e limas para os *cocktails*. Da janela da cozinha, vejo que uma das tendas já está montada, e lá fora uma série de grelhadores de espeto vazios estão alinhados, um temível emaranhado de espigões e ganchos à espera das suas carcaças de porco. Deve haver umas trinta pessoas no relvado, todas completamente empenhadas na montagem da festa, carregando mesas e abrindo cadeiras, sacudindo toalhas, dispondo pequenas bandeiras decorativas, frascos de compota com flores e taças de fruta, deslocando à força de braço fardos de feno para um semicírculo ordenado em redor das fogueiras.

Seria de pensar que eu sentisse algo, um fragmento de expectativa, talvez, ou um tremor de entusiasmo, ao observar toda esta atividade, todas estas pessoas a trabalhar para me proporcionarem a melhor festa possível. Mas em vez disso estou a pensar no saco da Catherine, já feito e pousado como um insulto ao lado da porta do quarto. Lembra-me muito a última vez. E no entanto, não vejo um futuro para nós, na realidade.

Ontem à noite depois de a Rachel ter ido para a cama, a Catherine, a Alexa e eu ficámos na cozinha a conversar. Por algum motivo a Alexa começou a perguntar à Catherine pelos seus filhos, e depois de começar a falar, parecia que não conseguia parar, as palavras simplesmente brotavam dela. Passámos os três uma boa meia hora a ver todas as fotografias que tinha no telefone. Havia o Sam, o namorado que outrora habitou os meus sonhos, mais velho agora, cabelo curto, leves traços de grisalho em redor das orelhas. Vimo-lo a jogar xadrez com o filho, o brilho vívido de uma piscina ao fundo, uma idílica cena mediterrânica, iluminada pelo sol, um pastiche da vida familiar que deve figurar em tantos álbuns. Noutra fotografia ele tinha as mãos pousadas, em jeito paternal, sobre uma pá de jardim, com a sua filha pequena, bonita, a brandir a sua própria pá em miniatura, diante de um quadrado de terra castanha cuidadosamente revolvida. Ali estava ele outra vez a segurar a menina na descida de uma tirolesa, braços fortes à volta do seu corpo pequeno, cabeças escuras bem juntas. Uma praia da Cornualha agora, o Sam agachado ao lado de um grelhador descartável cheio de salsichas meio cozinhadas, filho e filha ao lado dele com sorrisos brancos idênticos.

O que me impressionou mais enquanto percorríamos o seu catálogo da vida familiar foi a união entre o Sam e os filhos, o envolvimento dele, aparentemente um animador nato preparado para chutar uma bola ou construir uma escultura de areia a qualquer momento. Surgiu-me a memória do meu próprio pai a ensinar-me a caçar coelhos com a sua caçadeira, uma herança que ainda estimo apesar das suas conotações amargas. Quando pego nesta arma, uma *Purdey* que deve ter cem anos e foi passada de pai para filho, tal como a casa e a terra e os quadros, basta o seu toque, a suavidade gasta do seu corpo de nogueira e o aço frio do cano, para me transportar imediatamente para o meu décimo aniversário. Crepúsculo, só eu e o meu pai no cimo de uma colina, à espera do ajuntamento noturno de caça miúda. Que artimanha foi aquele aniversário; tínhamos conseguido livrar-nos da minha mãe e das minhas irmãs e passado o dia aqui em Shute com o meu tio. Agora, na penumbra do início da noite, estávamos só os dois, vestidos como soldados, deitados de barriga para baixo, olhos semicerrados, à espera. Lembro-me exatamente de como o meu coração disparou quando surgiu a primeira família de coelhos. Sabia que não devia falar, quase nem respirar, enquanto espreitava pela mira, olhando, olhando, esperando, esperando, apertando lentamente o gatilho tal como ele me mostrara, depois parar e puxar. Pum. A minha primeira peça de caça, um tiro direto à cabeça que fez o meu pai gritar de alegria.

– Parabéns, miúdo! Parabéns.

Olhava para estas fotos do Sam, com uma idade semelhante à do meu pai, provavelmente, e

conseguia imaginá-lo a guiar os seus filhos com aquela mesma mistura de instrução branda e encorajamento. E soube naquele instante que a Catherine nunca conseguiria deixá-los, nem eu tenho a certeza de que alguma vez quieria que ela o fizesse. Dar àqueles miúdos com um ar doce um pouco do inferno que foi a minha última década de infância? E a Alexa também deve ter visto isto, porque disse: «Sentes muito a falta deles, não sentes?» e a Catherine assentiu com a cabeça, incapaz de falar, retirando com um clique as caras dos seus filhos do ecrã, como se continuar a vê-las a pudesse dilacerar.

Também não sei se algum de nós dormiu muito, e houve uma vez, antes da madrugada, em que percebi que ela estava acordada e soube que, tal como eu, estava a gravar tudo aquilo nos seus sentidos, a sensação, o som daquelas noites juntos.

– Sabes de que é que gosto em ti?

Falei sem lhe perguntar se estava acordada e ela riu-se na escuridão.

– Diz lá – respondeu ela, estendendo uma mão para tocar a minha coxa.

Comecei a enumerar as qualidades dela, brincando para começar, mas assim que comecei, a lista tornou-se cada vez maior. Coisas parvas, primeiro.

– Gosto da forma como atiras a tua roupa para o chão. Não suporto aquela mania de dobrar e pendurar as coisas nas costas de uma cadeira.

– És tu quem normalmente atira a minha roupa para o chão.

Ela deslizou a mão da minha coxa para a minha virilha e depois parou, um ponto e vírgula para o que aconteceria a seguir.

– Ainda estou atenta – disse, e eu consegui ouvir o sorriso dela.

– Gosto que sejas sincera em relação às minhas pinturas. Se não gostas de alguma coisa, dizes. Sinto que posso falar sobre elas contigo, isso não acontece com muita gente.

«E adoro a forma como és com a Rachel, não a julgando, tentando ajudá-la, embora ela tenha sido muito má contigo. Assumes responsabilidade das coisas, como fizeste com a Rachel ontem. Fez-me perceber que nós precisamos de crescer. Somos patéticos, na realidade, na forma como nos agarramos ao passado.»

– Porque é que me estás a dizer isto tudo?

E aqui fiz uma pausa, com medo de continuar mas incapaz de parar.

– Porque acho que já não gostas muito de ti própria. Gostavas, dantes, mas mudaste.

Percebi que ela estava a chorar na escuridão, com a cara virada porque não queria que eu soubesse.

– Sempre achei que precisava do Sam para me fazer sentir melhor – disse ela, e eu percebi a mensagem implícita. Ela cometera um erro que mudara todo o curso das nossas vidas, a dela e a minha.

Parece um dia de últimas ocasiões. A última vez que tomaremos o pequeno-almoço juntos, sentados lado a lado em bancos diante da ilha, a granola caseira da Mary e expressos fortes. A última oportunidade de a ver nua debaixo do chuveiro estilo cascata, de levar a minha boca ao pescoço dela, aos seus seios, à pele suave por baixo dos seus braços. A última vez que a viro de costas, encostando-a à parede, penetrando-a, as minhas mãos a segurá-la logo abaixo da caixa torácica, água quente que nos inunda, aqueles gritos de desespero em que estou viciado. A última vez que a envolvo numa grande toalha branca, outra em turbante à volta da sua cabeça; a última vez que rio da meninice dela, com as suas pestanas à Bambi coladas umas às outras.

A minha cabeça está repleta com as palavras que não lhe digo. Não vás. Por favor, fica. Vou ficar perdido sem ti.

Em vez disso, começamos um passeio melancólico pela casa e pelo terreno, com o seu crescendo de festividade imprópria, passando do átrio para a piscina e depois para o lago, de mãos dadas, como os feridos em combate. A Catherine não vê o lago desde a sua última visita, há quinze anos, e agora está completamente transformado, todo um cardume de barcos a remos, cor-de-rosa, amarelos e verdes, atados uns aos outros e a balouçar junto ao cais, que foi pintado de azul-celeste. A versão do Andrew de Montauk e Martha's Vineyard, suponho, exagerada, mas muito eficaz. A toda a volta do lago, centenas de lanternas chinesas rosa-escuras e cor de laranja foram penduradas bem alto em postes de madeira pintados de dourado.

– É mágico, parece mesmo um sonho – diz a Catherine ao Andrew. – És tão engenhoso.

O rosto dele, normalmente sério, descontrai-se num sorriso largo. Não me admira. Reparei em como ele olhou para a Catherine quando foram apresentados, um olhar e depois outro, mais intenso, mais longo, a incredulidade dele perante a sua beleza sobrenatural bem evidente. Esquecera-me do efeito que ela tem sobre as pessoas, o segundo olhar que por norma lhe dirigem, como se uma deusa tivesse caído do espaço.

– A luz aqui em baixo vai ser magnífica – diz o Andrew. – Só lâmpadas LED nas lanternas, muito suave e romântico. Também teremos uns focos, só para as pessoas verem um pouco melhor.

Examinamos a discoteca em miniatura, desenhada como um *speakeasy* dos anos vinte, com candeeiros com franjas e bancos de bar com padrão de leopardo e uma pista de dança minúscula, iluminada por baixo. A mim parece-me um pouco claustrofóbica (e completamente inútil), mas a Catherine adora-a. O Andrew mostra-nos onde vai estacionar o seu furgão de hambúrgueres e *sliders*, «muito Lousiana», e uma pequena plataforma semicircular para um quarteto de cordas feminino.

Sentamo-nos no cais, os três, com as pernas a balouçar, enquanto eu fumo um cigarro e o Andrew verifica o telemóvel. É um lugar tranquilo; para além da colina, é provavelmente o meu sítio preferido na propriedade, sempre vazio exceto um mês ou dois no outono em que os habitantes locais vêm pescar. Enquanto estamos aqui sentados em silêncio, percebo que estou apavorado com a intensidade do caos desta noite: raparigas com vestidos garridos a voitar como mariposas na iluminação suave do Andrew, riso a ecoar sobre a água, o incessante estalido de rolhas de champanhe a saltarem. Em anos anteriores, aguardei com entusiasmo estas festas; agora trocava tudo por mais um dia a sós com a Catherine.

Vejo-a debruçar-se sobre o cais e mergulhar os dedos na água.

– Nada má – diz ela. – Mais quente do que me lembrava.

– Nunca está quente o suficiente para nadar. Devíamos estar loucos.

– Estávamos.

Ela sorri-me, perante a memória partilhada, uma aparição do nosso passado.

– Vamos receber umas mantas lindas mais tarde – diz o Andrew, erguendo os olhos do seu telemóvel. – Às riscas coloridas. Temos de manter as pessoas quentes quando estiverem nos barcos.

– Pensaste em tudo – diz a Catherine, numa voz melancólica. – Vai ser espantoso.

O Andrew pousa o telemóvel no cais e olha para ela.

– Vens, não vens?

A Catherine não enfrenta o olhar dele.

– Receio que não, é um pouco complicado.

Comemos languidamente um almoço que a Mary deixou na cozinha, a Alexa, a Rachel, a Catherine e eu. A Rachel está sombriamente calada e a evitar qualquer tentativa de conversa sobre o Max. Hoje, depois de uma noite de sono, acordou com as repercussões totais da farra catastrófica do dia anterior. O Hugo recusa-se a atender as chamadas dela, o Max deixou as suas mensagens suplicantes sem resposta; não há nada que ela possa fazer exceto aguentar a dor, que tenta anestesiar com rosé, a única a beber vinho ao almoço, apertando o copo entre as mãos, bebendo goles regulares como se fosse um remédio, o que para ela, para todos nós, suponho que seja.

O arrependimento e a culpa tornaram-na violenta, hoje, e parece que a Catherine será o seu alvo. A culpa é minha, suponho, por contar às meninas que tenciono levar a Catherine a casa depois do almoço. Vejo a expressão que surge nos olhos da Rachel, um abutre a avaliar a sua presa, e sei o que vem a seguir.

– Pensava que a tua família só estava a contar contigo amanhã.

– É verdade. Estão.

– Sendo assim, não há motivo para não ficares hoje à noite.

Os esses dela são pastosos e indistintos, de modo que aquele «assim» sai com um «ch» nítido. Estou a torcer pela Catherine, orgulhoso da forma como bebe um gole da sua água e retribui o olhar da Rachel, calma por fora, pelo menos.

– Há muitos motivos – diz ela.

– Como?

Mas a Catherine não responde. Estou prestes a mudar de assunto quando a Rachel diz:

– Tem alguma coisa a ver com o Jack? Reparei que vocês se estavam a evitar ontem.

E há uma pausa horripilante em que o rosto da Catherine começa a esmorecer e todos testemunhamos a batalha dela para conter o choro.

– A Catherine não tem de te dar explicações, Rachel – digo eu, o mais calmo possível. Furioso com ela, mas também chocado pela expressão da Rachel. Ela parece... derrotada, suponho.

– É verdade – diz a Rachel. – Mas talvez ela te pudesse dar explicações a ti. Nunca foi muito boa nisso, pois não? Vais simplesmente abandoná-lo outra vez, é isso que vai acontecer? Sabes, não sabes, quanto o magoaste da última vez?

– Pelo amor de Deus, Rach, para de ser tão desagradável. Isto não é da nossa conta. – A Alexa, que abomina qualquer tipo de confronto, diz isto com um tremor na voz. Estende a mão e deita um pouco de vinho no seu copo.

– Pois eu acho que é. Ele é nosso amigo, não é? Queremos que seja feliz, não queremos? Aquilo que não percebo, Lucien – e aqui a voz da Rachel começa a quebrar –, é porque, quando podias ter qualquer uma, a única pessoa de quem pareces gostar é aquela que não te quer. Embora suponha que eu, mais do que ninguém, devia perceber o que isso é.

A Alexa diz:

– Oh, querida. Tu estás simplesmente cansada e demasiado sensível; foram uns dias infernais.

Mas a Catherine afasta a cadeira da mesa e levanta-se.

– Sabes, o Lucian tem razão. Eu não preciso mesmo de te dar explicações. Mas lamento que estejas a sofrer, hoje, e percebo porque estás a atacar-me. Sou um alvo fácil. Mas enganas-te se achas que não gosto do Lucian. Não houve um único dia nos últimos quinze anos em que não pensasse nele, em que não desejasse que as coisas tivessem corrido de outra maneira. Mas não correram. E não

podemos fazer nada para mudar isso.

Ela sai da sala sem olhar para trás e eu tenho a certeza de que está a chorar.

– Obrigado por isto – digo à Rachel. – Belo trabalho.

A Rachel esconde o rosto nas mãos. Não estamos de todo preparados para uma festa.

Quando a Catherine desce as escadas com o seu saco, um pouco mais tarde, eu paro um momento para olhar, vendo, talvez pela última vez, aquela sua beleza extraordinária, que me dá uma sensação de vertigem, uma espécie de afluxo de sangue estonteante e o conhecimento de que com ela, olhar nunca será o suficiente.

– Pronta? – digo quando me alcança, toda ela cabelo e olhos escuros e um sorriso pequeno e triste, e depois, num momento de quase comédia, eu abro a porta principal e a Liv irrompe por ela, esbarrando connosco e com a torre de flores de um metro e oitenta.

– Onde é que pensam que vão? – diz a Liv, olhando de mim para a Catherine e para o saco que levo nas mãos. – Conduzi como uma louca para chegar aqui.

– Vou levar a Catherine a casa.

– Não vais mesmo para casa, pois não? – pergunta a Liv, olhando apenas para a Catherine. – Não vais deixar-me aqui sozinha, certamente?

E a Catherine começa a chorar, quase caindo nos braços da Liv.

– Desculpa – diz ela, trocando as lágrimas pelo riso. – Que vergonha. É um grande alívio ver-te, só isso.

– Olha. – Eu aproveito o momento. – Porque é que não vais lá a cima com a Liv mostrar-lhe onde vai dormir. Eu peço à Mary para vos levar um chá.

– Está bem.

A Catherine está a sorrir quando entrelaça o braço no da Liv, e noto, com um pequeno ímpeto de esperança, que enquanto as duas sobem as escadas, o saco da Catherine vai com elas.

Agora

O Greg tem uma teoria sobre a dor contida, e como será parcialmente responsável pela minha mudez. Provavelmente tem razão. Há anos, quando a minha mãe morreu, eu era fisicamente incapaz de falar sobre isso, como se houvesse um bloqueio na minha garganta. A Liv e o Sam costumavam dizer:

– Devias falar sobre ela. Devias contar-nos como te estás a sentir.

Mas eu abanava sempre a cabeça.

– Não consigo.

E era verdade, não conseguia. Porque falar sobre ela era começar a chorar, sentir a dor da ausência, e eu não queria fazer isso. Conhecia uma maneira melhor. Bloqueá-la, emparedá-la, enterrá-la. Fingir que não aconteceu. Portanto, diz o Greg, já nessa altura eu estava a aprender os padrões da mudez e da dissociação.

De início, o meu pai também tentou falar comigo. Presumira, acho, que parte do nosso triunvirato de laços estreitos continuaria, que eu regressaria nas férias à nossa casa, com a sua porta rangente e a macieira que a minha mãe adorava, e cujas flores eram agora para nós um insulto, e iríamos falar e chorar e tentar manter a memória dela viva. Isto, afinal, foi o que ele fez enquanto eu estava na universidade, chorando com os seus amigos e visitando a campa dela quase todos os dias, para derramar mais lágrimas. Pôs uma fotografia emoldurada de mim e da minha mãe na minha mesa de cabeceira, o tipo de fotografia que nos mata com a sua representação de amor espontâneo. Estamos sentadas na varanda da nossa cabana de praia, eu afundada no colo da minha mãe, o braço dela em redor da minha cintura, a outra mão levantada para o meu pai com o seu copo de cerveja. Saúde, diz a fotografia. Olhei para aquela fotografia durante muito tempo, gravando a imagem no meu cérebro: o vermelho desbotado do meu fato de banho com os seus folhos brancos, os calções aos quadrados azuis do meu pai, os óculos de sol em forma de olhos de gato da minha mãe. Depois guardei-a num armário.

– Desculpa, pai, dói demasiado falar nela – disse eu, barrando cada tentativa de conversa. A testa dele enrugava-se e ele mostrava aquela expressão fechada que faz sempre que tenta não chorar.

Passado pouco tempo, indecentemente pouco neste caso, escolhemos a mesma via para escapar: eu moldei-me a uma vida com o Sam e ele casou com uma americana, uma negociante de arte que era dez anos mais nova do que ele. Nunca se pôs a questão de que a Carrie, como ele lhe chama, se mudasse para Inglaterra. E embora ele viesse a Bristol e me levasse a jantar fora para dizer: «A Carrie e eu gostávamos muito que viesses connosco. Podias acabar o curso em Nova Iorque», aquele jantar foi na realidade uma despedida.

Costumávamos telefonar um ao outro quase todas as semanas para trocar informações, nada pessoal, nada sombrio, e o Sam e eu fomos visitá-los algumas vezes, inebriando-nos com táxis

amarelos e comida de *takeaway* em caixas de cartão. Mas na verdade a relação estava reduzida a rótulos, como aquelas figuras de papel que a Daisy costumava recortar. Eis um pai. Eis uma filha. Vamos arranjar umas roupas para eles vestirem.

Nunca é demasiado tarde para chorar, diz-me o Greg, explicando mais uma vez as cinco fases do luto. Eu estou presa na primeira, ao que parece – negação. Ele faz muito sentido, este psiquiatra que provavelmente é apenas alguns anos mais velho do que eu. Negação é comigo.

Ele usa uma técnica em que tenta que eu habite uma memória difícil. O Sam escolheu as memórias por mim, por eu não falar, e por acaso hoje acertou em cheio no ponto sensível. O Greg descreve as vinte e quatro horas em que liguei e liguei para a casa dos meus pais mas ninguém atendia. Sentada nas escadas com o telefone no colo, a telefonar para o mesmo número outra vez, e depois outra vez, e depois outra vez, como se fosse louca, como se aquelas duas pessoas que tinham sido o centro do meu mundo estivessem simplesmente a escolher não atender a minha chamada. Por fim, consegui falar com o meu pai. «Ela foi para a unidade de cuidados paliativos», disse ele, com uma quebra na voz ao proferir a última palavra. Paliativos: até as suas consoantes parecem conter mágoa. Uma lágrima liberta-se, uma lágrima solitária, e o Greg é demasiado profissional para comentar.

Quinze anos antes

Eu nunca estivera de ressaca, na realidade, não assim, uma náusea atroz que parecia mais psicológica do que qualquer outra coisa. Acordei à espera de te encontrar abraçado a mim, a querer o conforto da tua respiração lenta e silenciosa, a tua pele quente. O choque da tua ausência fez-me notar outras coisas. Tinha o *soutien* vestido, mas mais nada. Os meus *jeans* e a minha *T-shirt* estavam espalhados pelo quarto – nada de invulgar aqui –, mas as tuas roupas não. O que vestias ontem à noite? *Jeans*, azul-escuros, uma *T-shirt* preta deslavada com a cara do Bob Marley. Esta roupa não estava em lado nenhum. Fiquei ali deitada a retroceder na minha memória, mas não me lembrava de me deitar e achei que me devias ter levado ao colo. A minha cabeça doía, a tinha a boca seca e não havia um copo de água junto à cama. Mas pior era o sentimento de medo, de paranoia. Precisava tanto de ti naquele momento.

Saí da cama e senti o corpo pisado. Achei que talvez tivesse caído, talvez quando estava a dançar, a última coisa de que me lembrava claramente. Mas estava dorida por dentro também, e tinha a sensação de que tínhamos feito amor, mas não como normalmente fazíamos. Senti-me profundamente envergonhada. Achei que devia tê-lo encorajado, incitando-te a seres mais agressivo. O meu instinto estava correto: eu odiava a pessoa em que me tornava com a tequilha.

Era quinta-feira de manhã e achei que te devias ter vestido e ido a uma aula, o que era tão raro em ti, e isso deu-me uma sensação de pânico ainda mais intensa. Pensei que talvez tivéssemos discutido, que estavas zangado comigo, até que eu te tinha enojado.

Estava a jurar nunca mais beber, não só tequilha como qualquer forma de álcool, enquanto me dirigia à cozinha. O Jack estava lá, em pé junto à chaleira, e sorriu quando eu entrei.

– Bom dia! Como está a tua cabeça?

– Terrível. Nunca mais bebo.

– Chá?

Não gostei do sorriso dele; havia algo estranho nele.

– Onde está o Lucian?

O relógio da cozinha dizia 9h30, reparei. Tu nunca te levantavas antes das dez. Outra vaga brutal de pânico, fiquei sem fôlego nos pulmões.

O Jack olhou para mim.

– Onde está o Lucian, como?

O meu coração pulsava com força contra a minha caixa torácica. Acho que mesmo nessa altura eu sabia a resposta.

– Ele foi para casa do tio. Deves lembrar-te disso. Achavas que ele estava demasiado bêbado para conduzir, mas o tio dele parecia estranho ao telefone, disse ele.

– Mas ele voltou? – A minha voz um sussurro.

– Bem, isso teria sido um pouco embaraçoso. Claro que não voltou.

O Jack avançou para me beijar. Apontou para a minha boca, mas apanhou-me a bochecha.

– Devias beber tequilha mais vezes. Estavas louca.

Eu estava a chorar sem lágrimas, só respirava convulsivamente, andando de um lado para o outro na cozinha, agarrada ao peito. Não, não, não. O estilhaçar do meu mundo. A violência com que fizéramos amor – ou ódio – a pressionar o meu cérebro, uma memória fragmentária ou um pesadelo?

– Estás a dizer que dormimos juntos?

– Desculpa. Não acredito que não te lembres. Foste incrível. Nunca fiz sexo assim.

– Não me lembro. – Sussurrei-o, mas agora as memórias voltavam com violência.

O Jack e eu a fodermos – palavra dele, nunca minha, um vocabulário para aprofundar a minha vergonha – na tua cama. Aquela em que vivêramos, tu e eu, não a deixando uma única vez durante uma semana inteira, o nosso próprio *love-in*⁶, dissemos na altura, como o John e a Yoko. Como podia isto ter acontecido quando era a última coisa que eu alguma vez quisera? Nunca o teria permitido, nunca, não quando te amava tanto.

– Claro que não o devíamos ter feito, mas pelo menos sejamos sinceros. Eu vi a forma como tu olhas para mim. Sinto o mesmo que tu.

Não. Eu sabia que isto não era verdade.

– Eu não queria ir para a cama contigo.

Disse-o calmamente, mesmo enquanto a minha mente percorria vagamente os pormenores, procurando pistas. Mas eu ainda estava bêbada provavelmente, e envenenada pelo pânico; estava congelada num estado de esquecimento.

– Francamente, eu acho isso um pouco ofensivo, Catherine, foda-se.

Este «foda-se» dele, imbuído de hostilidade, fez-me levantar a cabeça.

– Claro que tu querias dormir comigo. Eu sei que querias.

– Não queria. – Sussurrei-o, mas agora o Jack estava a gritar.

– Que disparate, Catherine! Se é preciso lembrar-te, foste tu que começaste. Foste tu que começaste a beijar-me quando estávamos a dançar, e eu estava sempre a afastar-te e a dizer não, não podemos fazer isto. E depois a coisa descarrilou. Ambos perdemos o controlo.

Eu caí de joelhos, o meu corpo curvado enquanto chorava. Ouvi o Jack a sentar-se no chão da cozinha ao meu lado, senti a mão dele na minha nuca. Pensei que ia vomitar. Atirei-me para longe dele. Precisava de falar contigo, fazer-te perceber. Isto não era uma coisa que eu alguma vez quisesse que acontecesse; era um erro, um erro devastador. Estava tão bêbada que não sabia o que estava a fazer. Devo ter encorajado o Jack, iludindo-o, mas eu nunca poderia querer que isto acontecesse.

– Tu sabes quão bêbada eu estava. Eu não sabia quem era ou o que estava a fazer. Tu aproveitaste-te de mim.

– Acredita nisso se te faz sentir melhor. Ambos sabemos que não é verdade.

Oh, o desespero absoluto, o desaparecimento do meu sonho, da minha vida, do meu amor.

– Catherine? Precisamos de falar sobre isto. Tu não podes simplesmente repintar o que aconteceu e deitar as culpas todas para mim. Não é justo. Tu quiseste-o na altura tanto como eu, e sabes isso, na realidade, não sabes? Não me tentaste propriamente travar.

Eu ergui os olhos para ele, nesse momento, mas estava a chorar tanto que era quase impossível falar. Acenei com a cabeça, em vez disso. Não dissera que não, não tentara travá-lo. O Jack estava a

dizer a verdade, eu simplesmente não conseguia suportá-la.

– Eu amo-o – disse.

– Ambos o amamos.

– O que é que nós vamos fazer?

Mesmo ao dizê-lo, este «nós» abalou-me. Eu não queria qualquer tipo de aliança com o Jack. Este segredo partilhado, sabia, iria corroer lentamente o meu âmagô; nunca mais seria a mesma. Mas ainda me agarrava à possibilidade de tu e eu ficarmos juntos, de alguma forma.

– O que importa é que ele nunca descubra. Ele é frágil. Tenho a certeza de que sabes isso.

Uma pausa ponderada, o Jack a pairar, a circundar, com a sua frase de destruição.

– Acho que ele, tal como o pai, tem uma tendência fatal para o dramatismo.

– Meu Deus.

– Conheço-o desde que tinha oito anos, Catherine. E sei do que é capaz. Ele leva as coisas a peito, não as esquece. Precisamos de ter cuidado. Tu sabes que o Lucian nunca perdoou a mãe por ter traído o pai dele. Ele odeia-a. E acho que seria igual connosco. Acho que poderia fazê-lo perder o controlo.

O Jack não me disse para te deixar; isso fui eu que fiz. Mas eu soube, ao recolher as minhas coisas do teu quarto, todos aqueles pontos de familiaridade tão dolorosos para mim agora – o teu cavalete no meio do quarto, a tua cómoda com as duas canecas de café do dia anterior em cima – que tinha de partir e nunca voltar; tinha de te proteger de ti próprio. Peguei em todos os meus pertences que consegui encontrar; rabisquei aquele bilhete horrível no teu caderno de desenho: *Mudei de ideias. Não posso fazer isto. Não posso continuar a ver-te.*

Levei um cachecol teu também, um azul que ainda tinha o teu cheiro forte, cítrico. Sabias? Alguma vez deste pela falta desse cachecol?

O Jack saiu da cozinha enquanto eu abria violentamente a porta de casa, apertando a minha roupa e o teu cachecol junto ao peito.

– Catherine?

A voz dele era baixa, tranquila, talvez tentando instilar alguma calma em mim, mas eu não me virei.

– Cometemos um erro quando estávamos bêbados. Acontece. Ninguém precisa de saber disto.

Corri até à minha residência universitária, sentindo a dor real no meu corpo, agora, e lembrando-me dos pormenores mais crus da nossa ligação. O rosto do Jack sobre mim, as coisas que ele disse, as coisas que ele queria que nós fizéssemos.

A Liv estava a sair do nosso quarto partilhado quando cheguei.

– Meu Deus – disse ela quando me viu. A chorar, a tremer. Levou-me para dentro, sentou-se ao meu lado na cama dela.

– O que aconteceu?

Olhei para a minha amiga mais estimada e não tive palavras, nem mesmo para ela. Apenas o início de uma vergonha tóxica, escura, que me envolveria em silêncio. *Acredita nisso se te faz sentir melhor* : as palavras do Jack estavam gravadas a fogo na minha alma.

– Acabei com o Lucian – disse-lhe. – E vou para casa.

⁶ Ajuntamento público no qual os participantes expressam amor ou amizade como forma de ativismo político e social. (*N. do T.*)

Quatro meses antes: Catherine

ALiv vai ficar no Quarto Cor-de-rosa, um quarto com as rosas como tema que é quase absurdamente feminino e ostenta os traços decorativos do tio dele, diria. As paredes estão revestidas com um papel cheio de rosas vermelho-escuras, o toucador tem uma saia rosa-clara; até as cobertas são cor-de-rosa, antigas e ornadas com flores. Escusado será dizer que ela o adora.

Nenhuma de nós diz uma palavra enquanto ela desfaz a mala, pendurando um vestido dourado (para ela) na porta do roupeiro e um azul-marinho (para mim) em cima dele. Depois de a Mary chegar com uma bandeja de chá – bule de prata, chávenas de porcelana fina como papel, com asas douradas –, nós sentamo-nos frente a frente nas duas camas de solteiro.

– Sabes que o Harry me telefonou hoje. Pediu-me para te convencer a ficar hoje à noite. Parecia um pouco ansioso em relação a isso.

– O Harry quer que nós tenhamos o mesmo final feliz que ele e a Ling. Mas é óbvio que isso não é possível.

– Por causa do Sam e dos miúdos?

– Claro. Que mais havia de ser?

– Tu amas o Lucian. Sabes que sim.

Eu aceno com a cabeça, mas não consigo falar. Há uma dor real no meu peito, dor verdadeira, não metafórica, como os sopros de um ataque cardíaco.

– Acho que é igual para ele.

– Oh, Liv, eu também acho. Não conseguimos falar sobre isso, ainda não, mas está entre nós o tempo todo. Nenhum de nós estava à espera de uma segunda oportunidade.

– Mas é exatamente isso, não vês? Isto é a tua segunda oportunidade, e ao partir agora, estás outra vez a fugir. Estás a fazer a mesma coisa que fizeste há tantos anos.

– Não é bem a mesma coisa, Liv. Sou casada e tenho filhos.

A Liv olha para mim e não diz nada, mas está tudo ali escrito na cara dela. Sei exatamente o que está a pensar. Ela pensa – ou melhor, desconfia – que eu estou a esconder algo. E claro que tem razão. O motivo real para eu te abandonar foi rapidamente encoberto pela notícia da doença terminal da minha mãe. «Estádio quatro, querida», uma linguagem nova para eu aprender. Naqueles meses paralisantes entre a vida e a morte dela, não houve espaço para muito mais.

Agora a Liv inclina-se para a frente. Pega na minha mão.

– Não achas que foi estranho o Harry ter-me ligado hoje? Havia algo na voz dele, uma espécie de urgência. Parecia genuinamente preocupado com a tua partida e com a forma como isso iria afetar o Lucian.

– Ele sempre protegeu o Lucian. Tu sabes quão próximos eles são.

Sou puxada, involuntariamente, para o meio de uma memória que ainda me enche de vergonha

tantos anos mais tarde. O Harry na soleira da nossa casa de Bristol, a bater à porta de um modo agressivo, incaracterístico dele. Sabia que eu estava em casa, e sabia também que eu não ia atender.

– Catherine, sei que estás aí dentro... Catherine, por favor. Isto não vai demorar.

Abri a porta de cabelo por lavar e pijama a meio da tarde, manifestações físicas do meu desgosto privado.

– Não quero falar sobre isso – disse-lhe, fingindo uma oposição que não sentia.

– Na verdade – disse o Harry –, eu também não. Só te quero pedir uma coisa. Quero que prometas que nunca mais te aproximas dele. Promete-me que o deixas em paz.

Deixá-lo em paz. Palavras tão hostis. E tão merecidas. Mas por um motivo que o Harry nunca teria adivinhado.

A desconfiança dos teus amigos, a proximidade desconcertante do Jack e este segredo horripilante que partilhamos: tenho muitos motivos para não querer ficar esta noite. Mas não posso explicar nada disto à Liv sem lhe dizer a verdade sobre o motivo por que te deixei, e não suportaria fazer isso, não suportaria que a Liv me visse da forma como eu me vejo.

– Posso contar-te uma coisa? – diz a Liv. – Fiz questão de manter contacto com o Lucian todos estes anos por tua causa. Sempre soube como estavas arrependida de tê-lo deixado. E soube como sentias a falta dele. Não fujas outra vez, Catherine. Não faças isso ao Lucian. Ou a ti mesma. Tens uma oportunidade, devias aproveitá-la.

– E o Sam? – digo. – E o Joe e a Daisy? Não posso simplesmente abandoná-los.

Mas já estou a pensar que vou dizer a verdade ao Sam. Vou dizer-lhe que te amo. Vou dizer-lhe que não sei viver sem ti.

Quando desço uma hora mais tarde com o vestido azul-escuro, tu pareces confuso por um momento, depois um sorriso lento, voltado para cima, cresce na tua cara até estares a sorrir largamente, e depois a rir. Sinto uma enorme vaga de emoção a inundar-me o peito.

– Ficas? – perguntas, e desço a correr os últimos degraus das escadas, diretamente para os teus braços, e tu levantas-me como se eu fosse uma criança.

– Parece que sim – digo-te, e depois estamos a beijar-nos, um beijo que dura e dura, muito mais do que deveria, com a Liv mesmo atrás de nós e o pessoal do bar a fingir que não está a ver.

– Estou tão contente – dizes-me, ainda a levantar-me do chão, e eu respondo:

– Eu também, eu também. – E como sempre, os teus pensamentos seguem os meus, pois tu sussurras:

– Não iria aguentar que te fosses embora – e eu digo:

– Não vou partir – e embora ambos saibamos que só estou a falar de uma noite, parece que algo foi decidido.

É diferente ter a Liv ao meu lado, e durante a primeira hora da festa ficamos juntas, maravilhadas com a abundância. Deve haver quase tantos empregados como convidados, raparigas e rapazes claramente escolhidos pela sua aparência tanto como pela sua habilidade a servir, vestidos com camisas e *jeans* pretos e justos. Correm através da multidão num arremedo de pressa profissional e aproximam-se de cada convidado à vez:

– O que deseja beber, um copo de champanhe ou algo do bar?

Nós escolhemos champanhe, e quando a Liv exclama perante o sabor, digo-lhe que é Pol Roger *vintage*, o teu favorito.

– Que fina estás – diz ela, de sobrelhas erguidas. – O Jack chegou – diz-me um momento mais

tarde. – A mulher está com ele.

A saudação demasiado afetuosa dele bloqueia-me por dentro como se até as minhas células se encolhessem perante a memória – os lábios encostados à minha face, o cheiro do *after shave* imediatamente reconhecível passado tanto tempo. Obrigo-me a olhar bem, desta vez; digo a mim mesma para ficar calma. Vejo o fato feito à medida, cinzento, justo, Savile Row, diria. A camisa preta, que noto ser de seda após um exame mais minucioso. Óculos de sol usados dentro de casa a mascararem aqueles olhos azuis. Cabelo brilhante, sorriso fotogénico, a beleza dele uma arma, uma arma que vitimou a Celia, a Alexa, até eu.

A Celia está vestida como uma espécie de atavismo dos anos oitenta com um vestido de baile cor-de-rosa sem alças, muito Diana, muito *Dallas*. Na verdade, está muito bonita e, como a Ling, cumprimenta-me como se já fôssemos velhas amigas. E eu penso, enquanto nos abraçamos, que é isto que as pessoas de fora fazem, juntam-se nas margens. Nenhuma de nós – a Celia, a Ling ou eu – alguma vez será completamente aceite na tua clique de cinco.

A festa é uma aula avançada sobre a vida dos privilegiados. No bar da piscina, sentamo-nos lado a lado em dois bancos, só a observar.

– Olha para a roupa – diz a Liv. – Olha para o cabelo. Olha para as joias. Toda a gente aqui é bonita e isso é porque têm tempo e dinheiro e sabem onde ir para o conseguir.

Um momento mais tarde ela diz: – É verdade. Os ricos são diferentes. Já ouviste alguém dizer obrigado?

No nosso posto, junto ao bar, passamos alguns minutos a observar uma série de beldades muito coquetes a pedir *cocktails* complicados de que nunca ouvimos falar, sem um único por favor ou obrigado entre elas.

– Duas *island margaritas* e um *old-fashioned*.

Em geral, pegam nas suas bebidas exóticas sem estabelecer contacto visual com o empregado do bar ou interromper a conversa com as amigas.

Vemos-te entrar no bar, quase absurdamente atraente com o teu fato escuro e camisa branca; vemos como a multidão se afasta para te deixar passar, uma celebridade entre eles. Tu olhas para mim e sorris, mas o teu avanço é lento, pois és chamado para conversas com pelo menos quatro grupos de pessoas antes de chegares a nós.

– Finalmente – dizes, pondo um braço à volta do meu ombro. – Porque é que toda a gente acha que tem de falar comigo? Pode dar-me um martíni, por favor? – dizes ao *barman*, e a Liv olha para mim e sorri. – O que é que vocês querem?

Dizes-nos que o jantar vai ser servido no relvado e que o Harry e a Ling estão a guardar uma mesa para nós, «Com espaço para todos», acrescentas, o que me põe logo nervosa. No teu «todos», só vejo o Jack.

A tenda é mais bonita do que qualquer outra que tenha visto. Mesas e bancos de madeira compridos estendem-se por todo o perímetro, simples e quase rústicas, na realidade, fora o facto de estarem iluminadas com o que devem ser centenas de velas, a arder em altos candelabros de latão e suportes de vidro coloridos. Cada lugar tem dois copos com pé alto para vinho branco e tinto, uma *flûte* de champanhe, um copo de água colorido e um prato de pão com um padrão dourado. Para cada mesa há uma jarra lacada a ouro, exatamente da altura certa, cheia de rosas azul-escuras e creme. Eu estou sentada entre ti e a Liv e em frente ao Harry e à Ling, uma posição de relativa segurança, embora o Jack, a Rachel e a Charlotte Lomax e o marido estejam uns lugares abaixo, facilmente ao

alcance do ouvido. A Charlotte, toda ela pele macia e morena num vestido sem costas até ao chão, atira-se de cabeça.

– Catherine! Ouvi dizer que estavas aqui. Provavelmente a última pessoa no mundo que alguma vez esperaria encontrar numa das festas do Lucian. Lembras-te do Johnnie?

Ela bate com indiferença no braço do Johnny, mas os seus olhos mantêm-se focados em mim. Sim, Charlotte, lembro-me dele, o rapaz de cabelo comprido, dono de um *Golf GTI*, que costumava desbaratar a bolsa de estudo no casino na primeira semana do período letivo e depois se gabava disso alto e bom som no *pub*.

– Como está o teu marido? – pergunta a Charlotte, a voz cheia de riso contido.

Ela não espera pela minha resposta; em vez disso, debruça-se e sussurra algo ao Jack. Eu viro-lhes a cara e concentro-me antes na Ling, sentada à minha frente e mais bonita do que nunca com um *cheongsam* tradicional amarelo-limão. No breve tempo da nossa relação, vim a descobrir que ela, como eu, prefere falar de quase tudo menos de si própria. Acho que os nossos motivos são diferentes: não é vergonha que mantém a Ling calada, mas mais uma reserva, uma relutância em partilhar intimidade ou emoção com pessoas que mal começou a conhecer. Mas com a Charlotte Lomax e o Jack a escassos metros de distância, e eu, receio, como objeto da sua conversa e aversão mútua, a única coisa que quero é deter toda a atenção na história da Ling. Pergunto-lhe pelos irmãos e ela descreve-os um a um: o irmão que sustentou durante os dois primeiros anos da universidade até ele ser expulso por beber e faltar às aulas, a irmã mais nova que está a trabalhar como ama em Hong Kong, os gémeos, menina e menino, que ainda vivem em casa, caminhando oito quilómetros até à escola todos os dias e passando as tardes a nadar no rio, as noites a comer peixe grelhado e arroz debaixo das estrelas.

Ela sorri para mim.

– Estou contente por teres ficado esta noite, Catherine. Fizeste bem.

– Espero que sim.

É difícil descontraír com o Jack, o meu algoz particular, sentado aqui tão perto.

Parece que a Ling, sem que eu diga uma palavra, percebeu.

– Só pode tornar-se mais fácil – diz ela. – Quanto mais os vires a todos. – Ela baixa a voz. – Ninguém tem o direito de te julgar.

– Oh, Ling – digo eu.

Fico surpreendida com a perceção dela e penso que talvez seja a primeira pessoa a quem conto a verdade, antes da Liv, antes de ti. Porque sei, com absoluta certeza, que ela vai perceber.

– A Ling contou-te que vamos dar uma festa? Para celebrar o nosso casamento – diz o Harry, intervindo, inclinando-se para a frente para se fazer ouvir acima do ruído de centenas de pessoas a falar ao mesmo tempo. – Faremos uma bênção na capela primeiro e depois um grande almoço lá em casa. Um banquete tradicional tailandês preparado para nós por dois *chefs* que encontrei em Bristol.

Ele pega na mão minúscula da Ling, com o seu diamante deslumbrante, e beija-a.

– A Ling quer fazer tudo sozinha, mas eu não vou deixar.

– Podes vir, Catherine, não podes? – diz a Ling, e eu sorrio e digo:

– Claro que posso.

O Harry diz:

– Espero que tu e o Lucian consigam resolver as coisas. Sei que é complicado, mas estou mesmo contente por vos ver juntos outra vez.

Tu apanhas a última parte e beijas-me a face.

– Estamos a trabalhar nisso – dizes, e a tua voz é baixa, dirigida apenas a mim, quando acrescentas: – Temos hipótese?

E eu digo-te:

– Não vejo como podemos estar separados outra vez – o que é verdade.

Quando o Harry te convida para ser o padrinho do casamento – «Seria muito importante para mim, para nós os dois» – tu saltas da mesa, pedindo mais champanhe a uma empregada que está a passar. Há abraços, beijos, felicitações de todos, e quando estou a meio deste copo de champanhe, percebo que me começo a sentir um pouco bêbada. Não gosto. Não gosto da lenta erosão da lucidez, uma dissipação no meu cérebro, uma fluidez no meu corpo, sensações que podem desencadear a dura adrenalina da recordação. Memórias que não quero a clamarem por reconhecimento. Quando quero esquecer – preciso de esquecer – posso fazê-lo, embora requeira prática, uma espécie de consciência plena em que me concentro nos pormenores mais pequenos em meu redor.

Tu estás a conversar com a Liv e não me vês sair da mesa.

– Volto já – digo à Ling, e saio da tenda, obrigando-me a registar a cor exata da noite quando a última luz desaparece – azul meia-noite, chamar-lhe-ia, embora tu soubesses o tom correto. A passadeira que vai do jardim à tenda é de um vermelho icónico, preparado para os *flashes*, mais uma das piadas do Andrew. E parece óbvio, predestinado, que precisamente neste momento, quando estou a inspirar o ar noturno, o Jack regresse à tenda sozinho, de modo que fico cara a cara com ele, sem a Celia, nem a Liv, nem o Harry, nem tu para atenuar a intensidade deste encontro.

– Catherine.

Ele atira um cigarro incandescente para o tapete vermelho, esmaga-o com o pé. O seu belo fato cinzento-escuro é assombrosamente semelhante ao que tens vestido – tu, o eterno modelo dele. Ainda a copiar-te, penso, ainda a imitar-te tantos anos mais tarde. Talvez devesse ter pena dele como tive em tempos, este rapaz que faria tudo para chamar a tua atenção, para ser exatamente como tu. Mas a minha cabeça está preenchida com o nosso último encontro, eu à porta da cozinha, o Jack junto à chaleira, o lento e constante desabar do meu mundo. A vergonha que sinto sempre está presente, mas por baixo dela, raiva, também. O Jack assegurou-se de que nunca mais pudesse tornar a ver-te.

Acho que ele, tal como o pai, tem uma tendência fatal para o dramatismo.

Porque não podia ser o Jack a partir; porque é que tive de ser eu? Porque é que ele me deixou ficar tão bêbada? Porque é que ele não teve o bom senso de parar, de saber que a nossa união era algo que te quebraria?

– Não lhe disseste, pois não? – diz o Jack, por fim.

A voz dele é mais suave do que o habitual; é difícil decifrá-lo. Abano a cabeça.

– Se o tivesses feito, eu saberia por esta altura. Se tivesses dito, ele provavelmente matava-me. – Ele ri. – Bem, talvez isto seja um exagero.

É difícil para mim olhar para o Jack sem que as memórias voltem a fluir. São informes, como as memórias ébrias muitas vezes são, mas o corpo dele é evidente, aqueles penetrantes olhos azuis na escuridão, dentes que brilhavam, os braços dele tensos enquanto se erguia sobre mim. Quando temos uma memória que desejamos evitar, é fácil flutuar para longe dela, fácil desligarmo-nos. Não, não, dizemos, eu não vou lidar com isto. Fi-lo quando a minha mãe morreu. É o que meu pai me diz.

– Catherine?

Ouçõ a voz do Jack, percebo que está a tentar falar comigo. Mas não tenho palavras. Não para ele.

E passado um bocado, talvez um minuto, talvez um pouco mais, vejo-o afastar-se.

Quinze anos antes

A minha mãe foi buscar-me à estação e eu chorei o caminho todo até casa, olhando em frente pelo para-brisas, permitindo-me agora soluçar como uma criança.

– Não percebo – disse ela. – Estavas tão feliz. Ele parecia tão simpático. O que pode ter corrido mal?

O meu pai pôs uma caneca de chocolate quente à minha frente, tão doce aquele gesto. Nos bons velhos tempos, teria resolvido tudo. Não agora, no entanto. Não agora que eu era uma traidora, uma cabra infiel. Na viagem de duas horas desde Bristol eu aprendera a forma do ódio a mim própria, o seu vocabulário, a sua sombria queimadura interna.

– Por favor diz-nos o que aconteceu – disse o meu pai.

– O que aconteceu é que nós rompemos e eu odeio-me a mim mesma. É isso, é tudo o que há para dizer.

Eles conheciam-me tão bem, os meus pais, sabiam quando deviam deixar-me em paz. A minha mãe fez deslizar as mãos sobre a mesa da cozinha e tomou as minhas.

– Nós amamos-te. Achamos que és maravilhosa. *Sabemos* que és maravilhosa.

Tu telefonaste, claro. Falaste com a minha mãe duas vezes, com o meu pai uma vez. No último telefonema, o meu pai pediu-te, educadamente, para me deixares em paz.

Depois havia a Liv, com os seus relatórios diários, telefonemas que acabavam sempre da mesma maneira.

– Por favor fala com ele, Catherine. É o mínimo que podes fazer. Ele está a enlouquecer.

Mas eu sabia que não podia falar contigo, não podia ouvir a tua voz, o som da tua respiração do outro lado do telefone. Mal o fizesse, sabia que perderia a minha determinação.

Bastava-me pensar nas palavras do Jack.

Acho que poderia fazê-lo perder o controlo.

– Não, Liv, não vou falar com ele. Acabou, mudei de ideias e agora ambos precisamos de seguir em frente.

Passei duas semanas em casa, afinal, seguindo a minha mãe de divisão em divisão, até ao supermercado, em passeios dolorosamente lentos pelo parque. As costas dela estavam muito más naquela altura e nós íamos ao quiroprático dia sim, dia não. Eu costumava sentar-me do outro lado do biombo, escutando os seus gemidos baixos, reprimidos, aqueles arquejos profundos de dor que não soavam bem. Se não estivesse tão preocupada com a minha própria tragédia, talvez tivesse percebido a dela.

Pouco antes de a quinzena acabar, os meus pais foram ao médico levantar os resultados de uma radiografia recente. Mais tarde, eu imaginava a caminhada deles pela rua principal – passando pelo talho, onde comprávamos bifes do lombo para os aniversários e o nosso peru de Natal, pela frutaria,

que guardava brócolos roxos para o meu pai, e pela florista onde a minha mãe comprava as suas peónias – como os seus últimos momentos de inocência. Estava à mesa da cozinha quando eles voltaram, com o *North and South* da Elizabeth Gaskell aberto diante de mim. Mal eles entraram, percebi que algo estava mal. O meu pai estava todo amargo e brusco, como se estivesse a conter lágrimas (um traço que herdei); a minha mãe não conseguia olhar para mim. Como é que dizemos à nossa filha de dezanove anos, a nossa estimada filha única, que estamos a morrer? Portanto eu fui-me abaixo, e ter-te perdido, a horripilante infidelidade com o Jack, tornou-se uma pequena lasca de fealdade no infinito de dor.

A minha mãe insistiu em ser ela a levar-me à estação, a sua última viagem de carro, no fim de contas.

– Cometer erros faz parte do crescimento – disse ela enquanto esperávamos pelo meu comboio. – Não é nada de mais. O mais importante é aprender com eles e andar em frente. Promete-me que fazes isso.

– Sabes, não sabes? Sabes o que fiz.

A minha mãe fez uma pausa. Éramos tão próximas, ela e eu, sempre capazes de comunicar sem palavras. Ela teria decifrado o meu silêncio e interpretado a minha culpa. Não o quem ou o como, mas o ato de traição, deve ter percebido isso.

– O que sei é que és boa pessoa. E deixaste de acreditar em ti mesma.

– Oh – disse eu, e não fui capaz de mais. Por vezes a compreensão da minha mãe era um punhal no meu peito.

Nunca esquecerei o olhar que partilhámos antes de o apito soar e a porta da carruagem se fechar com estrondo. Alguns segundos difíceis a olhar nos olhos uma da outra, uma troca de informação silenciosa, sem necessidade de palavras.

Ela viu a mudança em mim e eu vi a mágoa nela.

Agora

A árvore fica bonita em rosa-claro e suponho que deveria levantar o meu ânimo, juntamente com o frasco de compota de flores silvestres – dedaleiras, campainhas, trevos – que a Daisy trouxe ontem.

– Há margaridas por todo o relvado lá de casa, agora – disse ela, e estendeu uma longa grinalda que fizera, para eu examinar. Virei-me para olhar para ela, tentei forçar a minha boca à aproximação de um sorriso, mas ainda assim ela hesitou antes de se aproximar o suficiente para a pendurar em redor do meu pescoço. E doeu ver aquela hesitação e saber que eu a provocara, juntamente com a raiva do Joe e o desespero do Sam. Os meus filhos aprenderam a safar-se sem mim, sem esta casca vazia que nada acrescenta à vida deles. E quem os pode julgar?

Quando a Daisy era pequena, costumávamos caminhar até ao parque na maioria dos dias, e quando a primavera chegava examinávamos solenemente a relva em busca dos primeiros sinais de rainúnculos amarelos e margaridas. Ela adorava o facto de o seu nome ter sido inspirado por esta abundante flor silvestre⁷, embora eu não tenha a certeza se foi assim; era apenas o nome de que mais gostávamos na altura. E à medida que foi crescendo, assentou-lhe cada vez melhor, com a sua natureza bravia e generosa, a menina que adora pendurar-se de cabeça para baixo nas árvores e patinhar descalça nos ribeiros mais frios do mundo.

A minha família visita-me quase todos os dias, agora, preparando-me, acho, para a minha partida, que será muito em breve. O Sam dá-me novas informações na voz animada que usa sempre, mencionando terminologia psiquiátrica como se estivesse a discutir as compras da semana. Espinafre, ovos, leite. Trauma, psicose, mutismo.

– Vamos precisar de ajuda para começar porque não sabemos como será para ti encaixares na vida normal com o teu mutismo. Por isso, a Liv vai tirar uns dias e depois vem a minha mãe.

Ele faz uma pausa aqui e eu penso em como o velho Sam e eu teríamos rido disto. A mãe dele e eu, fechadas juntas numa casa, dia após dia? Nem pensar, teria eu dito. Só por cima do meu cadáver. Mas quando ainda estamos vivos, a respirar, comer, dormir, mas a agir como se estivéssemos mortos, sem tocar, sem falar, decisões como esta são-nos impostas. Fazemos uma escolha à custa de muitas outras, parece-me. Há um estranho tipo de liberdade nesta minha casa de vidro.

Por enquanto o Sam parece evitar o momento exato do «trauma», mas cita outros acontecimentos que levaram a ele, até aquele que mais me apavora. É cuidadoso e amável quando menciona o nome do Jack; segura na minha mão, apertando-a com força, embora eu nunca reaja. Diz-me que vão mencionar o que aconteceu com o Jack na minha próxima sessão de terapia cognitiva; pergunta-me se gostaria que ele estivesse presente.

– Eles sabem que não estás preparada para falar, Catherine – diz ele. – Mas querem ajudar-te a encontrar maneiras de diminuir a tua ansiedade quando pensas nisso.

Mais técnicas de respiração, calculo. Só há uma coisa que podia ajudar: a oportunidade de pedir desculpa. E se não conseguisse encontrar as palavras, transmitir-tas-ia com os meus olhos e tu perceberias; apanharias as letras quando elas caíssem pelo ar. Está tudo bem, dirias. Eu perdoo-te, dirias. Vamos começar de novo. Quando só temos os nossos sonhos, porque não haveremos de recriar o final perfeito?

[7](#) «Margarida» traduz-se como «*daisy*» em inglês. (*N. do T.*)

Quatro meses antes: Lucian

Há sempre um momento em que me lembro da razão por que me dou ao trabalho de dar esta festa ano após ano, trezentos convidados sedentos de álcool a caminhar pela minha casa e pelos meus jardins, deixando cair beatas de cigarro e partindo copos e entornando vinho nos tapetes (não que eu me importe, mas a Mary sim). Esta noite o momento chega quando estou a caminhar até ao lago com a Catherine. O Harry e a Ling estão um pouco à frente, de mãos dadas, uns bons trinta centímetros de altura entre eles, o vestido dela de um amarelo exótico contra o bege leve e estival dele. Falam incessantemente da sua festa de casamento e a alegria na voz do Harry, depois de todos os anos de solidão, é gratificante; anima-me. Não conheço ninguém que o mereça mais do que ele. (Tirando eu, e tenho as minhas próprias esperanças ardentes nesses aspeto.) Até há algumas horas, acreditava mesmo que a Catherine iria desaparecer na sua vida antiga e que nunca mais a veria. E embora tivesse prometido a mim mesmo que não me apaixonaria por ela, falhei, irremediavelmente, nesse intuito. Hoje à noite, no entanto, há uma mudança nela, vejo-a, sinto-a, e atrevo-me a esperar que talvez acabemos juntos, contra as probabilidades e passado todo este tempo. Não sei o que a Liv disse à Catherine quando subiram, mas fosse o que fosse, funcionou. Portanto sinto-me animado com a felicidade do Harry, com a projeção da minha própria felicidade, e com a visão dos meus convidados a descerem à piscina ou ao lago em grupos coloridos, homens a carregar casacos, raparigas a segurar nos seus sapatos, o riso a flutuar na brisa noturna. Esta é a parte da festa de que mais gosto, a formalidade do jantar (se é que se lhe pode chamar isso) atrás de nós, apenas a liberdade do prazer puro, egoísta, pela frente.

Ouvimos a música muito antes de chegarmos ao lago, outro dos toques de génio do Andrew, pois o som de Vivaldi ou Mozart ou Bach ou seja o que for que o quarteto de cordas feminino está a tocar é imediatamente arrebatador, como se estivéssemos a entrar noutro mundo. E quando chegamos ao lago, vejo que tudo o que o Andrew planeou resultou espetacularmente bem. Na iluminação suave, resultante apenas de lanternas chinesas penduradas bem alto em volta do perímetro do lago, a lua domina, tornando todas as cores pastel luminescentes. O cais azul-celeste, os barcos rosa, amarelos e verdes brilham na sua intensa luz prateada e a superfície do lago cintila, uma folha de vidro enrugada. O quarteto de cordas está agora a tocar a «Música Aquática» de Handel (o Andrew adora mesmo temas) e as margens do lago estão ponteadas de convidados, sentados em mantas, a beber champanhe. Ninguém parece estar com pressa para andar de barco. Há uma fila de pessoas à espera de que dois seguranças as deixem entrar na discoteca em miniatura, outra multidão reunida à volta do bar de champanhe do Andrew, desenhado como uma barraca de fantoches à moda antiga, com riscas coloridas. Há amigos que nos chamam e tentam conversar connosco, mas sem o dizer, nós os quatro estamos determinados a ficar sozinhos. Acho que é a sensação partilhada de celebração secreta – a festa da Ling e do Harry, a possibilidade de a Catherine e eu termos algum tipo de futuro.

– Vamos para o lago – digo eu.

O Harry pega no champanhe e nos copos enquanto eu ajudo a Ling e a Catherine a entrarem no primeiro barco. Há algumas raparigas e rapazes à espera no cais, vestidos de acordo com o tema, de calções e riscas náuticas. Dão-nos mantas e seguram o barco enquanto nós entramos, embora não consigam evitar a sua súbita e dramática inclinação quando o Harry, com todos os seus cem quilos, embarca. A Ling e a Catherine sentam-se juntas na proa, os seus vestidos azul e amarelo um contraste perfeito, enquanto o Harry e eu pegamos cada um num remo. Outrora costumávamos fazer isto juntos na escola, sendo o remo o único desporto que alguma vez nos demos o trabalho de seguir. Competimos em barcos de oito remadores durante algum tempo até as festas, o álcool e as meninas (para mim, pelo menos) se sobreporem.

– Como andar de bicicleta – diz o Harry enquanto deslizamos facilmente para o centro do lago. Recordamos a nossa breve carreira de remo, as partidas frias e imperdoavelmente madrugadoras no Tamisa, a musculada e abstinência dedicação ao desporto dos outros seis.

– É um milagre que tivéssemos aguentado tanto tempo – diz o Harry.

Há mais uns barcos a sair para o lago agora, embora, ao contrário de nós eles se cinjam à margem, e as suas lanternas brilham das orlas da noite como pirilampos.

– Vamos descansar aqui durante algum tempo – diz o Harry, equilibrando o remo dele sobre o barco. – Passem a bebida, meninas.

Falamos sobre a festa de casamento durante algum tempo, que está planeada para o final de setembro. O Harry preferia uma grande festa à noite, mas a Ling convencera-o a organizar apenas um almoço.

– O problema de uma festa grande – diz a Ling –, sem ofensa, Lucian, mas é difícil passar tempo apenas com as pessoas com quem queremos estar.

– Tens razão – diz a Catherine. – Tivemos de nos meter num barco para escapar aos outros todos. E tu não tens um lago, Harry.

A Ling e a Catherine olham uma para a outra e riem. Foi uma revelação ver a forma como estas duas se deram bem. Percebo que a Catherine gosta mesmo da Ling.

Cada vez mais, começo a perceber o que o Harry viu nela. Quando chegou, parecia pouco mais do que uma criança deslocada nos confins inclementes do nosso círculo. Para ser sincero, via-a como vejo a Celia, um fardo necessário, mas pouco mais. Tenho vergonha de pensar assim, agora. Nos últimos dois dias, passei a ver a Ling como a Catherine a vê, mais sábia do que a sua idade faria supor, do que qualquer um de nós, parece-me, e completamente tolerante, o que é uma raridade por aqui.

A mudança no Harry foi notável. Antes de conhecer a Ling, era distante, reservado, exatamente o que se esperaria de alguém nascido numa casa onde os cães são deificados e as crianças ignoradas. Acho que se somos uma criança que cresce sem amor, não esperamos encontrá-lo em adulto. E foi isso que pôs o Harry de parte – a completa falta de expectativa de que ele encontrasse alguém, alguém que amasse e que lhe retribuísse esse amor. Olho para ele agora e penso em toda a alegria que tem pela frente – a festa de casamento, a perspectiva de filhos, a transformação da sua casa austera, cinzenta, num lar.

Quando a Ling começa a falar-nos num lago onde costumava nadar em criança, dou por mim hipnotizado pela sua voz lenta, suave. Tem um dom para contar histórias e para fazer com que a sua infância soe paradisíaca, mesmo que a sua adolescência, calculo, fosse tudo menos isso.

– Costumávamos ir lá nos aniversários, remando rio acima nos barcos de pesca, duas horas ou talvez três para chegar lá. Mas valia a pena: aquele lago tinha a água mais límpida, mais transparente que já viram. E as aves mais bonitas. A minha favorita era um pouco como um melro, mas com listras de azul fluorescente. Em inglês traduz-se como pássaro azul das fadas.

– Adoro isso – diz a Catherine, e depois estende a mão e cobre a da Ling. – Tens algumas saudades, não tens?

– Apenas da forma como todos temos saudades das nossas infâncias – diz a Ling.

Pergunto-me se isto será verdade. Para mim, sim, até aos dez anos, o momento em que a minha infância efetivamente acabou. Para a Catherine, mais do que qualquer um de nós: ela tinha tudo, a redoma de amor insular, a família de três, bem unida. Com o Harry, eu diria que não. O que havia para despertar saudades? Aqueles pais cruéis? Uma ama que devia ter sido mandada para a reforma anos antes. A felicidade do Harry é estritamente atual, aqui e agora.

– Uma das melhores coisas eram as competições de natação – diz a Ling, retomando a sua história. – Costumávamos levar os nossos barcos para o meio do lago e depois mergulhar. Nadávamos à volta do lago todo.

Ela ri-se ao levantar-se e o barco oscila um pouco. Salta borda fora, sapatos descalçados, vestido ainda posto, um chape pequeno, agudo, quando cai na água, antes de qualquer um de nós perceber o que está a acontecer. Vem logo à tona, cabelo preto colado à cabeça, rindo na escuridão.

– Por acaso não está muito má – diz ela. – Venham.

A Catherine diz:

– És maluca, Ling, sabes isso.

Ela vira-se para mim, sorrindo.

– Que se lixe – diz, e depois também ela salta borda fora no belo vestido azul-escuro. O momento arrebatava-nos, eu e o Harry arrancamos os sapatos, os casacos, e o barco balança violentamente quando o Harry mergulha. Meu Deus, como está fria, mas bebemos o suficiente para não o sentirmos e estamos os quatro a rir perante esta reviravolta inesperada, a temeridade de nadar com a nossa roupa de festa, de nadar, simplesmente. O Harry ergue a Ling para os seus braços, batendo as pernas para se manter à tona, e fazendo com que as suas calças de fato beges se enfunem debaixo de si. Beija-lhe o lado do rosto.

– Não estás na Tailândia agora, sabes.

A Catherine flutua de barriga para cima, fitando o céu. Ao luar os seus braços são de um branco prateado; o cabelo espalha-se em redor do seu rosto, como o de Ofélia.

Estará a recordar o arrebatamento daquele fim de semana que passámos aqui uma vez com o Jack e a Alexa, nós os quatro sem nada senão deleite pela frente.

Ela diz:

– Isto é tão bom, estou tão contente por termos feito isto.

– Vamos fazê-lo outra vez – digo-lhe, e a Catherine olha para mim e sorri, um reconhecimento silencioso do nosso futuro partilhado.

– Talvez com fatos isotérmicos da próxima vez? – diz ela, e a Ling ri.

– Tens razão, está um gelo. – Ela estica-se para beijar o pescoço do Harry, e depois cai de novo na água. – Precisamos de continuar a mexer-nos. – Vemo-la afastar-se num *crawl* eficiente, uma mancha rápida de amarelo-limão.

– Não te afastes muito do barco, querida – grita o Harry, e ouvimos a Ling rir antes de desaparecer

na escuridão.

– Ela é obcecada por nadar – diz o Harry, seguindo-a com o olhar. – Vamos começar a construir a piscina nova na semana que vem.

Mais e mais barcos vêm para o lago agora, vozes e riso e um ou outro estalido quando uma garrafa de champanhe é aberta, intensificados por um estanho eco aquático. É a festa que eu queria – ou antes, aquela que o Andrew imaginou que eu queria; o lago iluminado por lanternas, os barcos, o banho, tudo isto a tornou mágica.

– Devíamos sair, provavelmente – diz a Catherine. – Alguns daqueles barcos estão muito próximos. Achas que nos veem?

– A Catherine tem razão, e está a ficar frio – diz o Harry. – Ling – a sua voz é amplificada na superfície da água. – Ling, vamos para dentro agora.

Ela não responde e ele começa a nadar na sua direção.

– Eu vou buscá-la, tu trazes o barco.

De súbito, algo acontece à Catherine. Ela chama o nome da Ling numa voz normal da primeira vez, e depois, de repente, está a gritá-lo.

– Ling! LING! LIIING! – O pânico dela é abrupto e contagioso. – Onde é que ela está? Onde é que ela está?

Ambos gritamos o nome dela enquanto nos içamos para o barco, com tanto frio de súbito, eu a remar para o Harry e a Ling, a Catherine debruçada sobre a borda no seu vestido encharcado, com água a escorrer-lhe do cabelo. Ling! Ling! Ling! É a única coisa que o meu cérebro conhece. Em busca de um vislumbre de amarelo na escuridão.

– Porque é que não a vemos? Porque é que ela não responde? Não pode ter ido longe.

Aqui no meio, o lago parece vasto e incerto. E tão escuro que é quase impossível ver. Factos mal recordados martelam o meu cérebro. Quando nadamos à noite a nossa temperatura corporal baixa rapidamente. O afogamento pode acontecer num instante, silenciosamente, sem aviso.

O Harry está a bradar o nome da Ling; na voz dele, o esmorecer da esperança.

– Vamos encontrá-la, Harry. Vamos encontrá-la. Pega tu nos remos – digo eu à Catherine enquanto volto a entrar na água.

Tenho muito frio agora ao mergulhar sob a superfície – o meu coração a palpitar com a ideia das ervas, o meu medo de infância reavivado. Abro os olhos na escuridão mas não vejo nada senão um clarão de bege mesmo à minha frente, a mão do Harry tingida agora de um branco luminoso. Não vejo nenhuma rapariga com um vestido amarelo. Vou mais e mais fundo, batendo os pés com força, com tanto frio que não consigo respirar. Subo e desço outra vez – o meu cérebro a martelar apenas este refrão: Ling, Ling – numa busca incessante de amarelo, mas não a vejo, não vejo nada.

Quando torno a vir à tona, a Catherine está ao meu lado na água. Está a chamar o nome da Ling, uma e outra vez, a voz dela áspera, crua.

– Continua a procurar – diz ela. – Procura-a, por favor, por favor procura-a.

Lanço-me abaixo da superfície de novo, mas desta vez carrego o lastro do desespero. Não vamos encontrá-la.

Volto a emergir ao som dos gritos do Harry, um uivo mais animal do que humano que ressoa através da noite. Ouço a voz do Andrew num barco próximo.

– Lucian, tens de sair daí. Todos vocês, têm de sair da água.

Vejo-o debruçar-se para puxar a Catherine para o barco dele, recolhendo-a como se fosse uma

criança. Parece alheia a ele, transtornada pela tristeza.

– Não, Ling, não – diz, como se a Ling ainda estivesse sentada ao lado dela no barco, ainda a falar, ainda viva.

Quatro meses antes: Catherine

Somos transportados para a margem pelo Andrew, três pessoas, não quatro. Envolto em mantas coloridas, a tremer de frio, de choque. O Harry já não chora, mas o seu silêncio carrancudo é mais difícil de suportar. Tu estás sentado ao lado dele, com a mão no seu ombro, a olhar para a margem. Ninguém fala, não há nada a dizer. Os factos são demasiado severos para serem proferidos.

A Ling está morta. Por muitas vezes que eu diga isto a mim mesma, não consigo absorvê-lo. Parece que ainda há momentos ela estava sentada ao meu lado neste barco, a partilhar uma garrafa de champanhe, a falar sobre a festa de casamento. Ainda ontem, enquanto estava a cozinhar a sua bela comida na cozinha do Harry, e eu estava maravilhada com a forma como a vida dela se transformara: uma empregada de bar arrancada dos confins mais sombrios de Banguécoque e replantada num dos estilos de vida mais complacentes de Inglaterra. Há menos de uma hora, eu estava a pensar que em apenas alguns dias a Ling parecia compreender-me melhor do que quase qualquer pessoa. Eu adorava-a e mal a conhecia.

– Temos de voltar – digo –, temos de continuar a procurar – mas o Andrew abana a cabeça e tu também.

O Andrew diz:

– Estamos a procurar nos limites do lago. Se ela estiver lá, nós encontramos-la.

A cabeça do Harry cai para a frente até quase lhe tocar os joelhos. Ele soluça, apenas uma vez.

– Harry – dizes. – Harry.

Ao longe, mas mais perto a cada minuto está o som de uma sirene. O Andrew disse-nos que a polícia e as ambulâncias estão a caminho; sei que estamos todos a pensar o mesmo. De que serve?

A minha imprudência, a tua, a do Harry, a da Ling, é a única coisa que me ocorre. Eu, que nunca corro riscos, que nunca me embebedo, que conheço perfeitamente os perigos de nadar à noite, especialmente quando as pessoas estiveram a beber. O que aconteceu, Ling? Tiveste uma câibra, tinhas demasiado frio, o teu corpo simplesmente deixou de funcionar? Deslizaste sob a superfície da água, chamaste-nos e nós não conseguimos ouvir? Tenho a sensação de que fomos negligentes com uma criança.

– Podem por favor afastar-se? – grita o Andrew enquanto o Jack se debruça sobre a beira do cais para agarrar a nossa amarra. – Importam-se de sair do lago agora, por favor?

Ele nunca esteve mais senhor da situação do que perante este acidente, esta fatalidade, embora de vez em quando se traia com um vislumbre de culpa lancinante.

– Devia ter uma equipa de primeiros-socorros preparada – disse-me, em voz baixa, enquanto remávamos para a margem. – Devia ter considerado que algo assim pudesse acontecer.

Portanto, o Andrew também se sente responsável.

O Harry, a cambalear com a sua manta, é acudido pela Rachel e a Alexa e um par de paramédicos

de uniforme verde, que o levam para uma ambulância estacionada à entrada do lago. O Andrew já está a lidar com a polícia.

– Tu e o Lucian precisam de ir para a casa e mudar de roupa – diz ele. – Agora, Catherine. – Di-lo quase a berrar. Percebeu, acho, que gritar é a única maneira de penetrar o nosso choque.

Caminhamos até à casa e tu deixas-me segurar a tua mão debaixo da manta. Não consigo encontrar a coisa mais apropriada para dizer. Quero ajudar-te, diminuir a tua culpa, mas a minha própria culpa é dilacerante, pois estou convencida de que somos os dois, os três, responsáveis, de que isto foi um acidente que não precisava de acontecer.

– Não acredito – digo, por fim, e tu acenas com a cabeça, numa pequena inclinação brusca.

O meu cérebro fervilha com uma série incessante de arrependimentos. Se ao menos tivéssemos ido para a discoteca ou para a piscina, em vez do lago. Se ao menos eu tivesse ido para casa, como planeava, então talvez o Harry e a Ling não tivessem saído de barco. Se ao menos a tivéssemos impedido quando mergulhou, se ao menos a tivéssemos puxado para dentro imediatamente. Se ao menos, se ao menos não estivéssemos a beber. Mais uma noite de copos com os teus amigos; mais um erro devastador. Desta vez, fatal.

De regresso à casa, alguns convidados remanescentes estão agrupados em redor do bar, no átrio, à espera de táxis ou talvez apenas a assistir ao espetáculo. Entramos com um murmúrio de conversas, que cai gradualmente, reduzindo-se a nada à medida que as pessoas nos veem. Tu diriges-te à escadaria, alheio a tudo. Sigo-te pelo primeiro lanço de escadas acima, para lá da esquina e até meio do segundo lanço, e aí, onde já não nos ouvem do átrio, tu comesças a chorar. Percebo isto pela curva dos teus ombros e um meio arquejo, quase indetetável, e lembro-me daquela noite, há muito tempo, em que estavas à janela, de costas para mim, a falar-me na morte do teu pai.

O teu quarto, ambos a tremer enquanto despimos a roupa molhada. As minhas mãos não estão a funcionar bem e não consigo abrir o fecho-éclair do meu vestido. Observamo-nos um ao outro, ambos a chorar agora, mas em silêncio. Tu paras de desabotoar a tua camisa e estendes a mão para abrir o meu fecho com um movimento brusco, puxando o vestido molhado até à minha cintura. Mais perto agora, beijas cada um dos meus olhos à vez, limpas as lágrimas das minhas faces com as palmas das tuas mãos.

– Ela era tão nova – dizes. – E ele era tão feliz.

– Eu sei.

Começas a falar compulsivamente, frases a atropelarem-se umas às outras, mas a única coisa que ouço é a tua culpa e é exatamente igual à minha.

– A culpa é minha. Nunca devia ter permitido que usassem o lago. Sei como pode ser perigoso, e frio.

– Foi um acidente – digo. – Claro que a culpa não foi tua.

Mas tu dizes:

– Nós não cuidámos dela – o que é verdade.

Tomamos um duche, unidos debaixo dos jatos quentes de água, os teus braços em redor da minha cintura, o meu rosto encostado ao teu peito. Enquanto te vestes, ainda a tremer, com uns *jeans* e a velha camisola azul que usei na colina – apenas há três dias, o mesmo dia em que conheci a Ling – eu vou buscar o meu saco ao quarto da Liv e visto uns *jeans* e uma camisola cinzenta com capuz, roupas que também parecem de outra vida.

A Ling está morta e já nada importa. Penso na compreensão dela ao jantar, a forma como disse,

serenamente: «Ninguém tem o direito de te julgar», e pergunto-me, neste momento, porque me preocupei com isso, sequer. Que importância teria se tu descobrisses como realmente sou, ou se toda a gente o soubesse? Eu sou uma pessoa que comete erros. Primeiro o Jack, agora a Ling.

Sei ao voltar ao teu quarto que não há mais tempo.

– Tenho de voltar ao lago – dizes mal eu entro pela porta.

E eu digo-te:

– Eu dormi com o Jack.

– Como? – Tu recuas. – O que disseste? – Palavras abruptas, como cuspir sangue.

– Eu dormi com o Jack. Na noite em que bebemos tequilha. Na noite em que tu foste visitar o teu tio.

– Foda-se. Meu Deus, Catherine.

As tuas mãos cobrem-te o rosto. Não sei se estás a chorar, mas a tua voz sai num lamento.

– Não o Jack. Tu não terias feito isso. Eu sei que não.

Mas agora, tendo contado esta verdade, não consigo falar, não consigo defender-me. Limito-me a ficar ali parada no meio do teu quarto sem dizer nada, imobilizada pela vergonha. Quando voltas a olhar para mim, apenas um momento antes de desviares os olhos, é como se estivesses a olhar para uma estranha.

– Porque me estás a contar isto?

– Porque nada importa agora. E tudo importa. Porque precisava que tu soubesses.

– Está bem, então contaste-me. Agora sei.

Odeio o som da tua voz: não zangada, apenas fria.

– Estava tão bêbada – digo. – Ambos estávamos. Não sabia o que estava a fazer.

E mesmo assim não é isto que te quero dizer. Quero dizer-te que te amava tanto, que o sexo com o Jack era a última coisa que alguma vez quisera. Que esse erro estúpido, de embriaguez, destruiu a minha vida.

– Pelo amor de Deus, não consigo lidar com isto agora. Devias ir, Catherine. Para casa ter com a tua família. Eles precisam de ti e o Harry precisa de mim.

Estou tão exausta que nem consigo chorar. Aceno com a cabeça, desejando que digas algo a que me possa segurar, apenas o mais pequeno vislumbre de esperança de que não seja como eu sempre temi e eu tenha feito a única coisa que nunca poderias perdoar.

Tu olhas para mim antes de saíres do quarto.

– Fizeste bem em não me contar – dizes naquela mesma voz neutra, fria. – Eu não teria conseguido perdoar-te.

Agora

—Falemos sobre vergonha – diz o Greg, na voz calma, ponderada, que acompanha grande parte do meu dia. O Greg a falar, eu a ouvir, ou pelo menos é essa a ambição. Cada vez mais, agora, percebo que ouço, de facto.

– É uma das emoções mais destrutivas que temos. Se alastrar por um longo período de tempo, pode tornar-se semelhante a uma doença mental. Quando sentimos vergonha extrema de um episódio em particular, no teu caso a noite com o Jack e a noite com a Ling, o que pode acontecer é que começamos a flagelar-nos, não apenas pelo acontecimento mas também pela pessoa que acreditamos que somos: vil, repugnante, irrevogavelmente imperfeita. Essa coisa que fizemos, esse erro que cometemos, é grandemente amplificada, distorcida, deturpada. É então que a vergonha é mais perigosa. É então que a vergonha se torna ódio por nós próprios.

Expressão violenta, emoção violenta. Sei muito bem o que é esse ódio.

Olho para o Greg, ofereço-lhe um pequeno aceno com a cabeça. Penso em como deve ter assimilado todos os pormenores sórdidos que o Sam lhe passou – ter-te perdido, a morte da minha mãe, o sexo com o Jack – e diagnosticado uma identidade pessoal explosiva. Acertou em cheio, claro. A forma como me odeio é como uma doença, uma forma de autotortura. E porque não haveria de o fazer? Aquela noite com o Jack – fatídica, torturante, uma encruzilhada que devo percorrer uma e outra vez sem nunca mudar o desfecho – destruiu duas vidas, a tua e a minha. Uma decisão má, toda uma vida de arrependimento.

O Greg diz-me que aqueles que sentem esta vergonha extrema têm propensão para desaparecer, para se retraírem, para se esconderem. Houve muitos estudos sobre isso, aparentemente; ele cita alguns. O Greg faz sempre o trabalho de casa.

– Tu começaste esse afastamento, esse retraimento, há muitos anos – diz-me ele. – E acredito que a tua vergonha e a tua busca frustrada de perdão levaram a que te desligasses completamente. Mal começares a falar sobre a tua vergonha, assim que a expuseres, ela começa a diminuir. Percebes isto, Catherine? É crucial para a tua recuperação.

Quero desviar o olhar, mas obrigo-me a focar o rosto do Greg, os seus olhos preocupados, a cor algures entre o cinzento e o azul. A vergonha é uma doença. Eu estou a morrer de vergonha. Para vencê-la, tenho de começar a falar outra vez.

Sim, Greg, eu percebo.

Quatro meses antes: Lucian

Há polícia por todo o lado, uma justaposição crua contra o idealismo em tons pastel de ontem à noite. O cais azul-celeste é um insulto. Os barcos cor-de-rosa e verdes dão-me a volta ao estômago. As lanternas que abanam e viram com o vento matinal parecem escarnecer e guinchar, e aqueles sapatos amarelos, abandonados na margem, são uma lembrança cruel, berrante, de que a Ling morreu.

Estou junto ao lago com o Andrew, a beber café de um termos que a Mary nos trouxe, à espera que cheguem os mergulhadores.

Enquanto tiro mais um cigarro do maço, o Andrew diz:

– Dás-me um, por favor?

– Não sabia que fumavas.

– Há anos que deixei.

Fumamos em silêncio e ficamos juntos, a olhar para o lago.

– O Harry pediu para ser acordado quando os mergulhadores chegarem. Não sei se será possível.

O Harry foi anestesiado, literalmente, por um médico dos famosos que o Andrew chamou, e que o sedou como um cavalo. Foram precisos quatro homens para o levar para a cama, e a Alexa ficou ao lado dele, numa vigília noturna, só para o caso de ele acordar.

– E não é melhor para ele não ver, de qualquer modo? Ela esteve debaixo de água cinco ou seis horas.

– Acho que essa decisão não nos compete, Lucian.

Que o Harry, logo ele, perdesse a mulher sob a minha vigilância, na minha propriedade e depois de todos aqueles anos de solidão é demasiado, não sei se alguma vez conseguirei perdoar a mim próprio.

– Porque é que não vais ver se ele está acordado? – diz o Andrew. – Eu posso lidar com os mergulhadores.

Ele quer poupar-me a tudo se puder. Vejo-o juntar-se a um grupo de polícias no cais, um homem pálido, quebrado, enjoado do seu cigarro, num fato amarrotado, de quem esteve acordado a noite toda. É verdade que não quero ver a Ling ser retirada da água, minúscula e infantil no seu amarelo efervescente. E também não quero que o Harry a veja. O ponto de interrogação sobre a morte dela, o desaparecimento angustiante, inexplicado, é impossível de compreender. Mas não tenho dúvida de que a visão do corpo morto dela vai destruí-lo.

No quarto azul, aquele onde a Alexa normalmente dorme, o Harry está inconsciente, ainda envolto em mantas (acabámos por ter de cortar a roupa molhada para lhe tirar), a Alexa enroscada ao lado dele no seu vestido prateado, um braço elegante, moreno, caído sobre a montanha do peito dele. Pergunto-me se seria assim que ele e a Ling dormiam. Ocorre-me que nunca os vi juntos na cama,

nunca me sentei na beira da cama deles a beber café e a discutir a noite anterior como fazemos com os nossos amigos mais antigos. Teria acontecido, mais cedo ou mais tarde, mas simplesmente não houve tempo.

A Alexa abre os olhos, vê-me e o rosto dela esmorece. Começa logo a chorar, em silêncio, no entanto, apenas longos ribeiros negros de lágrimas, o rímel da noite de ontem a descer-lhe lentamente pelo rosto. Sento-me ao lado dela na beira da cama e ela eleva-se e enlaça os braços no meu pescoço, com o rosto encostado ao meu coração.

– Não aguento o sofrimento dele – sussurra ela, e eu sinto a vibração das suas palavras contra a minha camisola.

– Nem eu.

O meu telefone apita com uma mensagem recebida e ambos viramos a cabeça para olhar para o Harry, mas está a dormir. Tiro o telemóvel do bolso. É do Andrew.

– Merda – digo. – Os mergulhadores estão no lago. Devíamos acordá-lo.

A Alexa encosta-se à cabeceira de mogno e fica ali sentada, com os braços à volta dos joelhos, a olhar de lado para ele.

– Eu acho que não.

– Não nos cabe a nós decidir, Lex – digo, repetindo a opinião do Andrew.

Vejo-a pousar uma mão morena e elegante na face dele, dedos com anéis de prata gigantes, e lembro-me da Ling e do seu diamante falso.

– E se ele pensar que tu és ela? – sussurro, e a Alexa tira bruscamente a mão.

– Meu Deus.

Ela limpa a cara com as mãos, transformando as suas lágrimas de palhaço em riscas sujas.

– Nunca acreditei que ele casasse – diz. – Pensava simplesmente que era um daqueles velhos solteirões engraçados que passaria os seus dias a beber porto e a arrastar-se pela sua grande casa com os seus labradores a fazer-lhe companhia. E até conhecer a Ling, presumi que de certo modo isso era suficiente e o Harry era feliz assim. Mas ele não era feliz, pois não? Todos aqueles anos em que costumava ir para a Tailândia e telefonar-nos a dizer que conhecera uma «namorada» – ela transforma os dedos em aspas – e nós nos ríamos disso, lembras-te? E depois arranjou mesmo uma namorada, uma mulher, e olha o que acontece...

Ela interrompe-se, chorando bem alto agora. Deve ser uma questão de tempo até o Harry acordar. Talvez isso seja bom, não sei.

– Passei a maior parte da noite deitada aqui a pensar no Harry e na Ling. Lembro-me de depois do almoço em casa do Harry, no outro dia, ter pensado na sorte que tinham, a forma como se tinham encontrado em circunstâncias bastante improváveis, sejamos realistas. Mas também estive a pensar no Jack. E em mim. E na Celia. Tu sabes de mim e do Jack, não sabes? Sabes que continuámos com a nossa coisa durante o casamento dele?

– Meu Deus, Lex, não sabia. Sempre achei que ainda estavas um bocado apaixonada por ele, mas mais nada.

– Sim, estou apaixonada por ele. Mas isso não desculpa o que fiz. Lembras-te daquela noite em que eles tinham acabado de voltar da lua de mel e a Celia foi para casa mais cedo? Ele voltou comigo. Tentei impedi-lo, tentei não dormir com ele, mas não consegui evitá-lo, simplesmente. Sou impotente, no que diz respeito ao Jack. Sempre fui.

Abano a cabeça, pois estou sem palavras. A profundidade da perfídia dele. Teria a Catherine sido

impotente também?

Roubaste a minha namorada. Traíste a tua mulher. E a mim, como me traíste.

– Não sei porque não consigo deixá-lo. Tentei tantas vezes. Odeio-me pelo que estou a fazer à Celia. Dormir com o marido dela pela calada. Sinto-me uma cabra. De cada vez que o faço, odeio-me a mim mesma um pouco mais.

– Não sei o que dizer, Lex. O Jack está metido em sarilhos. E tu e eu sabemos isso. Lembras-te do que ele te disse sobre a Catherine? Que ela não é quem toda a gente pensa que é? Bem, ele também não.

A Alexa fita-me com olhos confusos, perturbados, e quero tanto dizer-lhe a verdade, a verdade suja, imunda. A Catherine e o Jack dormiram juntos. Aquele homem que amas, aquele que ambos amamos há tanto tempo, é intrinsecamente mau. E no entanto também quero guardar esta pequena bala letal de conhecimento para mim.

– Porque é que estamos a falar sobre o Jack, sequer? Devíamos estar a concentrar-nos no Harry.

Talvez através das ondas de temazepam ou quetamina ou lá o que foi que o médico lhe deu o Harry ouça o seu nome, porque se mexe no sono e os lençóis fazem um som suave, suspirante, sob si. Acho que está a começar a acordar. Preciso de arranjar força para lidar com a sua realidade súbita; a qualquer momento, agora, ele vai abrir os olhos para um horror imediato, tal como a Alexa fez, só que mil vezes pior.

Chega uma mensagem nova, sobressaltando-nos. O meu coração aperta-se dolorosamente; quase não consigo olhar.

– É do Andrew?

Aceno com a cabeça, lendo o ecrã. *Encontraram-na* é a única coisa que diz.

Uma hora mais tarde, deixei o Harry em casa e estou a caminho da do Jack. Quantas vezes fiz esta viagem, mas nunca assim: o meu coração parece vazio, o meu cérebro meio morto. E por baixo disto tudo, vibro de fúria.

Foi a pior noite possível. O Harry, como esperado, insistiu em ver a Ling antes de o corpo dela ser levado. A Alexa e eu acompanhámo-lo até ao lago, segurando cada um num braço, o Harry a cambalear como se estivesse coxo e vestido, de modo incongruente, com umas calças de fato de treino minhas, a única coisa que lhe serviu minimamente.

A Ling estava estendida numa maca coberta com um lençol de plástico preto, uma multidão de homens em seu redor: os polícias que tinham estado aqui toda a noite e alguém que se veio a descobrir ser o patologista.

O Harry quase desmaiou quando viu a maca, cabeça e ombros tombados, um peso morto, mas a Alexa e eu agarrámo-lo simplesmente com mais força ainda e de algum modo conseguimos. O Andrew caminhou os últimos passos para vir ter connosco.

– Harry – disse ele. – Lamento tanto.

O Harry disse:

– Por favor – embora fosse mais um rouquido do que uma palavra.

Os polícias dispersaram e o patologista apresentou-se. Contou-nos que o corpo da Ling fora descoberto num emaranhado espesso de ervas no fundo do lago.

– Está a dizer que ela estava presa ali? – perguntou o Harry. – Foi por isso que se afogou?

– É impossível para nós saber exatamente o que aconteceu. Ela tinha estado a beber, por isso provavelmente só percebeu quão fria estava quando já era tarde de mais. Os músculos são a primeira parte do nosso corpo a perder calor, o que significa que as pernas e os braços por vezes deixam de funcionar. Estamos a tentar nadar, mas percebemos que não conseguimos. De súbito não temos força para nadar mesmo uma distância curta.

– Porque é que ela não nos gritou? Não podia estar muito longe.

– Muitas vezes as pessoas não fazem som nenhum ao afogarem-se. Estão a tentar poupar o oxigénio todo para continuar a respirar.

– Quanto tempo? Quanto tempo teria demorado? – perguntou o Harry, e o patologista desviou o olhar por um segundo.

– Foi quase logo – disse ele.

O Harry queria ser deixado a sós com a Ling, e embora a Alexa e eu tentássemos ficar com ele, ele berrou que nos afastássemos, caindo de joelhos junto à maca.

Nós virámo-nos-lhe as costas, embora pouca diferença fizesse. Mesmo agora o choque e o desgosto dele ao ver a sua pequena mulher morta estão gravados na minha mente, devastadores e indeléveis. Estou preocupado com o Harry, preocupado porque não sei onde isto vai acabar. O desespero é algo que conheço. Quando tentei suicidar-me, mais do que querer matar-me, fui derrotado pela luta de me manter vivo. O que resta para o Harry sem a Ling? Ou para mim sem a Catherine?

Agora, com o nome dela vem a imagem do Jack. O Jack e a Catherine. Oh, eu consigo imaginar, com uma claridade perfeita, detalhada. O jovem corpo da Catherine, pálido e nu, de pernas abertas sobre o dele, as mãos do Jack a procurarem-lhe os mamilos, os olhos escuros dela a brilharem com êxtase, a lascívia penetrante no azul dos dele. Não podiam ter escolhido uma maneira melhor de me destruírem. Não me admira que decidissem não me contar. Não lhes teria perdoado, nem na altura nem agora.

A casa do Jack e da Celia, apenas a cerca de dois quilómetros da minha, é como um segundo lar. Ou antes, costumava ser. Eles fizeram aquela coisa engenhosa de comprar uma velha casa de quinta, bonita, pedra cinza-clara, janelas com chumbo, telhado de colmo, e arrasá-la por dentro. Portanto, agora têm uma casa que, para todos os efeitos, foi construída por eles, só que não parece assim. Em qualquer outro dia, teria adorado chegar a este relvado verde-lima, impecável, o ar doce com o perfume pleno de rosas em fins de verão, um punhado de pássaros a vogar nas correntes ascendentes em círculos pequenos, preguiçosos. Mas agora só tenho dois pensamentos. O Harry perdeu a mulher. E o Jack traiu-me.

A Celia atravessa o relvado para me receber, com o Freddie nos braços.

– Meu Deus, ainda não te deitaste, pois não? Desculpa termos vindo embora naquela altura, mas o Freddie...

Descarto o pedido de desculpas dela com um aceno. Como se isso pudesse importar.

– Sabes o que aconteceu?

– Ela teve dificuldades, de algum modo, pode ter sido uma câibra ou talvez os músculos dela ficassem rígidos devido ao frio. Acontece muito, aparentemente, sobretudo sob o efeito de álcool. Provavelmente, estivemos a nadar durante bastante tempo, mais do que percebemos. E depois, quando ela bateu no fundo, pode ter ficado presa nas ervas e não conseguiu voltar a subir. Nunca saberemos.

– Isso é horrendo.

– Eu sabia das ervas. Devia ter percebido que algo assim podia acontecer. Se não estivesse bêbado, tê-la-ia impedido.

– Lucian, a culpa não é tua.

Encolho os ombros, sabendo que esta conversa é inútil.

– Como está o meu afilhado? – digo, uma tentativa de normalidade enquanto caminhamos para a casa.

Quando o Jack e a Celia me convidaram para ser padrinho, quase disse que não.

– Estão a brincar? – foi a minha primeira resposta, acho, mas afinal não estavam.

– Deu um passo hoje de manhã – diz a Celia. – Se é que se lhe pode chamar isso.

Ela está declaradamente Sloane hoje: cabelo loiro preso atrás por um lenço de seda, camisa rosá-clara, corsários azul-marinhos; só faltam as pérolas. Mas fico comovido ao vê-la. A Celia, com as suas competências domésticas subestimadas e a sua eficiência firme mas justa, é exatamente aquilo de que preciso agora.

Na cozinha, uma divisão enorme, semelhante a um celeiro, com janelas do chão ao teto de um lado, o Jack está estendido num sofá gigante, muito acolchoado, com a mão cerrada em torno do gargalo de uma garrafa de cerveja, o comando da TV equilibrado sobre a barriga. Está a ver a Fórmula Um, e o zumbido furioso – como abelhas sob o efeito de anfetaminas, acho sempre – dilacera o meu cérebro.

– Meu Deus, pá, o que está a acontecer? – diz quando me vê, embora não se dê ao trabalho de sair do sofá.

Conto-lhe o que sei. Que o Harry foi para casa, recusando que a Alexa, a Rachel ou eu ficássemos com ele, durante esta noite pelo menos. Que temos o médico do Andrew preparado com um saco cheio de medicamentos e o plano é sedá-lo durante as próximas vinte e quatro horas. Que a Ling teve problemas no lago provavelmente porque estava com frio.

– Ela podia ter um problema cardíaco não diagnosticado. Suponho que vamos descobrir.

– Certo. – O Jack encolhe os ombros e volta de novo os olhos para o ecrã, esvaziando o conteúdo da garrafa e pousando-a no chão.

– Desliga a merda da televisão.

O Jack olha para cima, surpreendido, mas pega no comando e silencia o ecrã.

– A mulher do Harry acabou de morrer. Não estás preocupado, sequer?

– Sei que não dormiste nada, mas não descarregues em mim.

Tu fodeste com a minha namorada – o teu género de palavra, o teu género de ação. Não sei se hei de chorar ou dar-lhe um estalo. Não sei como curar o meu coração, destroçado pela morte da Ling, ferido pela traição do meu pretenso melhor amigo. Agora não é o momento apropriado. Repito isto no meu cérebro como um mantra. Claramente, agora não é o momento apropriado.

– Sê simpático, Jack – grita a Celia do outro lado da cozinha.

– Cala-te – diz o Jack, sem se dar ao trabalho de olhar para ela.

Como digo, estou a reavaliar tudo. Não apenas o facto de ele ter dormido com a Catherine – e oh, meu Deus, a dor que essa imagem traz. Mas a forma como trata a mulher. Estes súbitos vislumbres de brutalidade. E pergunto-me, neste preciso momento, porque é que a nossa amizade foi tão duradoura. Estaria a rir-se de mim o tempo todo, enquanto partilhava a minha casa e bebia o meu vinho e comia em todos os restaurantes mais caros com o meu cartão de crédito e depois roubava aquela pessoa, a única pessoa que alguma vez teve importância para mim?

– Queres uns ovos, Lucian? Ou outra coisa? – pergunta a Celia.

Tudo o que eu coma vai saber a cartão. Ovos de cartão. Assim seja.

– O que eu queria mesmo era uma cerveja – digo, e o Jack levanta-se pela primeira vez.

Não consigo olhar para ele. Mal consigo refrear-me de estender o braço e agarrar-lhe no pescoço. É verdade? Fodeste com ela? Fizeste-me mesmo isso?

Enquanto o Jack vai buscar a minha cerveja, agacho-me para falar com o Freddie, que está preso numa daquelas cadeiras baixas, flexíveis.

– Chaves? – digo, sacando as chaves do bolso dos *jeans*, e ele tira-mas da mão e segura-as junto do rosto, muito sério, franzindo o sobrolho, como se estivesse à procura de defeitos num diamante. Vejo pela expressão da Celia, olhos arregalados, boca franzida, que as chaves do carro não eram a coisa certa para lhe dar.

– Aqui tens. – O Jack passa-me uma *Beck's*. – Grande festa, já agora – diz ele, tirando a cápsula de outra garrafa para si. – Sem contar com o fim.

Tento beber um gole de cerveja, mas há uma grande bolha de mágoa na minha garganta e não consigo reprimi-la.

– Sei o que estás a fazer e estou exausto, por isso vai-te foder, vais?

– Deixa-te disso. Claro que é trágico a Ling ter morrido, mas nós não a conhecíamos verdadeiramente, pois não?

– O Harry amava-a.

– Como amava todas as suas outras namoradas tailandesas, tenho a certeza.

– Não, não é igual.

– A Ling era muito doce, concordo, mas todos sabemos que era um casamento de conveniência. Ela precisava de dinheiro, o Harry precisava de uma mulher.

A Celia grita e deixa cair um tacho no chão, e o bebé enruga a cara por uns segundos, como um mecanismo retardador, e depois começa a berrar.

– Odeio-te! – A exclamação parece irromper dela.

– Pelo amor de Deus, Celia, acalma-te.

– Odeio as coisas que dizes. Odeio quem és. Finges que és um tipo fantástico, um marido e pai fantástico, um amigo fantástico, mas na realidade só pensas em ti. A mulher do Harry acabou de morrer e tu nem sequer te importas. Não significa nada para ti. És nojento. Enojas-me.

– Querida, isso simplesmente não é verdade. Claro que me importo. Porque estás a ficar tão perturbada?

O Jack aproxima-se dela, mas a Celia grita.

– Afasta-te de mim!

Ela solta o bebé da cadeira e toma-o nos seus braços.

– Desculpa pelos teus ovos – diz ela, embalando-o para a frente e para trás.

Abano a cabeça. Não consigo beber a cerveja nem comer os ovos nem encontrar uma única coisa para dizer. Exceto as palavras que estão presas na minha cabeça. *Eu também te odeio, Jack. Eu também te odeio.*

Quinze anos antes

Quando regressei a Bristol, o vento frio do desencanto tinha soprado, e eu era universalmente abominada por te levar – dizia-se – ao limiar de um esgotamento.

– Aconteceu uma coisa – disse-me a Liv quando cheguei ao nosso apartamento, bastante mais magra, a minha pele marcada por círculos de exaustão, a palidez de muitas noites sem dormir. – Ninguém fala connosco. Contigo pela forma como deixaste o Lucian, comigo por associação.

A Liv estava indignada com isto, mas ainda assim ficou ao meu lado.

– Ele está destroçado, Catherine. Quando o vi, tremiam-lhe muito as mãos ao acender o cigarro. Pensei que ia começar a chorar.

De início, limitei-me a acenar com a cabeça, pois era impossível falar.

– Não vais dizer nada? Não te importas?

– Já nada importa – disse por fim, e a minha voz soou exatamente como eu me sentia: impassível, tipo zombie, uma expressão de cinzentismo. Não sei como, mas consegui encontrar as palavras para dizer à Liv: – A minha mãe está a morrer. Não lhe resta muito tempo.

– Oh, Catherine – disse a Liv. – Como é que isto te pôde acontecer?

Eu encerrei efetivamente a minha vida, faltando a aulas e saindo à pressa para os meus seminários semanais, perscrutando furtivamente as ruas como uma criminosa, escondendo-me em entradas se visse alguém que conhecia. Demiti-me do jornal universitário; por mais que o Jeff Zangado me suplicasse, eu não mudaria de ideias. De noite, jazia insone na minha cama, a pensar em ti, e depois a pensar na minha mãe, mas apenas alguns minutos de cada vez, pois a dor era tão violenta e extrema que por vezes sentia que era eu quem estava a morrer.

Eu era algo diferente agora, uma bomba-relógio, uma estudante com uma sórdida contagem decrescente para a morte e o luto. As pessoas não queriam saber. Amigos com quem tomara café dia sim, dia não agora atravessavam a rua para não terem de pensar na coisa apropriada para dizer. Um primo meu, próximo – nascemos com seis semanas de diferença –, deixou de telefonar. Só o veria no funeral da minha mãe, e mesmo nessa altura ele não tinha palavras. Eu não os censurava. Tínhamos dezanove, vinte anos. A morte era demasiado grande para digerirmos. Fez-me pensar em ti, a enfrentar o suicídio do teu pai sozinho. Que ironia: a única pessoa capaz de perceber aquilo por que eu estava a passar era aquela com quem não podia falar.

As notícias espalham-se depressa numa cidade universitária. Pouco tempo depois do meu regresso, abri a porta e deparei com o Sam, com o seu grande sobretudo preto e as suas sapatilhas *Nike*, usadas como acessório desportivo e não por uma questão de estilo. Os olhos dele eram sempre capazes de exprimir várias emoções – força, compreensão, indulgência. Ao Sam eu podia pedir desculpa, uma e outra vez. Ele abriu os braços e eu caminhei direita a eles. Pensei que se o abraçasse com força suficiente, talvez ele me pudesse fazer levitar para longe dali.

Quatro meses antes: Catherine

Estou em casa. Encostada à porta da frente, a inalar os cheiros desta minha casa, algo com *bacon* que o Sam deve ter cozinhado para o jantar, tinta fresca e borra de café, e lama do riacho. Na sala de estar, não me dou ao trabalho de acender as luzes, mas deito-me no sofá, de um azul desbotado e desconfortável mas nosso, e imediatamente reconfortante com as meias de desporto da Daisy enroladas num canto, uma caneca de chá meio bebida no chão ao lado dele. As *Adidas* Superstar do Joe, uma prenda de aniversário, descartadas, formando um ângulo reto, uma virada para cima, a outra de lado. Milhares de peças de Lego numa caixa de plástico azul-viva. Caixas de DVD abertas, os seus discos espalhados pelo soalho. Diz muito, esta divisão. Diz-me que o Sam, fanático no que toca a pôr discos nas caixas e canecas na máquina de lavar louça e meias sujas no cesto da roupa suja, está a perder o controlo.

Estou deitada na escuridão a imaginar o que estará a acontecer no lago. Tu deves estar a falar com a polícia e talvez já haja lá uma aglomeração de jornalistas. Imagino que estejas a tentar consolar o Harry com o seu luto insuperável; penso na Alexa e na Rachel, atacando-o mal foi içado do barco, até o Jack a postos, de braços cruzados sobre o peito: vocês os cinco tão impenetráveis na tragédia como são na vida quotidiana.

Mas sobretudo penso em ti, no teu rosto, ao revelar-te o verdadeiro motivo por que parti. Revejo este momento uma e outra vez, as palavras que contivera por tanto tempo um jato sangrento de veneno. Vejo a tua cara, choque primeiro, depois retraimento imediato. Tu não podias fugir mais rápido. Castigo-me pelo meu egoísmo, por te dizer isto enquanto estavas a lidar com a morte da Ling. Mas também vejo que não havia outra forma. O afogamento daquela rapariga pequena, doce, não nos deixou nada senão finais.

Não conto dormir, não esta noite, não com a Ling e o Harry e tu, sempre tu, a pressionar a minha mente. Mas acordo algumas horas mais tarde, com frio e dorida da minha noite sem cobertor, sem almofada, com o grito da Daisy «A mamã está aqui!» e portanto não há aviso, absolutamente nenhum, apenas a minha pequena filha de pijama e o Sam, em pé diante de mim, longas pernas morenas com a sua camada fina de pelo preto.

– Não te ouvi entrar.

– Porque dormiste aqui, mamã?

É difícil responder com os braços dela em redor do meu pescoço, o meu rosto apertado contra o seu pequeno peito duro. E então percebo que não *consigo* responder, à medida que o trauma da noite anterior – o afogamento, a morte da Ling, o teu rosto quando te contei sobre o Jack – enche o meu cérebro. Não há espaço para mais nada. Nem palavras, nem voz.

– Catherine?

– Mamã? Mãe!

A Daisy fala num tom urgente, assustado. Precisa que eu fale.

Volto bruscamente ao presente. Movo-a para um lado.

– Estás toda morena – digo, por fim, agarrando numa coxa magra, bronzeada pelo sol. – Olha para as tuas pernas.

A Daisy afaga o meu rosto com as suas mãos pequenas; passa ao de leve os indicadores pela pele debaixo dos meus olhos.

– A tua maquilhagem saiu – diz. – O teu rímel.

A Daisy é fanática por maquilhagem, ou melhor, será assim que lhe for permitido. Imagino-a aos catorze ou quinze anos, colada a vídeos do YouTube, a aprender como criar o olho esfumado perfeito. Ela conhece o conteúdo do meu reles saco de cosméticos melhor do que eu; também sabe que rímel no meu mundo é um acontecimento raro.

– Onde foste ontem à noite? – pergunta.

– Fui a uma festa com a Liv.

Agora levanto a cabeça e descubro que o teu nome está entre nós, gravado no ardor do olhar do Sam, na rigidez dos seus ombros, um ligeiramente mais alto do que o outro, o pescoço inclinado, a boca contraída. Sempre fomos capazes de comunicar com os olhos, o Sam e eu, e mesmo enquanto respondo às perguntas da Daisy – «Foi no Somerset, não muito longe daqui... Em casa de alguém com quem andámos na universidade há muito tempo» – ele está a dizer-me que eu fiz a única coisa que ele sempre temeu, e eu estou a dizer-lhe, com a mão apertada em torno da coxa da minha filha pequena, que ele também nos fez isto, se bem se lembra, não só eu, mas também ele, ele e a Julia, ele e o seu caso amoroso.

– Então a festa era do Lucian Wilkes?

Aqui estás tu de novo, o teu nome no ar como as centelhas de um pequeno foguete luminoso, pelo menos para mim.

– Sim.

Este sim, esta única afirmação, é para o Sam e para mim muito mais. Sim, eu dormi com ele; sim, eu amo-o; sim, é tão mau – talvez até pior – do que tudo o que alguma vez temeste. Mas há coisas que o Sam não vê. Tu provavelmente odeias-me. Duvido que alguma vez te torne a ver.

– Vou fazer chá – diz o Sam, numa voz baixa, uniforme, e eu vejo-o afastar-se, o rangido de pés nus sobre tábuas nuas, através da porta aberta que conduz à nossa cozinha nova, luminosa, estilo casa modelo, onde o sol se reflete em todas as superfícies, tingindo tudo de um branco dourado.

O Joe surge à porta, em tronco nu, com uma madeixa de cabelo espetada durante o sono, os calções de pijama azul-marinhos do ano passado, que agora acabam bem acima do joelho.

– Mãe!

Ele demora-se à porta com um sorriso tímido.

– Vem cá!

Levanto-me e ele corre para os meus braços, e permito-me alguns segundos a inspirá-lo, cabelo que cheira a mar, pele que cheira a sono.

– Quando é que voltaste?

– Muito tarde ontem à noite.

– Senti a tua falta.

Isto é tão inesperado, tão incaracterístico dele, que sinto o meu peito a apertar-se, a ameaça de lágrimas súbitas, quentes.

– Podemos comer panquecas, pai? – pergunta o Joe.

Panquecas são a especialidade do Sam, o nosso pequeno-almoço festivo para aniversários, para regressos a casa, para nos animarmos no fim de umas férias. Serão a última coisa que ele terá vontade de fazer.

– Está bem.

Vejo-o caminhar até ao frigorífico e tirar leite, ovos, manteiga e depois farinha da despensa, baixando-se para procurar no armário a tigela bege lascada da minha mãe. Domingo de manhã na cozinha, crianças de pijama, marido a fazer panquecas, marcas do nosso passado. Parece igual, mas a sensação é diferente. A qualquer momento, os miúdos vão perceber o silêncio, pesado e feio com coisas ainda por dizer.

– Queres ir ver o riacho? – pergunta o Joe à Daisy, e eu dou por mim a sorrir apesar da melancolia tácita. O riacho estará igual a ontem e ao dia anterior, igual a quando nos mudámos para esta casa.

– As panquecas estarão prontas às dez – diz o Sam, as suas primeiras palavras em algum tempo, e eles desaparecem juntos pelas portas envidraçadas, correndo pelo nosso relvado longo, inclinado, os caracóis dela a voar, as pernas dele magras e morenas nos seus calções demasiado curtos.

O Sam vira-se. A expressão do rosto dele.

– Por que raio deixaste que isto durasse tanto tempo, Catherine? Sempre o quiseste, porque demoraste tanto tempo?

– Isso não é verdade.

– Casaste comigo porque não o podias ter. É tão aborrecido.

– Tu não percebes.

– Percebo, sim. Estou casado contigo há treze anos, que raio, sei como suspiraste, desejando que eu fosse ele ou ele fosse eu, desejando a porra da tua vida inteira, e pouco importa o facto de termos dois filhos e eu ter passado anos, literalmente, a tentar fazer com que fosses feliz.

O Sam não costuma dizer palavrões, é uma das coisas que sempre me agradou mais nele. A fúria no seu rosto assusta-me.

– Acabou, Sam.

– Nunca acabará.

– Sam, por favor. Há uma coisa que preciso de te dizer. Uma rapariga morreu ontem à noite. Uma amiga. Eu estava lá quando aconteceu. Estava lá quando ela se afogou.

– O quê?

– Ontem à noite na festa. Chamava-se Ling. Tinha dezanove anos. Saltou para o lago e não voltou à tona.

– Deixa-me ver se entendo bem. Tens uma amiga nova chamada Ling de quem nunca ouvi falar, sequer, e ontem à noite ela morreu?

– Foi horrendo, Sam. Ela é mulher do Harry. Era, quero eu dizer. Era a rapariga mais doce, mais encantadora, que poderias imaginar e eles estavam casados há menos de um mês.

Talvez seja a referência ao nome do Harry – Harry, Lucian, para o Sam sempre uma associação tóxica –, mas vejo o rosto dele empalidecer debaixo do bronzeado, a raiva a voltar.

– Estás toda desgostosa por causa de uma rapariga que acabaste de conhecer? E aqui, neste preciso momento, o teu casamento está a desfazer-se? O que se passa contigo, Catherine? O que raio se passa contigo?

Ele vira-se e eu fico a olhar para as costas dele, um inimigo na minha própria cozinha. Não posso

fazer nada senão esgueirar-me dali.

Lá em cima, preparo um banho – o nosso quarto de banho familiar, com a sua cortina de duche com o mapa do mundo e as poções da Body Shop da Daisy espalhadas pela borda da banheira – e sento-me na água quente, de joelhos encolhidos, a pensar e repensar. O alívio de estar aqui de novo no conforto do nosso mundo, segura neste lugar onde coisas boas acontecem, onde se fazem panquecas e se celebram riachos e os banhos cheiram intensamente a espuma com aroma de *kiwi*. Sou livre de chorar agora pela rapariga que morreu, o fim desesperado do seu conto de fadas e a conclusão angustiante do nosso.

– Alguma vez me amaste? – pergunta o Sam, sem hesitação, depois de os miúdos estarem finalmente na cama, a nossa primeira oportunidade de falar.

– Ainda amo.

Ele descarta isto com um encolher de ombros como se não fosse nada.

– Porque é que o deixaste, diz-me isso. Porque é que nos fizeste passar por isto tudo?

– «Isto tudo» foi assim tão mau? Dois filhos, os anos em Londres?

– Dormiste com ele, não foi? Achas que isso nos deixa quites?

– Não, não acho que nos deixe quites. Sim, dormi com ele. Desculpa. Não foi vingança, se é o que pensas.

Há uma garrafa de vinho tinto na mesa, aberta mas até agora intocada. Agora o Sam agarra-a e serve-se de um copo. Deita abaixo alguns centímetros, com as mãos a tremer.

– Foda-se, Catherine. Foda-se. Talvez eu te odeie.

– E a Julia? E ela? Ainda nem sequer falámos nisso.

– Porque a Julia não tem importância e tu sabes isso. Eu não a amo, nunca amei. Foi um erro e eu lamento-o e estou arrependido, claro que estou. Fui um idiota. Mas isso não muda nada, na realidade. Tu és tudo o que eu sempre quis, estúpido e ingénuo como sou.

Estendo o braço e tento pegar-lhe na mão, mas ela afasta-a bruscamente. Outro gole rápido do vinho dele.

– Sê sincera, tu não estás preocupada com a Julia. E libertou-te, não foi? Não hesitaste em procurá-lo.

– Eu não queria que isto acontecesse – digo de novo, e ele faz um estalido com a língua, irritado.

– Querias, sim. Na tua cabeça querias. Achas que não sei o que estavas a pensar todas aquelas vezes em que víamos alguma coisa sobre ele nos jornais, ou quando a Liv ou eu o mencionávamos e tu ficavas muito calada?

É verdade. Lembro-me dessas vezes, a minha agonia privada, ou assim pensava eu, quando a Liv e o Sam diziam o teu nome, Lucian, Lucian Wilkes, e esperavam que eu ainda respirasse.

– Estás apaixonada por ele?

Ele pergunta isto como se estivesse a espetar pequenas letras de ódio no ar. E aqui está, a minha oportunidade de corrigir as coisas. Vou dizer a verdade, parte da verdade, a única parte que o Sam quer ouvir.

– Eu amo-te, Sam. Sempre amei. Apesar do que tu pensas. Apesar de tudo.

Vejo-o a olhar para mim, e num ponto muito distante uma luz acende-se nos seus olhos. Esperança, é o que é. Um brilho ténue, azul, de esperança.

Quatro meses antes: Lucian

Achei que ia enfrentar logo o Jack, mas à medida que os dias passam, outra coisa está a acontecer. O conhecimento transforma-me; estou a observar, a estudar, a esperar pelo momento certo. O facto de o Jack – o meu melhor amigo, o meu pretenso irmão – continuar com a sua vida a pensar que está tudo normal dá-me força. Para mim, tudo mudou.

O Jack horroriza-me. Não apenas a infidelidade devastadora com a Catherine – uma imagem que me assombra dia e noite –, mas a forma como ele continuou a dormir com a Alexa nas barbas da mulher. Há algo de maldoso nisso. Um egoísmo, uma falta de preocupação. Ele não é quem eu pensava que era, e cada dia parece provar isso um pouco mais. Desde o nosso último encontro tenso na manhã a seguir à morte da Ling, o Jack não se deu ao trabalho de telefonar, de perguntar pelas entrevistas com a polícia que eu tive de aguentar, ou as conclusões do médico-legista (afogamento accidental, com o álcool como fator importante), ou até, parece, perguntar como o Harry está, ao que eu responderia «nada bem».

Hoje de manhã o mordomo dele telefonou e pediu-nos para irmos lá: eu, a Rachel e a Alexa. Nenhum de nós fala durante a viagem de quinze minutos, mas eu percebo que as meninas sentem o mesmo que eu enquanto esperamos à porta da frente, a Rachel a limpar lágrimas dos olhos com a base das mãos. Da última vez que estive aqui, a Catherine estava ao meu lado, mas pensar nela agora é vacilar, e eu preciso de força sobre-humana para este primeiro encontro com o Harry.

O Filip abre a porta, e o rosto dele, mais pálido do que alguma vez o vi, é um espelho do nosso. Cuida do Harry há pelo menos cinco anos, e como a Mary e eu, conhece todas as engrenagens da vida do Harry, não apenas o verniz que nos mostra, a nós, os seus amigos. Mal entramos, o Filip diz à Rachel e à Alexa:

– Lamento dizer isto, mas o Harry mudou de ideias. Quer ver o Lucian sozinho.

A Alexa diz:

– Claro, tudo o que ele queira. Como está ele? – e o Filip limita-se a abanar a cabeça.

Ao subir as escadas, a mesma alcatifa azul, escura e gasta que remonta aos tempos dos pais dele, lembro-me de todos os anos em que fiquei aqui durante a adolescência. A casa ainda cheira a cera e livros de couro, mas agora há um laivo de culinária polaca, também, aqueles pequenos bolinhos fritos que o Harry adora. Pouco mais mudou. Retratos sombrios nas paredes; o candelabro gigante e caracteristicamente feio de latão e cristal que se apresenta, como uma afirmação de mau gosto, no primeiro andar. Teria a Ling mudado a casa, se tivesse tempo? Teria introduzido luz e calor no seu interior austero, imponente, ou mesmo o impensável, convencido o Harry a vender e mudar-se para um sítio mais habitável, um sítio mais parecido com a casa do Jack e da Celia? Uma e outra vez, a alfinetada de ódio.

Estou a respirar com dificuldade e um pouco rápido de mais ao rodar a maçaneta do quarto do

Harry. Não sei bem o que esperar, mas encontro-o na escuridão, as espessas cortinas de veludo corridas contra a tarde soalheira.

– Harry, sou eu. Posso abrir as cortinas, só um bocadinho? Não consigo ver.

– Eu acendo a luz.

Ele acende o candeeiro da mesa de cabeceira e inunda o quarto com um deprimente brilho noturno, e agora eu vejo tudo: a roupa laranja, amarela e rosa da Ling dobrada em cima de uma poltrona, a escova de plástico rosa dela na cómoda e ao lado uma fotografia dos dois juntos num *tuk-tuk* em Bangucoque, a Ling com o seu sorriso radiante. O Harry está deitado na cama vestido para o inverno: bombazine, camisa, camisola, meias de lã grossas.

Não sei bem onde me sentar. A cadeira é o lugar óbvio, mas agora que vi a roupa da Ling, não quero tocar nela ou deslocá-la, por isso empoleiro-me desconfortavelmente na beira da cama. Estou a tentar formar na minha cabeça as palavras apropriadas – não como estás, nunca isso, mas algo que mostre que compreendo, pelo menos um pouco. Penso em algo que a Catherine disse há menos de uma semana, embora me pareça tão distante como o fragmento de um sonho recordado: «Até perdermos alguém que amamos, não sabemos como é. Pensamos que sabemos, mas não. A ausência dessa pessoa está por toda a parte, não lhe podemos escapar.»

A ironia daquelas palavras, pois é exatamente isso que sinto por ela agora. Ela não está em parte alguma e está por toda a parte e completa e irrevogavelmente transformada.

– Lamento tanto, Harry. Sei como isto é difícil para ti.

O Harry acena com a cabeça e desvia a cara de mim.

– Tu amava-la tanto.

Ele acena outra vez; há uma espécie de arquejo, mais nada. No silêncio eu olho em redor do quarto e vejo apenas a Ling. As sapatilhas que ela usava quando a conheci estão bem arrumadas ao fundo da cama. O telefone dela, na sua capa amarelo-viva, está na mesa de cabeceira. Dói ver aquele telefone. Imagino o Harry a percorrer as mensagens e as fotografias dela à procura de algo, tudo o que possa trazê-la de volta a ele por um momento. Quando a Catherine e eu rompemos há tantos anos, o Harry mal saiu do meu lado. Pensei que me ia enlouquecer, a preocupação excessiva dele, a sua presença constante quando a raiva e a autocomiseração e o álcool eram os únicos cúmplices que eu queria. Mas foi a sua ansiedade aguda, um palpite que o fez atravessar a cidade a meio da noite, que me salvou a vida. E aqui estou eu, num quarto sombrio, à luz de um candeeiro, a perguntar-me como posso salvar a dele.

– Eu vou ajudar-te a ultrapassar isto. Vamos fazê-lo hora a hora. Minuto a minuto.

– Não sei se consigo ultrapassar isto. Não sei se quero. Para quê?

Este não é o momento para um debate sobre o existencialismo, especialmente quando eu tenho o meu próprio poço de ansiedade a esse respeito. O amor ajuda, se conseguirmos encontrá-lo, mas não quando nos é arrebatado como o do Harry. Como o meu. A minha fúria endurece quando penso no verdadeiro motivo para o abandono da Catherine. Sou dominado pelo ódio.

O Harry suspira, uma longa expulsão de ar, como um exercício de ioga.

– Eu fui descuidado com a Ling e agora ela partiu. Ela estaria melhor se tivesse ficado em Bangucoque, se nunca me tivesse conhecido.

– Não podes dizer isso. A Ling amava-te, Harry. Nada disto é culpa tua.

– Achas que não?

O Harry olha bem para mim pela primeira vez. É difícil enfrentar o olhar dele. A verdade é que

acho que a culpa é de todos; acho que nós os cinco nos encaminhamos para uma fatalidade deste género há muito tempo. A Rachel perdeu o filho há algum tempo – porque é que isso não nos fez acordar? E porque é que eu a deixei desperdiçar a oportunidade de reatar a ligação com o Max, a única coisa que a preocupa, no fundo? Outro desastre e nós simplesmente deixámo-lo acontecer. E porque é que nenhum de nós, nem o Harry, considerou que tínhamos um dever para com a Ling, que era pouco mais do que uma criança e não tinha qualquer experiência do nosso mundo enclausurado com as suas regras impenetráveis? Durante anos, nunca precisámos de mais ninguém, achámos que estávamos seguros na nossa redoma inatingível, achámos que havia um código de honra numa vida vivida sem julgamento nem conselho; parece-me agora que a realidade é precisamente o contrário. O descuido foi o que nos definiu, afinal.

– Lucian, preciso de te pedir uma coisa. Um favor.

– Qualquer coisa.

– O funeral da Ling. Não consigo fazê-lo. Achei que conseguia, mas sempre que começo a pensar nisso, percebo que não consigo. Não consigo pensar em caixões ou flores ou música ou orações.

– Gostavas que eu o organizasse?

– Fazes isso?

Olhamos um para o outro, o Harry e eu, amigos há quantos anos agora – serão mesmo vinte? Percebo ao olhar para ele que envelheceu uma década ou mais nos três dias desde a morte da Ling. Ele sempre pareceu mais velho do que nós, com a sua calvície prematura, mas agora podia passar por cinquenta anos.

– Claro que faço, faço tudo.

– Precisa de ser exatamente como ela queria.

Estou à espera de que o Harry me diga o que a Ling queria, embora não consiga imaginar que no breve tempo que se conheceram tivessem tempo para fazer planos para o funeral.

– Tem de ser um almoço. Quarenta ou cinquenta pessoas no máximo. Comida tailandesa. Cor por todo o lado, flores, velas, seja o que for. Percebes?

E finalmente entendo a magnitude daquilo que o Harry está a pedir. Ele quer que eu organize uma festa de casamento para a sua mulher falecida.

Quatro meses antes: Catherine

Um verniz de domesticidade regressou, fraudulento mas vital, naquele que é o último dia antes do início do novo ano letivo. O Sam está sentado à mesa da cozinha, com livros de ciência espalhados diante de si, a tirar apontamentos na sua letra pontiaguda, fina, de menino de escola, num caderno quadriculado. Quer estar no jardim com o Joe, a testar a nova baliza de futebol que chegou no dia anterior, numa floresta de cartão de uma entrega da Amazon. Ou a plantar bolbos de outono com a Daisy, sendo a jardinagem a sua mais recente obsessão, ela a rapariga dos fetiches em série.

As crianças estão a assinalar o seu último dia de liberdade hora a hora: o Joe, com o iPod ligado, a vaguear ao fundo do jardim, a sonhar com a salvação, ou talvez apenas com o futebol; a Daisy a começar a abandonar os projetos com um indecisão febril – um hospital para insetos feito de galhos e folhas, um piso construído, o outro deixado pendente como se os operários se tivessem ido embora, uma história nova começada no seu caderno holográfico, entusiasticamente intitulada «A rapariga do vestido azul» mas a extinguir-se passado apenas um parágrafo. E eu? Bem, eu estou apenas a tentar voltar a encaixar nesta minha vida, a tentar convencer-me de que ainda pode funcionar, a tentar, sempre a tentar, não pensar em ti.

O Sam não volta a mencionar o teu nome, embora seja mais difícil do que nunca evitá-lo, pois a tua festa e a morte da Ling surgiram em todos os jornais. Não me admira; tem todas as credenciais para um grande artigo de interesse humano: o aristocrata desafortunado, um dos homens mais ricos da Grã-Bretanha, a festa luxuosa, a sorte e ruína de uma miserável rapariga de uma aldeia tailandesa. Os jornais adoram uma boa morte. Há uma fotografia da Ling, com grão e indistinta, provavelmente enviada do telemóvel de alguém. Reconheço os pequenos dentes brancos, a forma como a sua franja escura cai, a gola alta do seu vestido amarelo, mas de resto não há nada da rapariga que eu conheci. O *The Guardian* chama-lhe trabalhadora do sexo, o *Daily Telegraph*, acompanhante; o *Sun* é mais agressivo – «Fim trágico para prostituta tailandesa de aristocrata». Eles pensam prostituta, eu penso rapariga nova entusiasmada com a festa do seu casamento. Eles chamam-lhe pobre e analfabeta, eu lembro-me da sua eloquência ao descrever a sua vida, o dom para contar histórias que a fazia soar não despojada mas sim mágica. Faz-me pensar que cada história em cada jornal se baseia em praticamente nada: alguns factos crus, o palpite e a empatia, ou falta dela, de um jornalista. Há uma fotografia tua aqui, aquela que eles mostram muitas vezes, com seis ou sete anos agora, diria. O teu cabelo está mais curto, a tua cara, para o meu olho recém-treinado, um pouco mais redonda, e estás de costas para a máquina, o teu queixo espetado num ângulo que te dá o ar que pretendes: arrogante, desdenhoso, incontestavelmente atraente.

Em certos aspetos, parece que nada mudou. Eu estou de volta a casa, a absorver as tuas fotografias como uma doença, a suportar o teu silêncio como penitência. Pois embora eu te enviasse uma mensagem ontem para perguntar pelo Harry e dizer que lamento, sempre lamentei, lamentarei, tenho a

certeza, para o resto da minha vida, tu não respondeste. Não me admira. Eu conhecia a gravidade do crime quando ele aconteceu; nunca me perdoarei por ele, também.

Ontem à noite, depois de as crianças se deitarem, o Sam fez um acordo comigo.

– Está bem – disse ele, enchendo ambos os nossos copos com vinho enquanto nos sentávamos mais uma vez à mesa da cozinha. – Tentemos mais uma vez. Mas tens de me prometer uma coisa. Acabaram-se os devaneios sobre o passado. Tens de esquecer o que aconteceu. Ele acabou para ti – nunca o teu nome, nunca isso – e a Julia acabou para mim. Deixemos de falar neles, vamos fechá-los a sete chaves e concentrar-nos naquilo que possuímos: temo-nos um ao outro e aos miúdos.

Eu consigo fazer isto, é o que digo a mim mesma, hora a hora, mesmo enquanto espero secretamente uma mensagem ou um telefonema teu, apenas alguma coisa que possa aliviar o nosso fim brutal.

«Eu não teria conseguido perdoar-te», as últimas palavras que me disseste, para sempre gravadas no meu cérebro. Mas a única coisa que obtenho da tua parte é silêncio, e percebo porquê. Agora que sabes a verdade, não há mais nada a dizer. Preciso de encontrar a minha própria maneira de te esquecer.

Os uniformes estão estendidos ao fundo das camas deles, estojos cheios, sapatos novos, reluzentes, junto à porta de casa. Falta uma hora para o jantar e a minha família está toda no jardim, e eu fico à janela do quarto, a observar. A Daisy voltou ao hospital de formigas, de pernas cruzadas mas debruçada para a frente, a colocar cada ramo com extrema precisão. Só vejo as suas costas pequenas, estreitas, na *T-shirt* azul-turquesa, a nuvem de cabelo emaranhado, um inferno para mim no quarto de banho, mais tarde. Quando elas eram pequenas, nós adorávamos fotografar as crianças assim; de certo modo, a perspetiva traseira, sem poses, inconsciente, parecia sempre capturar melhor a inocência da primeira infância.

O Sam e o Joe estão a descer até ao riacho, calções a condizer e passo a condizer, ambos com o pescoço um pouco inclinado para a direita. Estão onde mais gostam de estar, um mundo para dois, um mundo que exige pouco esforço, sem a banalidade da conversa de circunstância. Podem falar de futebol, o Manchester United uma paixão comum, ou num projeto que estão prestes a começar, mas não vai parecer conversa. Por vezes, observo-os a jogar cartas ou xadrez ou a ver um vídeo do YouTube ou apenas a beber uma caneca de chá, lado a lado à mesa da cozinha, e invejo-lhes esse silêncio satisfeito. Na realidade, nunca tive essa insularidade a dois, embora a tivesse contigo, não tive, apenas por um momento?

Há tempo agora para abrir a caixa de sapatos, para vasculhar o seu conteúdo, pedaços brilhantes de papel rasgados de revistas, páginas de jornal ásperas, amarelecidas, cartas escritas em folhas A4 pautadas. A carta que normalmente não suporto ler surge diante de mim, e eu pego nela e seguro-a entre as mãos, com a visão desfocada, mas isso não importa, pois conheço cada palavra.

Como posso ter-me enganado tanto, diz-me? Acreditei em tudo o que disseste no café naquele dia, pensei que tu e eu éramos iguais, pensávamos o mesmo, sentíamos o mesmo. Tu entregaste-te a mim e eu entreguei-me a ti e pronto, foi o que dissemos, estava decidido, não íamos voltar atrás, porque haveríamos de querer fazê-lo?

Tu podias ter escrito esta carta para mim ontem, a sua mensagem de mágoa e censura exatamente igual, só que agora sabes porque te enganaste. Agora sabes do que sou capaz e aquela rapariga que

idolatravas está tão perdida para ti como está para mim.

Tu fizeste a tua escolha e eu fiz a minha. Sei o que tenho de fazer enquanto seguro a caixa de sapatos nos braços no meio do meu quarto, contendo tudo o que resta de ti, parece-me. A caixa tem de desaparecer. Podia levá-la ao centro de reciclagem no fim da aldeia e deitar todo aquele papel, anos de recortes, amarrotados e gastos, para a boca da grande caixa de metal verde juntamente com as revistas de domingo e os envelopes do fisco rasgados de toda a gente. Ou talvez pudesse fazer uma fogueira enquanto o Sam e os miúdos estão na escola, as tuas fotografias e cartas deixadas a arder no meio das folhas de outono. Não, eu não conseguiria suportar isso.

Na minha cabeça estou a percorrer todos os lugares secretos nesta nossa casa: o armário debaixo das escadas, a cave, que é tão húmida que as suas paredes nunca secam completamente, o sótão que nem o Sam nem eu visitámos desde o dia em que nos mudámos. Assim que tomo uma decisão, ajo rapidamente, puxando para baixo a pequena escada do sótão e guardando a caixa de sapatos no meio de todas as outras caixas por abrir, todas aquelas coisas a que nos agarramos e no entanto nunca usaremos: o candelabro de vidro antiquado que não ficou bem em nenhuma das nossas casas, a minha tiara de casamento, vários pares dos sapatos *Gucci* da minha mãe, que sempre foram um número acima do meu e não vão mudar.

Depois de acabar, olho pela janela do andar de cima para ter a certeza de que a minha família ainda está no jardim, e depois desço para começar o jantar. A caixa está longe da vista. A caixa está longe do pensamento. Isto é progresso. É o que digo a mim mesma.

Quatro meses antes: Lucian

Estou a tornar-me um perito em fármacos. *Valium*, vinte miligramas, não dez, vai ajudar o Harry a ultrapassar as próximas duas horas, a aguentar o funeral da mulher. A Alexa e eu escolhemos a coisa mais colorida que ele tem no roupeiro, uma camisa rosa-clara com calças azul-marinhas, e acompanhamo-lo até à capela, a arrastar-se entre nós como um octogenário aleijado, olhos no chão, o que é bom porque significa que não vê os olhares duros, inquisitivos, de todas as pessoas reunidas junto à entrada. Mas eu vejo-os, vejo as raparigas, amigas minhas na maioria, a esticar-se para sussurrar ao ouvido dos seus homens, vejo os homens a puxar contemplativamente os seus cigarros e depois lançar um olhar rápido ao Harry. Estão vários fotógrafos aqui também, câmaras apontadas, junto aos seus rostos, e um frenesim de cliques digitais mal aparecemos.

A Alexa diz:

– Vou dizer-lhes para desaparecerem. É um funeral, por amor de Deus. Estão a invadir propriedade privada, não estão?

Mas o Harry, que olhou diretamente para as câmaras, diz na sua voz arrastada, saturada de drogas:

– É escusado, Lex.

Uma rapariga separa-se da multidão, cabelo loiro liso, vestido e sapatos de um azul brilhante, e percebo no último instante que é a Charlotte Lomax, para quem o funeral é uma oportunidade de exhibir a última moda.

– Harry – começa ela –, só queria dizer que estou muito...

Ele levanta uma mão para a silenciar mas mantém o olhar em baixo.

– Obrigado. Eu sei que estás.

Estamos diante da capela agora. A multidão afastou-se, abrindo um caminho direto para a porta, e aí, à espera numa fila, estão o Jack, a Celia e a Rachel. O Jack traz um fato novo, ao que parece, azul-cobalto, justo, Helmut Lang, diria – o meu estilista favorito e logo o dele, também – e usa-o com sapatilhas brancas *Adidas* novas em folha.

Ódio não é forte o suficiente para a forma como me fazes sentir.

– Harry, meu Deus, pá – diz ele, precipitando-se, de óculos de sol postos. Desvia habilmente a Alexa do caminho e pega no outro braço do Harry, de modo que nós os três nos estamos a encaminhar para a frente da capela, as raparigas em fila atrás de nós. Mais cliques, mais fotografias, mais jornais vendidos com base em disparates irrelevantes, a imprensa abutre a fazer o que faz melhor.

Ouçó a Alexa soltar um arquejo e dizer:

– Oh, as flores – e sei que está a chorar, algo que tínhamos prometido um ao outro que não faríamos, mas as flores são difíceis de suportar. Eu telefonei para a florista de Bristol que tínhamos usado para a minha festa e pedi-lhes que enchessem a capela com as flores mais vivas, mais coloridas, que tivessem.

– Nada fúnebre, e não demasiado casamenteiro, também – disse eu.

Sabia que o Harry queria reproduzir a festa de casamento que a Ling planeara, mas também sabia que qualquer coisa nupcial o empurraria ainda mais para o seu submundo privado de melancolia. A resposta deles foi alinhar frascos de compota com gerberas ao longo de cada peitoril exatamente com as cores que eu pedira – rosa-vivo, laranja brilhante, amarelo-claro – e amarrar pequenos ramos festivos na ponta de cada banco. Elas partem-nos o coração, estas flores, fazem de facto lembrar a Ling, com a sua roupa cor de néon e sorriso branco, luminoso.

Não há um caixão aqui hoje; a Ling vai ser sepultada na próxima semana se tudo correr como previsto, ao lado de um carvalho preferido na propriedade do Harry (um campo minado de burocracia conseguir que isto seja aprovado; estou a deixar o Andrew tratar disso). Portanto somos só nós os cinco lá à frente; nem Ling, nem Catherine, e a Celia, alegando falta de espaço (embora os seus olhares acutilantes ao Jack sugiram outra história), está sentada no banco mesmo atrás de nós. Ninguém da família da Ling veio; não é de admirar, na realidade, embora o Harry se tenha oferecido para lhes pagar a viagem, durante um telefonema horrível com um tradutor de tailandês que encontráramos em Bristol, os soluços dolorosos do Harry a pontuar uma língua que não fazia sentido para nenhum de nós.

De algum modo o Harry aguenta até ao fim da missa, e pouco antes do fim, a Alexa e eu levamo-lo, um braço cada, para fora da capela, através de outro ataque fotográfico e até à casa, onde o aroma da culinária tailandesa enche o ar. Um almoço para cinquenta pessoas foi preparado na estufa – toalhas de mesa brancas, flores em tons vívidos, aquela bela vista em declive até ao cedro. É, acho, exatamente o que o Harry queria, o que a Ling planeara, ainda que para um tipo de reunião completamente diferente.

– Vamos beber um copo, por amor de Deus, antes que toda a gente chegue.

O Harry abana a cabeça.

– Não, eu estou exausto. Vou voltar para a cama.

– Por favor, fica – diz a Alexa. – Ia sentar-me ao teu lado ao almoço; não terias de falar com ninguém.

– Não. – Ele quase o grita.

No luto, o Harry, famoso entre nós pela sua amabilidade, a sua delicadeza, é brusco ao ponto da brutalidade. Parte com a sua camisa cor-de-rosa amarrotada e nós deixamo-lo ir, a Alexa e eu, seguindo-o com o olhar como pais preocupados. Pouco antes de desaparecer de vista, ele vira-se e dirige-nos um aceno apressado.

– Obrigado – diz ele. – Aos dois. A sério.

Ao almoço, estou sentado ao lado da Rachel, bela no seu vestido verde-esmeralda favorito e já com uma boa garrafa no bucho, ao que parece. Quem me dera poder esquecer tão facilmente como ela, mas sou devastado por uma visão daquilo que esta festa deveria ter sido – a Ling num vestido de casamento branco, o Harry mais feliz do que qualquer um de nós alguma vez o vira. E como sempre, a minha cabeça também está preenchida com a Catherine. E o Jack. Pois não consigo vê-la sem também o ver a ele. Não consigo lembrar-me da velocidade da sua paixão, um toque o suficiente para fazê-la explodir, parecia, ou a forma como nos atirávamos um ao outro, sem pensar: ela fez isso com ele, também. O Jack conhece o erotismo alucinante que é estar na cama com a Catherine, e como eu o odeio por isso.

– Então acabou tudo com a Catherine? De vez, achas? – A Rachel sempre foi capaz de adivinhar os

meus pensamentos.

Encho ambos os nossos copos com o rosé mais pálido do Harry.

– Sim, acabou. Eu devia ter-vos dado ouvidos, a ti e à Alexa; fui um idiota por voltar a isso.

– Não admira que o tenhas feito. Tu nunca a esqueceste, verdadeiramente.

– Tu avisaste-me em relação a ela e eu não ouvi. Tentaste dizer-me como ela era.

A Rachel olha para mim, espantada.

– Pensava que a Catherine era um anjo, pelo que me disseste? Que simplesmente tinha casado com o homem errado.

Encolho os ombros, tentando parecer indiferente, e bebo um gole profundo do meu remédio de Côtes de Provence. É tão chocante – sinto literalmente que estou em choque – ter-me apaixonado pela Catherine outra vez e depois ter sido esmagado contra esta parede de tijolo de ódio, mágoa e a impossibilidade de perdão.

A Rachel toca no meu pulso. Mão morena, fria, com os seus anéis de ouro e as suas unhas pintadas de cor-de-rosa.

– Lucian?

Lembro-me agora quando ela olha para mim, com uma sinceridade exacerbada pelo álcool, de que os olhos da Rachel parecem mudar de cor quando ela se torna séria. Tenho a certeza de que não é esse o caso, mas ao devolver o olhar dela, noto que os seus olhos são agora de um azul-marinho clássico. Tentei dizer-lhe isto uma vez, como podia misturar uma paleta inteira de azuis com os diferentes tons dos seus olhos, e ela simplesmente riu. Agora, no entanto, não há riso. Apenas o olhar preocupado da Rachel.

– Promete-me que não te vais abaixo como da última vez. – Ela toca no meu copo de vinho ao de leve. – Deixa isto, está bem?

Tem piada vindo dela, uma viciada, mas percebo o aviso. O meu próprio potencial alcoolismo pulsa-me nas veias, sendo eu filho da minha mãe bêbada, afinal, o seu veneno preferido Pouilly-Fumé às caixas. Ela bebia sem contrição de manhã à noite, champanhe ao pequeno-almoço se quisesse, o *whisky* de malte a horas tardias que a transformava num monstro. Vejo-me a fazer a mesma coisa, só que a minha paixão é mais à base de vodca. E há uma voz pequena mas insistente na minha cabeça que tento a todo o custo ignorar. Isto é demasiado, diz a voz. Tu estás a beber demasiado. Quando é que vais parar? Digo a mim mesmo que pararei assim que já não tiver piada.

Quando a Catherine me deixou da última vez, não foi divertido. Houve a descoberta do bilhete dela, escrevinhado numa justaposição descuidada no meu caderno de rascunho ao lado do desenho dela que fizera alguns dias antes: *Mudei de ideias. Não posso fazer isto. Não posso continuar a verte.*

Houve o calcorrear louco pela cidade, a persegui-la, e depois, quando isso não me levou a lado nenhum, a perseguir a companheira de apartamento dela, a Liv, a melhor alternativa.

– Ela foi para casa – disse-me a Liv. – Não quer estar numa relação; desculpa, mas ela pediu que a deixes em paz.

Saberia a Liv a verdade? Pergunto-me agora. Sempre soube? Esta pequena bala de ódio que se aloja no meu peito poderia destruir qualquer pessoa que soubesse e não me tivesse dito.

Não foi apenas o facto de a Catherine partir que me dilacerou. Eu sei que também era uma reacção retardada à morte do meu pai, ao meu pavor visceral do abandono, o meu medo dominante da solidão. A minha reacção foi tentar obliterar-me, primeiro com o álcool, depois com os comprimidos.

Mas isto foi tudo há muito tempo, e é risível, na realidade, que a Rachel e eu estejamos sentados aqui a debater o meu alcoolismo e não o dela.

– Eu faço um acordo contigo, Rach. Que tal tu e eu deixarmos juntos o álcool? Que tal tu fazeres uma pausa na coca durante algum tempo, também?

Como esperado, os olhos dela enchem-se de lágrimas e ela desvia o olhar.

– Não vires isto para mim, Lucian.

Hoje não é o melhor dia para qualquer um de nós lidar com os seus demónios, e depois do almoço juntamo-nos ao resto dos convidados no relvado do cedro, com a nossa própria garrafa de vinho para acabar. A Celia vem despedir-se, e eu percebo logo que algo está mal. Deve ser o Jack, claro, a ignorá-la, ou a namoriscar com a Alexa, ou talvez apenas o mesmo menosprezo esmagador que eu testemunhei em casa deles.

– Celia, estás bem? Espero que não te importes que eu pergunte, é só que no outro dia...

– Não, nem por isso – diz ela, numa voz trémula. – Mas não posso falar nisso.

As lágrimas são iminentes, isso eu sei, e faço-lhe sinal para se sentar ao nosso lado.

– Senta-te connosco durante alguns minutos. Por favor.

Ela abana a cabeça rapidamente e começa a afastar-se.

– Tu sempre foste muito amável comigo, Lucian – diz ela.

Um minuto ou dois depois de a Celia partir, o Jack e a Charlotte Lomax surgem ao virar da esquina e sentam-se ao nosso lado. Agora que conheço o verdadeiro Jack, aquele que ele teve tanto cuidado em esconder, aquele que fode com as namoradas dos outros e trai a mulher, dou por mim a perguntar-me se estes dois terão um caso. Porquê ficar-se pela Alexa? Ou pela Catherine?

– Passa o vinho, amigo – diz o Jack, e volto a encher os copos deles com o que resta da nossa garrafa.

– Há muito mais de onde isso veio – diz a Rachel, levantando-se de modo hesitante. Nós os três vemo-la a atravessar o relvado aos ziguezagues, um pouco à esquerda de mais, um pouco à direita de mais.

– Que dia terrível – diz a Charlotte. – Pobre Harry.

– Como é que ele está agora? – pergunta o Jack.

Digo-lhes que a Ania e o Filip estão plantados como pais substitutos à porta do quarto dele. Ele não come, não dorme, é uma luta fazê-lo beber água. Há um pequeno momento agudo de silêncio em que nenhum deles parece ser capaz de encontrar nada para dizer. Eu podia ajudá-los, mas não o faço. Descubro que estou a saborear o leve desconforto do meu amigo mais antigo, a vê-lo absorver o calor da minha reticência. Será que ele vê este meu retraimento gradual, cauteloso? Um corte lento dos laços que em tempos nos uniram.

Já não sei quem sou; só sei que mudei.

Agora

Algo novo está a acontecer. Eles dizem que a terapia está a começar a funcionar e eu acho que talvez tenham razão. Pois embora não esteja a falar, estou a ouvir. A ouvir com uma ânsia feroz de qualquer informação sobre ti. E se esperar tempo suficiente, descubro que ela surge, descubro que há sempre alguém que menciona o teu nome. Estou a chorar, também, e isso é progresso, aparentemente. Da primeira vez que aconteceu, a Liv assinalou-o à Alison e nenhuma delas conseguiu afastar o otimismo da voz.

– Meu Deus, linda – disse a Alison, agachando-se ao lado da minha cadeira e pegando-me na mão.
– Estás triste hoje? É bom chorar. Deita cá para fora, minha querida.

Hoje a Liv e o Sam estão aqui juntos e estão a ter uma – discussão é muito forte; chamemos-lhe um desentendimento em relação à técnica lenta do Greg. Ele está a lidar com cada um dos obstáculos no meu passado que acredita terem contribuído para a minha mudez, riscando-os um a um – luto, vergonha, isolamento... Oh, sim, é sempre uma sessão de terapia muito divertida.

A Liv quer saber se o Greg conseguiu descobrir o que eu recordo da noite em que fui internada aqui, os acontecimentos que a precederam. Estão a tentar ser subtis, vozes baixas, colocados a alguns metros de mim, mas claro que não sabem que agora me esforço para apanhar cada palavra.

– Ela sabe o que aconteceu? Achas que se lembrou? – pergunta a Liv, e o Sam abana a cabeça.
– O Greg acha que ela o apagou, sabes isso. Decidiu deixar de lhe perguntar por isso. Acha que é obstrutivo. Acha que ela se fecha sempre que ele o menciona.
– Isso não é justo para a Catherine. Um de nós devia dizer-lhe. Como é que ela há de recuperar se não souber a verdade?

– Mas ela está a recuperar, Liv. Tu própria o disseste. Está a mostrar emoção agora. No outro dia sorriu ao Joe. Foi tão importante para ele. Para todos nós.

– Se não lhe vais dizer, então digo eu. Ela tem o direito de saber.

E aqui o desentendimento implode numa autêntica rixa.

– Vais o tanas! Ela é minha mulher e nós vamos fazer as coisas como o psiquiatra dela nos disser para as fazer. Percebes, Liv? Percebes?

O Sam está a berrar e a Liv provavelmente está a chorar, mas eu viro-lhes a cara e bloqueio o som deles. A informação que queria não vai chegar hoje. Em breve o Sam e a Liv partirão e ficarei sozinha de novo. Olharei por um intervalo nas cortinas para o céu noturno, azul-marinho com explosões de branco cintilante, tal como um dos desenhos da Daisy.

Quinze anos antes

Foi espantoso como conseguimos evitar-nos um ao outro no nosso último ano, separados pelo mesmo desejo. Onde fosse provável tu estares, eu não estava, e suponho que foi igual para ti. Até o departamento de inglês se tornou uma zona segura, uma vez que tu passavas o tempo todo em casa a trabalhar na tua arte. Houve vislumbres ocasionais, claro – tu e a Rachel vistos pela janela de uma livraria Foyles, tu e o Jack a conduzir por Woodland Road no teu carro azul-claro, alguns segundos a olhar antes de eu virar a cara.

Não partilhávamos os mesmos amigos – os teus, por motivos óbvios, tinham-me abandonado; os meus e do Sam achavam que o teu grupo, com as suas vozes altas de colégio privado e as suas contas bancárias sem fundo, eram uma anedota. Festas diferentes (se alguma vez as frequentei), *pubs* diferentes (se alguma vez os frequentei); tu mantiveste a tua casa em Clifton, enquanto o Sam, a Liv e eu alugávamos uma em St. Paul's.

Portanto só houve aquele único encontro devastador com o Jack cerca de uma semana antes dos exames finais. Quanto tempo durou – um minuto, talvez dois antes de o Sam me salvar, pegando no meu cotovelo e levando-me embora. E no entanto naquele tempo, com aquele sorriso sabedor, íntimo, desafiador, ele levou-me habilmente de volta para o âmagô da nossa noite juntos, fazendo-me lembrar a penetração dele, não a tua, as mãos dele numa posição de flexão de ambos os lados da minha cabeça. Memórias que eu me recusava a examinar a martelar contra o meu cérebro.

– Estás bem? – disse o Sam, vendo a minha cara um momento mais tarde.

Um leve abanar da minha cabeça foi o suficiente para ele pousar o seu copo de vinho e me levar a casa. Não era necessário perguntar-me o que se passava; acabara de perder um progenitor. Tinha, poder-se-ia dizer, a mãe de todas as desculpas.

Quatro meses antes: Catherine

Traidor que trai traidor não tem cem anos de perdão. Mas ajuda, sem dúvida. Estamos de perfeito acordo num aspeto pelo menos: o Sam não deve mencionar a Julia, eu não te menciono a ti, e desde que isso aconteça, podemos fingir que retomámos o nosso casamento onde o deixámos, apenas nós os dois e os nossos filhos, a flutuar no nosso casulo de feltro. Funciona de certa maneira, este otimismo forçado, jantares festivos noite após noite, viagens de fim de semana planeadas com uma insistência e entusiasmo que são cansativos para todos nós.

De vez em quando apanho o Sam a olhar para mim e reconheço a mágoa nos olhos dele e sei que ele está a pensar no dia em que eu voltei, quando tu estavas ali, gravado em mim, carne sobre carne, ossos sobre ossos, respiração, sabor, língua, pele que ainda retinha o teu perfume a cigarros e limões. Mas em geral estamos bem porque o Sam também é um veterano a fingi-lo. A fábula da Catherine e do Sam: podemos acomodar-nos de novo nela, e se parecer um pouco mais forçado, um encaixe menos confortável do que antes, então sabemos, por anos de experiência, que em breve se tornará natural e ambos começaremos a acreditar nela.

Eu mantenho-me o mais ocupada possível. Comprei um par de sapatilhas *Asics* e vou correr todos os dias, cada vez mais longe. Não era uma atleta na escola, mas agora consigo correr quilómetros, a tentar ultrapassar os demónios na minha cabeça. Quinze anos depois de acontecer, estou finalmente a aceitar a memória daquela noite com o Jack. Estou a obrigar-me a voltar à tua cama, àquele abraço traiçoeiro que por vezes me faz gritar. Percebo que posso correr e chorar ao mesmo tempo, e se o fizer cedo o suficiente, então o meu rosto já terá recuperado quando a minha família regressa a casa. Mantenho-me nos campos e nos bosques, onde não vejo ninguém, tirando uma ou outra pessoa a passear o cão, e posso passar rapidamente por eles, uma mancha de suor e lágrimas e sapatilhas laranja-vivas que me fazem pensar na Ling. Sozinha no coração dos bosques, chamo o teu nome. Sinto a tua falta, digo à floresta de carvalhos, ou com mais frequência: Desculpa. Desculpa. Desculpa. Por muitas vezes que o diga, nunca será o suficiente. Anseio, se não pelo teu perdão, então por um sinal de que pelo menos compreendes. Cometi um erro, um erro catastrófico, mas não porque não te amasse.

Fazemos a nossa primeira viagem no *Pandora*, o belo barco azul e branco que comprámos há apenas três semanas, embora tenha acontecido tanto desde então que parece que esse dia pertence a outra pessoa.

– Cuidado com a retranca.

Retranca, bujarrona, bombordo, estibordo – é engraçado como todas estas palavras deslizam da língua do Sam. Penso sempre que a vela pertence às raparigas de ganchos no cabelo e batom com brilho que em tempos conheci, aquelas que velejavam em Bembridge e montavam em Belsay, mas o Sam refuta esta ideia perfeitamente. Aprendeu a velejar num lago perto de Salford, sabe montar ao

estilo *western* e atirar e jogar ténis. Consegue fazer todas as coisas que tu fazes, só que fã-las à sua maneira e com o humor impertinente que lhe é característico.

A vela é um sucesso e, enquanto houver bom tempo, os nossos fins de semana já estão planeados. Celebramos no *pub* a caminho de casa com sidra para nós e garrafas de *Coca-Cola* para as crianças. Sentamo-nos no jardim e o Sam pega no telemóvel e tira-nos uma fotografia, a mim e aos miúdos, com as bebidas bem erguidas, saúde! Penso em como esta deve ser a primeira fotografia desde. Desde ti. Desde a Ling. Desde tudo. O Joe diz, como se estivesse a adivinhar os meus pensamentos «Eu tiro uma fotografia tua e da mãe», e agora o Sam está ao meu lado, com o braço equilibrado sobre os meus ombros, um gesto espontâneo, aparentemente, embora para nós os dois seja tudo menos isso. Pois não houve contacto físico, absolutamente nenhum, nesta resoluta reconstrução da norma. Dormimos na mesma cama, vestidos e cada um do seu lado, um grande intervalo no meio, espaço para as duas crianças, se ao menos elas entrassem e nos salvassem de nós próprios. Sinto a pressão do braço do Sam, o calor da sua pele no meu pescoço, e sei que é apenas uma questão de tempo.

Da primeira vez que fazemos amor – quantos dias mais tarde, seis, talvez sete? – faço tudo o que posso para tranquilizar a minha respiração e desligar o meu cérebro. Tento estar atenta, concentrar-me na sensação dos dedos do Sam a começar o seu lento e hábil percurso pela minha pele. Tento não procurar o aroma a cigarros ou limões ou a saliência de cartilagem logo abaixo da tua caixa torácica (é o meu esterno, disseste-me quando os meus dedos o encontraram pela primeira vez há tantos anos; é a minha marca de identidade). Mas depois, depois, oh meu Deus, o desespero inunda-me, eu não lhe sobreviverei. Estou deitada nos braços do Sam, a olhar para o teto, esperando e esperando que o fluxo rítmico da respiração dele me convença de que está a dormir. Liberto-me dos braços dele e visto a *T-shirt* dele (o cheiro do Sam: desodorizante *Right Guard* e sabão e o mais leve travo a suor masculino) e saio do quarto de pés descalços, com o silêncio de um ladrão, embora o Sam esteja tão profundamente adormecido que começou a rressonar, e isso é outro sinal de que está feliz. E isto é o que eu faço. Ponho-me no patamar, a olhar para o alçapão que leva ao nosso sótão, sentindo a falta da tua caixa de cartas e fotografias e recortes, o meu compêndio secreto sobre ti, sentindo a tua falta, tudo o que resta de ti, embora esteja a tentar tanto ser outra pessoa, uma boa mãe, uma esposa melhor.

Isto é só a primeira vez, digo a mim mesma, enquanto respiro a minha dor na escuridão.

Quatro meses antes: Lucian

Numa reviravolta surpreendente, de emancipação, a Celia deixou o Jack. Preparou o bebé e o carro enquanto ele estava em Londres, e quando ele chegou a casa, tinham partido, roupa, brinquedos, tudo. Ela deixara-lhe um bilhete que era devastador na sua perentoriedade.

Já não quero estar contigo. Estive a pensar nisto durante muito tempo e não vou mudar de ideias. Vou deixar-te e voltar a viver com os meus pais.

Encontramo-nos para almoçar em Colton House, onde tento não exprimir – ou sequer sentir – alegria perante este desfecho inesperado. A indignação do Jack é difícil de aceitar, este é o homem que continuou a dormir com a Alexa durante o seu casamento, o homem que em tempos roubou a rapariga que eu amava e que está sentado diante de mim agora, a comer costeletas de borrego e a beber vinho que eu sem dúvida pagarei.

O Jack pede sempre a mesma coisa que eu nos restaurantes, mesmo quando, como hoje, eu fiz uma alteração de última hora – borrego em vez de bife. Era a nossa piada habitual – «Como o mesmo que ele» – e eu achava tocante a forma como ele queria imitar o meu gosto. Agora, no entanto, há algo claustrofóbico na sua presença permanente, sombria, qual espelho. Será que ele não tem opiniões próprias?

– A Celia não atende as minhas chamadas – diz-me enquanto bebemos um tinto muito bom. – Até mudou o número de telemóvel e eu nunca consigo ultrapassar a mãe-rottweiler dela. Fui até ao Warwickshire de carro e sabes o que aconteceu quando lá cheguei? A mãe dela não me deixou ver a Celia ou mesmo o Freddie, o meu próprio filho, por amor de Deus. Disse que iria ter notícias dos advogados dela e que até então não devia perder tempo a tentar contactar a Celia. Ela disse: «Acabou Jack, tens de aceitar isso.» Quer dizer, nem sequer podemos falar em tentar de novo? Não é um assunto nosso, meu e da Celia?

– Talvez haja um lado bom. E a Alexa?

Andaste ocupado a comê-la durante todo o teu casamento, afinal.

Odeio o riso dele.

– O que tem a Alexa? Isso já era. Não estamos a falar de ti e da Catherine, agarrados a uma visão retorcida do passado. Por falar nisso, ela está um bocado silenciosa. Suponho que voltou a correr para o marido e é o fim da coisa?

Pareço ter adquirido um revestimento, uma casca super-humana, uma calma e compostura que me tornam capaz de quase tudo. Consigo ouvir isto sem mudar de expressão, consigo encolher os ombros com neutralidade.

– É o que parece.

Mas as suas palavras de conforto retorcidas são mais difíceis de ignorar:

– Lamento saber isso, mas olha o que aconteceu da última vez. Raparigas como ela nunca mudam.

Olho para o homem sentado à minha frente, demoro-me a perscrutar os seus olhos azuis (azul-violáceos, a cor da insinceridade), e não encontro falha, por muito ínfima que seja, na sua armadura.

Corro um pequeno risco, só pelo gozo, só para ver até onde este mentiroso vai.

– Nunca gostaste muito da Catherine, pois não?

Azul-violáceo sentido agora.

– Pá, não gostei daquilo que ela te fez. Abandonar-te sem motivo nenhum, deixando-te desfeito.

O que o Jack faz aqui – tem-no feito durante a maior parte da minha vida – é lembrar-me da profundidade, a extensão da nossa amizade.

– Nós somos amigos há muito tempo, tu e eu – diz, com outro gole satisfeito do seu vinho caro. Em tempos idos, para mim isto significava um breve relembrar dos nossos melhores momentos: a garantia ao meu pai de que cuidaria de mim no meu primeiro dia de escola, o facto de o ter realmente feito, quando as rixas com a minha mãe se tornavam insuportáveis, a substituição com os seus pais empenhados. E durante o tempo todo, a ação do Jack foi aquilo que efetivamente estragou a minha vida e me impediu de estar com a única pessoa que me fazia feliz. A única pergunta que tenho é porquê, mas não estou preparado para a fazer. Mais tempo a observar e a olhar e a absorver as pequenas traições quotidianas do homem que outrora considerei o meu amigo mais íntimo.

Tudo o que ele diz e faz agora fascina-me. Quando sorri a uma loira bonita que passa pela nossa mesa – ela provavelmente sorriu primeiro; normalmente é assim – eu penso, *cabrão lascivo*, quando o velho eu talvez achasse piada. E quando ele sugere mais um copo de vinho – «Acho que têm um bom Gigondas ao copo» – eu penso em todo o vinho que ele bebeu ao longo dos anos, todas as ostras que comeu, o champanhe, o seu Chateaubriand favorito (quantas vezes é que ele me obrigou a pedi-lo?) Tudo o que eu tenho, ele também quer, vinho, comida, roupa, até mulheres.

Perto do fim do almoço, chegamos ao dinheiro, como eu sabia que aconteceria.

– Isto é embaraçoso – diz o Jack –, mas os pais da Celia congelaram a nossa conta bancária. Haverá um acordo, aparentemente, mas até lá eu estou basicamente teso.

– Quanto? Eu transfiro-o hoje à tarde.

– Odeio pedir, quando tu foste sempre tão generoso. Sempre a ajudar-me.

– Não há problema – digo, fazendo sinal para trazerem a conta, imitando, o melhor que posso, o homem que era.

A caminho de casa, paro em casa do Harry, esperando encontrá-lo embrulhado na sua roupa de inverno na estufa, um velho numa cadeira de rodas. Em vez disso, fico chocado ao descobrir a casa encaixotada, a mobília envolta em lençóis e o Harry de partida iminente para a Tailândia, desta vez com Nat, o tradutor de tailandês de Bristol, a reboque.

– Devias ter-me contado. Eu teria ido contigo. Ainda iria se quisesse.

– Não conheci a Ling por muito tempo, mas havia algo nela que mexeu comigo, logo. E não estou preparado para esquecer isso. Não estou preparado para a esquecer.

– Não vai ser pior estares a lembrar-te dela constantemente? Estar de regresso ao país dela, com a língua dela, a comida dela?

– Pensei nisso. Pensei muito nisso. E o que percebi é que a dor não vai a lado nenhum, por isso mais vale aceitá-la, satisfazê-la até. Decidi ir à aldeia da Ling, vou conhecer a família e os amigos dela e a senhora que a ensinou a cozinhar, vou ver o rio onde ela nadou em criança e perceber mais

sobre quem ela era. É por isso que vou levar o Nat comigo.

– A Ling gostaria disso. Que tu conhecesses a família dela.

– A questão é essa, na realidade. Preciso de contar aos pais dela o que aconteceu. Quero fazê-los perceber como ela morreu. E preciso de lhes pedir desculpa. Não imaginas como quero dizer isso. É só que... – Ele interrompe-se, e ri, embora não haja alegria nenhuma ali, humor nenhum. – Eu gostava que eles percebessem que eu a amava e que tudo devia ter sido muito diferente.

Com a partida do Harry, a minha solidão é completa. Perdi o Jack, perdi a Catherine, até a memória dela está maculada e interdita à análise. E ambas as raparigas desapareceram. A ausência da Alexa está explicada. Quando a Celia partiu, a Alexa telefonou ao Jack e ofereceu-se para vir cá a baixo fazer-lhe companhia. Estava genuinamente triste por ele, acho, e com esperança de que eles pudessem finalmente ficar juntos. Mas o Jack descartou-a como se fosse uma velha peça de mobília, algo de interesse mínimo, em todo o caso.

– Tu e eu fomos o mais longe que podemos, Alexa – disse ele. – Vamos ficar por aqui.

Odiei ouvir a mágoa na voz dela, a sua compreensão daquilo que nós sempre soubemos: que ela não significava nada para o Jack, que ela era e sempre foi a «outra» típica, que os anos que passou à espera, traindo a sua natureza, não passaram de um desperdício de tempo.

– Vou voltar para casa dos meus pais durante algum tempo – disse ela – para trabalhar no livro.

Um eufemismo, diria, para reparar o seu coração partido. Quem me dera ter um sítio onde pudesse ir para curar o meu.

A Rachel, estranhamente, parece ter desaparecido, e ninguém, nem sequer a Alexa, sabe para onde foi. Não retribui nenhum dos nossos telefonemas ou mensagens. Até enviei uma mensagem ao Hugo, o ex dela, para ver se ele sabia onde ela estava, e a resposta dele foi breve e despreocupada: *Numa vala, talvez?*

E portanto estou sozinho nesta casa estupidamente grande, que ainda tem marcas da rapariga que amei e perdi, e saber porquê não fez nada para aliviar o meu desgosto. Demoro algum tempo a conseguir voltar ao estúdio, onde o meu desenho dela ainda está preso ao cavalete. Tiro-o e seguro-o entre as mãos, procurando defeitos (meus, não dela). Olho uma e outra vez para o nariz fino, as sobrancelhas escuras, arqueadas, aqueles olhos que fazem parar o trânsito. Quando estou a pintar, tento ao máximo não realçar demasiado; a subtileza é a ambição, embora não saiba se a consigo sempre. Com este desenho percebo que apanhei a mágoa da Catherine, quase por acidente. É evidente naqueles belos olhos; a diferença é que agora eu percebo-a.

Ela enviou-me uma mensagem na noite a seguir à festa, depois da morte da Ling e da sua revelação dilacerante. Disse-me que estava muito arrependida, que sempre estivera e estaria; toda uma vida de arrependimento. Li a mensagem e atirei o telemóvel pelo ar. Tu dormiste com o meu melhor amigo. E contaste-mo quando eu estava a lidar com a morte da mulher do Harry. Eu dei-lhe a resposta que achei que merecia – silêncio. Agora olho para o meu desenho desta rapariga triste e encantadora e digo-lhe, eu também lamento, por não ser mais compreensivo. Por ser tão rígido no meu ódio à infidelidade. Dá-me tempo e talvez eu possa aprender a perdoar-te. Mas a ele nunca perdoarei.

Quatro meses antes: Catherine

Eu não estou muito bem, acho. Estou a passar demasiado tempo na minha cabeça, perdida no meu mundo de sonhos, e está a começar a ficar mais difícil distinguir os sonhos e a realidade. Quando não estou a sonhar e a fantasiar, estou a recordar e a reinventar, sempre a tentar conseguir o final perfeito. Para que tudo fique bem, temos de rodar o relógio para trás, os ponteiros girando através dos anos quinze vezes até sermos novos outra vez, com dezanove e vinte anos, tudo pela frente. O nosso começo é perfeito, não são necessárias mudanças. Ali estás, ao lado do teu carro azul-claro, com a barba por fazer, o banho por tomar, o cabelo em pé: o rapaz que está prestes a espetar um pau no meu mundo e girá-lo uma e outra vez até ele sair do eixo. Há um desenho bonito que aparece como que por magia na minha secretária enquanto estou a trabalhar. Há um almoço numa velha cabana de madeira com tinta azul a descascar, e se eu tentar o suficiente consigo ouvir o grito frenético das gaivotas, consigo saborear o sal no ar.

Agora há um longo espelho dourado e uma rapariga diante dele, a observar, a observar enquanto tu estás atrás dela, a desabotoar lentamente a sua camisa, um botão, depois o seguinte, com mãos que não tremem. A tua confiança é a minha ruína, os teus olhos solenes a sustentar os meus no espelho enquanto a camisa cai, as palmas das tuas mãos a contornarem os meus seios, o teu quase-sorriso enquanto me vês começar a contorcer-me, encostando a minha nudez a ti, que estás completamente vestido. Em breve, levar-me-ás para a tua cama, passarás a tua língua pelo meu corpo todo, a começar pelo meu pescoço, afagarás e tocarás cada parte de mim, tirarás de algum modo toda a tua roupa sem que eu saiba sequer como o estás a fazer, e depois estarás dentro de mim, finalmente, e doerá mas eu quereirei que continues, e tu assim fazes, lentamente, tão lentamente, e agora é o contrário da dor e estamos a agarrar-nos um ao outro e talvez eu esteja a rir, porque a única coisa que sei é que quero que esta sensação, esta sensação incrível, intensa, agradável continue.

Haverá noites escuras, meses e meses delas, em que jazemos entrelaçados um no outro carne contra carne, a minha mão na tua, palma contra palma, linha da vida, linha do coração. Tu vais dizer-me que me amas e eu vou dizer-te o mesmo, vou sussurrar as palavras ao teu ouvido. Haverá dias cheios de luz, haverá café e bolinhos e uma velhota que me chama pelo nome errado. Haverá Paris, uma pintura de uma mulher de olhos escuros no teatro, velas brancas e finas a arder num altar. Haverá um desenho de uma rapariga ajoelhada numa cama sem nada vestido exceto uma camisa branca folgada que acaba logo acima dos joelhos. Quanto tempo demoraste a fazer o desenho – dez minutos, talvez quinze? No entanto, conseguiste captar perfeitamente o contorno do meu cabelo, quase a chegar à minha cintura, mais comprido do que nunca. O meu pescoço estava talvez um pouco mais elegante do que realmente é, um pescoço de Photoshop, embora não tivéssemos as palavras para isso na altura. Mas é nos olhos que tu reparas, a expressão de euforia que salta da página. Tu sabes pelos meus olhos que eu estou animada pelo delírio de um novo amor. Estou feliz, estou confiante, estou

invencível. Paremos o relógio exatamente aqui.

Quatro meses antes: Lucian

ARachel está num centro de desintoxicação. Só que este é no Arizona, um centro de tratamento radical no meio do deserto, sem hipótese de fuga, mesmo que ela quisesse. Ela telefona um domingo cerca de uma quinzena depois do seu desaparecimento, a primeira vez que lhe foi permitido acesso ao telefone.

– Desculpa não te ter contado – diz ela. – Não tinha a certeza se levaria isto até ao fim; mesmo quando saí do avião, estava a pensar em voltar logo para casa.

– Então como está a correr?

– Bem, acho.

A voz dela é cautelosa, contida, incaracterística da velha Rachel, que era sempre exuberante ou catatónica, dependendo do seu consumo.

– Talvez funcione mesmo desta vez. Eu quero que funcione.

Ela fala-me nos seus dias, um início às 5h30 seguido de uma hora de meditação e ioga, depois pequeno-almoço, depois uma caminhada, depois uma sessão de terapia de grupo antes de um intervalo para o almoço. Há um período de descanso nesta altura, ler livros na nossa cama ou ir dar um passeio, e depois sessões individuais com um especialista em dependências.

– E o que acha de ti o médico da cabeça? – pergunto, esperando que ela ria, mas não o faz. Em vez disso, faz uma pausa, e um vento frio sopra do outro lado do Atlântico quando percebo que ela está a tentar escolher as suas palavras.

– Já aprendi muito sobre mim mesma. Aquilo que é bom para mim, aquilo que não é.

– Deixa-me adivinhar, eu sou mau para ti?

– É mais a forma como sou quando estou perto de ti que é má para mim. Isso faz sentido?

– Nem por isso. Não estás certamente a tentar dizer que estar comigo te levaria a beber? Rach, se estás limpa, eu vou respeitar isso. Sabes o quanto eu queria que tu fosses para a desintoxicação. Seria capaz de esvaziar os meus armários de bebida e enchê-los com xarope de sabugueiro ou de lima, sabes que o faria.

– Não te zanges comigo. É só que se eu quero que isto funcione, tenho de evitar os sentimentos que me fazem beber. Acho que ambos sabemos que sempre te amei sem qualquer esperança de que retribuísse o sentimento. E esse sentimento de desespero que eu costumava ter, bem, não ajudou. Por favor não penses que te estou a culpar. Só estou a tentar dar a mim mesma a melhor hipótese possível.

– Então o que estás a dizer, Rach?

– O Hugo prometeu-me que posso começar a ver o Max de novo se conseguir manter-me limpa durante dois meses. Preciso de me esforçar ao máximo. Lucian, tu és o meu amigo mais próximo. Espero que saibas isso. Simplesmente não te posso ver durante algum tempo.

Deitei abaixo uma garrafa inteira de Gevrey-Chambertin depois daquele telefonema. Bebi-o a andar furiosamente pela minha casa, segurando a garrafa pelo gargalo. Na biblioteca arranquei as luzes roxas da Alexa do prego velho, um símbolo cintilante de leviandade imprópria; derrubei três garrafas da minha coleção de tequilha com um movimento circular da mão. Apanhador e vassoura, esfregona e balde, estilhaços de vidro varridos para um jornal. Reparar a minha destruição demorou uma boa meia hora e deixou-me a feder a tequilha, um cheiro doce mas acre que finalmente me permitiu chorar.

Mas de certa maneira provavelmente é bom para mim ter este intervalo dos meus amigos, pois dá-me espaço e tempo para dismantelar a minha relação com o Jack, pedaço a pedaço, lentamente e com cautela. Quero saber tudo o que há para saber sobre esta traição do meu amigo mais antigo e da rapariga que sempre amei, mas vou descobrir à minha maneira. Foi ela que começou? Com um *striptease*, talvez, como fez uma vez para mim, o lento desabotoar, o baixar dos *jeans*, aqueles olhos escuros a sustentar os meus, o sorriso que ela não conseguiu reprimir?

Obrigo-me à memória daquela noite, há tanto tempo, e lembro-me dela a dançar; até a canção exata: «Wild Horses». Desde então que não consigo ouvi-la sem pensar na Catherine. Ela era tão bonita aos dezanove anos, feliz, desinibida. Nunca a tinha visto bêbada assim, antes, mas foi engraçado, foi fantástico. O Jack sentou-se ao meu lado no sofá, a observá-la também, e pergunto-me agora se a Catherine gostou disso, de ser observada por ele, para além de mim. Será que sempre gostou dele um pouco, também? O Jack com a sua notória boa aparência, todo ele brilho, cabelo, olhos, dentes. Sentiu-se lisonjeada pela atenção; terá havido uma tensão entre eles, uma sedução que eu não percebi?

Não era preciso muito para a Catherine ficar completamente bêbada, se bem me lembro. A certa altura, ela estava a rir tanto que se deitou no chão.

– Preciso de uma maca – disse ela, ali deitada até eu a levantar e ela recomeçar a dançar, sem qualquer ritmo agora, cambaleando apenas com os braços frouxamente erguidos no ar. Foi então que o meu tio telefonou, deprimido depois de uma discussão com o seu amante. A voz dele parecera estranha e eu percebera logo o medo. Seria louco ao ponto de fazer o mesmo que o irmão?

A Catherine tentou impedir-me de ir. Enlaçou os braços à volta do meu pescoço.

– Estás demasiado bêbado para conduzir – disse ela. – Fica aqui comigo.

– Olha quem fala. Daqui a cinco minutos estás a dormir.

Ela continuou a dançar, se é que se lhe podia chamar isso, a ziguezaguear e vacilar, tão perdida na música que nem sei se me viu ir embora.

Quando voltei na tarde seguinte, o Jack estava sozinho em casa. Ocorre-me agora que ele devia saber o que eu ia encontrar: aquele bilhete cataclísmico rabiscado no meu caderno de desenho, à minha espera na cama na qual provavelmente eles tinham feito amor. Mas ninguém diria, pelo seu olá descontraído, mal tirando os olhos da televisão. Menti com brilhantismo.

– Ela foi para a cama quando tu saíste – disse ele. – E já se tinha ido embora quando me levantei.

Noite após noite, o Jack ficou comigo, a beber garrafas de *whisky*, a tentar resolver o mistério da partida dela, e pior, a recusa dela em voltar a ver-me. O que é que eu poderia ter feito mal? Ele nunca vacilou; por muito bêbados que ficássemos, a história dele manteve-se igual. A Catherine tinha ido para a cama mal eu parti; ele não voltara a vê-la.

O meu desejo de conhecimento sobre o homem que eu julgava conhecer melhor do que ninguém tornou-se intenso, quase uma doença, ou talvez uma doença, mesmo. Não há nada na minha vida

senão isto.

Agora

Estou melhor, toda a gente mo diz. Ainda não falo, mas eles começam a pensar que em breve o farei. Há a mesma lista de visitas: o Sam quase todos os dias, as crianças duas ou três vezes por semana, a Liv ao fim de semana. O meu pai veio e senti-me mal por ele, ser recebido com silêncio depois da sua noite insone no voo noturno. Sentou-se na cadeira das visitas, a falar comigo naquela voz alta, constrangida, que todos eles usavam no início, e passado algum tempo a conversa esgotou-se. Soube sem olhar que os lábios dele estariam comprimidos, sobrolho franzido: o rosto com que sustem as lágrimas. Soube que estaria a pensar na minha mãe, na minha infância doce, agradável, sem vicissitudes; estaria a interrogar-se como, depois de um início tão glorioso, tínhamos chegado a este ponto. Eu própria me interrogo a esse respeito.

Da segunda vez que veio, trouxe o meu livro favorito da infância consigo e começou a ler. Começou na primeira página, a Cassandra sentada no lava-louça a usar o que restava da luz do dia para começar o seu diário. Eu lera este livro nas semanas depois de a minha mãe morrer, uma e outra vez, de modo que não só frases, como páginas inteiras de texto estavam gravadas na minha mente. Ainda lá estão; consigo prever cada palavra, cada trecho de diálogo antes de ele surgir. E vejo os desenhos, claro, sem precisar de olhar. Aqueles desenhos maravilhosos, pormenorizados, que me lembram de ti. Ele lê-me o livro inteiro antes de partir, quatro ou cinco horas de cada vez, e a meio, eu estendo o braço para lhe dar a mão; sinto uma espécie de paz.

Ainda estou à espera da tua visita; apenas um minuto ou dois a olhar seria o suficiente. E saber que me tinhas perdoado, claro. O mais importante. O Sam, conhecendo profundamente a sua mulher, sabe como anseio por este perdão. Acho que ele acredita que é a panaceia, aquilo que me levaria a começar a falar. Se ele pudesse trazer-te à força para aqui e obrigar-te a dizê-lo, com uma arma apontada à tua cabeça até tu cuspires as palavras, fá-lo-ia.

Claro que ele passou tudo isto ao Greg, e agora as nossas sessões de terapia concentram-se exclusivamente naquela noite fatídica com o Jack. É cómico, na realidade, como fico aqui sentada como um cepo de madeira enquanto ele tenta fazer-me regressar a uma embriaguez cega.

– Tu tinhas bebido quatro ou cinco *shots* de tequilha – diz ele – e estavas a dançar.

Ele menciona o teu nome, meu amor; fá-lo muitas vezes.

– O Lucian estava a observar-te do sofá – diz ele. – E o Jack estava ao lado dele, a observar-te também.

Ele faz uma pausa intencional, e sinto os olhos do Jack pousados em mim; devo permitir que o seu azul peculiar trespasse a minha consciência. Ele descreve a tua partida, para ires ver o teu tio; pede-me para reviver a sensação de ser deixada sozinha com o Jack, pela primeira vez.

– Talvez te sentisses um pouco excitada pelo facto de ele te estar a observar. Não há nada de mal nisso. Toda a gente gosta de ser admirada, especialmente quando somos novos.

«Talvez», diz ele, depois de mais um momento poderoso de silêncio «fosses tu quem deu o primeiro passo?»

Como digo, ele é um bom psiquiatra. Sabe o que faz. Sabe como obter resultados. Pode ter demorado, mas ele conseguiu exatamente o que quer. A minha mente preenchida com nada a não ser aquelas imagens que eu passei tantos anos a tentar evitar. Não posso fugir mais. Não me posso esconder mais. Está na altura de enfrentar o meu passado.

Quatro meses antes: Catherine

ALiv veio cá passar o fim de semana, e parece uma celebração. Ela é madrinha dos meus filhos – como é que eu a podia ter dado a um e não ao outro? – e passamos as primeiras horas da visita dela à volta da mesa da cozinha, a beber chá e a examinar as coisas que ela trouxe. Ela é perita a comprar presentes, sabe o que os miúdos querem antes de eles próprios o saberem. Para o Joe um gira-discos – ela descarta a nossa preocupação com um aceno: «Não custou nada, não se assustem» – e vários dos seus próprios LP perfeitamente escolhidos, Scary Monsters, Parklife e (What's the Story) Morning Glory? Faz-me chorar um pouco ver aquelas capas de álbuns na nossa mesa da cozinha, recordar as festas improvisadas do nosso passado, alimentadas a vodca e a sua coleção de discos infinita. Para a Daisy, há um trio de cadernos muito coloridos, turquesa, rosa-elétrico e laranja, e um estojo novo, cintilante, cheio de canetas de feltro, mais um presente perfeito. A Daisy abre e fecha o fecho-éclair do estojo durante alguns momentos, examinando o conteúdo com um sorriso satisfeito, depois retira-se para um canto da cozinha, abandonando-nos durante o resto da noite. O prazer dela é de uma simplicidade comovente.

Assim que os miúdos estão na cama, abrimos o vinho italiano caro da Liv e percorremos os assuntos mais seguros. A Liv pergunta ao Sam pelo emprego dele e ele conta-lhe histórias engraçadas sobre os seus novos amigos no departamento de ciências, que para mim ainda são uma mancha de nomes que me custa recordar. Falo-lhe na escola local, mães do campo versus mães citadinas (menos maquilhagem, carros mais sujos), os três a avançar com cautela para evitar todos os caminhos que possam levar a ti.

Na manhã seguinte, o Sam vai levar os miúdos a andar de barco.

– Último passeio do ano – diz-nos ele, o que provoca uma pontada involuntária de mágoa. Fim de verão, fim oficial da tua época.

Contei à Liv muito pouco sobre o nosso fim, apenas que acabou e que tu não me queres voltar a ver. Agora, no entanto, com a minha família de saída e uma cafeteira acabada de preparar na mesa, entre nós, o momento da conversa ligeira dissipou-se.

– O que aconteceu? – pergunta a Liv.

Lá fora, ouvimos as portas do carro a bater, uma, duas, três, o motor a pegar, o carro a afastar-se.

Mesmo agora, quando já não tem importância, quando nada tem importância, é difícil dizer as palavras. Há segundos inteiros aqui e eu estou a agarrar-me a eles, estes últimos momentos antes de a Liv compreender quem eu realmente sou.

– Eu contei-lhe a verdade sobre o motivo por que parti. Contei-lhe que dormi com o Jack.

Mantenho os olhos no rosto da Liv, procurando horror, mas em vez disso encontro confusão e dúvida. Ela não acredita que eu seja capaz de tal coisa.

– Como? Como é que isso pode ter acontecido? Tu não farias isso, eu sei que não.

Estou a tentar, atualmente, assumir estes sentimentos de vergonha, conquistá-los, até. Estou a tentar admitir – primeiro a ti, agora à Liv e também a mim mesma – que em tempos fui uma pessoa que ficou tão completamente bêbada que cometeu um ato de traição. Uma pessoa que dormiu com o teu melhor amigo. Alguém que fez a única coisa que tu nunca poderias perdoar.

– Estávamos a beber tequilha, estávamos bêbados. Eu estava tão inconsciente que a maior parte da noite é turva. O Lucian partiu para casa do tio, só que eu não me lembro de ele ir.

– Tens a certeza? Ele não te disse que ia partir?

– Eu sabia que ele estava preocupado com o tio e eu não queria que ele conduzisse. Achei que estava demasiado bêbado e tinha medo de que tivesse um acidente. De repente, estou na cama do Lucian a ter relações com o Jack. Não sei como chegámos ali. Não me lembro de como começou. De início, pensei que era o Lucian.

– Espera, isso não está a fazer sentido. Tu achaste que estavas na cama com o Lucian, mas era o Jack?

– A minha memória dessa noite é tão vaga, Liv. Há tanta coisa de que não me lembro. Mas lembro-me do sexo. Sei que aconteceu. Sei que é verdade. Quem me dera que não fosse. Lembro-me de ele fazer coisas que eu não queria fazer. Foi estranho, quase como se ele quisesse que eu pensasse que ele era o Lucian. Devia tê-lo impedido mas não o fiz. Sabia que era o Jack e fiquei ali deitada e deixei-o fazer o que queria. Tive tanta vergonha, Liv, tanto nojo de mim mesma. Odiei-me, nem imaginas quanto.

Estou a chorar agora, mas de alívio. Contar este meu segredo, finalmente; admitir que a minha vida foi marcada pela vergonha.

A Liv põe a chávena de café de lado como se fosse uma distração demasiado grande. Estende o braço sobre a mesa para segurar na minha mão.

– Conta-me tudo o que recordas daquela noite. Acho que passaste tantos anos a culpar-te pelo que aconteceu que talvez tenhas perdido a noção da verdade.

Agora

Hoje o Greg não está com rodeios. Hoje lança-me diretamente para o centro do meu pavor, para o momento exato em que a minha vida se despedaçou. Descreve os acontecimentos daquela noite na mesma voz calma, fria, que sempre usou. Narra a experiência momento a momento, desde o primeiro beijo torturado ao último. Mas eu não preciso das palavras dele. Este momento de traição, eu vivi e revivi-o tantas vezes. A memória é cristalina.

Estás na cama comigo, em cima de mim, a beijar-me, a esmagar-me, a apertar-me tanto que mal consigo respirar. Este beijo, este beijo sufocante, significa que não consigo ver-te ou falar ou pedir-te para esperar. Por favor. Ainda estou a dormir. Cravas-te em mim, é essa a palavra, agora percebo, literalmente um prego que se enterra e enterra na minha carne. Não gosto. Levanto as mãos para acariciar as tuas costas. Para apaziguar, para abrandar, talvez para te impedir, e agora a tua respiração muda de ritmo e estás a suspirar, a suspirar, mesmo para dentro da minha boca e eu não gosto. Estás a arfar, huh, huh, huh, huh, um som que nunca ouvi antes. Cheiro, toque, sabor, som. Algo está mal.

– Preciso de te foder.

Uma palavra que nunca usas.

– Vira-te – dizes, e eu não quero e também a tua voz não soa a ti.

– Não quero.

A minha própria voz, quando surge, soa pastosa e indistinta, ébria, ainda meio a dormir.

Retiras a tua boca, debruças-te sobre mim com as tuas mãos. Na escuridão vejo o teu rosto, e agora sei plenamente aquilo que no meu subconsciente sempre soube. Não és tu, mas sim o Jack, em cima de mim, dentro de mim, por todo o meu corpo, e é com isto que acordo. Estou a chorar enquanto ele investe e grunhe, lágrimas silenciosas que correm pelas minhas faces abaixo. Ele dobra os cotovelos, o seu rosto perto o suficiente do meu para ele beijar as minhas lágrimas, lambê-las com a língua.

– Tu queres – diz ele, penetrando mais fundo, tão fundo que dói. – Adoras quando ele te faz isto.

Estas palavras vão ficar, nunca desaparecerão.

Eu não digo não. Não, não é o que quero. Não o afasto. E isso também nunca desaparecerá.

O Jack está a falar de novo. Com o polegar e o indicador aperta os meus mamilos, primeiro um, depois o outro.

– Gostas quando ele faz isto? – pergunta.

Ele enfia a língua na minha boca, um beijo invasivo, não correspondido.

Ele desliza ambas as mãos sob as minhas nádegas, levantando-me mais para si. Vai cada vez mais fundo. Geme. Quer que eu faça o mesmo, mas fico calada, à espera do meu fim.

– Diz-me do que gostas – diz ele. – Diz-me o que ele te faz. Eu também o faço. Faço o que ele fizer.

Uma coisa estranha acontece. A rapariga que eu era flutua do meu corpo como uma alma e paira algures acima de mim, observando, esperando enquanto o meu corpo é maltratado e martelado e obliterado pelo teu amigo. Não há qualquer sensação agora, nenhuma dor, apenas o silêncio absoluto deste ser vigilante, desligado. Esta rapariga, a que está no teto, lembra-se do fim, lembra-se do trepidar e do suspirar e do bater no corpo que jaz na tua cama. O grito horrível no fim. O silêncio que se segue.

Não estou a chorar nesta sessão de terapia, embora as minhas mãos segurem os braços da cadeira com tanta força que os meus nós dos dedos ficaram brancos. O Greg deixou a sua cadeira e está agachado ao meu lado, a dizer-me para respirar.

– Respira, Catherine, tens de respirar.

Há uma dor aguda a atravessar o meu peito, como se tivesse sido atingido por um dardo, mas não digo isto ao Greg porque não consigo falar. Em vez disso, respiro fundo, inspirar, expirar, inspirar, expirar, mais tempo de cada vez, e ouço a sua voz suave, calma, a levar-me para longe do teu quarto antigo e de volta para a luz branca, quente, da nossa casa de campo.

É assim que o Greg fecha cada sessão, devolvendo-me ao meu lugar seguro, ao Sam, ao Joe e à Daisy. Cada dia ele fica um pouco mais perto de me trazer para casa.

Quatro meses antes: Lucian

Estou no meu estúdio, a trabalhar num retrato a óleo da Catherine. Senti-me tentado a brincar com as cores – experimentei um violeta-claro para a pele dela, um tom de ferrugem profundo para o cabelo – mas no fim optei por uma representação mais literal. Cabelo castanho-escuro, pele creme, aqueles olhos tristes, a boca maravilhosa. Estou completamente absorvido. Tenho uma sensação que já tive antes, de que estou a ressuscitá-la. Senti-a há muito tempo quando pintei o meu pai pela primeira vez, a partir de uma fotografia antiga. Foi como se a pintura me estivesse a sorrir, como ele sorria, o sorriso uma meia gargalhada, como se ele estivesse permanentemente preparado para a diversão. Como é que um homem que adorava rir acabou por ceifar a sua própria vida? Como é que uma rapariga que me amava tanto acabou por dormir com o meu melhor amigo, o meu irmão?

Estou tão completamente concentrado nesta pintura que não ouço a porta do estúdio abrir-se e fico espantado quando vejo a Liv a caminhar na minha direção.

– Meu Deus – diz ela quando vê o retrato.

Encolho os ombros. O que há para dizer? Sim, ainda a amo. Não, não a esqueci. Acho que nunca esquecerei.

Vejo a Liv levar a mão à têmpora.

– Ela sente exatamente o mesmo por ti.

– Porque estás aqui, Liv? Para me dizer isso?

– Não, não. Outra coisa.

Ela começa a andar pelo meu estúdio em pequenos círculos fechados.

– A Catherine nunca pode saber que estou aqui – diz ela.

– Está bem. De qualquer modo, também não nos falamos.

– Lucian?

Ela para de andar. Está diante de mim, a alguns passos de distância.

– Vou dizer-te a verdade sobre a Catherine e o Jack.

A Liv chora enquanto recorda aquela noite, embora as lágrimas não interrompam o relato, correm-lhe pelas faces, simplesmente, e de vez em quando ela limpa-as com as mãos. Conta-me que o Jack se meteu na cama com a Catherine quando ela estava a dormir e começou a ter relações com ela. Diz que de início a Catherine pensou que fosse eu; só quando estava completamente acordada é que percebeu que era ele. Não o afastou, não o impediu, não disse que não. Só queria que aquilo acabasse.

Há em mim uma raiva que arde e consome e sufoca. Estou grato à Liv por me dizer a verdade, mas também quero que ela desapareça. A magnitude da traição do meu amigo de outrora caiu sobre mim, um manto pesado, escuro, de ódio. Não há mais nada.

– Porque é que ela não me contou? Eu teria percebido.

– Ela pensou... – e aqui a Liv hesita e parece mudar de ideias sobre o que estava prestes a dizer.

– Continua.

– Ela pensou que se descobrisses podias fazer uma asneira. Tu sabes, como o teu pai.

Oh, Catherine, conheces-me tão bem.

– O que vais fazer? – pergunta a Liv antes de partir.

Abano a cabeça, quase incapaz de comunicar. – Eu falo com ele. Vamos ter uma conversinha.

Há horas de planeamento antes de eu estar preparado para enfrentar o Jack. Envio uma mensagem a convidá-lo para vir a minha casa comer bolos e beber um bom vinho, a nossa habitual piada à *Withnail e eu*, e peço à Mary para fazer alguma coisa para o jantar embora tenha cem por cento de certeza de que nenhum de nós vai comer nada. Ando pelo rés do chão da casa, a pensar, a ruminar, a tentar manter-me calmo. Desço à garrafeira, perscrutando as prateleiras até encontrar o vinho que sei que ele adora – não pode ter passado mais do que umas semanas desde que o Jack, a Rachel e eu nos sentámos aqui a beber o Château Lafite do meu tio. Toda esta preparação, todo este cuidado, é um pouco como preparar uma última refeição: a famosa tarte de frango da Mary, os copos *Baccarat* que o Jack sempre invejou, o seu vinho favorito. Quero que ele se sinta confortável e descontraído antes de eu atacar, atingindo-o com o meu conhecimento novo, e repugnante. Quero ver o branco dos seus olhos enquanto ele começa a compreender quanto sei, o que é tudo. Ainda não sei bem o que quero dele – um pedido de desculpas não vai chegar. O quê, desculpa por todos os anos de mágoa, pela obstrução premeditada à minha felicidade, pela forma como destruiu a Catherine, com os seus olhos trágicos, envergonhados. Ódio não é forte o suficiente, aversão, desprezo, nenhuma delas encaixa bem. É necessária uma palavra nova para aquilo que sinto pelo Jack.

A lareira está acesa na biblioteca, o vinho aberto, decantador e copos prontos, e ainda faltam muitas horas para ele chegar. Vou passá-las no Google Earth, um novo hábito meu; não é propriamente uma novidade, eu sei. A questão é que me lembro de cada pormenor que a Catherine me contou sobre o sítio onde ela vivia: o local exato, última casa nos arredores da aldeia, uma casinha com telhado de colmo e janelas pintadas de azul, «Uma casa de gengibre», disse ela, «tão bonita que é quase constrangedor». Gosto de fazer *zoom* sobre a casa, o telhado de palha, agora acinzentada, as paredes amareladas e a porta azul-clara, exatamente como ela descreveu. Gosto de olhar para o jardim ralo, esparso, com a faixa de água cristalina ao fundo e perguntar-me, será que ela esteve ali fora hoje, a molhar os pés no ribeiro com os filhos, será que esteve sentada à mesa a beber chá, será que esteve agachada sobre a horta a arrancar uma erva para o jantar deles?

E de súbito olhar já não basta; agora preciso de ver esta casinha pessoalmente.

O meu coração bate mais rápido enquanto conduzo até à aldeia e vejo a casa pela primeira vez. Estaciono e fico atrás do volante, a observar. É provável que a Catherine esteja ali dentro. A tentação de bater à porta – de um azul bom, forte; manganésio seria o mais próximo – é intensa, mas digo a mim mesmo que não, ainda não, só quando vir o Jack. Quando tiver lidado com ele, volto e digo-lhe, desculpa, desculpa por não perceber, não adivinhar a verdade, não te perdoar de qualquer maneira, a ti, a rapariga que sempre amei.

É viciante olhar para a casa de uma beleza constrangedora – ela tem razão, é uma versão amplificada da casa de Hansel e Gretel – e depressa percebo que quero desenhá-la. Pego no meu caderno – há sempre pelo menos um no porta-luvas ou no banco de trás do carro – e começo a desenhar. Levanto o lápis para medir o diâmetro das janelas aos losangos e o espaço exato entre elas, três em cima, duas em baixo, tal como ela disse. O telhado é o que demora mais tempo, o sombreado

pormenorizado da palha, a leve sugestão da sua cobertura de rede, a saliência pronunciada acima das paredes da casa, tão espessa e proeminente como um pedaço de glacé.

Depois de acabar o desenho, dou-lhe o título *A Tua Casa de Gengibre*, arranco-o do meu caderno e decido que vou metê-lo na caixa de correio dela e que se lixem as consequências. Quero que ela saiba que estive aqui, espero que ela veja o desenho e perceba o que significa: sei o que te aconteceu e estou a lidar com isso. Pode ter demorado quinze anos a chegar a este ponto, mas nós teremos a nossa vingança, vamos libertar-nos do legado monstruoso do nosso passado.

Quatro meses antes: Catherine

É o teu desenho da casa que corta o último fio. Encontro-o virado para cima no tapete da entrada, imediatamente reconhecível, tal como o título, na tua bela letra de artista: *A Tua Casa de Gengibre*. Abro a porta de rompante como uma louca, já a chorar, e vasculho as ruas, a minha cabeça a girar para a esquerda e para a direita, mas tu desapareceste. Agora posso olhar para o desenho com mais atenção, os traços tensos a lápis do nosso telhado de colmo, os losangos das janelas tão exatos, como se tivesses contado cada um. Tem a perfeição de um conto de fadas, uma casa na qual podemos desaparecer, e lembra-me logo aquela dos desenhos a tinta no meu livro preferido. E claro, tu já me tinhas feito um desses desenhos, o restaurante à beira-mar onde fizemos o nosso primeiro almoço, e ainda o tenho, guardado juntamente com as fotografias, recortes e cartas, as minhas lembranças escondidas, de ti.

Não há qualquer pensamento quando puxo as escadas do sótão e subo para ir buscar a caixa de sapatos. Há choro e olhar e tocar e segurar enquanto estou sentada no chão da sala de estar rodeada por ti: artigos de revista, pedaços de folhas A4 pautadas, fotografias, como uma bomba-relógio do nosso passado a explodir. Paris. Bristol. A praia. Parecemos tão novos e tão felizes; desta vez o meu coração não pode ser reparado.

A porta de casa abre-se e o Joe e o Sam entram – a Daisy está em casa de uma amiga, eu não me tinha esquecido – e não importa que eles me encontrem assim, porque passei o limite, não há mais nenhum sítio para onde ir. Preciso de ser apanhada e o Sam sabe-o, com o seu firme e claro «Joe, vai para a cozinha começar a fazer o teu trabalho de casa. Eu preciso de ajudar a mãe.»

E então ele está ajoelhado no chão ao meu lado, a pegar em recortes de jornal que amareleceram com o tempo, e uma fotografia tua no teu quarto da universidade, de tronco nu e a sorrir-me de uma forma que deve doer.

– Meu Deus, Catherine. – Estas são as suas primeiras palavras, mas não há raiva, apenas tristeza. – Isto... – as mãos dele estão cheias de ti, recortes, fotografias, cartas – é uma loucura.

– Desculpa – digo. Eu digo mesmo isto. Ao Sam fui sempre capaz de pedir desculpa.

– Devias ter-me dito, Catherine, devias ter dito.

Não lhe disse, porque não podia. Não tinha palavras. O meu castigo por aquilo que aconteceu foi nunca dizer a verdade. O meu castigo foi uma vida vivida em silêncio.

Isto é o que silêncio nos faz. Envenena-nos de modo lento e sufocante, a nós e àqueles em nosso redor, marido, filhos, o amante que não podemos ter. Arde de dentro para fora com o gelo do nitrogénio líquido. Rouba não só os nossos pensamentos e palavras mas também os nossos sentimentos, de modo que ficamos como um cepo de madeira a tentar representar a emoção adequada. Podemos ligá-la como uma luz elétrica, mas não vamos enganar ninguém. Tentamos de qualquer maneira; cada dia se torna o nosso próprio teatro de rua privado enquanto aprendemos os

papéis de mulher, depois mãe, e os representamos plenamente. Quando permitimos que o silêncio entre, quando guardamos um segredo, não só o guardamos mas também o reprimimos, como eu faço, empurrando-o para baixo com ambas as mãos, então também alimentamos a vergonha que o rodeia. E a vergonha é mortal. Torna-nos mudos, sufoca a nossa verdade indizível e envolve-nos numa parede de raiva escondida. E esta é a nossa vida.

– Porque é que o deixaste quando o amavas tanto? Porque haverias de fazer isso? Não percebo.

– Deixei-o – digo – por causa do Jack.

Quatro meses antes: Lucian

Estou a contar sentir-me nervoso quando o Jack chega, mas ao vê-lo sair do seu *Jeep* preto reluzente, com o seu cabelo luminoso e sorriso expectante, sou invadido por uma raiva tranquila, mortífera. Abraçamo-nos junto à porta de casa, o abraço com palmada nas costas de antigamente, embora agora me enoje, e o Jack inala o ar.

– Há aqui alguma coisa com um cheiro incrível. Não me digas que é...

– Sim. A Mary fez a torta.

– Amigo, isto é tão simpático da tua parte. Tenho estado a sentir-me um pouco em baixo nos últimos dias sem a Celia e o Freddie. Estava a precisar de ser animado.

Ele segue-me até à biblioteca, a lareira agora bem acesa e a libertar calor para a sala. Ele vê as duas garrafas vazias junto à lareira, o decantador do meu tio cheio até cima com o vinho preferido dele.

– Olha para isto! Isto é um luxo, um luxo mesmo.

Sentamo-nos frente a frente, cada um num *chesterfield*, perante a lareira que já está demasiado quente. O Jack serve o nosso vinho – sempre o anfitrião perfeito na minha casa – e informa-me sobre a sua vida triste, ainda longe de um acordo com a Celia, a ficar rapidamente sem dinheiro. «Basta pedir, sabes isso» – palavras como serradura, uma víbora a retesar-se, à espera, a retrair-se.

Vejo o Jack engolir os primeiros goles do seu vinho.

– Meu Deus, que bom.

Está a tocar o Sticky Fingers na aparelhagem. Não é uma coincidência; a banda sonora da violação. Há dez faixas no álbum; «Wild Horses» é a terceira, são sete minutos e pouco antes de lá chegarmos – eu contei – e quando começa, quando a Catherine aparece, jovem e tão, tão bonita, a dançar com os braços erguidos acima da cabeça, a última vez que qualquer um de nós foi verdadeiramente feliz, não há mais tempo.

Levanto-me, porque é mais fácil assim.

– Sei o que fizeste.

O Jack ergue os olhos para mim, confuso com a seriedade da minha voz.

– De que estás a falar?

– Da Catherine. Estou a falar da Catherine. E do que lhe fizeste.

Ele parece um pouco assustado então, apenas por um momento, antes de estar em pé a pedir desculpa.

– Amigo – diz –, lamento tanto. Estávamos tão bêbados. Não tínhamos intenção de fazer aquilo, simplesmente aconteceu.

Este «nós» é a única ignição de que preciso.

– Tu violaste-a. Violaste-a quando ela estava a dormir.

– Não violei não! Quem te contou isso? A Catherine? Isso é uma mentira. A Catherine estava bêbada, estávamos os dois. Mas ela queria-o tanto como eu.

Conheço melhor do que ninguém a sua incapacidade de resistir a uma provocação final, a última palavra é o seu Santo Graal. E no entanto. Acende-se o fósforo.

– Tu sabias como eu a amava. Tu, mais do que ninguém. E todos estes anos não disseste nada; deixaste-me pensar que a Catherine me trocou pelo Sam.

– Nós não te dissemos porque sabíamos como reagirias. Foi um erro, mais nada, um erro estúpido, causado pela bebida.

Ali está de novo, a alfinetada hábil que é este «nós». O Jack e a Catherine. Gravados no meu cérebro.

– A Catherine nunca teria dormido contigo se tu não a tivesses obrigado a isso.

– Acredita nisso se te faz sentir melhor. Mas ela e eu sabemos a verdade.

A fúria não tem peso. Não sinto o meu corpo enquanto contorno a mesa de centro para o encarar, ficando de costas para a lareira ardente. Ele parece assustado enquanto avanço para ele, sem pensar no que vou fazer, apenas violência nas minhas veias.

– Acalma-te, por amor de Deus – diz ele.

Ergo as mãos, um instinto para ferir. Agarro no cimo dos braços dele, apertando com tanta força que ele grita.

– Porque precisas tanto de ser eu? Tudo o que tive tu quiseste para ti. Até a Catherine. Roubaste-a porque ela era minha. Não suportavas que eu gostasse de alguém mais do que gosto de ti.

Naqueles olhos azuis, fúria, mas também vergonha.

Sim, seu filho da mãe retorcido, eu sei exatamente quem és.

Ele empurra-me com força no peito e sou obrigado a largá-lo, agitando os braços enquanto tento equilibrar-me. Ele empurra-me de novo, um movimento violento com a palma da mão, e desta vez voou pelo ar, para trás, e a minha cabeça bate na trave acima da lareira, um furar, um estilhaçar, e apenas um momento de dor aguda, enquanto o Mick canta sobre as lágrimas que vamos chorar e a vida que teremos depois de morrermos.

Quinze anos antes

Tu escreveste mais uma carta; chegou cerca de uma semana depois de a minha mãe morrer. Eu tinha ficado mais uns dias depois do funeral, mas a casa sem ela era fria e triste e eu estava ansiosa por escapar. Regressei a Bristol e passei o resto daquele ano escondida na pequena casa em banda que partilhava com a Liv e o Sam em St. Paul's. Quando me lembro dessa altura, penso sempre, pobre Sam, o Sam que tinha dois pais de perfeita saúde, que só tinha vinte anos e era louco por futebol e astronomia e preparar misturas estranhas, efervescentes, no seu laboratório de química. O seu único erro foi amar uma rapariga que estava tolhida pela perda.

Estava sozinha em casa quando a tua carta chegou, e mal vi o envelope com o meu nome e morada na tua letra inclinada, o meu coração começou a palpitar. Vivera sem ti durante quase um ano por essa altura, estava a habituar-me a não te ter na minha vida, mas rasguei aquele envelope com mãos que tremiam.

Lá dentro, um desenho de uma flor, uma peónia em grande plano, as pétalas muito juntas, como as folhas de uma couve. As peónias eram a flor favorita da minha mãe; o seu caixão estivera coberto da cabeça aos pés com uma centena delas, de um rosa pálido. Não havia um símbolo melhor para lancinar o meu coração. Mas não foi isso que me fez chorar; foi o facto de te teres lembrado de eu te dizer que ela as adorava.

Catherine,

Lamento muito que tenhas perdido a tua mãe. Lembro-me de como a amavas. Sempre que falavas nela sorrias, sabias? Falei com ela uma vez ao telefone quando íamos a Paris e eu precisava do teu passaporte. A voz dela era leve e calorosa e cheia de riso, tal como a tua. «A sério?» disse ela. «Ir passar um dia a Paris. Isso parece interessante.»

As pessoas como ela não desaparecem, simplesmente, espero que consigas acreditar nisto.

É como aquela canção, a que tu adoravas: ainda há muito para viver depois de morrermos.

Lucian

Quatro meses antes: Catherine

O Sam é um homem melhor do que mereço. Digo muito isto e é verdade. Pois foi o Sam que me incentivou a fazer esta viagem à tua casa quando a luz começa a esvair-se do céu; foi o Sam que me fez ver a única coisa que sempre recusei aceitar.

– Tu estavas bêbada, Catherine. Isso não te torna responsável pelo que aconteceu. Tu acordaste e encontraste o Jack na cama contigo. A maior parte das pessoas chamaria a isso violação.

Esta palavra, «violação», dilacera-me completamente. Violação. Um ato de violência. Um crime. Quando falei à Liv na noite com o Jack, sabia muito bem que não era o que eu queria; consegui imaginar-me aos dezanove anos deitada, imóvel, na tua cama, banhada em lágrimas que o meu atormentador tentava apaziguar com beijos.

No entanto, o Jack foi muito esperto. Lesto a manipular o meu pânico e confusão, as minhas memórias incompletas e cérebro ressecado. Convenceu-me de que não só eu era cúmplice na traição que te infligimos, como era a iniciadora. Como me odiei por isso.

– Eu não disse que não – contei ao Sam, pois esta era a minha maior vergonha.

– E não disseste que sim. Chama-lhe «não consentido» se quiseres, vai dar ao mesmo.

– Fiquei tão envergonhada. Por isso é que não contei a ninguém. Senti que o merecia porque me tinha embebedado tanto que não sabia o que estava a fazer. Se não estivesse tão bêbada, nunca teria permitido que acontecesse.

– Embebedares-te não é um crime. O que ele fez é. É um perverso. Aproveitou-se de ti quando estavas a dormir. Quando estavas bêbada e indefesa.

– Da última vez que vi o Lucian, na noite em que a Ling morreu, contei-lhe sobre mim e o Jack. Conte-lhe que tínhamos dormido juntos.

– Acreditaste mesmo nisso? Que foi sexo e não violação?

– Foi o que o Jack me contou no dia seguinte. Disse que eu é que tinha começado, que o tinha atacado. E estava tão enojada e envergonhada que decidi acreditar nele. Não encaixava nas minhas memórias, no entanto; aquilo que recordava com mais clareza era que só queria que aquilo acabasse.

– Oh, Catherine.

O Sam pegou nas minhas mãos, os dois ali na nossa sala de estar acabada de pintar, rodeados pela tua história. No rosto do Sam agora, compreensão. Por fim, sou compreendida.

– Vai procurá-lo, Catherine. Vai contar-lhe a verdade, tal como me contaste a mim.

– Porque estás a fazer isto, Sam? Tu odeia-lo, não odeias?

– Odeio o que te aconteceu. Não foi culpa tua e passaste a vida inteira a arrependeres-te. Puseste-te doente com isso. Acho que te vais sentir melhor quando ele souber a verdade.

Fico animada com a raiva que o Sam me transmite, e mais tarde não conseguirei recordar um único momento da minha viagem até tua casa, nem uma estrada ou uma árvore ou um carro que passa, de tão

absorta que estou com a minha justiça. O Jack roubou-me a vida e agora vou recuperá-la. Vou rodar os ponteiros do relógio: uma, duas, quinze vezes. Seremos aquela rapariga e aquele rapaz de novo, só que desta vez vamos fazer as coisas bem.

Agora

— Grande dia, hoje, minha querida. Vais para casa.

A Alison está a ajudar-me a vestir uns *jeans*, uma *T-shirt* e um par de chinelos prateados, novos em folha; ela corta a presilha de plástico que os une. Apara as unhas dos meus pés e pinta-as cuidadosamente, três riscas iguais em cada unha, sem manchas, um laranja brilhante.

— Foi a Daisy quem escolheu essa cor para ti — diz-me ela enquanto trabalha. — Diz que era a tua favorita.

Sei o que ela está a fazer; todos o fazem, dia após dia, noite após noite, a tentar preparar-me, a tentar reabilitar-me para a vida familiar.

O Greg esteve aqui, sentado na cadeira castanha, rangente, das visitas logo de manhã, na esperança de me convencer de que melhorei o suficiente para sobreviver no mundo exterior. Ainda não falo, mas em breve falarei, diz ele. Tem a certeza disso.

— Passaste por aquelas memórias todas, Catherine. Não terás de o fazer de novo. Podes concentrar-te no presente, agora, no Sam, no Joe e na Daisy.

— Que tal dizeres olá ao teu homem quando ele vier, querida? — diz a Alison, cingindo-se ao seu tema. — Seria tão importante para ele. Promete-me que tentas, sim?

Sinto que estou na beira de um precipício, à espera de saltar. Assim que falar, permitirei que a verdade volte numa torrente, abrirei mãos do meu mundo de sonho, de ti e de mim, o rapaz e a rapariga que vagueiam da praia para o café para a cama, perdidos na memória, mas de um modo belo, ou assim gosto de pensar. Tento falar, faço-o, mas o que acontece é que a minha garganta fica bloqueada e o meu peito aperta-se e a minha voz permanece presa na minha mente, presa em duas palavras que não quero dizer.

O Greg volta para uma última conversa motivadora antes de eu partir.

— Sentes-te bem em relação a ir para casa? Vou-me embora daqui a pouco, por isso só queria aproveitar esta última oportunidade para me despedir.

Dou-lhe uma pequena aproximação de um sorriso, um pouco como o teu sorriso, o teu sorriso mínimo, virado para baixo, a característica que te define, parece-me agora.

— Isso é bom, Catherine — diz o Greg. — Fico tão contente por te ver sorrir. Mudaria tudo se começasses a falar, só uma palavra, só uma palavra para nos dar alguma coisa a que nos agarrarmos. Pensa no Joe e na Daisy, pensa em como as vidas deles mudariam se falasses com eles. Não consegues fazê-lo por eles, Catherine?

Viro a cara e olho pela janela para a macieira no canto do jardim. Quando cheguei aqui, ainda tinha algumas maçãs castanhas, moles, penduradas nos seus ramos; por uma ou duas vezes, vi-as cair ao chão. Vi aquela árvore despida e cinzenta durante o inverno, e a explosão de cor sacarina que marcava a sua floração primaveril. Quando vim para aqui, eles achavam que eu tinha perdido o juízo,

embora não fossem essas as palavras que usaram.

– Ela não se lembra do acidente porque se desligou dele. Nós chamamos-lhe amnésia dissociativa.

Agora perceberam que vivo na minha cabeça porque quero, porque é a única forma de poder ficar contigo. E não têm camas aqui para isso.

O Sam surge com a Alison. Ela traz um ramo enorme de flores, rosas carmesins e cachos de lilases brancos; ele sempre teve jeito para flores.

– Vou sentir falta da cara bonita dela, isso é certo – diz a Alison.

– Foi tão boa para ela, Alison. Para todos nós.

– Olá – diz-me o Sam na sua voz teatral, de marido para mulher, e eu lanço-lhe um olhar, um reconhecimento silencioso. – Olha para ti com a tua roupa de sair.

– Não há pressa – diz a Alison. – Absolutamente nenhuma. Porque é que eu não lhe faço uma chávena de chá enquanto fala com a Catherine sobre o que acontece a seguir.

– Boa ideia – diz o Sam, sentando-se na cadeira das visitas.

– Os miúdos estão tão entusiasmados por ires para casa – diz ele. – A Liv está com eles e decoraram a casa toda: flores, bandeirolas, faixas grandes por todo o lado.

Consigo esboçar outro pequeno sorriso. Obra da minha filha, imagino. O Sam une as mãos, de dedos entrelaçados, e pousa-as no joelho. Está de *jeans* pretos e *T-shirt* preta, a sua roupa de *roadie*, dizíamos sempre. Os braços dele estão bronzeados das horas passadas no jardim, ou talvez de estar no barco. A cara está mais magra do que era; tem um ar saudável e atraente. Ficamos em silêncio enquanto o meu outro mundo espicaça o meu cérebro, tentando-me. Seria tão fácil deslizar para trás até conseguir encontrar-te de novo.

– Bem – diz o Sam –, é agora. Suponho que estamos prontos para ir para casa.

Ele lança-me mais um olhar e depois diz aquilo por que ambos esperamos, aquilo que diz sempre.

– Se pudesses simplesmente mostrar-me que consegues falar, Catherine, isso mudaria tudo.

Quatro meses antes: Catherine

É uma sensação estranha chegar a tua casa, ver o carro preto do Jack estacionado ao lado do teu, azul-marinho, e agora o meu a completar a fila. É simbólico, na realidade: tudo girou em torno de nós os três, tu, eu e ele, desde o início. Não estou nervosa enquanto paro à porta de casa, à espera que tu ou a Mary ou mesmo o Jack venham abrir. Esta nova raiva, esta busca por justiça, lançou-me para um estado de espírito que eu esquecera. Forte. Calmo. Invencível.

Através da porta ouço música alta, imediatamente reconhecível passado todo este tempo, e enche-me de esperança. Sei que não podias ouvir aquele álbum sem pensar em mim. E depois ouço gritos. A voz do Jack primeiro, depois a tua. Ouço a tua raiva, a tua fúria, e durante um minuto inteiro, talvez dois, fico paralisada, sem saber o que fazer. Mas depois abro a porta de rompante, e por baixo da música ouço choro, um som horrendo. Não tu. Ele.

– Não. Não. Não! – grita ele.

Estou a correr para a biblioteca enquanto o Jack sai a correr de lá. Tem sangue no rosto, na camisa, nas mãos.

– Preciso de uma ambulância! – berra ele enquanto corre para o telefone, e sou invadida por um medo imediato. Por favor, estas palavras estão na minha cabeça. Apenas por favor.

De início, não vejo nada. A sala está vazia, é o que penso, enquanto ouço a voz rude do Mick Jagger e me lembro de como em tempos, tu e eu sabíamos cada palavra de cada música. E depois vejo-te, deitado de barriga para cima tão perto do fogo que penso que a tua carne pode arder. Há um lago de sangue debaixo da tua cabeça e o teu pescoço está torcido, tens a cara voltada para mim, mas acho que não me viste. Não viste nada. Sei que não estás a respirar mesmo antes de me ajoelhar e cobrir o teu corpo com o meu, procurando uma e outra vez a mais leve corrente de ar quente, tal como costumava pairar sobre os meus bebés a meio da noite, só para ter a certeza. Não há respiração. E quando encontro a tua mão, mole, demasiado mole, encostando o meu polegar à base do teu pulso, também não há batimento. O meu rosto está contra a tua camisa e sinto o aroma a limões, agarro-me ao calor esvaecente da tua pele. Meu amor. Meu amor.

O Jack está de volta à sala.

– Catherine – diz ele. – Ajuda-me.

Mas eu não quero ajudá-lo. Não quero vê-lo. Este homem que roubou a minha vida e agora tomou a tua. Encosto a cara ao teu peito, aperto-te com força, mas não há nada que possa fazer.

– Catherine. – O Jack diz o meu nome de novo. A voz dele está perto. – Por favor, ouve-me. Não te vou magoar.

Sinto a mão dele no meu braço, a tentar afastar-me de ti, mas eu nunca te largarei.

– Lamento tanto, Catherine. Lamento tanto.

Ouço que ele está a chorar, talvez a última coisa que reconheço, mas as palavras dele, as lágrimas

dele, não têm significado, apenas som, como o barulho de fundo da música que ainda toca, músicas que pertencem a outro tempo, a outro lugar.

Deixaste o teu corpo e agora eu deixei o meu. Observo, como antes, do meu lugar no teto. Vejo a rapariga a aconchegar o homem, vejo as lágrimas a escorrer do rosto dela para o dele, riscos de sal para lavar o vermelho, vejo-a a envolvê-lo com os braços, não o largando. Lucian, diz ela, Lucian. Ela implora-lhe que fique. Não me deixes. Por favor, não me deixes.

E agora há outra voz na sala, aquela em que ela confia, aquela de que precisa. O Sam veio procurá-la.

– Céus – diz o Sam, e aquela única palavra contém todo o horror dela. Ele di-la com precisão. – Eu sabia que não devia ter-te deixado vir aqui sozinha. Estava tão preocupado contigo. Ele está morto? Catherine?

Ela ouve-o ajoelhar-se ao lado dela. Sente as mãos dele a acariciar-lhe as costas, os ombros, o cabelo.

– Larga-o, querida – diz ele, a primeira vez que lhe chama isso. – Larga-o agora. Catherine? Precisas de largá-lo.

A voz dele quebra no nome dela.

– O que aconteceu? – pergunta, e a voz do Jack responde mas as palavras saem como soluços, quase incompreensíveis para ela e talvez para ele.

– Ele caiu... nós lutámos... o prego.

O Sam agarra na rapariga agora; afasta-a do corpo, puxa-a para cima até ela ficar de pé, apoiada frouxamente contra si. Há sangue por todo o seu rosto, pescoço, uma amarga mancha preta no azul-marinho da sua *T-shirt*.

– Amor – diz ele, pois isto é o que ele costumava chamar-lhe. Ele encontrou o nome certo. – Amor, consegues ouvir-me?

Ela não fala e os seus olhos estão mortos, os olhos cegos de uma pessoa morta. A voz dele eleva-se, raiada de pânico. Catherine! Catherine! Responde. Fala comigo. Ele embala-a suavemente, para a frente e para trás. E agora o Jack está ao lado dela mas ela não vê, ela não quer saber.

O Sam pôs o braço em redor dos ombros dela e começa a levá-la da sala, mas no último instante ela para. Lá fora, o sol caiu por trás da colina e o sangue escorre do céu, primeiro rosa, depois cinzento-aço, agora preto, pela vigília dela. Parece-lhe, quando se volta para olhar uma última vez para o corpo quebrado dele, que até o ar chora.

Agora

A pergunta surge, como sempre, mas desta vez passa do meu cérebro para a garganta e para a boca e de repente as palavras saem, e vejo o olhar de pavor do Sam ao ouvi-las.

– Ele morreu, não foi?

Nada de vozes ensaiadas agora, apenas um sussurro entrecortado quando o Sam me conta aquilo que já sei.

– Sim. Morreu. Lamento.

Não há palavras para isto, não há palavras, mas ficamos ali sentados com a tua morte a pairar entre nós, e é quase reconfortante, quase como se estivéssemos a partilhar a perda, tal como quando morreu a minha mãe. O passado não importa, nem o futuro, há apenas este momento de aceitação. Sem ruídos, apenas espaço. Branco e puro, como uma das tuas telas.

– Queres que te conte o que aconteceu? – pergunta o Sam ao fim de algum tempo.

Aceno que sim e depois, porque posso, uso a minha voz.

– Sim.

– Eles discutiram. Foi por tua causa. Ele caiu para trás, contra a trave, e um prego perfurou-lhe o crânio.

Faz uma pausa, tentando enquadrar o que se segue.

– Ele sabia o que te tinha acontecido, Catherine. Ele compreendeu.

É então assim que o teu perdão me é transmitido – por um homem que passou uma vida inteira a odiar-te a ti e a amar-me a mim. Não propriamente perdão, sei-o agora, mas compreensão. E mágoa por todos aqueles anos perdidos.

– E o Jack?

Finalmente digo o nome dele sem receio, sem vergonha.

– O Jack perdeu tudo. A mulher, o filho, o melhor amigo. Houve uma investigação, claro, e chegou a falar-se em homicídio involuntário, mas acabaram por considerá-la uma morte accidental.

Morte. A palavra parece ecoar, mas não vou permitir que me deite abaixo. Vou permanecer aqui quieta no espaço branco e luminoso que criaste para mim. Daqui a pouco irei estender a mão e tocar nas de Sam, tensas sobre o seu joelho.

– Está tudo bem – dir-lhe-ei. – Vamos ficar bem. – E verei a luz regressar àquele rosto belo e são e vou sentir-me contente por ser capaz de o consertar.

Mas para já ainda não. Primeiro vou afastar o olhar e contemplar, pela última vez, a minha árvore, olhando – sem ver – os ramos que oscilam sob a brisa de verão, cobertos de pequenos rebentos verdes. Vou voltar a afundar-me até onde tu estás, aquele lugar onde éramos jovens. O sal paira no ar e nas nossas línguas, e tu estarás a sorrir para mim, se é que se lhe pode chamar um sorriso, e pedir-me-ás que te conte a história da minha vida, ao que eu irei responder que não me parece que a minha

vida tenha começado de verdade.

E tu dirás: – Talvez comece aqui mesmo.

Agradecimentos

Gostaria especialmente de agradecer à minha agente, Felicity Blunt, por apoiar este livro; com a sua orientação inicial, tornou-se a história que eu queria escrever. Obrigada também à equipa espantosa que trabalha com ela na Curtis Brown.

Adorei trabalhar com a muito talentosa Francesca Pathak, editora na Orion: obrigada pelo teu entusiasmo, compreensão e ligação absoluta à história. Obrigada a toda a equipa da Orion por ter trabalhado com tanto afínco neste livro, e a Kishan Rajani pela maravilhosa capa – está perfeita. Obrigada também a Celine Kelly pelos seus conhecimentos editoriais iniciais e a sua sabedoria.

Tenho uma enorme dívida de gratidão para com o Dr. James Stallard por partilhar os seus conhecimentos sobre perturbação dissociativa, as suas reflexões sobre o caso da Catherine e, de modo fortuito, um par de sugestões brilhantes sobre o enredo. Ao investigar a doença da Catherine, também recorri à inestimável obra *Shame and Guilt*, de June Price Tangney e Ronda L. Dearing. Tom Hammick, um artista cujo trabalho adoro: a tua pintura deslumbrante, *Carmen and the Bull*, serviu de inspiração para um dos quadros do Lucian.

Lucinda Horton e Harriet Edwards, amigas queridas, escritoras que me inspiram, cofundadoras do nosso grupo de escritoras: sem vocês, simplesmente não haveria livro.

Faço votos de gratidão e amor à Jane e à Anna, minhas irmãs, primeiras leitoras e tudo o mais, pela vossa dedicação de sempre à causa. Jake, Maya e Felix, vocês cresceram com este livro e transformaram-se em pessoas incríveis pelo caminho. Enchem-me de orgulho.

E por fim, mas acima de tudo, ao John. Apoias-me em tudo, mas especialmente na minha escrita, e este livro foi sempre para ti.